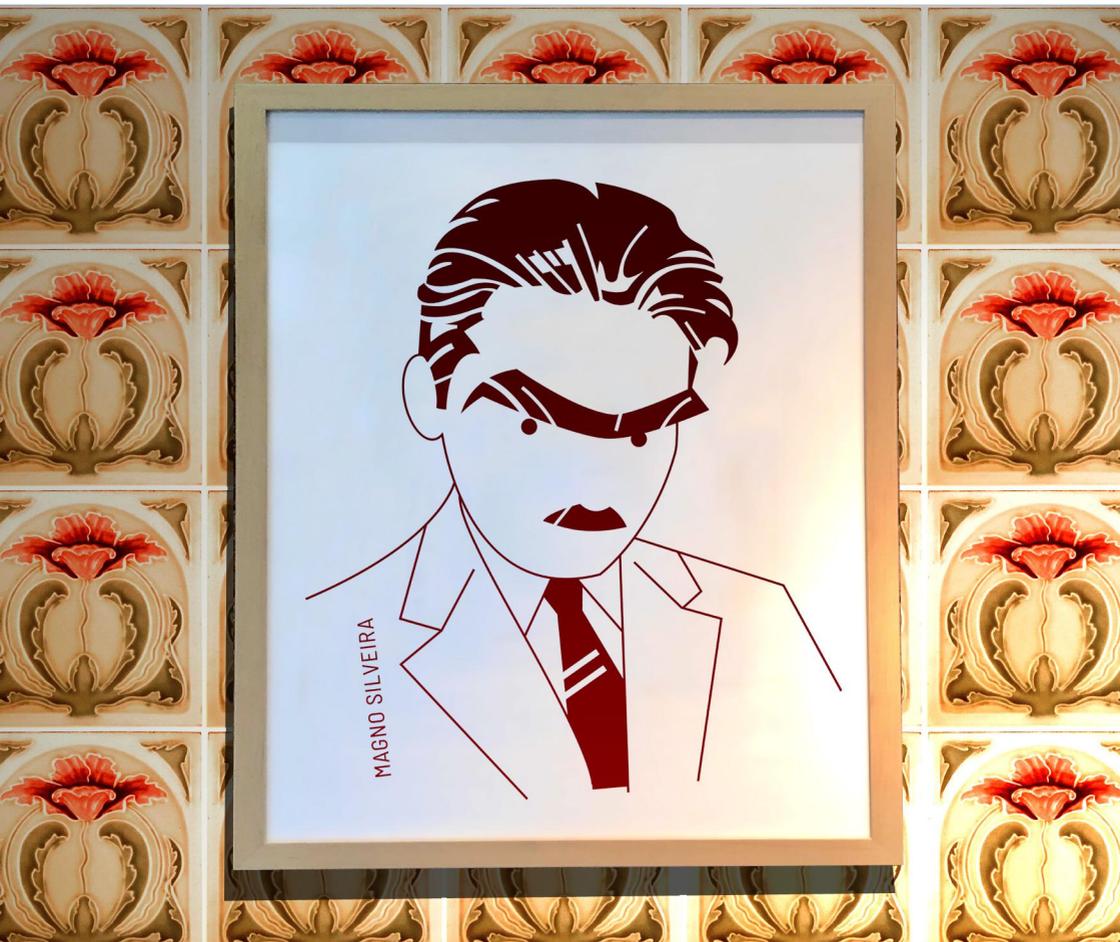


# PARA COMPREENDER MONTEIRO LOBATO



## II JORNADA MONTEIRO LOBATO

**G|LK** Oxalá Editora  
GUTENBERG LEHRKOLLEG

Vanete Santana-Dezmann  
John Milton  
Silvio Tamaso D'Onofrio  
(Orgs.)



# PARA COMPREENDER MONTEIRO LOBATO

II JORNADA MONTEIRO LOBATO

VANETE SANTANA-DEZMANN  
JOHN MILTON  
SILVIO TAMASO D'ONOFRIO  
(organizadores)

Oxalá Editora

2021

TÍTULO ORIGINAL

# Para compreender Monteiro Lobato

## II Jornada Monteiro Lobato

### **AUTORIA:**

Adriana Peliano  
Amaya Obata Mourião de Almeida Prado  
Emerson Tin  
Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira  
Gildo Magalhães dos Santos Filho  
John Milton  
José Wellington de Souza  
Nilce M. Pereira  
Taís Diniz Martins  
Vanete Santana-Dezmann

### **CAPA:**

Magno Silveira, Silvio D'Onofrio

### **EDIÇÃO:**

Mário dos Santos

### **IMAGEM DA CAPA:**

© Copyright Magno Silveira

### **REVISÃO:**

Vanete Santana-Dezmann  
Amaya Obata Mourião de Almeida Prado

© Copyright: Vanete Santana-Dezmann; John Milton; Silvio Tamaso D'Onofrio (organizadores)

ISBN: .....

**Oxalá** Editora

Gahmenerstr. 179  
44532 Lünen  
Deutschland  
Dezembro / 2021

[www.oxalaeditora.com](http://www.oxalaeditora.com)  
[oxalaeditora@hotmail.com](mailto:oxalaeditora@hotmail.com)

É proibida a reprodução parcial ou integral sem autorização prévia dos detentores do copyright.

## Introdução e agradecimentos

Conforme observa a colega Amaya na abertura do primeiro capítulo deste livro, a II Jornada Monteiro Lobato “configurou-se como um evento importante ao abrir espaço para reflexões embasadas em pesquisas acadêmicas e em extensas leituras de obras ‘de’ e ‘sobre’” Monteiro Lobato. O principal objetivo da *Jornada* de 2020, que contou com palestras de especialistas de diferentes áreas que se dedicam a pesquisar a obra do autor, foi trazer para o público em geral discussões mais aprofundadas sobre questões relativas a preconceito que, conforme a colega aponta em um resumo histórico, vêm rondando a obra e a memória do autor há mais de uma década. Por isso, dentre os conferencistas, teve destaque a presença do Prof. Dr. José Vicente, fundador e reitor da Universidade Zumbi dos Palmares; fundador e membro do Conselho Executivo da Comissão Arns; fundador e presidente da Sociedade Afrobrasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural; fundador e titular do Movimento Todos Pela Educação e integrante da Comissão Nacional de Acompanhamento e Controle Social do Prouni, do Conselho Consultivo do Departamento de Pesquisas Judiciárias do Conselho Nacional de Justiça, da Comissão de Acompanhamento do Sistema de Pontuação Diferenciada, da Comissão de Acompanhamento da Política de Inclusão da Universidade de São Paulo, do Conselho Superior de Estudos Avançados da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo e do Conselho Consultivo do Centro de Integração Empresa Escola. Sua presença em nosso meio marca a abertura do diálogo que deve ser constante entre todos que se interessam pelo fim dos preconceitos – sejam eles quais forem – e se posicionam contra as injustiças, em suas mais variadas formas. Como registro desse movimento, o presente livro traz, desde a epígrafe até o último capítulo, resultados de importantes pesquisas sobre o homem que foi Monteiro Lobato e sua produção.

No primeiro capítulo, “Vozes de Tias Nastácias e Jecas no *Inquérito Sobre o Saci*”, de Amaya Obata Mourião de Almeida Prado, encontramos esclarecimentos sobre a introdução na literatura

daquele que, graças ao trabalho de Lobato, viria a se tornar uma das principais personagens da mitologia brasileira e o que sua estreia na obra de Lobato pode representar.

No segundo capítulo, “Como Alice foi parar no Sítio do Picapau Amarelo?”, de Adriana Peliano, vemos como o autor se utilizava não apenas da cultura popular brasileira, mas também dos clássicos da literatura, para construir um cânone literário brasileiro. Na mesma linha, encontramos o terceiro e o quarto capítulos, “As *Fábulas* de Lobato e o universo fabular de seu primeiro ilustrador”, de Nilce M. Pereira, e “Da cultura clássica a popular: novas opções para as crianças brasileiras do passado e do presente”, de John Milton, que se aprofundam na exploração das fábulas tradicionais empreendida por Lobato. Este último abre espaço para a abordagem das acusações de manifestação de preconceito racial que obra e autor vêm sofrendo ao trazer para a discussão o artigo “A figura do negro em Monteiro Lobato”, publicado pela Marisa Lajolo em 1998, configurando-se na primeira versão escrita da comunicação feita pela professora e pesquisadora no Congresso 100 Anos de Abolição, realizado na Universidade de São Paulo em junho de 1988. Embora não tenha sido explicitado, esse parece ter sido a base para o artigo “Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica”, de Maria Cristina Soares de Gouvêa, analisado por mim no quinto capítulo deste livro, “Contradições em análises da obra infantil de Monteiro Lobato”, e se constitui, até o momento, em primeiro documento no qual Lobato e sua obra são relacionados a preconceito racial. Aprofundando a discussão sobre o assunto, vem o sexto capítulo, “O problema vital de Monteiro Lobato”, de José Wellington de Souza.

Abrindo ainda mais o leque da literatura adulta de Lobato, encontra-se o sétimo capítulo, “Mister Slang no Brasil e fora dele”, de Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira.

O ecletismo do autor, também reconhecido tradutor, é patenteado no oitavo capítulo, “Historiografia da tradução de *For whom the bell tolls*, de Ernest Hemingway, no Brasil”, de Taís Diniz Martins.

O nono e último capítulo, “O Poço do Visconde: uma experiência em sala de aula de graduação”, de Gildo Magalhães

dos Santos Filho, é mais um depoimento e reaparece aqui – ele abre o livro dedicado à I Jornada – devido a sua importância para nos lembrar de quão importante a obra deste autor é para a formação de nossos cidadãos e futuros profissionais.

Por fim, mas não menos importante – e por isso aparece no início deste livro –, encontra-se a título de epígrafe “Acha conveniente uma carta nossa?": as cartas de Monteiro Lobato como meio de intervenção”, de Emerson Tin, destacando as funções da correspondência para Lobato.

Ressaltamos o empenho aqui por preservar, tanto quanto possível, a grafia original de Monteiro Lobato nos excertos. É intencional: constatar as transformações no idioma pode ao menos sugerir a distância que nos separa de pessoas, ideias e contextos de muitas décadas atrás, algo que jamais deveria ser olvidado.

Os textos aqui reunidos trazem um pouco do espírito da II Jornada Monteiro Lobato, marcado pela busca do diálogo, da pesquisa como embasamento para as análises e da justiça e quebra de preconceitos em suas mais diferentes faces e facetas. Embora nem todos sejam assinados pelos palestrantes reunidos no final de 2020, resultam do movimento a que aquele evento e os demais a ele relacionados – os Encontros com Lobato, apoiados pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – deram início. Resta, então, agradecer a quem contribuiu, mesmo que de modo indireto, para que este livro se materializasse, e às pessoas e instituições que o apoiaram.

Muito obrigada aos autores, sobretudo ao Prof. John Milton, que não apenas escreve para o livro e auxilia em sua organização, mas também mantém as Jornadas Monteiro Lobato e os Encontros com Lobato.

Muito obrigada ao colega Silvio Tamasso D’Onofrio, pelo apoio nas II Jornada Monteiro Lobato e nos Encontros com Lobato de 2021 e também pelo auxílio na organização deste livro.

Muito obrigada à colega Amaya Obata Mourião de Almeida Prado, pelo auxílio na revisão do material.

Muito obrigada ao Magno da Silveira, do Magno Studio, pela linda imagem utilizada na capa.

Muito obrigada ao editor Mário dos Santos, da Editora Oxalá.

Muito obrigada à FFLCH-USP, por todo apoio que nos tem proporcionado.

Muito obrigada ao Gutenberg Lehkolleg (GLK), o colegiado da Mainz Universität Johannes Gutenberg, que financiou a publicação deste livro e a realização da II Jornada como parte das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto de tradução para o alemão de *Reinações de Narizinho*, concebido e coordenado por mim.

Muito obrigada a você, leitor, pelo interesse por nosso trabalho.

*Vanete Santana-Dezmann*

## **Autoras e autores**

**Adriana Peliano** (aliceramarvilha@gmail.com) é artista visual e designer. Também é presidente da Sociedade Lewis Carroll do Brasil. Tem Graduação em Comunicação Social (UnB, 1999), mestrado em “New Media Arts”, no KIAD/Inglaterra (2003) e em Estética e História da Arte, na PGEHA/USP (2012). Atualmente desenvolve pesquisa na pós-graduação da Casa Tombada, em São Paulo, sobre o tema “O Livro para a Infância”.

**Amaya Obata Mourião de Almeida Prado** (amaya.prado@ufms.br) é Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL. Tem graduação em Letras (UNESP-1993), mestrado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-2007) e doutorado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2016). Atua principalmente em Literatura infanto-juvenil, Literaturas de Língua Espanhola e Formação de leitor literário.

**Emerson Tin** (emerson.tin@facamp.com.br) é professor de Literatura e Língua Portuguesa da FACAMP. Participou de *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil* (Prêmio Jabuti – Teoria e Crítica Literária/melhor livro do ano – não ficção) e *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta*. Integra a Consultoria Técnica da FTD para reedição das obras de Lobato. É doutor em Teoria e História Literária (IEL-UNICAMP).

**Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira** (filipechamy@yahoo.com.br) é escritor e servidor público. Formado em Direito pelo Mackenzie, em Letras (Português-Linguística) pela USP e mestre em Filosofia pelo IEB (USP), com a dissertação intitulada “O sonho americano de Monteiro Lobato: relações Brasil-EUA na obra do escritor”. Nasceu e vive em São Paulo e é autor de quatro romances e algumas dezenas de contos e crônicas, além de ensaios acadêmicos, estudos literários, críticas cinematográficas e poemas.

**Gildo Magalhães** (gildomsantos@hotmail.com) é professor titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e diretor do Centro de História da Ciência da Universidade de São Paulo.

**John Milton** (jmilton@usp.br) é professor titular do Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP desde 2012, atuando na área de Estudos da Tradução. Completou sua Livre Docência em 1999. Foi coordenador dos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (TRADUSP-FFLCH-USP) de 2002 a 2015. É autor e tradutor de vários títulos. Publicou, em 2019, *Um país se faz com tradutores e traduções: a importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato* (Editora Martins Fontes – selo Martins). Tem graduação em Literatura Inglesa e Espanhol pela Universidade de Wales (Swansea, 1978); mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 1986) e doutorado em Literatura Inglesa pela Universidade de São Paulo (USP-1990). Pesquisa, na área de tradução literária, a sociologia e a história da tradução no Brasil, bem como tradução e adaptação.

**José Wellington de Souza** (josewco@gmail.com) é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2006); mestre em Ciência da Religião pelo PPCIR da mesma instituição (2010), com desenvolvimento de trabalho etnográfico sobre catolicismo rural e desagregação social, e doutor em Ciências Sociais

pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais também da mesma instituição, trabalhando com sociologia da cultura, pensamento social brasileiro e sociologia dos intelectuais, com tese sobre “raça” e “eugenia” na obra de Monteiro Lobato (2017). Atualmente, é Professor Colaborador no Programa de Pós-graduação da Universidade de Taubaté.

**Nilce M. Pereira** (nm.pereira@unesp.br) é docente do DLM/IBILCE/UNESP nas áreas de literatura inglesa, estudos da tradução e estudos da imagem. Pesquisa estudos descritivos e historiografia da tradução; tradução de literatura infantil e juvenil; quadrinhos e narrativas gráficas e relações entre linguagem verbal e visual em obras literárias, também pela perspectiva dos estudos tradutológicos e da adaptação.

**Taís Diniz Martins** (taisdiniz.usp@gmail.com) é graduada em Licenciatura em Letras Português/Inglês, pela FURG – Fundação Universidade do Rio Grande. Integrante do Grupo de Pesquisa REGIONEM (Unipinhal) e também do Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução/CAPES/USP. Áreas de interesse: historiografia das traduções, epistolografia, história da tradução e dos tradutores, com o foco em Monteiro Lobato e tradutores que atravessam sua produção. Tem publicações em antologias de contos e poesias.

**Vanete Santana-Dezmann** (vanetedezmann@gmail.com) é professora de Estudos da Tradução no Departamento de Espanhol e Português da Faculdade de Tradução, Linguística e Estudos Culturais da Universidade “Johannes Gutenberg” de Mainz e autora do livro *Entre metafísica, distopia e mecenato*, que traz uma análise de *O choque das raças ou O presidente negro*, de Monteiro Lobato.

# ÍNDICE

<b>Introdução e agradecimentos .....</b>	<b>3</b>
<i>Vanete Santana-Dezmann</i>	
<b>Mais que uma epígrafe... “Acha conveniente uma carta nossa?”: as cartas de Monteiro Lobato como meio de intervenção .....</b>	<b>11</b>
<i>Emerson Tin</i>	
<b>I Vozes de Tias Nastácias e Jecas no <i>Inquérito Sobre o Saci</i> .....</b>	<b>19</b>
<i>Amaya Obata Mourião de Almeida Prado</i>	
<b>II Como Alice foi parar no Sítio do Picapau Amarelo? .....</b>	<b>39</b>
<i>Adriana Peliano</i>	
<b>III As <i>Fábulas</i> de Lobato e o universo fabular de seu primeiro ilustrador .....</b>	<b>61</b>
<i>Nilce M. Pereira</i>	
<b>IV Da cultura clássica a popular: novas opções para as crianças brasileiras do passado e do presente .....</b>	<b>83</b>
<i>John Milton</i>	
<b>V Contradições em análises da obra infantil de Monteiro Lobato .....</b>	<b>97</b>
<i>Vanete Santana-Dezmann</i>	

<b>VI O problema vital de Monteiro Lobato .....</b>	<b>133</b>
<i>José Wellington de Souza</i>	
<b>VII Mister Slang no Brasil e fora dele .....</b>	<b>169</b>
<i>Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira</i>	
<b>VIII Historiografia da tradução de <i>For whom the bell tolls</i>, de Ernest Hemingway, no Brasil .....</b>	<b>211</b>
<i>Taís Diniz Martins</i>	
<b>IX O Poço do Visconde: uma experiência em sala de aula de graduação .....</b>	<b>233</b>
<i>Gildo Magalhães dos Santos Filho</i>	
<b>Referências .....</b>	<b>241</b>

## Mais que uma epígrafe... “Acha conveniente uma carta nossa?”: as cartas de Monteiro Lobato como meio de intervenção

*Emerson Tin*

Partimos de um questionamento: o que era a carta para Monteiro Lobato? Missivista contumaz, escreveu cartas desde a mais tenra idade até os últimos dias de vida. E não poucas cartas. Escreveu, por vezes, várias por dia. Apesar dessa assiduidade no exercício epistolar, Lobato criticava o veículo carta, considerando-o ora “uma joça”<sup>1</sup>, ora “veículo pequenino demais quando se tem muito a dizer e embaraçoso quando não há assunto”<sup>2</sup>, “raso demais”, como uma “gôndola”<sup>3</sup>.

Nesse sentido, é curioso notar que Lobato tenha elegido a carta como o seu meio de intervenção por excelência. Escrevia tantas cartas que chegou a admitir, jocosamente, ao amigo Godofredo Rangel, em 5 de setembro de 1943: “Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras. Se procurar bem, sou capaz de descobrir algum autógrafo do *Pithecanthropus erectus*...”<sup>4</sup>. Como explicar essa profusão e essa constância na escrita das cartas se era um veículo tão precário para a expressão do pensamento? Paradoxalmente, devemos considerar que, se a carta seria uma joça, veículo raso demais, ao mesmo tempo ela ainda poderia ser eficiente para atingir determinados objetivos.

Vejamos um exemplo. Por meio da carta a Rodrigo Otávio Filho escrita em 26 de dezembro de 1920, Lobato tentava obter um

---

<sup>1</sup> Carta a Anísio Teixeira, 12 de abril de 1930 (Vianna & Fraiz, 1986, p. 51).

<sup>2</sup> Carta a Heitor de Morais, 15 de agosto de 1909 (Lobato, 1964, vol. I, p. 100).

<sup>3</sup> Carta a Anísio Teixeira, 20 de maio de 1945 (Vianna & Fraiz, 1986, p. 96).

<sup>4</sup> Lobato, 1964, vol. II, p. 353.

pagamento do Ministério das Relações Exteriores (em tempo: o destinatário era filho de Rodrigo Octavio Langaard Meneses, então subsecretário de Estado das Relações Exteriores do governo Epitácio Pessoa):

Recebi a tua carta. Infame contabilidade! Além de tantas dificuldades peculiares ao negocio, o cambio a 9 e a contabilidade contra! Mas esperamos que V. saberá dar volta à coisa, e obter o pagamento malgré contabilidade. Acha conveniente uma carta nossa ao Azevedo Gafe<sup>5</sup>? Adeus, e obrigadissimo Lobato<sup>6</sup>

Note-se que a carta, a partir do questionamento do remetente, é vista como instrumento de potencial inconveniência: se inoportuna, se inapropriada, poderia surtir o efeito contrário ao pretendido.

Em outra carta, sem data, Lobato insistiria na tentativa de intervir por meio de uma carta para a obtenção do pagamento que lhe era devido: “Como esta duro o Ministerio, hein? Não acha V. que devamos escrever daqui uma carta ao Azevedo Marques<sup>7</sup> pedindo o obsequio de não ser caloteiro?”<sup>8</sup>

Dando prosseguimento ao seu intento, Lobato, exasperado pela inadimplência do Ministério, abandona o receio de ser inconveniente a carta e insta o destinatário (“Não acha V. que devamos escrever daqui uma carta ao Azevedo Marques [...]?”) a formular uma resposta afirmativa.

A carta, assim, aparece como um meio que poderia ser eficiente para algo bastante prosaico, como cobrar uma dívida. Veremos, porém, que a carta poderia ser eficiente não somente para cobrar uma

---

<sup>5</sup> Possivelmente, temos aqui uma corruptela jocosa em alusão ao então Ministro das Relações Exteriores (1919-1922) da presidência de Epitácio Pessoa, José Manuel de Azevedo Marques (1865-1943).

<sup>6</sup> Tin, 2007, p. 292.

<sup>7</sup> José Manuel de Azevedo Marques (1865-1943), Ministro das Relações Exteriores (1919-1922) da presidência de Epitácio Pessoa. Possivelmente, como apontamos anteriormente, o “Azevedo Gafe” mencionado na carta anterior.

<sup>8</sup> Tin, 2007, p. 292.

dívida, mas também eficiente para intervir socialmente, pedagogicamente, politicamente.

## **i. Intervenção social**

Monteiro Lobato via a correspondência como uma obrigação social. Tanto que confessou a Cesídio Ambrogi, em 15 de janeiro de 1947: “nunca deixei carta sem resposta. Acho uma grande incivildade”<sup>9</sup>.

Marca da civilidade lobatiana, a carta poderia ser enviada como expressão da admiração, como é exemplo o cartão dirigido a Euclides da Cunha, em 20 de dezembro de 1906, parabenizando-o pelo discurso de posse na Academia Brasileira de Letras:

[cartão – papel timbrado: J. B. Monteiro Lobato]

Taubaté 20.12.06

Dr. Euclides da Cunha

Permitti que um desconhecido signifique por esta forma o entusiasmo, a admiração, a emoção inedita, o frisson novo, que o discurso de terça-feira lhe provocou na alma.

**M. Lobato**<sup>10</sup>

Esse cartão enviado a Euclides da Cunha, exemplar isolado, difere da correspondência, via de mão dupla que pede licença para ser estabelecida, licença que constitui o pacto epistolar, espécie de contrato que, se não obriga juridicamente os contratantes, obriga-os pela amizade a avivar periodicamente os laços que os unem. Em carta ao então colega de faculdade Godofredo Rangel, seu mais fiel e constante correspondente, datada de 09 de dezembro de 1903, Lobato formula o convite para a firmação do pacto:

---

<sup>9</sup> Tin, 2007, p. 367.

<sup>10</sup> Tin, 2007, p. 419.

Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis – mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa. [...] Responda sem demora se está disposto a ser caceteado á distancia – telecaceteado! Pode dirigir a carta para Taubaté, para onde sigo nestes tres dias.<sup>11</sup>

Ano após ano, o pacto se renova pelas idas e vindas do correio, e as cartas são motivo de preocupação e, ao mesmo tempo, o meio de afastá-la, como se vê na abertura da carta escrita a Rangel, em 19 de março de 1947 (em tempo, essa carta, depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE/UNICAMP, foi incluída postumamente em *A barca de Gleyre*<sup>12</sup>, mas com a exclusão dessa frase inicial): “Tua ultima carta me preocupou, e vai esta buscar noticias”<sup>13</sup>.

## 2. Intervenção pedagógica

Forma específica de intervenção social, a intervenção pedagógica pressupõe, por um lado, relações de amizade, de respeito ou de admiração entre os missivistas e, por outro, por parte do remetente, um desejo, menos ou mais explícito, de ensinar.

A intervenção pedagógica de Monteiro Lobato por meio das cartas, nesse sentido, deu-se em dois momentos distintos. Quando jovem, era reconhecido como o “magister dixit”, aquele que dava a palavra final, que era acatada. Por exemplo, quando, imerso na leitura de Nietzsche, recomenda-o enfaticamente aos amigos, como em carta a Albino Camargo: “Nietzsche. Albino, Albino, vá atrás dêsse homem, Albino, manda buscar as suas obras e *penetra-as*. (...) Experimente. Com 30\$000 tens Nietzsche em casa.”<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Lobato, 1964a, vol. I, p. 32-33.

<sup>12</sup> Lobato, 1964a, vol. II, p. 381.

<sup>13</sup> Lobato. Carta a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00195 cx4).

<sup>14</sup> Lobato, 1964b, vol. I, p. 78-80.

Seu interesse em Nietzsche era tanto que chegou a enviar um cartão com a fotografia do filósofo alemão para sua então noiva Purezinha<sup>15</sup>!

Em um segundo momento, já escritor consagrado, aconselhava os colegas de letras sobre os caminhos a percorrer. Ao poeta taubateano Cesídio Ambrogi, em carta provavelmente de 1946, é enfático: “Publique-se como puder. Não importa editor, contanto que os poemas saiam<sup>16</sup>.”

No mesmo ano de 1946, a 2 de setembro, dissuade Flávio de Campos de perseguir os mesmos caminhos que percorrera:

Flávio amigo, ora viva! deu-me grande prazer tua carta, depois de tantos séculos de silêncio. E encontro-te no mesmo lugar, na mesma Rua Alexandrino, na mesma Santa Teresa e na mesma velha luta por editor. Não posso te aconselhar o meu remédio, porque é tarde e o teu coração está muito grande. Tivesses 24 anos e coração pequenino, e eu te diria: Faze o que fiz. Vira-te editor, e então terás sempre editor em casa absolutamente conforme aos teus desejos e caprichos. Foi como fiz em 1917 e deu certo. E como faço ainda hoje. Entrei como sócio para a Editora Brasiliense e tirei meus livros do Octales; e agora vou na Argentina estudar o lançamento da Editora Continental, com muitos elementos dinheirosos daqui. Por quê? Para também lá *ter* editor como quero para os meus livros. Era o que eu te aconselharia, meu caro Flávio, a você um sol novo que anunciei mas ainda sempre impedido de soltar os raios.<sup>17</sup>

Mas a carta não era meio apenas de manter viva as relações sociais ou de pontificar junto aos pares. Embora “joça”, Lobato a via também como um potencial e potente meio de intervenção política.

---

<sup>15</sup> Esse cartão foi publicado em fac-símile, acompanhado de sua transcrição, em *Quando o carteiro chegou... Cartões-postais a Purezinha* (Organização e apresentação de Marisa Lajolo; transcrição e notas de Emerson Tin. São Paulo: Moderna, 2006).

<sup>16</sup> Tin, 2007, p. 371.

<sup>17</sup> Nunes, 1986, p. 71.

### 3. Intervenção política

Preocupado com a política com “P” maiúsculo, e não com as manifestações rasteiras a que nos acostumamos em nosso país, Monteiro Lobato utilizava também a carta para a manifestação de suas opiniões. Como bem descreveram os autores de *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, “sem se filiar a organizações ou partidos políticos, Lobato sempre esteve presente nos debates sobre os problemas nacionais, e nunca deixou de opinar sobre os assuntos que afetavam a vida do país<sup>18</sup>”.

São muito conhecidas suas cartas a Getúlio Vargas, talvez os mais emblemáticos exemplos de sua atuação política, ou a carta que enviou, em 4 de junho de 1941, a Fernando Costa, logo que este assumiu o governo de São Paulo como interventor federal, verdadeiro libelo contra a violência e a desumanidade da famigerada Casa de Detenção, cujas dependências conheceu em 1941 como mais uma das vítimas do Estado Novo. Lembraremos aqui, porém uma carta mais antiga, datada de 9 de agosto de 1924 e dirigida ao então presidente Artur Bernardes.

Nosso objetivo não é entrar na própria discussão da carta, que defendia, em uma época de restrições democráticas, a adoção do voto secreto – discussão importantíssima, aliás, em tempos em que vemos, em todo o mundo, soçobrar a democracia e suas mais prezadas instituições. Essa discussão sobre o voto secreto seria retomada por Lobato em obras posteriores, como *Mr. Slang e o Brasil* (de 1927) e em *América* (de 1932), magistralmente analisados, respectivamente, por Tâmara Abreu e Milena Martins no livro *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. O que pretendemos destacar aqui é a forma escolhida por Lobato: é por meio de uma carta, apresentada como um presente de aniversário, que Monteiro Lobato decide se dirigir ao mandatário do país para tratar da adoção do voto secreto:

---

<sup>18</sup> Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1997, p. 151.

São Paulo, 9 de Agosto de 1924

Exmo. Sr. Dr. Arthur Bernardes:

Hoje, anniversario de V. Exa. trago com as minhas felicitações o meu presente: esta carta. Resumo nella uma serie de observações sobre o estado de espirito do nosso povo, que de ha muito venho estudando com a maior isenção de animo.<sup>19</sup>

Por que escolher um meio de intervenção “raso demais”, uma “joça”, enfim? Porque talvez, em mais uma de suas múltiplas contradições, Monteiro Lobato não enxergasse a carta realmente tão plena de defeitos assim. Talvez também porque a carta pudesse provocar um efeito de aproximação entre os missivistas: como “conversa escrita” que é, a carta teria o efeito de não apenas aproximar os correspondentes, mas também de torná-los mais benevolentes ao que se pretende argumentar. E talvez, por fim, porque, se a carta aviva as amizades, se a carta torna presentes os ausentes, ela também pode avivar feridas, ela também pode fomentar debates, ela também pode ser um eficiente meio de intervenção.

---

<sup>19</sup> O voto secreto – carta aberta ao Exmo. Snr. Dr. Carlos de Campos, 1925, p. 1-2.



## CAPÍTULO I – Vozes de Tias Nastácias e Jecas no *Inquérito Sobre o Saci*

*Amaya Obata Mourinho de Almeida Prado*

O público, especializado ou não, historicamente tem recebido as obras de Lobato com opiniões contrárias e favoráveis. Nunca houve consenso em torno à figura do autor, polêmico por natureza. Prova disso é o paradoxo de que suas obras infantis, ao mesmo tempo em que foram aclamadas como divisor de águas na história da Literatura Infantojuvenil brasileira, foram também alvo de censura, com exemplares alimentando fogueiras.

A pesquisadora Eliane Debus, ao analisar este tema, indica que autoridades religiosas e governamentais combatiam a circulação de suas obras, embasadas em argumentos que não consideravam as qualidades estéticas dos textos, centrando-se mais no aspecto utilitarista. Desse modo,

Para as autoridades clericais, Lobato é considerado perigoso e a leitura de seus livros infantis, condenável e nociva à formação cristã da criança católica. [...] Contudo, este aspecto está estreitamente entrelaçado com o político, à medida que sua postura ideológica (materialista e dialética), segundo os censores católicos, vai contra a ordem estabelecida.<sup>20</sup>

Mais recentemente, em 2010, o CNE – Conselho Nacional de Educação – acolheu a denúncia de um professor de Brasília que indicava racismo e apologia ao preconceito na obra *Caçadas de Pedrinho* (1933) e proibiu sua circulação no país. Em decorrência da polêmica gerada, o próprio Ministério de Educação e Cultura

---

<sup>20</sup> Debus, 2004, p. 61.

interferiu nas discussões e o CNE voltou atrás, revogando sua decisão. O assunto chegou ao Supremo Tribunal Federal que, em setembro de 2012, promoveu duas audiências de conciliação nas quais se discutiu o caso, sem chegar a um consenso. O livro continuou constando na lista de aquisições do PNBE – Plano Nacional da Biblioteca na Escola.

Desde então, a polêmica continua acirrada, com argumentos contrários e favoráveis, sempre longe do consenso. Não se pretende aqui aprofundar a discussão com a defesa deste ou daquele posicionamento. Em geral, o mecanismo que engendra as ações de reprovação de obras literárias é a tentativa de confirmação do *status quo*, a partir da qual se rejeita veementemente tudo o que for diferente e, por extensão, todas as obras literárias que veiculem visões divergentes.

Se antes o escritor era considerado comunista, hoje seu maior pecado é ser racista. A II Jornada Monteiro Lobato, em novembro de 2020, configurou-se como um evento importante ao abrir espaço para reflexões embasadas em pesquisas acadêmicas e em extensas leituras de obras “de” e “sobre” o escritor.

Longe da pretensão de resolver a querela, a proposta aqui é contribuir com mais argumentos a serem acrescentados à pluralidade de perspectivas que têm surgido, movimento que se revela bastante positivo enquanto oportunidade de voltar à leitura das obras de Lobato, sobretudo daquelas menos conhecidas e, conseqüentemente, de ampliar os estudos sobre suas obras.

## **I. Um saci nas páginas do jornal**

A se observar a trajetória do Saci na obra lobatiana, percebe-se uma evolução em relação ao interesse de Lobato em conhecer mais a fundo a lenda para identificar as principais características do saci. Inicialmente há uma preocupação estética e política, uma vez que o autor é movido por sua posição como crítico de arte e por defender certo tipo de nacionalismo. Com o passar do tempo, o duende vai ampliando seu espaço nas obras de Lobato, até firmar-se como a figura simpática que chegou aos nossos dias.

Uma das primeiras menções ao ente folclórico é feita em um anúncio do jornal *O Estado de S. Paulo*, a 14 de agosto 1914, que faz o registro de uma peça teatral (barleta) em três atos encenada em São Paulo, composta por Eduardo Leite e Luís Correia, como indica Marisa Lajolo<sup>21</sup>. Em seguida a pesquisadora menciona uma carta de Lobato enviada à sua irmã Teca, desde a Fazenda Buquira, em 1915, na qual agradece o envio de uma partitura da música “O Sacy”. A carta se refere a um “tanguinho” de autoria de Marcelo Tupinambá e José Eloy, cuja letra foi publicada no inquérito do *Estadinho* em 24/02/1917 e também nas páginas do *Estadão*, com anúncio da venda da partitura em pelo menos dois endereços.

Evandro Camargo<sup>22</sup>, numa análise mais detida do livro *O Saci Pererê: resultado de um inquérito* (1918), vai rastreando os comentários de Lobato sobre o saci nos artigos publicados antes da abertura do inquérito – “A poesia de Ricardo Gonçalves”, de 1916, e “A criação do estylo”, de 1917 – e em sua correspondência com o amigo Rangel de 10 de janeiro de 1917. De sua leitura e análise surge um retrato detalhado do saci que mais tarde será confirmado pelos depoimentos do Inquérito sobre o Saci, de 1917.

A partir da consulta ao acervo do *Estadinho* e do resgate dos depoimentos, é possível acrescentar a esta lista o artigo “O sacy”, assinado por Lobato, veiculado no dia 24 de janeiro de 1917 e que será publicado mais uma vez apenas, no livro que reúne as contribuições dos leitores no início de 1918<sup>23</sup>.

Com o objetivo de reunir os apontamentos dos pesquisadores e de facilitar a visão geral da evolução do projeto de aproveitamento do endiabrado pernetá como tema de produções artísticas, apresentamos um quadro esquemático:

---

<sup>21</sup> Lajolo, 2014, p. 28.

<sup>22</sup> Camargo, 2006. p. 78.

<sup>23</sup> Lobato, 2008, p. 31-35.

DATA	VEÍCULO	TÍTULO/ GÊNERO/ REFERÊNCIA	FRAGMENTO DO TEXTO
1915	<i>Cartas escolhidas</i>	Carta à irmã Teca	“Recebemos as músicas. O Saci e as outras. Purezinha agradece a lembrança.”
set./dez. 1916	<i>Revista do Brasil</i>	“A poesia de Ricardo Gonçalves” (artigo) (LOBATO, 1916, p. 299.)	“Pelos canteiros de grama inglesa há figurinhas de anões germanicos [...] porque taes nibelungicos, mudas á nossa alma, e não <i>sacys-cererês</i> , caiporas, mães d’água e mais duendes creados pela imaginação do povo?”
06 jan. 1917	<i>Estadão</i>	“A criação do estylo” (artigo) (Lobato, 1920, p. 50.)	“No entanto, para animar os gramados do jardim da Luz, importamos niebelungos alemães, <i>sacys...</i> do Rheno!”
10 jan. 1917	<i>A barca de Gleyre</i>	Carta (Lobato, 1944, p. 344.)	“Minha ideia é de que se trata de um moleque pretinho de uma perna só. [...] segundo ouvi das negras da fazenda de meu pai, é que o <i>saci</i> tem olhos vermelhos, como o dos beberões; e que faz mais molecagens do que maldades; monta e dispara os cavalos á noite; chupa-lhes o sangue e embaraça-lhes a crina.”
24 jan. 1917	<i>Estadinho</i>	“O Sacy” (artigo) ( <i>Estadinho</i> , 592, 24/01/1917, 3:1; Lobato, 2008, p. 33.)	“[...] o <i>Sacy</i> é um molecote daminho, cabrinha malvado, amigo de montar em pêllo nos “alimaes” soltos no pasto, e sugar-lhes o sangue enquanto os pobres bichos se exhaurem em correria desapoderada, ás tontas, loucos de pavor. E que em dias de vento elle passa pinoteando nos remoinhos de poeira. E que nessa occasião basta lançar no turbilhão um rosario de caiapiá para tel-o captivo e a seu serviço como um criadinho invisivel.”

## 2. As andanças do Saci Pererê

A leitura dos três primeiros textos reproduzidos sugere o desejo lobatiano de que este ente mitológico substitua os anõezinhos que decoram jardins brasileiros. Entretanto, dias depois, na carta, já se esboça o primeiro retrato do duende a partir das reminiscências do

autor. É então que “se delineiam as linhas gerais do inquerito” e que se “antecipa e resume, no atacado, aparência, predicados, comportamentos e circulação do saci [...]”<sup>24</sup>. Duas semanas depois, o artigo do *Estadinho* acrescenta alguns dados à imagem do saci, relativos ao seu comportamento e seu ponto de fragilidade, além de características psicológicas:

[...][um artista] ouvirá “causos” de mil diabruras pelos campos, ou dentro da casa se uma cruz na porta principal não a proteje do capeta. E ficará encantado com a psychologia do peraltinha, cuja mania é atazanar a vida do sertanejo com molecagens de todo o genero sem entretanto cahir em excessos de perversidade. Não tem maus bofes, o Sacy. O que quer é divertir-se a custa do caboclo e quebrar a vida monotona do sertão.

Vive em permanente diabrura – o que é natural num diabinho – a pregar peças ao bicho homem. Este, por sua vez, desquita-se na mesma moeda armando “boas” ao Sacy, que nem sempre leva a melhor no curioso duello. Quando um delles se excede em travessuras, no redor da casa, o caboclo indignado casca-lhe em cima uma mocada de rezas e amarra-o afinal. Basta um nó bem dado, num cabo de buçá, para que o moleque fique preso, a gemer “sugigado”.

Porque então, se é assim facil, porque não se livra delle, duma vez, o caboclo, conservando o nó sempre apertado? Altos segredos da psychologia sertaneja... Ao enfurecimento do homem succede logo o dó; o caboclo começa a sentir falta dalguma coisa; o mato parece-lhe triste, a noite muito vazia, os animaes nostalgicos da correria nocturna. E vae, então, e desdá o nó com um ralho amigo:

– Vae s’imbora, peste!

E o Sacy azula, ventando.<sup>25</sup>

Tais acréscimos parecem ter sido fruto das conversas que resultaram da leitura dos artigos publicados na *Revista do Brasil* e no *Estadão* nos primeiros dias de janeiro. A iniciativa foi tomando vulto e estimulando trocas de informações, o que parece ter resultado em uma caracterização não muito precisa do saci, com indícios de que a

<sup>24</sup> Lajolo, 2014, p. 30.

<sup>25</sup> *Estadinho*, 592, 24 jan. 1917, 3:1; Lobato, 2008, p. 33.

pesquisa poderia render mais frutos. Sendo válida essa premissa, a falsa modéstia do editor, no tópico “Consequências”, ao afirmar que somente três pessoas leram os artigos, pode ser lida pela chave da ironia, elemento constitutivo do trabalho de transposição do inquérito do jornal para o livro.

Percebe-se, por estes apontamentos, que toda a discussão provocada à época cria um clima favorável à participação dos leitores que em seguida serão convidados a contribuir com a pesquisa, além de gerar “Novas consequências”, como anuncia o editor, tais como uma acirrada polêmica, com polarização das opiniões, e, a partir dela, o projeto coletivo da abertura do inquérito<sup>26</sup>.

O primeiro balanço ou relatório preliminar sobre o saci que emerge dos depoimentos foi produzido pelo próprio promotor do inquérito. Em 05 de fevereiro de 1917, quando um terço dos depoimentos havia sido publicado, o *Estadão* estampa um artigo intitulado “O Sacy”, com a assinatura “M. L.”, que depois seria publicado com o título de “Interregno” no livro *O Saci Pererê: resultado de um inquérito*. Há ali uma organização prévia dos resultados da pesquisa, visto que apresenta mais detalhes fornecidos pelos depoentes, além de uma visada geral destacando pontos coincidentes, a seguir transcritos:

[...] Existem, todavia, traços comuns sobre os quais a opinião é quase unânime; uma perna só, olhos de fogo, carapuça vermelha, ar brejeiro, andar pinoteante, cheiro a enxofre, aspecto de menino. [...] Quanto ao caráter, há concordância em lhe atribuir um espírito mais inclinado à brejeirice que à malvadeza. Vem daí o misto de medo e simpatia que os meninos peraltas consagram ao Saci.<sup>27</sup>

Outros estudiosos, como Câmara Cascudo, em *Geografia dos mitos brasileiros*, cuja primeira edição data de 1944, e Renato da Silva Queiroz, em *Um mito bem brasileiro: estudo antropológico sobre o saci* (1987), tomaram o livro *O Saci Pererê: resultado de um inquérito*

---

<sup>26</sup> Lobato, 2008, p. 35.

<sup>27</sup> Lobato, 2008, p. 102.

como importante documento na tarefa de estabelecer as características do moleque peralta.

Entretanto, um levantamento mais exaustivo das características do duende foi feito por Camargo<sup>28</sup>, que buscou nos depoimentos os aspectos físicos, comportamento e costumes. O retrato feito por Camargo contabiliza cuidadosamente os dados do inquérito e revela um saci multifacetado.

Quanto ao físico, é predominantemente preto e pernetá, usa carapuça vermelha, tem olhos vivos, vermelhos e faiscantes como brasa. Lábios carnudos, também vermelhos, dentes pontiagudos, forte odor de enxofre. Alguns poucos relatos afirmam que lança fogo pela boca ou olhos ou que tem as mãos furadas; muitos o acham magro, outros, o contrário, mas a maioria acusa sua feiura. Tem entre 80 centímetros e um metro e meio, usa cachimbo. Outras características menos apontadas são a barbicha de bode, cauda, pelos, braços curtos, barriga vermelha, grandes orelhas, cabeça grande, cabelo duro, unhas compridas, pé caprino e outras que, por ocorrerem apenas uma vez, não foram coligidas pelo pesquisador.

Quanto ao comportamento, as características indicadas por Camargo são aquelas que se estendem até os nossos dias. As análises revelam que seu assobio é zombeteiro, assim como suas gargalhadas constantes. Anda aos pulos e a falta de uma perna não prejudica sua agilidade, chegando ao extremo de poder se tornar invisível, como relata um depoente. Em alguns depoimentos faz caretas, noutros dança. Vê-se ainda que as principais vítimas do duende são os homens, sem distinção de raça, cor, idade ou situação social. Todos eles sofrem com diabruras as mais diversas: surras, sustos, vinganças, sumiço de objetos. Em seguida, os animais que fazem parte da vida do caipira são perseguidos, às vezes até a morte.

Em relação ao espaço, o saci atua preferencialmente na zona rural, invadindo as cozinhas, as casas, os monjolos, assaltando cavaleiros e viajantes nas estradas, mas apenas em um relato provocou a morte de um ser humano. Crianças tampouco escapam às artes do

---

<sup>28</sup> 2006, p. 179-201.

moleque, que vai surrar, perseguir ou raptar as mais ousadas. Camargo também indica adjetivos que ocorrem com menos frequência, como ladrão, glutão, agressivo. Se o saci tiver que ser conceituado com palavras isoladas, o pesquisador indica: esperto, travesso, inquieto, arteiro, vivo, perverso, alegre, pachola, maligno, malcriado e troceiro.

O estudioso lista ainda as circunstâncias em que o saci aparece, os locais e as artimanhas sugeridas para a sua captura, em geral com “predomínio de práticas relacionadas à fé cristã, sobretudo nos moldes de um catolicismo muito particular dos habitantes do interior”<sup>29</sup>. Sendo assim, rosários, cruzes, persignações, água benta e orações são recursos que aparecem na maioria dos relatos, revelando coerência com o modo de vida à época, em que a religiosidade era parte significativa da vida do brasileiro. Na grande maioria das histórias, todas as vezes que uma vítima quer se livrar do perneta, precisa rezar ou invocar a proteção divina, de modo que coexistem em relativa harmonia duas crenças opostas, a da religião católica e a da superstição popular, como se percebe com clareza nesta passagem:

Não sei bem como Dindinha conciliava sua fé catholica e suas relações com o capetinha; rezava o terço, acendia a lamparina do oratorio, fazia promessas aos santos e, todos os dias, dava um ovo ao Saci. Ella nos explicava que os santos vivem no ceu e nos servem para depois da morte, ao passo que o capetinha, vivendo na terra, presta os seus serviços aos vivos que o tratarem bem.<sup>30</sup>

Vale destacar também outros assuntos apresentados pelos depoentes. Um deles é a preocupação em explicar a motivação por trás das lendas. Quando não aterroriza a todos, a intenção pode ser acalmar ou distrair as crianças, fazê-las obedecer aos adultos e se aplicar aos estudos ou estimular sua coragem. Um dos depoentes, em texto que não foi publicado no livro, apenas no jornal, critica veementemente os efeitos das histórias no desenvolvimento emocional das crianças, contando sua própria experiência:

---

<sup>29</sup> Camargo, 2006, p. 199.

<sup>30</sup> *Estadinho*, 620, 27 fev. 1917, 3:1; Lobato, 2008, p. 294.

Hoje vejo com desprazer os males que as referidas historias me fizeram. Eram, por exemplo, as noites mal dormidas, os sonhos terríveis. Este meio de tornar as crianças mais quietas, pode ser bom a quem o emprega, porem ruim, mas pessimo mesmo, ao pobre e pequeno paciente. Prepara a criança ao nervosismo, á superstição, ao mêdo. Quantas molestias mais tarde poderão atacar uma pessoa devido a este mau costume de a terem assustado quando pequena.<sup>31</sup>

Difícil sondar o motivo pelo qual esta contribuição não foi levada para o livro. De qualquer modo, esta crítica negativa não condiz com o objetivo que subjaz à iniciativa da consulta, o de promover um resgate da figura lendária, que em geral se mostra divertida e inofensiva.

As características do saci nas páginas do jornal são reveladas por depoentes cultos do inquérito, aqueles que, representantes das classes privilegiadas, seriam lidos, teriam suas opiniões consideradas e valorizadas. Entretanto, no caso deste ente do folclore brasileiro, a construção da imagem se faz por meio dos relatos, em sua maioria com aspectos muito positivos, dos contadores de histórias do meio rural, em geral ex-escravizados ou caboclos, muitas vezes analfabetos e sempre excluídos.

### 3. Entre o erudito e o popular

À primeira vista, a participação dos negros nas histórias contadas no inquérito parece predominante e essa impressão talvez seja dada pelo fato de que muitas vezes são eles os responsáveis pela difusão das lendas folclóricas. Porém, uma leitura mais criteriosa revela que um número muito elevado de depoimentos, quase metade, 39 ao todo, não menciona raça ou cor de suas personagens, narradores ou autores, apenas apresentam as histórias, em geral ressaltando que o contato ocorreu ainda na infância.

A outra metade procura evidenciar o envolvimento de negros e caboclos nos relatos, seja como personagens, seja como narradores.

---

<sup>31</sup> *Estadinho*, 606, 09 fev. 1917, 4:4.

Os depoentes se apresentam como pessoas cultas, com algum grau de escolarização e fazem questão de marcar uma curiosa distinção entre o universo erudito e o popular. Delegando a voz aos caipiras e aos negros, transferem para eles a responsabilidade pela difusão das lendas, que chamam pejorativamente de credíces.

Nenhum autor se declarou negro e apenas dois depoentes se apresentam como caipiras, sendo um deles “desmascarado” pelo editor: “Da sua impressão em dialecto caipira o sr. Mané das Barroca. Vê-se que o homem nunca foi Mané. *É homem da cidade e escovadíssimo*, mas que sabe apanhar ao vivo o tom dialectal e é observador: [...]”.<sup>32</sup>

Sendo assim, o inquérito, como afirma Queiroz<sup>33</sup>, foi construído a partir do ponto de vista de uma classe dominante, constituindo-se como “representações produzidas no seio de sociedades rigidamente hierarquizadas”. O pesquisador pondera, ainda, que a “figura ambígua de um molecote preto, diabólico mas folgazão” afirma e dissimula “a um só tempo, um sem número de concepções preconceituosas” e se ajustam aos “interesses ideológicos da classe dirigente” daquela época, “no sentido de discriminar simultaneamente negros e caipiras”<sup>34</sup>.

Com ambientação majoritariamente rural, muitos de seus autores são do interior do estado de São Paulo e a linguagem por eles utilizada parece atestar essa circunstância. Entretanto, é perceptível o cuidado por parte dos depoentes em evidenciar seu ponto de vista, o de indivíduo pertencente a uma classe considerada culta, em oposição à classe social dos caboclos e dos negros de quem ouviram as lendas folclóricas. A seguir, encontram-se alguns exemplos, dos quais se destacam algumas expressões que embasam esta interpretação:

---

<sup>32</sup> *Estadinho*, 598, 31 jan. 1917, 3:5; Lobato, 2008, p. 52, destaques nossos.

<sup>33</sup> Queiroz, 1987, p. 57.

<sup>34</sup> Queiroz, 1987, p. 59.

REFERÊNCIA	POSICIONAMENTO DO DEPOENTE
<i>Estadinho</i> , 599, 01 fev. 1917, 4:2; Lobato, 2008, p. 56	Ha, no Brasil, muita coisa <i>digna de ser estudada</i> para justa contribuição do nosso “ <i>folk-lore</i> ”. O africano, o bugre e o portuguez, na fusão das tres raças predominantes, criaram entidades mythologicas, <i>crenças absurdas</i> que nos vêm dos tempos coloniaes, passando de paes a filhos e de geração a geração.
<i>Estadinho</i> , 616, 22 fev. 1917, 3:5; Lobato, 2008, p. 242	Mas <i>nós outros</i> que temos a <i>idéa aclarada</i> por um raio luminoso chamado <i>sciencia</i> , não admittimos certas credences de ha cem annos atrás, porque exigimos provas, e uma vez que ellas não existem, não consagramos nenhuma crença e consideramos tudo como simples futilidade. Mas não é por isso que deixarei de narrar, nestas poucas linhas, alguns casos, com referencia ao Sacy-perêrê.
<i>Estadinho</i> , 621, 28 fev. 1917, 3:3; Lobato, 2008, p. 344	O interesse que está despertando o curioso e singular inquerito que v. s. num dia de bom humor e de excellente inspiração, offereceu ao publico para que cada interessado, ou antes, cada <i>cidadão mais ou menos letrado</i> na materia, viesse depor, fornecendo as suas declarações que juram ser authenticas e procedentes de pessoas que lhe inspiram a maior confiança, arrasta a pronunciar-me.

#### 4. Posicionamento dos depoentes

Estes depoentes fazem questão de marcar o distanciamento em relação aos propagadores das “crenças absurdas” com o emprego do pronome “nós” e se caracterizando como cidadãos “letrados”. Entretanto não deixam de considerar válida a iniciativa de estudar o nosso folclore, tarefa de quem tem a “idea aclarada” que lhes permite fazer avançar a “sciencia”. Em seus textos mobilizam a norma culta da língua portuguesa, com alternâncias entre o registro menos ou mais formal.

O emprego do dialeto caipira poderia ensejar a diminuição dessa assimetria, mas não é isso que se observa ao analisar os textos. Somente 13 depoimentos recorrem a esse registro e, dentre eles, apenas dois parecem possuir autores que a princípio assumem inteiramente sua identificação com o universo rural. Um deles é o Sr. André Capeta e, o outro, Sr. José dos Santos, este último apresentado como “caboclo chucro, mas sarado”. Contudo, tendo em vista o fato de que não se

consegue relacionar estes nomes a um cidadão específico, com identidade reconhecida, a possível intenção de valorização do dialeto e, por conseguinte, da cultura caipira cai por terra diante do anonimato.

Quatro depoentes permitem uma participação considerável de narradores que são falantes do dialeto caipira, mas evidenciam a distinção de sua voz em relação à do narrador a quem cedem a palavra. Isso ocorre, por exemplo, no depoimento de número 61, em que a voz do depoente aparece apenas no primeiro e último par de linhas, para introduzir o segundo narrador, que se vale do emprego da primeira pessoa do singular, assumindo a responsabilidade tanto pela linguagem quanto pela experiência de interação com o Sacy:

Fernando Guimarães conta o caso do Sacy do Pau Arcado.

“Tendo lido algumas lendas do Sacy, a proposito de inquerito do “Estadinho”... lembrei-me desta pequena historia que ouvi quando criança, de um caipira de Santo Amaro.

Contava, então, o Nho Chico Emboava o seguinte:

– “Lá no bairro do Pau Arcado, aonde nós morava, eu e meu mano Juca, havia um Sacy – o pretinho de uma perna só que não dexava a gente sucegá.[...]”

[...] Abri a porta que dá no terrero; o candiero apagô de tudo e o pretinho de uma perna só, sahiu dando uma risada vermeia de fogo, despejando um chêro de inxofre pelo terrêro á fora...

Era a historia do Sacy do Pao Arcado.”

Se o sr. M. L. achar que esta pequena historia serve para os fins que deseja, poderá se utilizar della, dando-lhe mais brilho e mais interesse na narrativa.<sup>35</sup>

No fragmento acima, a autoria do primeiro parágrafo pode ser atribuída ao editor. Já no segundo, no terceiro e também no último, identifica-se o depoente responsável pelo envio da hipotética correspondência, ficando todo o restante do texto sob responsabilidade do contador das histórias.

---

<sup>35</sup> *Estadinho*, 617, 23 fev. 1917, 4:3; Lobato, 2008, p. 226.

No depoimento de número 56 ocorre o mesmo, com acréscimo do recurso das aspas para reforçar a estratégia, como se pode comprovar pelo fragmento que se reproduz a seguir, com destaque para o texto do depoente culto:

Cabeça alvejando, como uma pasta de algodão cardado, tremula, olhos baços, mascando o cabo do velho pitinho de barro, olhos de uma placidez de água profunda, ella, a bôa velhinha, contou-me:

“Sinhôzinho: Sinhô véio tava duente. Instalêro tá cheio de purvio. Ingenho tava moendo.

Negro trabaiava inté gallo miudá treis vêis.

Vae, Sinhô véio mandô negra buscá herva cidrêra no laranjá, prumóde fazê chá prá Sinhô véio. Negra foi.

Era na bôcca da noite, sinhôzinho.

Negra chamô Cuti, – pulô cêrca, rudiô paió, – subiu laranjá.

Quando negra foi panhá herva cidrêra prá Sinhô véio, – Sacy tava lá, – incurajado ni tôco preto, pitando seu pito delle.

Quando negra deu cos óio nelle, – o péste do negrinho deu um pulu e uma gargaiada e pediu fogo prá cendê seu pito delle.

Negra não teve nem tempo de pujá rusario e o bentinho...

Sacy deu uma burduada na negra e negra cahiu.

Sinhô véio viu que negra tava demorando, – mandô Simião catá ella e Simião trouxe negra quaji morta, sinhôzinho!...

Foi alli mêmo, sinhôzinho.”

*E a pobre sexagenaria, estendendo o braço tremulo, – apontava-me o velho laranjal.*<sup>36</sup>

Ao marcar a transição entre as vozes utilizando a expressão “a boa velhinha contou-me”, o depoente introduz a narradora do “causo”, para quem transfere responsabilidade do registro linguístico empregado a partir daquele momento. Terminada a narrativa, ele retoma a palavra e conseqüentemente a posição de superioridade, imprimindo à cena um caráter pitoresco e exótico, próprio de alguns

<sup>36</sup> *Estadinho*, 615, 21 fev. 1917, 3:4; Lobato, 2008, p. 264.

textos literários regionalistas que circulavam à época, devedores de qualidade estética<sup>37</sup>.

Este mesmo recurso é encontrado no depoimento de número 25, porém a fala narradora é mais reduzida:

*Com semelhantes sentenças não deixei de ficar muito assombrado. No dia seguinte fui á casa da tia Rita, (uma preta mina de oitenta annos), e a ella contei o que se havia passado e perguntei-lhe o que era o tal Sacy perêrê e o que elle fazia. Ella se benzeu e começou:*

“Cluze in cledo minha Deuse do céu: u Sacy Serumperêrê é um cuviteiru du demoniu; Zêli quando tá soltu, pinta u canecu: xega nas cuzinha, québa tudu us platu das partilleiras; vai nu fugãu distampa as panella e juga cinza dentru das cumida, quandu num québa tudu as panela; faiz um maridu brigá cá muiê di zêli; i até lagá un du ôtru; Sacy presegue as quiança anti di batisa; Sacy, pita (nus pita das negra), i dispoise enche pitu di istrumo de caçora. Sacy rôbô uma quiança e foi botá nu matu porque zêli num xemava Malia; por isso qui intuda casa, até di sinhô blancu tem quiança du nomi di Malia u Jusué; purque tendu, ta livi di Sacy Serumperêrê via busca Zêllie.

Deuse ti livi, me zifillu, du danadu do Sacy Serumperêrê. Cluze Cluze in credu?”

*E tornou a benzer-se. Assim foi o pavor que soffri nos meus tempos de criança.*<sup>38</sup>

A despeito de sua extensão, a transcrição de tais trechos se justifica pelo fato de exemplificarem claramente a distinção de duas vozes, a do autor e a do narrador, e por extensão a distância social entre eles, reafirmada pelo emprego dos distintos registros linguísticos.

Por fim, no depoimento de número 77, ocorre manobra parecida, com a diferença de que o depoente introduz o dialeto caipira não pela voz de um narrador, mas agora, de uma personagem cuja participação é bem extensa, ocupando aproximadamente oitenta por cento do texto.

<sup>37</sup> Candido, 1976, p. 114.

<sup>38</sup> *Estadinho*, 605, 08 fev. 1917, 4:3; Lobato, 2008, p. 130.

Resta observar sete depoimentos, cuja característica comum continua sendo o emprego do discurso direto, o que permite a entrada de personagens caracterizadas principalmente por sua linguagem, reforçando a polarização sugerida por estas análises. Para ilustrar estas afirmações, apresentamos alguns trechos dos cinco primeiros:

Nº DEP.	REFERÊNCIA	ALTERNÂNCIA DE VOZES
13	<p><i>Estadinho</i>, 601, 03 fev. 1917, 3:2</p> <p>Lobato, 2008, p. 81</p>	<p>– O dianho do “tiziú” não corre, avôa – contava o caipira, arregalando os pequeninos olhos; – e quando “amunta num cavallo, o pobre “bicho” sente “tar” peso que não vai nem p’ra diante, nem p’ra “trais”. Despoi elle fais uma porção de trancinha no rabo do animá, fais elle corrê p’ra tudá parte, sempre amuntado em cima, e só larga o coitado despô de derreado.</p> <p>E prosseguiu.</p> <p>– O’i minino, vacê já não ôviu elle cantá de tardinha “sácy, sácy?” Pois é elle que anda em procura dos minino que vai caçá passarinho e escangalá os ninho, p’rá morde enfiá elles num buraco muito fundo e judiá delles. E quando elle encontra muié, meu fio, fais um estrago desgramado. A muié de “nhô Chico” chegou em casa della com as rôpa tudo rasgada e percisou rapá o cabelo, de tanto que elle judiou della. Eu precisei, ôtro dia cortá o rabo da minha russa.</p> <p>E aqui parou o velho caipira, desviando a conversa para outro rumo.</p>
30	<p><i>Estadinho</i>, 607, 10 fev. 1917, 3:1</p> <p>Lobato, 2008, p. 148</p>	<p>Um delles, o Zé Marinho, caboclo refinado da Diamantina do Norte, côr de pé-de-moleque tostado, um dia assistiu á scena da tropelia, e, assustado, dizia: “O’la lá, óia o Sacy, óia o Sacy! coitado dos animá! êta negrinho damnado.”</p> <p>“Bota um rusario bento no pescoço do “Brazãozinho” senão o Sacy inda joga elle no rio, e vacê perde essa joia”, disse o Zé Marinho. O rosario é bom sio Marinho? perguntei. “Inda vacê prigunta! Nunca mais o Sacy munta nelle”, respondeu.</p>
46	<p><i>Estadinho</i>, 612, 16 fev. 1917, 3:1</p> <p>Lobato, 2008, p. 184</p>	<p>No entanto, ao ouvir a criada e as confirmações, a velha matrona, recolhida, persignou-se toda tremula; e, dahi em diante, nunca mais dormia quando rezava o terço, o que fazia de um só folego para regalo de Isaura, que resmungando dizia á Palmira, outra serva: – “qual Sacy o que... o Sacy foi esta mão que ta qui (mostrando a mão direita) o diabo da veia não deixa a gente drumi.”</p>

52	<p><i>Estadinho</i>, 614, 19 fev. 1917, 3:1</p> <p>Lobato, 2008, p. 246</p>	<p>Em seguida, senhor da situação, o caipira tirou-lhe a carapuça encarnada, que ficou p'ra “garantia”, e disse-lhe num tom zombeteiro: – Sacy, só te darei a tua carapuça se você enchê a minha tuaia de café, atopetá o meu paió de mio e me trouxeú 20 kilos de ouro em pó. E o Sacy em menos de uma hora, encheu-lhe a tulha do melhor café [...]</p>
55	<p><i>Estadinho</i>, 614, 19 fev. 1917, 3:4</p> <p>Lobato, 2008 p. 256</p>	<p>Passados alguns minutos de terrível silencio ouvi a voz sumida do “Nho Urbano” que me perguntava: – “Nhô moço, cadê o forfi?”. – Não sei, procure você, respondi-lhe eu. E o pobre preto, fazendo das tripas coração, depois de muito esforço conseguiu levantar-se e accender a lamparina. A physionomia do velho estava transformada pelo medo e posso garantir-lhe, sr. redactor, que estava “pallido”. – “Isto não pode deixá de sê trabaio do Sacy”, garantiu-me “Nho Urbano”; “é perciso esconjurá elle sinão nois está perdido.” E ambos ajoelhados rezamos contritamente um “Credo”, 7 “padre-nossos” e 7 “Ave Marias”. O certo é que o talsinho não mais nos incommodou.</p>

## 5. Alternância de vozes

Chama a atenção, nestes fragmentos, o fato de que os depoentes utilizam um recurso a mais, o emprego das aspas duplas, para marcar nitidamente a separação entre suas falas e a das personagens introduzidas.

Por fim, há duas participações de leitores, os depoimentos n<sup>os</sup> 37 e 58, em que a articulação do dialeto caipira é composta de modo idêntico, porém com um arranjo muito mais incoerente, visto que a fala das personagens mescla o registro culto e a variação linguística ao mesmo tempo, diferenciadas apenas pelo uso de aspas duplas, como se vê em:

Vae senão quando vi que não era cabrito, tinha uma perna só e cara de bugio magricella e, tremulo, fui “fastando”... fui “fastando”, para fugir, mas á medida que eu fugia o “tinhôso” vinha saltando de meu lado. Vi então, com grande espanto, que aquelle ser estranho coçava sem

cessar a barriguinha secca, fazendo mil tregeitos. Tinha um barrete cor de “pupra” na cabeça e “estralava” os dedos dos pés nos corcóvos que dava para um e outro lado. Quando criei outra “coraginha” fiz depressa o “pelo signá” e gritei sem voz: “Quem Deus Pade !! Ave Mariia !! Figa !! Crédo !! Rabudo” e um cheirinho de enxofre bateu alli, desaparecendo a temerosa figura entre uma densa nuvem de “pintos de Cuzarruim”. Não sei como cheguei em casa, “sem bassora” bem se vê.<sup>39</sup>

Esta mesma personagem, pouco antes em seu discurso, apresentou o conceito de “pintos de Cuzaruim”, utilizando vocábulos bem mais sofisticados, até científicos: “é denominado certo insecto bem maior que os ‘pernilongos’ *estegmyas*, de côr negra como o carvão de pedra – então os meus cabellos arrepriaram-se”. Aqui, de modo incoerente, se destaca com aspas um vocábulo que atende à norma culta, quando a tendência seria apenas realçar o dialeto. Além disso, o falante que emprega tão corretamente o pronome reflexivo, provavelmente seria capaz de dispensar alguns vocábulos do dialeto caipira, que por isso mesmo parecem postos no texto artificialmente. Ora, que homem é esse que alterna dois modos de falar tão distintos? Afinal ele é culto ou não é? A utilização de um vocábulo da área científica acentua ainda mais a polarização presente em tantos depoimentos, intensificando a assimetria em relação à posição social dos que transmitem as historias oralmente e por escrito.

Esta análise está, é evidente, apoiada nas reflexões desenvolvidas por Antonio Candido no artigo “A Literatura e a formação do homem”, mais especificamente no trecho em que, ao analisar a prosa de Coelho Neto, evidencia que:

O Regionalismo [...] mostra a dualidade estilística predominante entre os regionalistas, que escreviam como homens cultos, nos momentos de discurso indireto; e procuravam nos momentos de discurso direto reproduzir não apenas o vocabulário e a sintaxe, mas o próprio aspecto fônico da linguagem do homem rústico. Uma espécie de

---

<sup>39</sup> *Estadinho*, 609, 13 fev. 1917, 3:4; Lobato, 2008, p. 176, destaques nossos.

estilo esquizofrênico, puxando o texto para dois lados e mostrando em grau máximo o distanciamento em que se situava o homem da cidade, como se ele estivesse querendo marcar pela dualidade de discursos a diferença de natureza e de posição que o separava do objeto exótico que é o seu personagem.<sup>40</sup>

Parece se concentrar nesta passagem a chave para a leitura e compreensão dos mecanismos de representação de duas perspectivas opostas, presentes nos depoimentos, do homem culto em contraposição ao caboclo rústico, este último tipicamente brasileiro.

Ainda com Candido e considerando a semelhança estilística entre os depoimentos e os contos regionalistas de Valdomiro Silveira, por exemplo, observa-se que os textos estudados poderiam até ter intenção de cumprir uma função humanizadora, integrando seus leitores sem diferenciar as culturas de quem narra e de quem é objeto da narrativa<sup>41</sup>. No entanto, terminam por reafirmar a desigualdade social, de sua e de todas as épocas, ao se aproximarem mais da função alienadora, ao marcar explicitamente a distância entre os dois universos, culto e inculto. Os falantes do dialeto caipira em geral são confinados, quer nas narrativas do inquérito, quer pelo senso comum (inclusive em nossos dias), ao espaço rural, de modo a acentuar a distância social.

## 6. Visibilidade de Nastácias, Jecas e Sacis

A análise dos depoimentos do *Inquérito sobre o Saci*, observando-se a inserção das vozes dos caboclos e dos negros pela reprodução de suas narrativas, ganha maior significação a partir da apresentação da justificativa pela escolha do método do inquérito, publicada no livro que enfeixa e organiza a enquete:

Para ventilar uma criação puramente subjectiva como esta do Sacy a forma de inquerito é a mais razoavel. Evita que

---

<sup>40</sup> Candido, 2002, p. 88.

<sup>41</sup> Candido, 2002, p. 92.

um só sujeito tome conta ao assumpto e imponha maçadoramente a sua ideia em estiradas considerações eruditas, [...] Assim, em inquerito, todos falam, o estylo varia, o pitoresco augmenta; e concorrem sobretudo os não-profissionais das letras. É erro supor que o literato é a voz mais adequada para dizer em concursos destes.<sup>42</sup>

Nota-se aí a preocupação com a abertura de espaço para a pluralidade das vozes que compõem a cultura e suas manifestações. Na tentativa de evitar a imposição de apenas um ponto de vista, o próprio Lobato busca, ao longo da execução do projeto, distanciar-se da matéria narrada, reservando-se apenas o papel de organizador dos depoimentos.

No inquérito, os responsáveis por realçar a distância social entre segmentos da sociedade e segregar as falas dos negros e caboclos contadores de causos são os próprios depoentes, representantes de uma sociedade, ela sim, ontem e hoje, racista.

Ainda que, nesta obra, não apareça um autor/editor combatente, é nítida a intenção de ouvir uma parcela da população relegada à marginalidade. Se a opção pela democratização do espaço das colunas do jornal não é suficiente para redimir Lobato da acusação de racismo, revela-se ao menos que seus pares sequer se preocupavam com a questão.

A pesquisa sobre um ente do folclore nacional que tem aparência dos afrodescendentes e o emprego do registro linguístico por eles utilizado reforçam o caráter pitoresco destas manifestações culturais e reafirmam sua marginalização. Paradoxalmente, o inquérito abre espaço de destaque, pois que circula entre as classes privilegiadas, para as vozes dos excluídos, ainda que “tutelados” pelos depoentes que se consideram cultos.

No inquérito, o que sobressai é o preconceito, menos de Lobato do que da sociedade contemporânea a ele. Afinal, esta iniciativa proporciona visibilidade para uma parcela da população sempre alijada do bem-estar social, ao veicular e ampliar as vozes historicamente silenciadas das tias Nastácias, dos Jecas e dos sacis.

---

<sup>42</sup> Lobato, 1998, s.p.



## CAPÍTULO II – Como Alice foi parar no Sítio do Picapau Amarelo?

Adriana Peliano<sup>43</sup>



Fig. 1: *Alice no Sítio do Picapau Amarelo*.  
Jô Oliveira, 1996<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> Esse texto foi um desdobramento ampliado do artigo *Adventures on the Yellow Woodpecker Ranch*. *Knight Letter - The Lewis Carroll Society of North America*. Winter 2009. Volume II. Issue 13. Number 83. Versão em português: <http://alicenagens.blogspot.com/2009/09/aventuras-de-alice-no-sitio-do-picapau.html>.

<sup>44</sup> Publicada na revista *Veredas*, do Centro Cultural Banco do Brasil, em outubro de 1996, integrante da exposição “Sete Vezes Emília”.

Alice chegou ao Brasil através do portal de Monteiro Lobato. Foi ele quem fez a primeira tradução e adaptação brasileira de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, com ilustrações de A. L. Bowley<sup>45</sup>, no mesmo ano em que saiu *As reinações de Narizinho* (1931)<sup>46</sup>, com ilustrações de Jean Villin<sup>47</sup>. Dois anos depois, seria a vez da obra *Alice no País do Espelho* (1933), com as ilustrações de John Tenniel, ser também publicada pela Companhia Editora Nacional, com tradução e adaptação de Lobato. Além de ensinar Alice a falar português, Lobato convidou-a para visitar o Sítio do Picapau Amarelo em algumas de suas histórias, escapando dos livros de Carroll para habitar o Mundo das Maravilhas que Monteiro Lobato cartografou para a nossa infância.

Em sua obra infantil, livros como *O Saci* (1921), *As reinações de Narizinho* (1931), *Viagem ao céu* (1932), *Memórias da Emília* (1936), *O picapau amarelo* (1939), *O Minotauro* (1939) e *Os doze trabalhos de Hércules – vols. I e II* (1944) apresentam reinações vividas pelas personagens do Sítio do Picapau Amarelo em viagens no tempo, aventuras por mundos imaginários e encontros intertextuais com diversas personagens da literatura, do folclore, da mitologia, do cinema e dos desenhos animados. Lobato também traduziu e adaptou vários clássicos para o público infantil brasileiro, com destaque para obras que desafiam e alimentam a imaginação, a fantasia e o sonho. Muitas dessas obras apresentam personagens que atravessaram a porteira do Sítio ou foram visitadas pelos “picapauzinhos” graças à magia do Faz-de-Conta e ao Pó de Pirlimpimpim<sup>48</sup>.

Inspirado na cultura popular nordestina, entre bonecos do Mestre Vitalino e gravuras de Cordel, Jô Oliveira ilustrou

---

<sup>45</sup> Agradeço ao Mark Burstein por me enviar ilustrações das obras de Lewis Carroll.

<sup>46</sup> Agradeço ao Magno Silveira por me enviar ilustrações de sua coleção lobatiana (<https://bibliotecadovisconde.com.br>).

<sup>47</sup> Agradeço à Walderez Macedo por autorizar o uso das ilustrações de Jean Gabriel Villin.

<sup>48</sup> O pó de Pirlimpimpim é “o pó mais mágico que as fadas inventaram”, ele subverte a concepção racional de espaço e tempo, sendo usado para viajar para reinos da imaginação.

poeticamente a chegada das personagens do Mundo das Maravilhas no Picapau Amarelo (fig. 1). Na figura, Emília dialoga com Alice enquanto o Visconde, sabugo de milho de cartola, encara o Coelho Branco de casaca e relógio de bolso. Tia Nastácia é a quituteira e guardiã das histórias populares que aguarda, na porteira, a chegada de personagens de outros reinos tais como os *Contos de Fadas*, as *1001 Noites* e clássicos como *Dom Quixote*, para citar alguns, já que a fila de visitantes e a estrada extrapolam as margens desse desenho numa jornada antropológica.

No curioso prefácio de sua tradução para *Alice no País das Maravilhas*, Lobato conta que as crianças brasileiras leriam as aventuras de Alice a pedido de Narizinho, então com 7 anos. A menina tanto insistiu em ler *Alice* em português, já que não sabia inglês, que não houve remédio, apesar de ser, como ele diz, “uma obra intraduzível”. De fato, ele não traduz vários trocadilhos, paródias e jogos de linguagem da obra de Carroll<sup>49</sup>, em geral descomplica, assumindo os riscos de diluir a potência da criação artística para alcançar a identificação com um público infantil mais amplo, seguindo também o seu tino comercial.

No mesmo prefácio é dito que a história se trata de um “sonho em inglês, de coisas inglesas, com palavras, referências, citações, alusões, versos, humorismo, trocadilhos, tudo inglês – isto é, especial, feito exclusivamente para a mentalidade dos inglesinhos.”<sup>50</sup>. Lobato adapta e ambienta traços culturais das aventuras de Alice para se aproximarem do Brasil de sua época<sup>51</sup>. Poucos anos depois, em *Memórias da Emília* (1936), os inglesinhos vão visitar o Sítio do Picapau Amarelo. Alice chega ao navio *Wonderland* com Peter Pan e o histórico almirante Brown, além de várias crianças inglesas para

---

<sup>49</sup> Um salto no “intraduzível” foi dado quando as primeiras palavras-valise brasileiras foram transcritas por Augusto de Campos no poema “Jaguadarte”, que seria publicado a partir de 1976 pela editora Summus, com a tradução de Sebastião Uchôa Leite para os dois livros de Alice.

<sup>50</sup> Lobato, 1931, p. 12.

<sup>51</sup> A adaptação de Ana Maria Machado traz as “referências, citações, alusões, versos, humorismo e trocadilhos” para o contexto cultural das crianças brasileiras contemporâneas.

verem um anjinho trazido por Emília de sua *Viagem ao céu* (1932). De todos os visitantes, Alice é quem sabatina o anjo, mas ela só quer ouvir falar da vida no céu e se atraca com Emília, alegando que “aquele Sítio não parecia digno de um anjinho”<sup>52</sup>. Se ele fosse levado para Londres, julga a esnobe menina inglesa, o anjo ganharia um palácio de cristal cheio de nuvens de ouro bem fofo e macio, ideal muito distante da casa velha com árvores tortas e um leitão lá longe espiando, como ela descreve o Sítio.

Mas a Alice lobatiana vai, pouco a pouco, rompendo a barreira entre as culturas, vai aterrissando no cotidiano do Sítio atravessado pela magia do Faz de Conta, vai fazendo amizades e se encantando com as frutas, pitangas, laranjas, jabuticabas que fazem a alegria dos “picapauzinhos”. “Que coisa gostosa – murmurou Alice – chupar laranja lima ao lado de um anjinho do céu que conta as coisas de lá! Estou mudando de opinião, Emília. Estou achando que esse Sítio da Dona Benta é ainda mais gostoso que o nosso Kensington Garden lá de Londres...”<sup>53</sup>. Mais tarde, Alice come os bolinhos da tia Nastácia e gosta tanto que pede a receita. Ao vê-la, tia Nastácia estranha e pergunta se a menina inglesa fala mesmo português e Emília confirma, abrindo sua famosa torneirinha de asneiras: “Sim, pois Alice já foi traduzida para o português”<sup>54</sup>.

Emília, logo depois, foge para Hollywood com toda a criançada inglesa. Quería virar estrela de cinema, como Shirley Temple. Aprende a falar inglês tão bem que chega a corrigir os erros de Alice! Epa... Assim já é demais, não é Emília? Desconfiei. Ficamos então sabendo que o encontro com Alice faz parte das tais Memórias que a boneca andava escrevendo. Não eram romances, nem fantasias, mas memórias fantásticas. “– Minhas memórias – explicou Emília – são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que devia haver”<sup>55</sup>.

---

<sup>52</sup> Lobato, 1992b, p. 36.

<sup>53</sup> Lobato, 1992b, p. 41.

<sup>54</sup> Lobato, 1992b, p. 67.

<sup>55</sup> Lobato, 1992b, p. 100.

Na contracapa criada pelo ilustrador Belmonte para a primeira edição de *Memórias da Emília* (1936), podemos ver Alice com o vestido azul de flores brancas tal qual a Alice das diferentes capas da edição traduzida por Lobato (figs. 2 e 3). A mesma conexão ele manteve nas figuras do miolo do livro (figs. 5 e 6), já que a Alice ilustrada por A. L. Bowley tornou-se, com Lobato, a referência visual mais divulgada da personagem para os leitores no Brasil da época. Até meados da década de 40, aparentemente só foram publicadas, no Brasil, duas traduções diferentes de cada história de Alice<sup>56</sup>, as de Lobato e as da livraria do Globo, *Alice na Terra das Maravilhas* e *Alice na casa do Espelho* (1934), com tradução de Pepita de Leão e ilustrações de João Fahrion, o primeiro ilustrador brasileiro de Alice<sup>57</sup>.

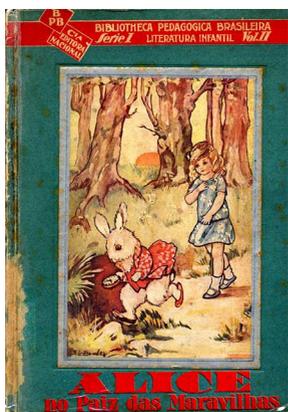


Fig. 2: Capa de *Alice no País das Maravilhas*.  
A. L. Bowley, 1931.



Fig. 3: Contracapa de *Memórias da Emília*.  
Belmonte, 1936.

<sup>56</sup> Desde a década de 20, trechos de *Alice no País das Maravilhas* foram incluídos na *Encyclopedia Tesouro da Juventude*, com 18 volumes. Alice está na sessão “Livro dos Contos” – v. 9, 33 p., Ilustrações de Harry Furniss. Rio de Janeiro-São Paulo-Porto Alegre: W. M. Jackson Editores.

<sup>57</sup> Com diferentes capas, modificações ou inserções, as ilustrações de Ada Bowley continuaram sendo publicadas, com a tradução de Monteiro Lobato, pela Companhia Editora Nacional e depois pela Brasiliense até 1978, num total de 13 edições. Participaram também das *Obras completas de Monteiro Lobato*, entre 1960 e 1969, em 4 edições. Dados coletados em pesquisa realizada com Lauro Amorim (Lindseth, 2015).

Na edição de *Alice* em português, Lobato conta que a história trata do sonho de uma “menina travessa”. Nesse sentido, destacam-se as ilustrações da inglesa Ada Leonora Bowley (figs. 2 e 5). Sua Alice tem uma personalidade diferente da fundamental e canônica Alice de John Tenniel (fig. 4). Ela é mais infantil, ao mesmo tempo meiga e espontânea, um contraponto à sisudez da Alice vitoriana. Uma das Alices de Bowley, na contracapa de uma edição de 1909, abraça afetuosamente um Coelho Branco muito fofinho (fig. 7), gesto decididamente impensável no imaginário de Tenniel. A Alice de Ada Bowley usa um vestido solto, curto e florido, ao contrário do vestido encorpado com avental, mais adequado para medidas do que travessuras. Ela trouxe uma visão da personagem atualizada para o século XX, como apontou Sebastião Uchôa Leite<sup>58</sup>. As ilustrações emprestam leveza a um texto complexo e um contexto, muitas vezes assustador, do *Pais das Maravilhas* de Carroll, sem entrar, aqui, em um julgamento estético e artístico das ilustrações.



Fig. 4: *Alice in Wonderland*.  
John Tenniel, 1865.

<sup>58</sup> Leite, 2003, p. 130.

Fig. 5 (abaixo): *Alice no País das Maravilhas*.

A. L. Bowley, 1931 [1921].

Fig. 6 (ao lado): Alice e Emília em *Memórias da Emília*.

Belmonte, 1936.



Ilustradora da Era de Ouro dos livros infantis, Ada Bowley criou dezenas de figuras infantis açucaradas para a empresa londrina Raphael Tuck & Sons, especializada na impressão de postais colecionáveis e cartões comemorativos. A empresa também publicou livros para a infância com recursos gráficos lúdicos e sedutores. Por volta de 1921, uma edição básica com as ilustrações de Ada Bowley foi publicada na Inglaterra por Raphael Tuck & Sons e nos Estados Unidos pela David McKay Company, na Filadélfia. Até o final da década, em datas incertas, pelo menos três versões diferentes de *Alice in Wonderland*, incluindo artes de Ada Bowley, foram editadas por Raphael Tuck, além de charmosos quebra-cabeças.

A versão 1 era totalmente colorida, impressa em papel cartonado e formato sanfona (fig. 7). A versão 2 trazia o texto e ilustrações em preto e branco, com um panorama formado por quatro páginas coloridas com imagens interligadas, incluindo um bolso traseiro contendo figuras móveis que podiam ser encaixadas nas páginas do livro (fig. 8). A versão 3 contava com as 6 gravuras coloridas e os 70 desenhos em preto e branco da edição básica, acrescidas de uma

página dupla em formato *pop-up* que incluía todas as personagens da obra em uma única cena (fig. 9).

Em 1907, a obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* entrou em domínio público. Dezenas de novas edições foram ilustradas, especialmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Monteiro Lobato deve ter se encantado com as inúmeras possibilidades gráficas e editoriais dessas diferentes edições de Alice no período em que trabalhou em Nova York como adido comercial, entre 1927 e 1931. Como terá sido o processo de escolher as ilustrações mais adequadas para a sua Alice? Ao optar por Ada Bowley, quais dessas edições que mencionei teriam parado nas mãos do editor com seu olhar ávido por novidades?

Se Lobato tiver visto algum desses livros, é provável que tenha se entusiasmado, sendo um editor que muito inovou no design gráfico dos livros infantis para modernizá-los e torná-los mais atraentes. Sabemos que prestava especial atenção na materialidade do livro. É interessante notar que as três versões inglesas apresentam de formas diferentes, na ilustração ou no formato gráfico, a sugestão de que as personagens podem sair do livro e ganhar vida própria. A versão *pop-up* vem com o texto “*Come to life*” impresso na capa. O livro pode ter proporcionado ao Lobato a experiência física de abrir um livro e ver as personagens de Alice saltarem para fora das páginas. Bastava usar a sua imaginação fértil para dar vida às personagens e para criar novas histórias.

Essa pode ter sido uma inspiração para a guarda de *Reinações*, comentada a seguir, entre outras referências literárias que o influenciaram. O fato de os dois livros terem sido publicados no mesmo ano por Lobato – *Alice no País das Maravilhas* e *As reinações de Narizinho* – é uma indicação de que os temas se cruzaram tanto em seus sonhos quanto preocupações diurnas. Entretanto, mesmo que ele tenha conhecido a edição com *pop-up*, por questões técnicas e econômicas, as ilustrações móveis ficariam de fora da edição brasileira.

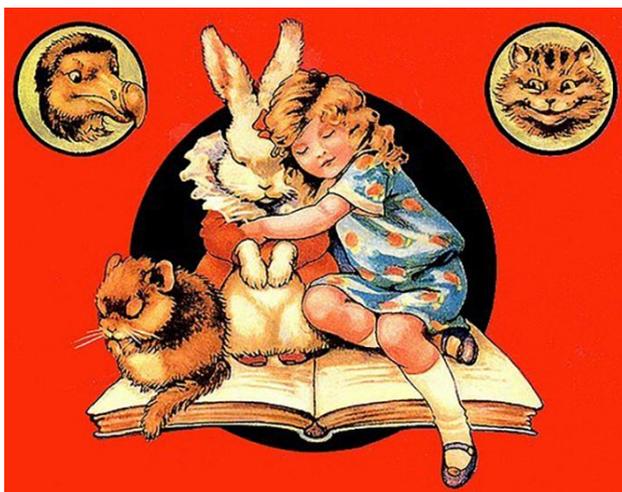


Fig. 7: CARROLL, Lewis. *Alice in Wonderland Panorama*.  
Ilustrações de A. L. Bowley.  
London-Paris-New York. Raphael Tuck & Sons. c. 1910.

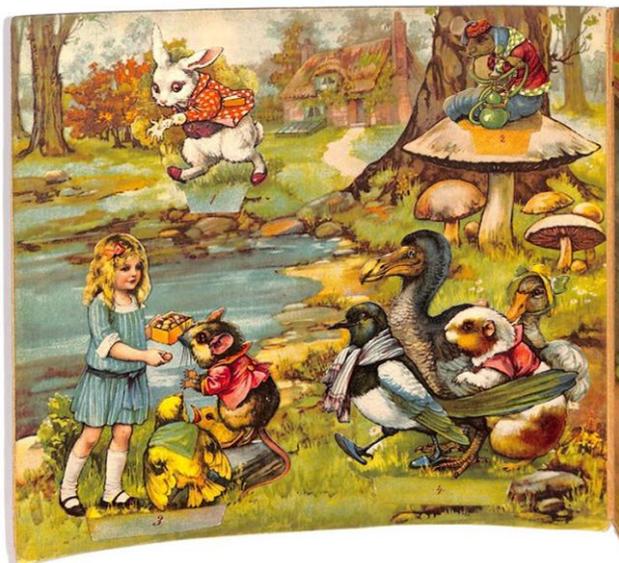


Fig. 8: CARROLL, Lewis. *Alice In Wonderland Panorama  
with Movable Pictures*. Ilustrações de A. L. Bowley.  
London-Paris-New York. Raphael Tuck & Sons. c. 1930.

Fig. 9: CARROLL, Lewis. *Alice In Wonderland* “Come to life” panorama. Ilustrações de A. L. Bowley. London-Paris-New York. Raphael Tuck & Sons. c. 1930.



O artista Jean Gabriel Villin começou a ilustrar a obra de Monteiro Lobato no final da década de 20, quando o autor estava em Nova York. Fizeram uma longa parceria que rendeu 11 livros. Nas palavras do ilustrador:

Tive diversos contatos com Monteiro Lobato; a primeira vez em sua residência na Aclimação, a fim de combinar as ilustrações de seu livro ‘Reinações de Narizinho’, se não me engano. Ele possuía uma grande sensibilidade artística e, embora deixasse o ilustrador à vontade, sabia perfeitamente o que convinha para seus livros<sup>59</sup>.

Como deve ter sido a conversa sobre a curiosa imagem da guarda da primeira edição de *Reinações de Narizinho* é algo que nos aguça a imaginação...

Lobato promoveu uma rebelião no Mundo das Maravilhas.

<sup>59</sup> VILLIN, Jean G. [Depoimento]. Website *Jean Gabriel Villin*. Disponível em <<https://jeangabrielvillin.com.br>>, acesso em 19 jan. 2019.

Em *Reinações*, foi a própria Dona Carochinha, baratinha guardiã dos contos maravilhosos<sup>60</sup>, que disse que muitas das personagens de seus contos já andavam cansadas de viver sempre as mesmas histórias. Queriam novidades! Escaparam dos livros e foram parar no Sítio do Picapau Amarelo para ousar novas aventuras. Segundo Pedrinho, as personagens fugiram porque as histórias estavam emboloradas. “Há muito tempo que ando com essa ideia – de fazer todas as personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui conosco combinar novas aventuras. Que lindo, não?”<sup>61</sup> A fuga dos livros participa da grande aventura de abolir as fronteiras entre os reinos da fantasia. Quem manda agora não são os autores e os cânones, mas as próprias personagens se empoderaram e desafiam limites e regras impostos num campo de forças onde atuam a tradição e a modernidade.



Fig. 10: Guarda de *As reinações de Narizinho*. Jean Villin, 1931.

<sup>60</sup> *Contos da Carochinha* foi uma coletânea de contos organizada por Alberto Figueiredo Pimentel e publicada pela Livraria Quaresma a partir de 1894, um marco na origem da literatura infantil no Brasil. Lobato questionava sua linguagem antiquada e propósitos moralizantes. Assim, decidiu inovar e transformar o modo de escrever para crianças e a Dona Carochinha tornou-se, no Sítio do Picapau Amarelo, símbolo das histórias emboloradas.

<sup>61</sup> Lobato, 1992a, p. 52.

Numa primeira leitura, vemos, na ilustração de Villin, a menina Lúcia, conhecida como Narizinho, em proporção gigantesca segurando um livro aberto de onde fogem personagens em direção à casa do Sítio. Entre os fugitivos estão alguns habitantes do Reino das Águas Claras e do próprio Picapau Amarelo, além do Barão de Munchausen e a menina do leite das Fábulas de Esopo. O burro falante, que já tinha fugido do Reino das Fábulas para viver no Picapau Amarelo, é visto fugindo de novo<sup>62</sup>. Numa nova leitura, percebemos que o que está sendo mostrado nessa imagem não pode ser a fuga das personagens do livro da Dona Carochinha, conforme narrada no livro, porque Narizinho segura o único livro já escrito onde essa combinação improvável de personagens podia coexistir: o próprio *As reinações de Narizinho*.

A imagem mostra a obra como um fantástico “meta *pop-up*” em que as personagens ganham vida própria e a fuga do livro físico espelha procedimentos de metalinguagem na narrativa. Na imagem, Narizinho é ao mesmo tempo leitora, protagonista e guardiã de um portal que se abre entre a ficção e a realidade em vários níveis. Assim, quando o leitor abre o livro, depara-se, logo na primeira imagem, com Narizinho segurando o mesmo livro que ele, de onde fogem as personagens, ameaçando fugir, a seguir, para o nosso mundo. Cria-se um enigmático *myse em abyme* de histórias dentro de histórias, num labirinto de travessias intertextuais. Faltou Lobato dizer que iria escrever livros de onde as personagens pudessem fugir<sup>63</sup>.

Enquanto a fuga das personagens desafia fronteiras e embaralha referenciais literários, a cartografia bem comportada do Mapa do Mundo das Maravilhas coloca tudo em seu lugar. Cabe ao leitor ir montando o quebra-cabeças para identificar as conexões entre as personagens, suas obras literárias de origem e os respectivos territórios no mapa. A primeira versão do Mapa foi ilustrada por Jean Villin e publicada em *A penna de papagaio* (fig. 12) (1930), livro que se

---

<sup>62</sup> Fugiu para não morrer no final da fábula de Esopo “Os animais e a peste” (Lobato, 1992a, p. 274).

<sup>63</sup> “Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar” Lobato, 1964, p. 293.

tornaria um dos retalhos da colcha de histórias, *As reinações de Narizinho* (1931). O Mapa foi redesenhado por Villin para *Reinações*, mantendo as mesmas convenções cartográficas e terras imaginárias, com leves alterações<sup>64</sup>. Uma nova versão do Mapa iria ilustrar a guarda de cada volume da coleção das obras infantis de Lobato lançada pela Editora Brasiliense a partir de meados da década de 40, dessa vez em ilustração de André Le Blanc<sup>65</sup> (1947). As terras demarcadas e nomeadas nos mapas dos dois ilustradores são quase as mesmas – as diferenças não serão aqui listadas para não estragar o jogo.

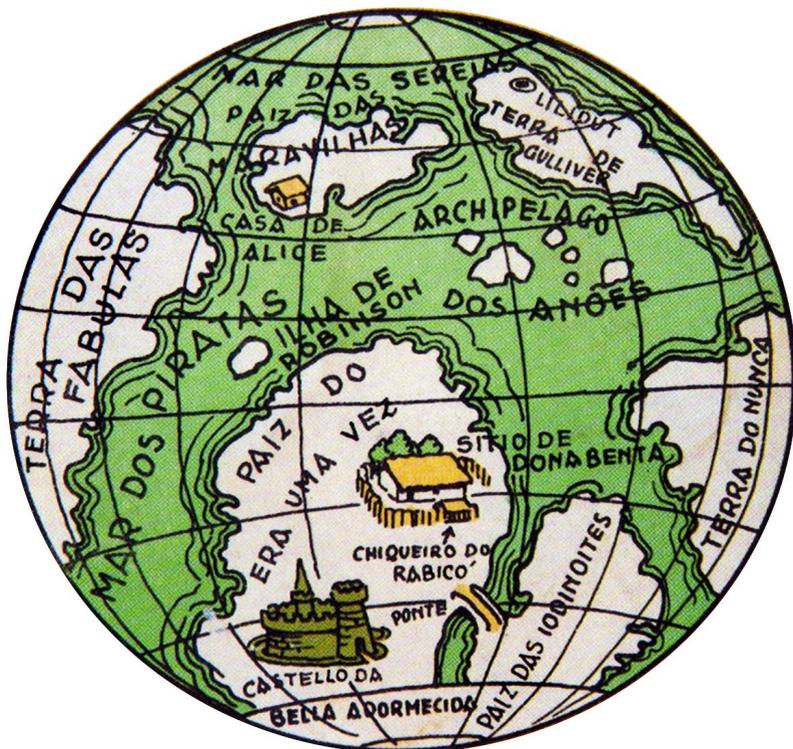


Fig. 11: *A penna de papagaio*.  
Jean Villin, 1930.<sup>66</sup>

<sup>64</sup> Também disponível em: Lobato, 2014.

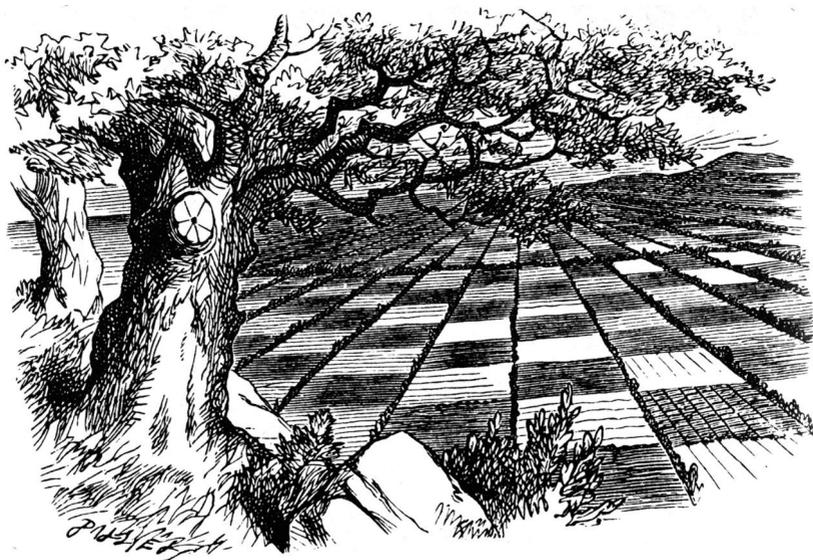
<sup>65</sup> Também disponível em: Lobato, 2019.

<sup>66</sup> Cf. Azevedo; Camargos; Sacchetta, 2000.



Fig. 12 (acima, detalhe): *Mapa do Mundo das Maravilhas*.  
Andre Le Blanc, 1947.

Fig. 13 (abaixo): *Alice no País do Espelho*.  
John Tenniel, 1871.



Existe uma suspeita de que foi o próprio Peter Pan quem entregou para Pedrinho o Mapa do Mundo das Maravilhas, junto com um pouco do Pó de Pirlimpimpim para ser usado como meio de transporte. O menino invisível foi apelidado de Peninha pelo grupo, pois passou a usar uma pena de papagaio no chapéu para ser encontrado. No seu texto, Lobato não descreveu o Mapa nem especificou suas terras e mares; apenas o Sítio de Dona Benta e o chiqueirinho de Rabicó são citados, mostrando que os moradores do Sítio são, ao mesmo tempo, leitores e personagens do Mundo das Maravilhas, vivendo lá e cá. Um dos critérios para a escolha das terras presentes nos três mapas é que elas criavam/sem uma ponte entre a biblioteca da Dona Benta, que lia e contava as histórias para os “picapauzinhos”, e a biblioteca dos leitores de Lobato, que teriam, nos próximos anos, acesso às mesmas obras traduzidas pelo próprio autor, num projeto intertextual e mercadológico. Só em *Reinações* os “picapaus” visitam o país das Fábulas, a Terra das Mil e uma Noites e o castelo do Barão de Munchausen. Na última página, Lobato já arquitetava cenas dos próximos capítulos, mas é Pedrinho quem lamenta “justamente agora que temos o Burro Falante e o Peninha para nos levar para todos os países do Mundo das Maravilhas, mamãe me manda chamar...”<sup>67</sup>.

Alice também tem uma casa no país das Maravilhas nos três mapas. No Mapa de Le Blanc são feitas algumas adaptações. Aproveitemos para destacar um acréscimo. O ilustrador incluiu um enorme tabuleiro de xadrez próximo ao país das Maravilhas, cenário por excelência das aventuras de *Alice no País do Espelho*. Na única gravura de Tenniel nos dois livros de Alice que mostram uma paisagem sem personagens, o observador é colocado no ponto de vista da Alice olhando para um tabuleiro que é território de um grande jogo onde as peças ganham vida própria e vivem num mundo com uma lógica às avessas. “É uma partida de xadrez fabulosa que está sendo jogada... no mundo todo... se é que isso é o mundo. Oh, como é divertido!”<sup>68</sup> (figs. 13 e 14).

<sup>67</sup> Lobato, 1992a, p. 303.

<sup>68</sup> Carroll, 2013, p. 133.

Se as personagens dos contos maravilhosos se mostraram insatisfeitas por viverem sempre as mesmas aventuras, quando vêm ao Sítio, em *O picapau amarelo* (1939), reinventam suas vidas. As personagens do Mundo das Maravilhas se mudam para um terreno vizinho ao Sítio, com a condição de Dona Benta de não pularem a cerca. As condições foram aceitas e a mudança teve início. “Mas não vinham a passeio, não; vinham com armas e bagagens, com os castelo e palácios para morar ali toda vida”<sup>69</sup>. Alice também se muda para lá, dessa vez “com o bando todo – Twidledum, o Gato Careteiro, o Coelho Branco, a tartaruga...”<sup>70</sup>. Interessante notar que o “bando todo” inclui tanto personagens do país das Maravilhas quanto do país do Espelho, justificando os dois aparecerem juntos no mapa. Será que as personagens vieram de navio, contornando o arquipélago dos anões? Depende de qual mapa estavam seguindo.

Voltando no tempo, as personagens do Mundo das Maravilhas, em *Reinações*, vão participar de uma festinha onde se destacaram as personagens dos Contos de Fadas, das *1001 Noites* e da mitologia grega. Acabada a festa, voltam para os livros, incluindo o clássico de Dona Carochinha, já que lá tinham ido morar algumas personagens dos irmãos Grimm e de Charles Perrault, além de Aladim e uma mistura boa. Capítulos depois, as personagens voltam ao Sítio para assistir a uma apresentação de circo. Alice também vem assistir ao Circo de Escavalinho, além de “quase todos os que existem.”<sup>71</sup>. Terá vindo do original ou da edição que Lobato acabara de traduzir?

Curioso notar que nas *Memórias da Emilia*, Alice chegou no navio *Wonderland* diretamente da Inglaterra, não do país das Maravilhas. Já no conto *As fadas*, do livro *Histórias diversas* (1947), é aparentemente a última vez que Alice vai ao Sítio. Enquanto os “picapauzinhos” dormem profundamente, uma festa é oferecida pela Branca de Neve ao Gato de Botas. Todos, inclusive Alice, chegam em tapetes voadores dignos das *1001 Noites*, atravessando os céus do Mundo das Maravilhas. Mas as crianças não ficam sabendo. No final,

---

<sup>69</sup> Lobato, 1992c, p. 164.

<sup>70</sup> Lobato, 1992c, p. 165.

<sup>71</sup> Lobato, 1992a, p. 239.

Narizinho comenta que está triste pensando que as personagens encantadas se esqueceram do Sítio. A história abre janelas na imaginação com uma frase rica em possibilidades: “Tantas coisas aconteceram no Pica-Pau Amarelo que não estão contadas nos livros!”<sup>72</sup>.

### Quais são as pontes entre as aventuras de Lúcia e as Reinações de Alice?



Fig. 14: A fuga das personagens. Adriana Peliano. Foto: Gui Gomes, 2019.

Alice e Lúcia eram meninas de 7 anos e seus nomes eram quase anagramas um do outro. Uma vivia na Inglaterra, a outra no Brasil. Estavam as duas na beira de um rio, lá e cá. Alice com sua irmã, Lúcia com sua boneca Emília. Alice queria colher margaridas para uma guirlanda, Lúcia via figuras nas nuvens. Alice se espantou com o Coelho Branco falante de colete, relógio e guarda-chuva; Lúcia recebeu, em cima do seu nariz, a visita de um besouro falante e um príncipe, que por sua vez era um peixe de casaco vermelho, relógio, cartolinha na cabeça e guarda-chuva. Ardendo de curiosidade, Alice

<sup>72</sup> Lobato, 1992d, p. 239.

correu atrás do Coelho e saltou dentro da sua toca. Passeando como velhos amigos, Lúcia e o príncipe chegaram a certa gruta que jamais tinham visto por ali e a menina fica com medo. “A paisagem estava outra”<sup>73</sup>. Alice chegou a uma sala repleta de portas e encontrou uma portinha que dava para o jardim mais bonito que já se viu. Lúcia atravessou a gruta e se deparou com um portão de coral tão bonito que parecia sonho. Alice foi parar no país das Maravilhas, um reino subterrâneo; Lúcia chega no Reino das Águas Claras, um reino subaquático. Em Carroll, Alice viajou pelo país das Maravilhas; em Lobato, Alice e Lúcia ficaram amigas e moravam no Mundo das Maravilhas. Depois desse ponto, as histórias seguem rumos diferentes. Ainda assim, Lobato usou muitos ingredientes de Alice em suas histórias<sup>74</sup>.

Como o tema do sonho está presente nas aventuras de Lúcia e nas reinações de Alice? (Fig 14) O próprio Lewis Carroll adaptou *Alice's Adventures in Wonderland* (1865), para crianças “do zero aos cinco”, em *The Nursery “Alice”* (1890). A obra não é apenas uma versão simplificada, mas é escrita para ser mediada como se a história estivesse sendo contada por alguém que está dialogando e interagindo com uma criança pequena. O livro inclui 20 das 42 ilustrações de John Tenniel, da edição original, redesenhadas e coloridas pelo próprio Tenniel. Ele foi publicado pela Macmillan e apresenta uma nova capa ilustrada a cores pela ilustradora, amiga do autor e especialista em fadas, Emily Gertrude Thomson (Fig 15).

A capa mostra Alice sonhando. Sobre uma nuvem estão algumas personagens da história, como se pudéssemos assistir, ao mesmo tempo, Alice dormindo e o que se passa dentro do seu sonho, em realidades paralelas. Estão lá o Grifo e a Falsa Tartaruga, o Coelho Branco, o rato orador e o menino que virou porco. Ao lado de Alice está um livro aberto e ilustrado a cores. Será que, como Narizinho na guarda de *Reinações*, Alice tinha um livro contando a sua própria

---

<sup>73</sup> Lobato, 1992a, p. 9

<sup>74</sup> Nelly Novaes Coelho também comenta as afinidades entre Alice e Lúcia, de Carroll e Lobato, em um prefácio em que considera que “Alice é uma espécie de ‘avó’ da Narizinho” (Carroll, 2005).

história? Que outro livro poderia estar lendo? E a capa do livro também a mostrava dormindo com um outro livro aberto ao seu lado? As personagens estavam no sonho ou fugiram do livro?

Essa foi a primeira e uma das raras vezes que o sonho de Alice foi ilustrado e isso por um bom motivo. Em *Alice no País das Maravilhas* e *Alice no País do Espelho*, só sabemos no final das histórias que as aventuras tinham sido sonhos. Nesse livro é diferente: provavelmente para se tornar mais didático e menos assustador para crianças pequenas, é esclarecido logo no início da história. *The Nursery "Alice"* começa assim: “Era uma Vez uma menininha chamada Alice que teve um sonho muito curioso. Você gostaria de ouvir sobre o que ela sonhou?”<sup>75</sup>.

Entre *Alice's Adventures in Wonderland* (1865) e *The Nursery "Alice"* (1890), o tema do sonho passou de um enigma paradoxal para uma justificativa que ameniza o impacto do estranhamento do texto. O tema do sonho é central nos dois livros clássicos de Alice (*Wonderland* e *Looking Glass*), em que ganha sentidos mais complexos. A menina viaja por realidades paralelas que desafiam a lógica e a racionalidade. A psicanálise surgiria décadas depois para mergulhar na toca do coelho do inconsciente humano. Alice virou mito surrealista e foi ressignificada por artistas e escritores que viam no maravilhoso a dissolução das fronteiras entre o inconsciente e o consciente, o sonho e a realidade. O sonho de Alice se tornou símbolo do mergulho no desconhecido. Ele não traz consolo nem uma simples justificativa racional de que “tudo não passou de um sonho”.

A capa de Villin para *Reinações de Narizinho* se parece com a capa de *The Nursery "Alice"*. Mostra uma menina loira, ao contrário da morena cor de jambo descrita no texto. Na imagem, podemos também observar, dentro do sonho de Lúcia, personagens da história que reaparecem na fuga do livro mostrada logo depois de virar a página. Dessa vez, não existe a nuvem que separa os planos da realidade e do sonho, ao contrário, Emília chega a cochichar no ouvido da sonhadora, já tentando interferir nos rumos da história. Surgem

---

<sup>75</sup> Carroll, 1890, tradução nossa.

mais perguntas do que respostas, visto que, justo nessa obra, as reinações da menina deixam de ser explicadas como sonhos e tudo se torna mais dinâmico, complexo e intrigante. Os sonhos, nas aventuras de Alice de Lúcia, têm implicações bem distintas (fig. 16).

Entre *A menina do narizinho arrebitado* (1920) e *As reinações de Narizinho* (1931), também aconteceu uma mudança crucial. No primeiro livro, a aventura de Narizinho termina com seu despertar. O leitor se depara com a revelação de que ‘tudo não passara de um lindo sonho’. Em *Reinações*, contudo, diluem-se as fronteiras entre o real e o maravilhoso e se dá uma fusão entre ambos, quando a menina volta de sua primeira viagem ao Reino das Águas Claras “por uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar. Estavam no Sítio de Dona Benta outra vez”<sup>76</sup>.

Talvez não seja o caso de afirmar que o tema do sonho desapareça da obra de Lobato a partir de *Reinações*, mas adquire contornos mais sutis. Perpassa as aventuras do Sítio o tema dos estados alterados de consciência, como as vezes em que viajam fechando os olhos com toda a força, “como a gente faz nos sonhos quando vai caindo num precipício.”<sup>77</sup> Tem também o caso da modorra, que se apresenta como um estado hipnagógico, na qual Narizinho tem visões delirantes com fadas e faunos e onde o boneco João Faz de Conta ganha vida, como se fossem as coisas mais naturais do mundo. O boneco diz para Narizinho: “...vai ver coisa que sempre existiu nesse Sítio e no entanto você nunca viu. Olhe lá!”<sup>78</sup>. Os limites entre a realidade, a fantasia, a imaginação e o sonho são elásticos. No final do livro de *Alice através do Espelho*, Lewis Carroll nos lança o grande desafio: “Que mais é viver senão sonhar?”<sup>79</sup>.

---

<sup>76</sup> Lobato, 1992a. p. 28.

<sup>77</sup> Lobato, 1992a, p. 302.

<sup>78</sup> Lobato, 1992a, p. 212.

<sup>79</sup> Carroll, 2013, p. 228.

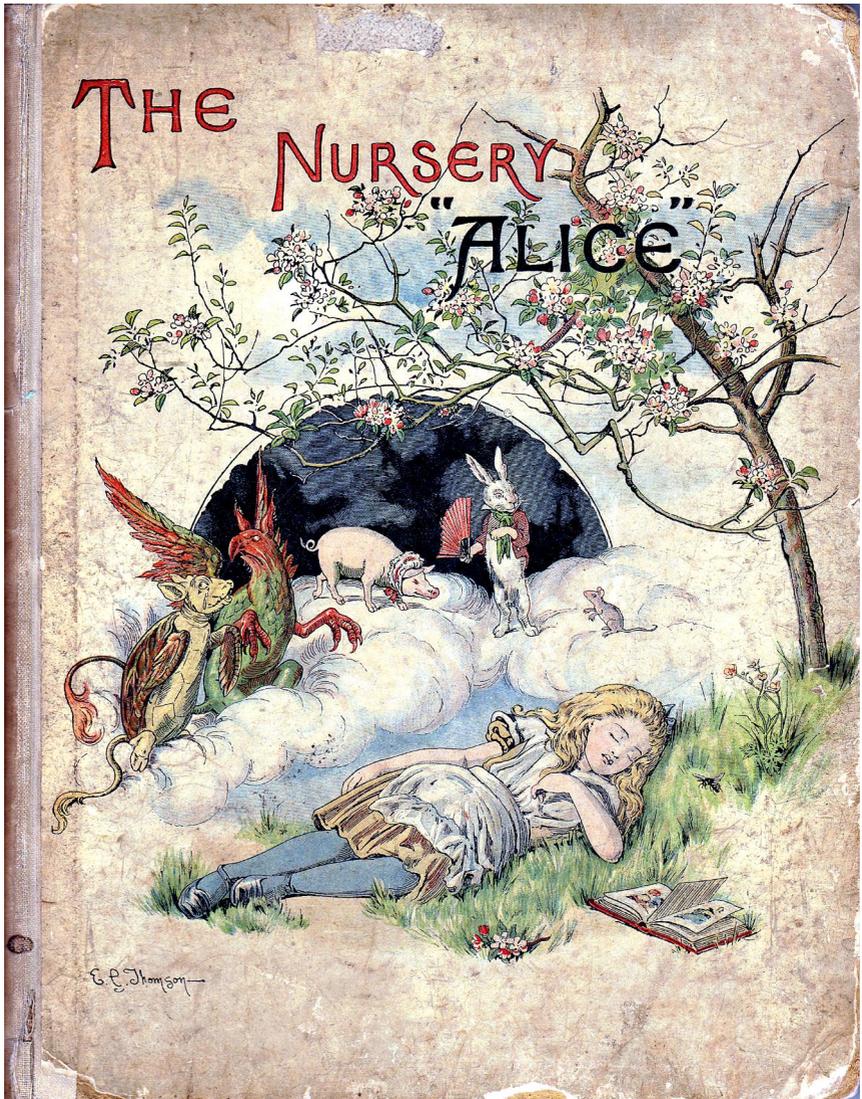


Fig. 15: *The Nursery "Alice"*.  
Capa: Emily Gertrude Thomson, 1890.



Fig. 16: *As reinações de Narizinho*.  
Capa: Jean Villin, 1931.

### CAPÍTULO III – As *Fábulas* de Lobato e o universo fabular de seu primeiro ilustrador

*Nilce M. Pereira*<sup>80</sup>

C onhecidas mais comumente em sua tradição greco-latina e indiana, mas podendo remontar aos primórdios das civilizações, de acordo com Maria Celeste Consolin Dezotti, as fábulas são, na concepção da autora, “um modo universal de construção discursiva”<sup>81</sup> e, assim, a despeito de suas diferenças organizacionais em culturas distintas, comuns ao exercício da linguagem de qualquer povo. Em sua essência, a fábula pode ser descrita como uma narrativa ficcional que se dá na própria realização (linguística) da fala, de maneira que “o narrar se torna o meio de expressão do dizer”, servindo a atos discursivos como mostrar, recomendar, admoestar, censurar e assim por diante.<sup>82</sup> Embora todo falante seja dotado de capacidade para articular uma narrativa, para que ela possa configurar uma fábula, é necessário que o discurso seja elaborado de maneira alegórica, incorporando um significado adicional ao seu contexto enunciativo e à execução do qual o ouvinte deva, além de compreender a narrativa, interpretá-la, buscando pontos em comum entre ela e a situação discursiva que a motivou. Em alguns modelos fabulares, a interpretação é fornecida pelo próprio enunciador, ao conferir à narrativa uma “moral”. Em formatos distintos o ouvinte deve “desvendá-la” a partir de elementos da

---

<sup>80</sup> Meus cordiais agradecimentos à Biblioteca Monteiro Lobato, nas pessoas de Antônio Carlos D’Angelo e Bruna Bonifácio de Almeida, que, mesmo em período restrito de trabalho, não mediram esforços para me atender e me fornecer a cópia das ilustrações de Voltolino para a primeira edição de *Fábulas*.

<sup>81</sup> Dezotti, 2018, p. 23.

<sup>82</sup> Dezotti, 2018, p. 24.

história. De qualquer modo, a fábula propõe um “enigma” que, expresso na antiga designação grega para o termo, *ainos* – cognato de *ainigma*, sendo que a fábula esópica chegou a ser denominada *Aisopeion ainigma* – pressupõe um empenho interpretativo<sup>83</sup>.

No legado ocidental são muito populares as fábulas atribuídas a Esopo,<sup>84</sup> que as teria coletado em regiões da Ásia Menor, por volta do século VI a.C., e as introduzido na Grécia, onde, por sua grande apreciação, tornaram-se um gênero literário.<sup>85</sup> Mas outros fabulistas, como Fedro (século I), que as incorporou à literatura romana, Bábrio (século I), que lhes conferiu um caráter didático – ambos tendo-as composto em versos –, Aviano (séculos IV-V), que as expressou na métrica da elegia, Jean de La Fontaine (século XVII), cujas coletâneas francesas chegaram a alcançar 1.200 edições somente no século XIX, entre (quase incontáveis) outros, seja com suas próprias composições ou reescrituras de modelos anteriores, mesmo pertencentes a outras tradições, são responsáveis por sua popularidade.<sup>86</sup> De fato, as reescrituras são os processos mais comuns na disseminação das fábulas entre as culturas,<sup>87</sup> em sua adequação aos padrões (literários, estéticos, ideológicos, etc.) das sociedades e diferentes públicos que as recebem; e de que se utiliza Monteiro Lobato em *Fábulas de Narizinho* (1921) e

---

<sup>83</sup> Dezotti, 2018, p. 24-25.

<sup>84</sup> Embora não existam documentos originais a respeito de Esopo, registros de Heródoto (século V a.C.) dão conta de que tenha sido originário de Trácia, Lídia ou Frígia, regiões da Ásia Menor, e levado como escravo para Samos, na Grécia, onde mais tarde teria sido liberto, tornando-se conhecido como “compositor de fábulas”. Essas informações estariam em acordo com a menção que Aristóteles faz do fabulista (na *Retórica* II) como orador em uma assembleia naquela cidade e de referências de outras personalidades gregas, como Heráclides do Ponto (século IV a.C.) e Plutarco (século I d.C.), inclusive sobre o seu assassinato em Delfos, vítima de uma acusação infundada. Cf. Dezotti, 2018, p. 33-35.

<sup>85</sup> Cf. Dezotti, 2018, p. 30-32.

<sup>86</sup> Cf. Dezotti, p. 30-32; 151-153.

<sup>87</sup> Não se restringindo às fábulas, a recriação/reescritura, ou o que Haroldo de Campos cunhou como “transcrição”, entre outros, são processos comuns na tradução, especialmente de textos criativos. Cf., entre outros, Lefevere, 1992 e Campos, 1970, p. 21-38. Especificamente sobre o conceito de “transcrição”, cf. Nóbrega, 2006, p. 249-255.

*Fábulas* (1922), nas quais os protótipos tradicionais são remodelados para servir a sua audiência infantil.<sup>88</sup> Os intuitos do autor são bem conhecidos de seus estudiosos: “vestir á nacional as velhas fabulas [...], tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças”, como expresso a Godofredo Rangel em 1916;<sup>89</sup> e, novamente, em 1919, ao enviar ao amigo os manuscritos do primeiro livro para apreciação: “[t]omei de La Fontaine o enredo e vesti-o á minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos”.<sup>90</sup> Em acordo com essas estratégias – que adotaria em outras traduções e adaptações que realizou para o público jovem –, surge um texto no estilo prosaico, em linguagem direta e fazendo uso de regionalismos e expressões populares, num resgate da própria natureza do gênero.

Considerando a estrutura clássica da fábula, ela é identificada, em ambos os títulos, no fornecimento da moralidade ao final, no emprego de diálogos entre os protagonistas e em comentários opinativos do narrador, tais como “Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida” (“A Cigarra e as Formigas II – A Formiga Má”), “E adeus paz do azul!” (“As Aves de Rapina e os Pombos”), “O peru, coitado,

---

<sup>88</sup> Em um quadro no qual organiza diversas fábulas em sua correspondência entre os fabulistas tradicionais e incluindo o autor (com *Fábulas*) e Millôr Fernandes, Maria Celeste Consolin Dezotti demonstra que algumas fábulas de Lobato descendem de Esopo, de Fedro e da tradição indiana, entre outros. No entanto, em se tratando que, dos títulos, de acordo com a tabela, apenas três remetem unicamente a Esopo (“Os dois viajantes na Macacolândia”, “O lobo velho” e “O egoísmo da onça”), uma a Fedro (“O julgamento da ovelha”) e uma outra a ambos, além de Bábrio (“Mal maior”), e sendo que as demais, mesmo tendo a sua origem nesses e outros fabulistas, passam também por La Fontaine, pode-se afirmar que esse autor é, de fato – e como o próprio Lobato afirma –, a maior fonte de influência das fábulas lobatianas. Cf. Dezotti, 2018, p. 231-242.

<sup>89</sup> Cf. carta de 8 de setembro de 1916 a Godofredo Rangel (Lobato, 1951, p. 104).

<sup>90</sup> Cf. carta de 13 de abril de 1919 a Godofredo Rangel (Lobato, 1951, p. 193).

medroso como era, tremia como vara verde...” (“O Peru Medroso”)<sup>91</sup>

<sup>92</sup>. Sobressaem-se, no entanto, as especificidades de Lobato, como a domesticação de personagens e referentes culturais (a jabuticabeira como substitutiva ao carvalho, em “O Reformador do Mundo”, a onça em lugar do leão em “A Onça Doente”, a mutuca em vez do mosquito em “A Mutuca e o Leão”, etc.), as simplificações e explicitações das moralidades, entre outros procedimentos tradutológicos, e que se revelam, igualmente, na sua própria criação – é de autoria de Dona Benta “O Cavalo e as Mutucas”, como ela revela a Pedrinho<sup>93</sup>. Também, a partir da oitava edição de *Fábulas*, as narrativas são entremeadas por comentários das personagens do *Sítio*,<sup>94</sup> o que torna a experiência da leitura muito semelhante a um “serão” em que se contam fábulas – novamente evidenciando a sua gênese na oralidade. Nesse formato, Dona Benta torna-se narradora e, em seguida, mediadora dos comentários da parte das crianças, de Emília e, eventualmente, de Visconde e Tia Nastácia, o que, por sua vez, constitui oportunidades para que Lobato exponha as suas ideias sobre a língua e a linguagem, a literatura e a estilística e (por certo!) a

---

<sup>91</sup> Lobato, 1978, p. 44.

<sup>92</sup> Para citar poucos exemplos, Esopo fornece a moralidade ao final, bem como reproduz diálogos das personagens das fábulas, como fazem Bábrio e La Fontaine, diferenciando-se de Fedro que, com relação ao primeiro aspecto, inicia com a moralidade, exemplificando-a com a narrativa. La Fontaine também inclui comentários (opinativos) do narrador no desenvolvimento da narrativa: “Nos cantos de uma rocha dura, / Ou nos buracos de um casebre / (Não sei bem em qual dos dois)” (“A águia e a coruja”); “É bastante que se tenha visto aí que nem todos devem / Agir da mesma maneira. / Era a isso que eu queria chegar.” (“O burro carregado de esponjas e o burro carregado de sal”); “Que pena! Vemos que sempre / Os pequenos sofreram com as tolices dos grandes” (“Os dois touros e a rã”); “Calo-me, pois não quero lhes causar nenhum aborrecimento: / Não é de minha conta.” (“O gaio enfeitado com penas de pavão”). Cf. Dezotti, 2018, p. 154; 162; 175; 176.

<sup>93</sup> Lobato, 1978, p. 60.

<sup>94</sup> Souza (Lajolo & Ceccantini, 2009, p. 109). Consulte-se a autora também para diferentes organizações das fábulas nas primeiras edições, bem como para mudanças e/ou exclusões de títulos de uma edição para outra (esp. p. 104-109).

moralidade das fábulas. Loide Nascimento de Souza vê nos “espaços discursivos” criados no livro demonstrações de que os textos “não foram feitos para servir como lições a serem ‘aprendidas’, mas como objetos de reflexão [e] de debate”;<sup>95</sup> o que vai de encontro à afirmação de Maria Celeste Consolin Dezotti e Leandra Antoneli da Silva, com relação a essa obra, de que promove “um frutífero exercício de metalinguagem sobre a fábula, de tal modo que dizer uma fábula e refletir sobre o gênero passam a ser atividades interligadas”<sup>96</sup> e por meio das quais Lobato possibilita o exercício de “um aspecto essencial da competência linguística: a produção e a recepção de discursos alegóricos”<sup>97</sup>. Neste estudo, cuja ênfase está nas ilustrações produzidas para *Fábulas* por seu primeiro ilustrador, João Paulo Lemmo Lemmi (1884-1926), ou Voltolino, como é conhecido, será observado de que maneira os textos são representados visualmente, também considerando os aspectos indicados pelas autoras.

À ocasião do trabalho com as fábulas, Voltolino já havia colaborado com Lobato nos livros anteriores da produção infantil e seguia, assim, em sua parceria na ilustração de *Fábulas de Narizinho*<sup>98</sup> e *Fábulas*<sup>99</sup> [Fig. 1], lançadas respectivamente em 1921 e 1922<sup>100</sup>. Voltolino produz para essas obras representações em silhueta, menos comuns na ilustração literária do período no Brasil e, por esse motivo, de extrema raridade e distinção – sem mencionar a beleza. Os desenhos em silhueta, em particular os compostos em preto sólido, possuem uma longa tradição na arte do retrato. Remontando aos modelos conceituais egípcios e gregos, ao Renascimento italiano<sup>101</sup> e, mesmo,

<sup>95</sup> Souza (Lajolo & Ceccantini, 2009, p. 114).

<sup>96</sup> Dezotti; Silva, 1999, p. 458.

<sup>97</sup> Dezotti; Silva, 1999, p. 458.

<sup>98</sup> Lobato, 1921.

<sup>99</sup> Lobato, 1922.

<sup>100</sup> Anteriormente – ou concomitantemente – ao primeiro lançamento, Lobato publicou na *Revista do Brasil* pequenas coletâneas de “Fábulas em Prosa”, como se observa nos números 69 (setembro de 1921) e 70 (outubro de 1921), mas podendo constar de números anteriores ou posteriores a esses, a que não se teve acesso. Cf. *Revista do Brasil*, 1921, p. 63-68 (Número 69) e p. 153-158 (Número 70).

<sup>101</sup> Mayor, 1940, p. 50.

aos traçados amadores do perfil humano a partir da projeção de sombras em superfícies como muros ou paredes domiciliares,<sup>102</sup> as silhuetas ganharam esse nome de Étienne de Silhouette (1709-1767), em 1759, quando a retratação por meio do recorte do formato do rosto em papel preto tornou-se um modismo na França.<sup>103</sup> De fato, a associação de Silhouette ao referido estilo é obscura,<sup>104</sup> assim como as relações entre os antigos modos representacionais e as silhuetas modernas, reconhecidas por Goethe em 1806, dão-se também na identificação de suas diferentes finalidades<sup>105</sup>. Talvez o aspecto comum às silhuetas seja a sua ampla receptividade. Na Alemanha, brasões e outras figuras eram recortados em papel e pergaminho já no século XVI; por volta de 1700, William e Mary, da Inglaterra, tiveram seus retratos tirados em perfil; e, nesse mesmo século, o estudo do suíço Johann Kaspar Lavater (1741-1801), *Physiognomische fragmente zur beförderung der Menschenkenntnis und Menschenliebe* [Ensaio sobre a Fisionomia para a promoção do conhecimento e do amor ao Ser Humano] (1775-1778),<sup>106</sup> tornou-se um *best-seller* internacional, alavancando a popularização das silhuetas no século seguinte, especialmente pelas mãos de Charles Balthazar Julien Frévet de Saint-Mémin (1770-1852) e Augustin Édouart (1789-1861)<sup>107</sup>. O primeiro, exilado francês em Nova York, ainda que por força das circunstâncias, fez do retrato em silhueta talvez o único de muitas personalidades

---

<sup>102</sup> Theodore Lynch Fitz Simons afirma que, entre outras personalidades, as rainhas Charlotte e Elizabeth, da Inglaterra, eram adeptas da prática de cortar silhuetas como passatempo. Cf. Simons, 1913, p. 59.

<sup>103</sup> Mayor, 1940, p. 51.

<sup>104</sup> Tendo sido demitido de seu cargo como controlador de finanças do governo francês e perdido a sua popularidade por cortar pensões e sinecuras – e passando a ter seu nome associado à escassez em diversos sentidos –, não se sabe ao certo se tenha inspirado a nomenclatura das silhuetas em função de envolverem o “corte” de papel ou “as sombras sem substância”, ou porque Silhouette tenha realmente se dedicado à atividade. Cf. Mayor, 1940, p. 51.

<sup>105</sup> Mayor, 1940, p. 50-51.

<sup>106</sup> Traduzido (por mim) indiretamente do título em inglês *Essays on Physiognomy for the Promotion of the Knowledge and the Love of Mankind*: cf. Mayor, 1940, p. 51.

<sup>107</sup> Mayor, 1940, p. 51-54.

norte-americanas. O último, igualmente submetido ao exílio e descobrindo a sua vocação ao acaso, não apenas aperfeiçoou as suas técnicas (ele próprio criando outras) como elevou permanentemente o *status* das silhuetas, em particular, na Inglaterra e nos Estados Unidos,<sup>108</sup> e certamente contribuindo para que se tornassem uma das principais práticas na França do final do século XIX<sup>109</sup>. De relevância para o que se deseja demonstrar é, assim, o quanto as representações de Voltolino estão inseridas nessas tendências, revitalizando-as na sua arte e ampliando a ilustração brasileira.

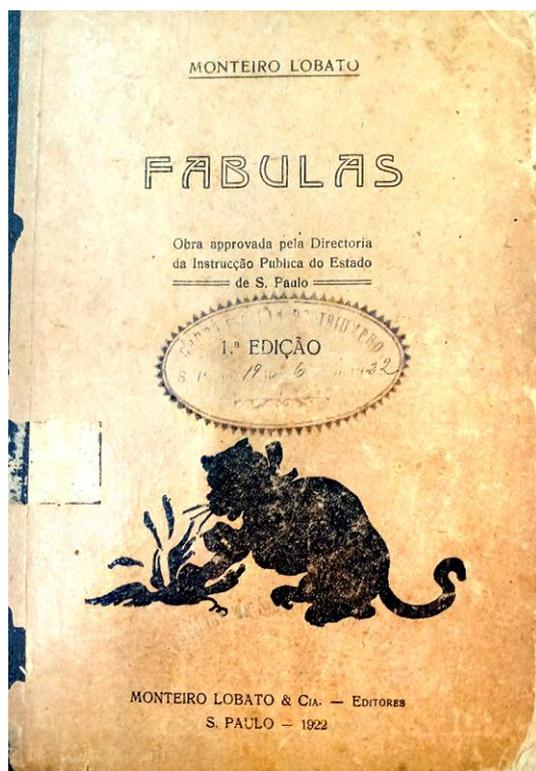


Fig. 1. Voltolino, capa à primeira edição de *Fábulas*, 1922.

<sup>108</sup> Mayor, 1940, p. 52-54.

<sup>109</sup> Cf. Forgione, 1999, p. 490-512. Para “to distill the intrinsic essence of things” (parafrazeado na minha tradução), Forgione, 1999, p. 500.

Dos três principais tipos de representação em silhueta – da silhueta criada por meio do desenho ou da pintura, mais comumente em tinta preta, sobre a superfície de um papel; da denominada “silhueta de corte oco”, produzida recortando-se a parte interna de uma figura e sobrepondo a página com o recorte a um fundo escuro, que formará a silhueta; e, o último, da figura em papel preto, recortada e colada individualmente sobre um cenário pré-existente –,<sup>110</sup> Voltolino mais provavelmente tenha utilizado em *Fábulas* o primeiro tipo, quer realizado a nanquim ou por processo litográfico, comum na impressão editorial nas primeiras décadas do século XX<sup>111</sup>. A influência de sua vasta experiência como caricaturista não deixa dúvidas, no entanto. Aspectos da representação em silhueta, como a autonomia, a simplificação e sua capacidade de “destilar a essência” dos objetos, como apontados por Nancy Forgione,<sup>112</sup> são expressos na obra caricatural de Voltolino, por exemplo, em sua capacidade de síntese, nas reduções e condensações de características distintivas a um mínimo reconhecível, nas tipificações de suas personagens e nas “atitudes e humores interiores”<sup>113</sup> a que remetem seus *portrait-charges*, bastando-se considerar as observações de Ana Maria de Moraes Belluzzo a esse respeito com relação ao artista:

A simplificação que caracteriza a caricatura é uma economia de meios visuais que corresponde à relação que se estabelece em vários níveis de transformação simbólica. Existe uma

---

<sup>110</sup> Knipe, 2002, p. 204-206.

<sup>111</sup> Não são claros os processos ilustrativos realizados por Voltolino. De acordo com Ana Maria de Moraes Belluzzo, nas caricaturas que o artista entregava às revistas, identifica-se o desenho a lápis, sobreposto por nanquim a pincel ou pena. Mas a autora cita Lobato em seu testemunho de que o artista não dispunha do aparato necessário para desenhar (mesa, papel, tinta, etc.), muitas vezes, improvisando com o que estivesse à mão: “Voltolino molhava um palito de fósforo num vidro de tinta comum, daqueles que custam duzentos réis” (cf. Belluzzo, 1992, p. 247). Consulte-se a autora também para as referências ao predomínio da litografia na impressão do período (Belluzzo, 1992, esp. p. 209), além de Vergueiro; Santos, 2005.

<sup>112</sup> Forgione, 1999, p. 497-501.

<sup>113</sup> Belluzzo, 1992, p. 189.

extrema *redução* de termos se compararmos o referente real ao retrato caricato, que parece indicar: olhe a que se reduz! Dado o alto teor manipulatório da relação do caricaturista com o outro, dado que o caricaturista prescinde de leis objetivas e não subordina o conjunto do desenho a uma unidade central, ele pode atribuir a alguns traços do modelo o sentido do todo, operando uma espécie de redução, pela qual o todo se expressa através de uma parte, por seus elementos característicos, particularizantes. Da mesma forma que um caricaturista exagera, ele diminui e mesmo omite. [...] O caricaturista também *abrevia*. Faz com que as disposições íntimas do modelo surjam imediatamente como sua aparência.<sup>114</sup>

Contudo, é com respeito à estrita priorização do contorno e da forma que a retratação em silhueta se sobressai à caricatura. Tomando-se as concepções de Rudolf Arnheim, de que a visão opera pelo reconhecimento das características salientes dos objetos, bem como por suas proporções e movimentos elementares,<sup>115</sup> e levando-se em conta, ainda, que, por sua natureza maciça, as ilustrações de Voltolino para *Fábulas*, em sua maioria, não contam com o auxílio de gestos e expressões forjados por traços no interior das figuras, é essencialmente no delineamento que se dá a construção significativa. Por meio dos contornos o artista constitui – confere a forma para – o leão, o macaco, o burro, o galo, a mosca, o automóvel e outros elementos na ilustração em estilo de silhuetas, dotando-os do volume e da espessura necessários ao que deseja comunicar. Embora haja outras noções envolvidas na percepção (tamanho e posição espacial do objeto, a incidência da luz e até mesmo as condições do sistema nervoso do expectador, para citar algumas),<sup>116</sup> nessa linha de pensamento são cabíveis as considerações de Perry Nodelman de que, ao representar um determinado objeto, o artista trabalha tanto com as suas tipificações, ou seja, com aquilo que possa ser característico a respeito desse objeto (transformando-o em “tipo”) quanto com as suas

---

<sup>114</sup> Belluzzo, 1992, p. 19, destaques originais.

<sup>115</sup> Arnheim, 1974, p. 43, 44.

<sup>116</sup> Arnheim, 1974, p. 42-95 e 96-161.

particularidades, o que o meio o impele a fazer<sup>117</sup>. Explicado em suas palavras: “um artista não tem outra alternativa senão identificar o típico, descrevendo-o como se fosse real; a palavra ‘rosto’ não traz em si qualquer imagem de um rosto específico, mas somente conseguimos transmitir a ideia de ‘rosto’ em uma imagem, apresentando um rosto específico”<sup>118</sup>. E o autor fornece um outro exemplo, propondo o desenho de um gato, que tivesse como legenda as palavras “G de gato”<sup>119</sup>. Para ele, o desenho “poderia ser utilizado para representar todos os gatos, mas seria um desenho muito ruim se, de fato, não apresentasse as características de um gato único, verossímil, semelhante a um de verdade – pois é exatamente a maneira como um gato é na realidade que a imagem buscará transmitir”<sup>120</sup>. Aplicado às ilustrações em questão, Voltolino delinea o contorno (das características essenciais) do que possa ser reconhecível como um leão, uma raposa, etc., mas dotando cada figura da singularidade do seu traço e, em particular, do uso que lhe atribui no texto fabular.

Visto por esse ângulo, os detalhes do contorno é que fazem a diferença nos desenhos: para além de seu emprego óbvio na identificação de uma figura (animal, ser humano, objeto, etc.) em sua constituição física elementar (o tipo de bico, plumagem, pés ou garras, que possui; a presença de asas ou antenas; etc.), os pormenores da forma são determinantes na distinção desses elementos em sentido geral daqueles apresentados na fábula, implicando na construção significativa. Ou seja, as especificações de como se apresentam essas características, somadas à maneira como as figuras são organizadas no desenho e a objetos associados a elas, determinarão as circunstâncias de

---

<sup>117</sup> Nodelman, 1988, p. 203.

<sup>118</sup> [an artist cannot chose but to identify the typical by depicting it as if it were actual; the word “face” carries no image of a specific face, but we can convey the idea “face” in a picture only by showing a specific face] Nodelman, 1988, p. 203-204, minha tradução.

<sup>119</sup> [“C is for cat”] Nodelman, 1988, p. 204, minha tradução.

<sup>120</sup> [may be meant to represent all cats; but it would be a bad drawing indeed if it did not in fact look like a possible, actual, unique cat – for it is exactly the way a cat does look that such a picture is attempting to convey] Nodelman, 1988, minha tradução.

seu encontro. O laço no pescoço do Gato, em “O Gato e o Sabiá”, insere a fábula no ambiente doméstico; as propriedades humanas concedidas à Piúva (boca, olhos, nariz, etc.), em “A Piúva e o Jabuti”, distinguem-na como personagem, em vez de apenas cenário para a caminhada do Jabuti; em “O Julgamento da Ovelha”, as diferenças de tamanho entre a Ovelha e o Juiz são, por si, expressivas e os contornos desse último (que muito se assemelha a um lobo), com o pelo eriçado e as garras salientes, o focinho projetado para frente a tal ponto, que dá a impressão até mesmo de se estar desprendendo do rosto, e cuja ferocidade se intensifica pela saliva que escorre fartamente de sua boca, fazem denotar todos os valores de injustiça envolvidos no julgamento, além de anteciparem o veredito da sessão;<sup>121</sup> e, em “A Cigarra e as Duas Formigas”, os detalhes da forma também identificam o gênero feminino das palavras que as designam.

Essa fábula é, de fato, oportuna para tratar de vários aspectos das ilustrações em silhueta, primeiramente por possuir duas partes, “I – A Formiga Boa” e “II – A Formiga Má”, em que duas moralidades são contrapostas<sup>122</sup>. Depois, por constituir um dos exemplos nos quais o ilustrador faz uso de preto e branco na elaboração das figuras, também bastante pertinente para explicitar a disparidade entre os textos. Na ilustração da fábula inicial, em que a Cigarra é bem-quista [Fig. 2], a ausência de preenchimento dos contornos da parte dorsal das Formigas, formando xales sobre as suas costas – e que poderiam passar despercebidos no desenho em uma única cor –, enfatiza o conforto dessas personagens frente à fragilidade da Cigarra no inverno

<sup>121</sup> O que é realmente o caso a respeito dessa fábula, que se desenvolve na acusação infundada de um Cachorro para com uma Ovelha (de que supostamente lhe roubara um osso) e no julgamento injusto que promove contra ela, realizado com juiz e testemunhas predadoras, que só poderiam condená-la (Lobato, 1922, p. 21-22).

<sup>122</sup> Em Lobato, a conhecida fábula de exaltação ao trabalho da formiga adquire uma característica peculiar, na qual o valor da cigarra como artista também é salientado. De fato, a divisão da fábula em duas partes, iniciando justamente pelo acréscimo, em que a Formiga Boa é sensível à importância da Cigarra, transforma a visão da segunda parte, levando a uma resistência maior aos argumentos da Formiga Má e, conseqüentemente, a maior empatia para com a Cigarra (Lobato, 1922, p. 67-70).

rigoroso. O espaço em branco também cria a partitura na qual a Cigarra se baseia para se apresentar às Formigas, reforçando a moralidade que se desenrola a seu favor – embora as Formigas pareçam demasiado friorentas para responder com mais animação ao concerto particular. Destacam-se, no entanto, os contrastes entre preto e branco na retratação da Cigarra, que, em ambas as partes, igualmente remete aos desfechos das respectivas histórias. Na composição dessa personagem, os espaços em branco formando padrões em linhas pretas nas suas asas, para representar o sistema de nervação dos insetos alados, simulam um tipo de “véu” sobre ela, que serve tanto para denotar a sua privação de agasalho (visto que, muito finas e delicadas, as asas não poderiam aquecê-la), como para embelezar o seu figurino. Complementado pelo adereço no cabelo, os sapatos *scarpin* e o barrado do vestido, cujas franjas poderiam ter sido formadas até mesmo por rasgos, decorrentes da ação do mau tempo (mas que, de qualquer modo, incrementam o modelo), seu traje se sobressai em elegância e sofisticação frente à simplicidade das Formigas no cotidiano da casa e a própria padronização em que são descritas – também representativa de seu trabalho como operárias. Aplicados à moralidade, os aspectos composicionais da Cigarra contrapõem o reconhecimento e a desvalorização de seu mérito como artista, podendo ter sido, ainda, um dos motivadores da inveja da Formiga Má na segunda fábula.



Fig. 2. Voltolino, “A Cigarra e as Duas Formigas”, parte I - “A Formiga Boa”, 1922.

Os espaços sem preenchimento contrastam as duas moralidades ainda de uma outra maneira. Na imagem da primeira parte, os contornos formando tijolos, com pequenas lacunas em branco entre eles, para caracterizar a argamassa, auxiliados pelas linhas que circundam os insetos na parte superior, reduzem o ambiente à superfície demarcada por esses traços, que passa a representar o interior da casa das Formigas, onde a Cigarra foi acolhida. Na segunda parte [Fig. 3], contrariamente, a ausência de molduras ou outros tipos de delimitação não apenas remete a cena ao meio externo como faz inferir que todas as lacunas do desenho são representativas da branquidão da neve à porta da casa, o que é enfatizado pelas pegadas da Cigarra e as folhas (secas) no chão, que a Formiga Má, que fala com ela de vassoura em punho, provavelmente quer recolher; e sendo que a vassoura também se contrapõe ao violão, na mão da Cigarra, na medida da utilidade de ambos em relação aos princípios estabelecidos nessa ramificação da fábula. A negativa ao pedido da Cigarra, no entanto, dá-se especialmente pelo gesto repreensivo da Formiga, que repele a sua aproximação, apontando-lhe, incisivamente, com o indicador da “mão” direita, o caminho de volta. Note-se que a altivez da Formiga é forjada por sua retratação em perfil, na qual a boca aberta e o nariz empinado ressaltam a rispidez de suas palavras, sendo complementada pelo cabelo, tradicionalmente preso em um coque, que, por extensão (nesse caso), lhe imprime atributos de rigor e austeridade. Sua atitude é, por fim, respaldada por uma outra Formiga, que carrega (possivelmente) para dentro da casa uma enorme trouxa e, numa demonstração da insignificância da Cigarra, prossegue em sua tarefa, dando as costas para a cantora – e para o leitor –, o que, novamente, confere um valor maior ao trabalho do que ao lazer.



Fig. 3. Voltolino, “A Cigarra e as Duas Formigas”,  
parte II - “A Formiga Má”, 1922.

Um outro recurso de que Voltolino se utiliza são as distorções dos corpos, ou seja, a representação de objetos com formas demasiado alongadas, curvilíneas, com desproporções de tamanho, etc., que nunca apresentariam no mundo real, mas que serão cruciais na construção de sentido. Em “O Pastor e o Leão”, o corpo projetado para trás do Pastor, como se tivesse perdido o equilíbrio – e o que realmente aconteceria caso assumisse essa posição –, com os dedos separados em ambas as mãos e o chapéu saindo-lhe da cabeça, serve para denotar a sua sensação de pavor ao encontrar-se com o Leão, bem como a contenção do passo, numa fredda brusca, que evitasse, a qualquer custo, uma aproximação maior com o animal. Em “A Galinha dos Ovos de Ouro”, de modo semelhante, o corpo num formato côncavo, atípico, de João Impaciente, que é descrito, ainda, com os joelhos flexionados, o torso encurvado para trás e apoiado nos calcanhares – o que, além de deselegante, seria bastante desconfortável se constituísse uma postura possível –, e complementado pelas distorções dos dedos das mãos e dos pés, o cabelo eriçado, o nariz caído e os olhos saltados, é representativo de sua surpresa e desalento ao descobrir que, depois de morta, como a vê diante de si, ostentada de ponta cabeça pelas mãos de sua mulher, a Galinha dos ovos de ouro não passava de uma galinha como qualquer outra, sem a esperada

fonte aurífera em seus órgãos reprodutores. E, citando ainda um outro exemplo, em “O Leão e o Ratinho”, as distorções da juba e das garras do Leão, ou da extremidade de sua cauda, que mais se assemelha a uma corda que estivesse desfiando, são expressivas de seu desespero ao encontrar-se (literalmente) enredado.

Além das implicações significativas, na relação das ilustrações com seus respectivos textos, as distorções servem para situar o ponto da narrativa a que o desenho corresponde. Citando convenientemente o último exemplo, a representação do Leão do modo como acaba de ser descrito, com a crina arrepiada, as garras saltadas, etc., e com o Ratinho rebaixado, muito próximo a ele, com a boca em um dos trançados da corda, remete ao final da fábula, quando o Leão está prestes a ser liberto.<sup>123</sup> Mas o momento de escolha do ilustrador<sup>124</sup> pode ser especificado de outras maneiras. Em “A Morte e o Lenhador”, a retratação do Lenhador em perfil, olhando para a Morte, e com a palma da mão estendida, apontando para o feixe de lenha, no chão, situa a narrativa no ponto em que, temeroso (e muito arrependido) de ter invocado a sinistra entidade, o Lenhador justifica a sua atitude com a alegação de que necessitava de ajuda para botar o feixe às costas<sup>125</sup>. As fábulas “O Reformador do Mundo”, “A Raposa sem Rabo” e “O Veado e a Moita”, entre outras, são também exemplos. Na primeira, a retratação de Américo Pisca-Pisca sentado embaixo da jabuticabeira, com as costas projetadas para frente, afastadas do tronco da árvore, em seu despertar, de chofre, de uma soneca, com uma jabuticaba que acabara de cair sobre o seu nariz (e cuja polpa ainda se vê escorrendo dessa parte de seu rosto, bem como enlambuzando a sua mão, suspensa diante dele e para a qual olha com surpresa), relaciona a história ao ponto climático, quando o Reformador conclui que é

---

<sup>123</sup> Nessa fábula, a camaradagem do Leão ao preservar a vida do Ratinho num primeiro encontro entre ambos é recompensada justamente com a sua libertação, com o Ratinho, embora inferior em tamanho e força, revelando-se um potente roedor da corda que o prendia (Lobato, 1922, p. 152).

<sup>124</sup> Para mais sobre o ponto exato de uma passagem que o ilustrador pode escolher representar, consulte-se Hodnett, 1986, p. 6-8.

<sup>125</sup> Cf. Lobato, 1922, p. 42-43.

melhor que as coisas permaneçam como são na natureza<sup>126</sup>. Na segunda, o momento é o das primeiras linhas da fábula, no qual a Raposa ainda possui um rabo,<sup>127</sup> e, na terceira, do momento seguinte àquele em que o Veado come a folhagem da Moita, sendo que, nessa última, o arbusto “desnudo” funciona ainda para adiantar o desfecho da história<sup>128</sup>.

Os desenhos também caracterizam estratégias utilizadas na ilustração literária para representar o desenvolvimento da ação e a passagem do tempo, cujo primeiro exemplo dá-se na manipulação das noções de lógica do movimento, ou seja, na organização dos objetos na figura de acordo com as percepções que temos de uma ação quando está prestes a ser executada e das tipificações da dinâmica do corpo antes e depois desse ponto<sup>129</sup>. Por meio dessa estratégia, em “O Pastor e o Leão”, a espingarda do Pastor foi retratada perpendicularmente ao seu eixo vertical, de modo a indicar que ela irá ao chão, para a direita, em questão de segundos. Em “O Gato e o Sabiá”, o pescoço do Sabiá projetado para cima, com sua asa esquerda dando a impressão de formar uma mão, que tentasse impulsionar o corpo a se reerguer, somados a distorções e a traços grossos apontando para o lugar onde se encontra, indicativos de sua extensa movimentação, levam a crer que o

---

<sup>126</sup> O Reformador se refere ao seu pensamento anterior de que os legumes e frutas de maior porte (como uma enorme abóbora, com que exemplifica) devessem crescer em grandes árvores, fortes o suficiente para sustentá-los; e de que aqueles menores (como a jabuticaba) devessem advir de plantas rasteiras – de que se arrepende com alívio depois de a jabuticaba ter-se desprendido da jabuticabeira e caído no seu nariz, e, pela perfeição da natureza, felizmente, não o ferindo. Cf. Lobato, 1922, p. 7-9.

<sup>127</sup> A Raposa perderá a cauda em instantes, deixando-a presa na armadilha onde fora apanhada e da qual não conseguirá se libertar por completo. Cf. Lobato, 1922, p. 50-51.

<sup>128</sup> Essa fábula trata da imprudência de um cervo que, depois de ter-se escondido entre as ramagens de uma moita e escapado de caçadores e ferozes perdigueiros, imponderadamente as come, perdendo o providencial abrigo, dias depois, quando os caçadores retornam com seus cachorros. Cf. Lobato, 1922, p. 92.

<sup>129</sup> Nodelman, 1988, p. 159-160.

Gato o está atacando, em vez de ajudando-o a se levantar<sup>130</sup>. Contrariamente, em “A Morte e o Lenhador”, a foice repousada no ombro da Morte, com a parte da lâmina para trás e virada para baixo, sugere que sua utilização está suspensa no momento, o que é reforçado pelo recurso de “direcionamento de tensões” em uma figura,<sup>131</sup> que, nesse caso, força o observador a se concentrar no feixe de lenha, no chão. Note-se que, exceto pela cabeça do Lenhador, levemente ereta para olhar para a Morte (uma vez que ela é mais alta do que ele e ele precisa ser convincente em seu argumento), vários outros elementos estão voltados para o feixe: a mão do homem, como mencionado, os “olhos” e o “nariz” da Morte, o fêmur e as falanges de seu “pé” direito, além do seu próprio esqueleto, recurvado, que, juntamente com o corpo do Lenhador, forma uma cúpula sobre o feixe, conduzindo o enfoque da cena para ele – e implicando, na passagem, no desvio da atenção da Morte para esse ponto e, por conseguinte (pelo menos não daquela vez), em nenhuma ameaça ao Lenhador.

Há, por fim, a estratégia de simulação da ação, envolvendo as convenções de direcionamento da esquerda para a direita, e que se divide em duas principais tendências. Na primeira, em função do desenvolvimento da leitura nessa direção na cultura ocidental, o deslocamento para a direita é entendido como impulsionando para frente, para a realização da ação; e, por oposição, a trajetória para a esquerda, como indicativa de morosidade, de uma ação que, para ser concretizada, dá a impressão de sofrer uma força maior do atrito ocasionado pela locomoção no sentido contrário. A segunda convenção estabelece que o movimento para a direita indica o início de uma jornada para longe do ponto de origem, com o deslocamento para a esquerda sugerindo, por conseguinte, o retorno a esse ponto<sup>132</sup>. Aqui, mais uma vez, cabe a recorrência a “A Cigarra e as Duas

<sup>130</sup> O que é, de fato, o caso, uma vez que, nessa fábula, os insistentes argumentos do Sabiá de que, se o Gato lhe tirasse a vida, o mundo estaria privado de uma obra-prima da natureza, cujo gorjeio era capaz de enternecer qualquer alma, não foram páreo para o argumento imbatível do Gato de que “a fome não tem ouvidos”. Cf. Lobato, 1922, p. 103-104.

<sup>131</sup> Nodelman, 1988, p. 125-157.

<sup>132</sup> Nodelman, 1988, p. 163-165.

Formigas”. Na segunda parte da fábula, a retratação da Cigarra de perfil, com o rosto voltado para a esquerda e o violão projetado para frente, adiantando-se a sua “pessoa”,<sup>133</sup> sugere que seu deslocamento tenha-se dado da direita para a esquerda – e que, portanto, ela tenha chegado à porta da casa das Formigas. À negativa da Formiga Má, no entanto, a aproximação da Cigarra é bruscamente freada: note-se a parte da frente de seu sapato esquerdo bem firmada no chão e o salto do sapato direito, levemente propelido para cima (também, muito em função da flexão de sua perna, indicando a elevação do calcanhar), como se estivesse para se desprender do chão, num outro passo, mas que fora reprimido bem naquele momento; e a Cigarra deve, então, partir, de volta para a direita, iniciando uma (nova) viagem, de afastamento da casa das Formigas, o que também é evidenciado pela linha imaginária traçada pelo “dedo” indicador da Formiga naquela direção, ao ordenar a retirada imediata da Cigarra. Por sua vez, a mesma convenção leva a inferir que, na ilustração da primeira parte da fábula, a orientação da Cigarra para a esquerda, endereçando-se às Formigas que estão sentadas, é respaldada pela Formiga Boa, que a fizera entrar e, igualmente, se volta para o (aconchego do) interior da casa.<sup>134</sup> Juntos, esses casos são representativos da maneira como as ilustrações, apesar de estáticas, são elaboradas de modo a forjar a progressão narrativa.

O tratamento que Voltolino confere aos textos fabulares aponta para uma das principais questões de interesse da tradição ilustrativa das fábulas, o antropomorfismo na retratação de

---

<sup>133</sup> A distribuição das figuras nessa ilustração está em perfeito equilíbrio, nos termos de Arnheim, uma vez que, do lado direito, a maneira como o violão foi posicionado na mão da Cigarra forma com as suas asas um triângulo (ampliado, de um lado, pelo adereço em seu cabelo e, por outro, por sua perna direita), que compensa o “bloco” retangular formado à esquerda pelas duas Formigas. Cf. padrões de equilíbrio em Arnheim, 1974, p. 10-41.

<sup>134</sup> Aqui, igualmente, as figuras estão em total equilíbrio, visto que o “peso” maior, como é convencional dos objetos na vertical, à direita (e, assim, da Formiga e da parede de tijolos nessa parte da figura, atrás da Cigarra) é compensada pelo número maior de Formigas sentadas, à esquerda. Arnheim, 1974.

personagens animais (e que, obviamente, se aplica às que são répteis ou insetos, bem como aos seres inanimados). Pautando-se nas semelhanças e diferenças entre o homem e as demais criaturas, as fábulas devem, a princípio, possuir uma fundamentação na natureza, a ponto de não ser apropriado sugerir, por exemplo, que uma gralha “cante” à maneira de um sabiá, e sendo que os desvios a regras como essa (como raposas apreciando uvas) são significativos, devendo ser levados em conta na verdade alegorizada na composição.<sup>135</sup> As fábulas envolvem especialmente as relações de poder e submissão, a domesticação e a selvageria, as sensações de prazer e dor e a luta pela sobrevivência, comuns às espécies, que se manifestam nas interações conflitivas entre elas e que – embora (geralmente) não podendo alterar as suas próprias circunstâncias – podem conduzir a mudanças de comportamento nas pessoas, por sua capacidade de raciocínio.<sup>136</sup> Supõe-se que, na fábula, principalmente as mazelas humanas sejam projetadas no animal. Mas as fábulas também podem propor uma inversão de papéis. Discutindo os animais de J. J. Grandville (1803-1847), em *Public and private life of animals* [A vida pública e privada dos animais], e cujas observações podem ser aplicadas aos animais fabulares, John Berger sugere “um movimento na direção oposta”: embora vestidos e agindo como pessoas e dando a impressão de representarem traços do caráter humano (a coragem do leão, a lascívia da lebre, e assim por diante), funcionando como “máscaras” por meio das quais as características dos indivíduos seriam “desmascaradas”,<sup>137</sup>

[o]s animais não estão sendo “tomados de empréstimo” para explicar as pessoas, nada está sendo desmascarado; pelo contrário. Eles tornaram-se prisioneiros de uma situação social / humana à qual foram forçados. O abutre como proprietário de terras é predatório de um modo mais assustador do que o é como pássaro. Os crocodilos na hora do jantar são mais vorazes à mesa do que quando estão no rio. [...] [Nessa obra] os animais não estão sendo utilizados

---

<sup>135</sup> Esopo, [1871?], p. xxxvii-xi.

<sup>136</sup> Clayton, 2008, p. 179-200; esp. 197-198.

<sup>137</sup> Berger, 1991, p. 17-19.

como lembretes da origem ou como metáforas morais; estão sendo usados *em massa* para “povoar” as situações.<sup>138</sup>

Essas visões são suficientes para evidenciar as diferentes abordagens dos animais na ilustração das fábulas, cujas edições clássicas ilustradas por Thomas Bewick (1753-1828), em que são retratados realisticamente em aparência e atitudes;<sup>139</sup> Charles H. Bennett (1829-1867),<sup>140</sup> em que possuem somente a cabeça de animal, com o restante (corpo, membros, figurino, etc.) inerente ao ser humano e inserido no ambiente (civilizado) do lar ou da cidade;<sup>141</sup> e por Gustave Doré (1832-1883), na qual, em várias ocasiões, são representados por figuras humanas,<sup>142</sup> exemplificam algumas tendências.

Por sua vez, as obras em si atestam a maneira por meio da qual as ilustrações, assim como os próprios textos, funcionam como reescrituras visuais das fábulas em coletâneas ilustradas. Embora a tradução verbal (propriamente dita) seja a maneira mais óbvia de reescritura,<sup>143</sup> os diferentes modos representacionais, o ponto de vista a

---

<sup>138</sup> [These animals are not being “borrowed” to explain people, nothing is being unmasked; on the contrary. These animals have become prisoners of a human/social situation into which they have been press-ganged. The vulture as landlord is more dreadfully rapacious than he is as a bird. The crocodiles at dinner are greedier at the table than they are in the river. Here animals are not being used as reminders of origin, or as moral metaphors, they are being used *en masse* to “people” situations]. Berger, 1991, p. 19, tradução nossa.

<sup>139</sup> Com a exceção de “The wolf in disguise” [O lobo disfarçado], na qual o lobo (para se disfarçar de pastor de ovelhas) é retratado de casaca, chapéu e bengala, e andando sobre as duas patas traseiras, apenas. Cf. Esopo, [1871?], p. 24-25.

<sup>140</sup> Algumas fontes indicam o ano de nascimento do artista como 1828. Aqui, seguiu-se a data fornecida nos registros da British Library e do Projeto Gutenberg.

<sup>141</sup> Cf. Esopo, 1857.

<sup>142</sup> Como acontece em “The grasshopper and the ant” [literalmente, o louva-deus e a formiga - A cigarra e a formiga], “The wolf pleading against the fox before the ape” [O lobo, a raposa e o macaco], “The fly and the ant” [A mosca e a formiguinha], “The mountain in labour” [O parto da montanha], entre outras. Cf. La Fontaine, 1886, p. 3-4; 71-72; 217-218; 272.

<sup>143</sup> Cf. Lefevere, 1992.

partir do qual uma cena é mostrada, as ênfases distintas que cada artista confere a personagens, colocando-as ou não em plano frontal, aumentando ou não os níveis de saturação de sua figura, e assim por diante, entre os quase inúmeros expedientes da composição imagética, conduzem a ação para apresentar a fábula de uma determinada perspectiva<sup>144</sup>. Além disso – e justamente por sua natureza ímpar –, as ilustrações produzem para cada obra um universo fabular distinto, mesmo que o texto que acompanhem seja o mesmo. Ao fixar-se em um estilo específico e utilizar-se de repetições na representação de personagens, cenários e acontecimentos, o artista sustenta e reforça situações, criando um *continuum* em que a história – a fábula – se desenvolve.<sup>145</sup> Exemplificando com as ilustrações que acabam de ser citadas, ao passo que as forças elementares demonstram-se um potente recurso simbólico nas gravuras de Bewick, as figuras humanas de Doré elevam a um nível máximo de aplicabilidade o traço de caráter em questão na fábula, e o contexto urbano nos desenhos de Bennett, somado a tipificações da sociedade inglesa do século XIX, insere as fábulas nos círculos e intrigas sociais do período.

Nesse sentido, as ilustrações em silhueta que Voltolino produziu para *Fábulas* criam para o livro um universo fabular que, mesmo firmado no didatismo e na singeleza das personificações, não incorre na literalidade, o que o afasta da redundância ou das generalizações. Embora as criaturas sejam “dotadas” de discurso e demais atributos humanos, como se viu, as reduções de cenários e elementos cênicos a um mínimo necessário e a ausência de molduras, pertinentes à técnica empregada, promovem o isolamento das personagens, impelindo a ênfase sobre elas. A (consequente) atenuação da ação contribui para tanto: as restrições ao movimento, com as personagens, em vários casos, voltadas uma para a outra, mas sem apontarem para um embate físico propriamente dito, minimiza a suposta violência no confronto entre elas, novamente direcionando o foco para cada uma individualmente, bem como para o seu potencial

---

<sup>144</sup> Cf. Nodelman, 1988.

<sup>145</sup> Schwarcz, 1982, p. II.

discursivo na fábula que está sendo representada<sup>146</sup>. Nesse ponto, encontra-se o efeito máximo que Voltolino produz, de destacar, por meio da projeção para trás, o impacto de um susto, do estremecimento, uma resposta ao medo, do abatimento da figura, um desapontamento, e assim por diante, na essência das reações e emoções implicadas em cada fábula. Com isso, a leitura do livro torna-se um complexo e altamente detalhado processo de inter-relações entre os signos – e entre palavras e imagens –, com potencial instigante para crianças e adultos. Como é próprio das reescrituras, e por constituírem uma narrativa (intersemiótica) paralela, as ilustrações funcionam como comentários aos textos, na medida de suas relações intertextuais, além de, elas próprias, colocarem-se “como objetos de reflexão [e] de debate”,<sup>147</sup> como proposto no início deste estudo, visto promoverem visões diferenciadas das fábulas – cruciais para a visibilidade da obra e projeção de Lobato no início de sua carreira como escritor infantil. Assim, expandindo a sugestão de La Fontaine de que nada melhor do que as fábulas para instruir,<sup>148</sup> é também uma excelente ideia ilustrá-las.

---

<sup>146</sup> Uma exceção, como se viu, é a fábula “O gato e o sabiá”, cuja ilustração é reproduzida na capa da primeira edição, e que, a partir da terceira edição, de 1925, passou a ser intitulada “A fome não tem ouvidos”. Cf. Souza, 2009, p. 109.

<sup>147</sup> Idem, p. 114.

<sup>148</sup> Cf. Dezotti, 2018, p. 152.

## CAPÍTULO IV – Da cultura clássica a popular: novas opções para as crianças brasileiras do passado e do presente

*John Milton*

**E**m 8 de setembro de 1916, em carta endereçada a Godofredo Rangel, Lobato reclama das coleções de fábulas disponíveis no Brasil, que considera difíceis de ler, e apresenta sua ideia de escrever uma antologia de fábulas baseadas nas que Purezinha, sua esposa, contava a seus filhos.

Três anos mais tarde, em 13 de abril de 1919, novamente por meio de carta, apresenta a Rangel sua adaptação das *Fábulas* de La Fontaine, com a introdução de animais típicos da fauna brasileira e usando uma linguagem mais acessível do que a empregada por João Köpke em sua tradução.

Tive ideia do livrinho que vai, para experiência do público infantil escolar, que em matéria fabulística anda a nenhum. Há umas fábulas de João Köpke (sic), mas em verso [...] isto é, insultos e de não fácil compreensão por cérebros ainda tenros. Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos.<sup>149</sup>

O livro *Fabulas de Narizinho* é publicado em 1921, com tiragem de 3.000 exemplares, contendo 26 fábulas ilustradas por Voltolino e introduzidas pela seguinte nota:

As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermediário delas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da

---

<sup>149</sup> Lobato, 1959, p. 193.

humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação.

Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece com esses elementos pequeninas tragédias donde resulte a “moralidade”, isto é, a lição da vida.

O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão.

O autor nada mais fez senão dar forma sua às velhas fábulas que Esopo, La Fontaine e outros criaram. Algumas são tomadas do nosso “folk-lore” e todas trazem em mira contribuir para a criação da fábula brasileira, pondo nelas a nossa natureza e os nossos animais, sempre que é isso possível.<sup>150</sup>

Em sua segunda edição, publicada em 1922 com tiragem de 5.000 exemplares, o livro passou a se chamar *As fábulas* e passou a conter em suas 184 páginas 77 fábulas. Em 1925, saiu a terceira edição, com tiragem de 3.000 exemplares; em 1929, a quarta edição, com tiragem de 5.000 exemplares; em 1934, a quinta edição, com tiragem de 10.000 exemplares; em 1937, a sexta edição, com tiragem de 5.000 exemplares, e, em 1939, a sétima edição, com tiragem de 5.000 exemplares. Muitas das vendas foram para escolas públicas, com *As fábulas* sendo aprovado para distribuição nas escolas dos estados de São Paulo, Paraná e Ceará pelas Diretorias de Instrução Pública.

Um dos temas que perpassa *As fábulas* é a falsidade da nobreza e o caráter negativo das atitudes de superioridade e esnobismo, com o esnoberado sendo sempre penalizado. O vizinho de Dona Benta no Sítio do Picapau Amarelo, Coronel Teodorico, é o exemplo que Dona Benta e as crianças sempre citam. Em “Tolice de Asno”<sup>151</sup>, ele é comparado ao asno pedante que zurra e reclama para o burro de carga e, em “A Gralha Enfeitada com Penas de Pavão”<sup>152</sup>, ficamos sabendo que o Coronel Teodorico se comporta como a gralha que se enfeitou com as penas de pavão para ficar mais bonita: “O Coronel Teodorico vendeu a fazenda, ficou milionário e pensou que

---

<sup>150</sup> Lobato, 1921.

<sup>151</sup> Lobato, 1962, p. 187.

<sup>152</sup> Lobato, 1962, p. 22-23.

era homem da alta sociedade, dos finos, dos bem educados. E agora? Anda de novo, por aqui, sem vintém, mais depenado que a gralha. Por quê? Porque quis ser o que não era.”.

O capítulo “Pena de Papagaio”, de *As reinações de Narizinho*<sup>153</sup>, conta como Peter Pan, invisível, visita o Sítio do Picapau Amarelo e leva os “picapauzinhos” para encontrar o Senhor de La Fontaine e Esopo enquanto estes observam os animais que vão fazer parte de suas fábulas. Este capítulo contém duas das histórias que fazem parte de *As Fábulas*. Uma delas, “A formiga coroca”<sup>154</sup>, é “A Formiga Má”<sup>155</sup> com a intervenção de Emília, que pune a má formiga. A outra é “Os animais e a peste”<sup>156</sup>, sem a crítica à Igreja Católica. Na nova versão, o burro é escolhido para ser sacrificado porque “tem os pés inchados” e não pode dar coices, porém, quando o tigre está pronto para estraçalhá-lo, Peninha, o invisível Peter Pan com uma pena de papagaio amarrada na testa, lança uma grande pedra contra o tigre, que foge.

Em “Os Dois Burrinhos”, o burro que carrega a bruaca de ouro esnoba o burro que carrega farelo, advertindo-o de que deve manter distância – por isso este não o ajuda quando ele é espancado e roubado. Então ele se dá conta de sua falsa superioridade: “Minha fidalguia estava toda dentro da bruaca e lá se foi nas mãos daqueles patifes. Sem as bruacas de ouro no lombo, sou uma pobre besta igual a você...”<sup>157</sup>. Novamente, o mau comportamento é comparado ao do Coronel Teodorico, que, “Quando se encheu de dinheiro, arrotou grandeza; mas, depois que perdeu tudo nos maus negócios, ficou de orelhas murchas e convencido de que era realmente uma perfeita cavalgada.”<sup>158</sup>.

Com *As fábulas*, as crianças podem aprender que a verdadeira riqueza não guarda qualquer relação com riqueza ou título de nobreza,

---

<sup>153</sup> Lobato, 1980.

<sup>154</sup> Lobato 1980, p. 174-176.

<sup>155</sup> Lobato, 1962, p. 12-14.

<sup>156</sup> Lobato, 1980, p. 180-182.

<sup>157</sup> Lobato, 1962, p. 104.

<sup>158</sup> Lobato, 1962, p. 105.

e Dona Benta cita os exemplos de Péricles e Sócrates, que os “picapauzinhos” já haviam conhecido na *História do mundo para crianças*: “Só enriquece quem adquire conhecimentos. A verdadeira riqueza não está no acúmulo de moedas, está no aperfeiçoamento do espírito e da alma. Qual o mais rico — aquele Sócrates que encontramos na casa de Péricles ou um milionário comum?”<sup>159</sup>.

Outro exemplo aparece em “O gato vaidoso”, fábula em que a única diferença entre os dois gatos que a protagonizam é o fato de que um tem a sorte de morar em uma casa, onde vive em meio ao luxo. Neste caso, a moral é assim apresentada: “Quantos homens não transformaram em nobreza o que não passa de um bocado mais de sorte na vida!”<sup>160</sup>. Dona Benta dá, então, o exemplo da verdadeira nobreza, que depende do esforço, como no caso de Madame Curie, que levou anos estudando para descobrir o rádio<sup>161</sup>. De fato, a inveja é apresentada como principal causa de boa parte dos problemas do mundo. Em “O Sabiá e o Urubu”, por exemplo, o urubu mata o sabiá só porque este canta bem, ou seja, por causa da inveja, e Dona Benta comenta: “A maior parte das desgraças do mundo vem da inveja, e creio que não há sentimento mais generalizado. A inveja não admite o mérito – e difama, calunia, procura destruir a criatura invejada.”<sup>162</sup>. Contudo, Emília dá exemplo contrário, parecendo até orgulhosa de ter sido nobre, ascendendo socialmente. Nasceu boneca de pano, muda e feia, mas agora “sou até ex-Marquesa”<sup>163</sup>.

Em “O Lobo e o Cordeiro”, o lobo acusa o cordeiro de turvar a água que vai beber, mas o cordeiro bebe a água na jusante. Depois, o lobo acusa o cordeiro de ter falado mal de si no ano anterior, mas o cordeiro argumenta que ainda não era nascido. Então, o lobo diz que deve ter sido seu irmão mais velho; “mas sou filho único”, contradiz o cordeiro. O lobo continua: “então foi o pai ou o avô” e, sem aguardar

---

<sup>159</sup> Lobato, 1962, p. 23.

<sup>160</sup> Lobato, 1962, p. 162-163.

<sup>161</sup> Cf. Lobato, 1962, p. 163.

<sup>162</sup> Lobato, 1962, p. 61.

<sup>163</sup> Lobato, 1962, p. 17.

novo comentário, mata-o. Moral da história: “Contra a força não há argumentos.”<sup>164</sup>.

Em “O Cavalo e o Burro”, o cavalo se recusa a ajudar o burro a carregar uma parte de seu fardo. O burro desmorona e, quando os tropeiros chegam, colocam todo seu fardo sobre o cavalo. Dona Benta comenta, então, que isso demonstra a falta de solidariedade por parte do cavalo e, com uma insólita referência a Deus, passa a mensagem cristã da fábula – a importância da solidariedade –, que comunica para os “picapauzinhos” nos seguintes termos: “É o reconhecimento de que temos de nos ajudar uns aos outros para que Deus nos ajude. Quem só cuida de si de repente se vê sozinho e não encontra quem o socorra. Aprendam.”<sup>165</sup>. E a lição deve valer mesmo se considerando que, muito frequentemente, o trabalho seja feito em benefício alheio, conforme se vê, por exemplo, em “A Mosca e a Formiguinha”, em que a mosca “fidalgua” sempre aproveita a comida dos outros. A formiga trabalhadora, porém, considera-a uma parasita. No final da fábula, a mosca se encontra trancada dentro de casa sem nada para comer e morre de fome. A moral da história é que “Quem quer colher, planta. E quem do alheio vive, um dia se engasga.”<sup>166</sup>. Essa, porém, não é a regra, conforme comenta o Visconde de Sabugosa: “Seria muito bom se fosse assim [...] Mas muitas e muitas vezes um planta e quem colhe é o outro...”<sup>167</sup>.

Em “Os Animais e a Peste”, os animais precisam decidir qual deles será sacrificado para se livrarem da peste. O leão, a raposa e o tigre admitem os crimes que cometeram – matar animais desprezíveis –, mas o burro admite ter cometido apenas um crime: “A consciência só me acusa de haver comido uma folha de couve na horta do senhor vigário.”, de fato, bastante leve. Então a raposa intervém: “Eis, amigos, o grande criminoso! Tão horrível o que ele nos conta que é inútil prosseguirmos na investigação. A vítima a sacrificar-se aos deuses não pode ser outra, porque não pode haver crime maior do que furtar a

---

<sup>164</sup> Lobato, 1969, p. 137.

<sup>165</sup> Lobato, 1962, p. 141.

<sup>166</sup> Lobato, 1962, p. 100.

<sup>167</sup> Lobato, 1962, p. 99-101.

sacratíssima couve do senhor vigário.”. Neste caso, que dá ensejo a mais uma crítica à instituição católica, a moral da história é: “Aos poderosos tudo se desculpa; aos miseráveis nada se perdoa.”. De acordo com o comentário de Dona Benta, esta fábula “Retrata as injustiças da justiça humana. A tal justiça é implacável contra os fracos e pequeninos — mas não é capaz de pôr as mãos num grande, num poderoso”<sup>168</sup>. Além de realçar a sátira religiosa, presente na gravidade do crime do burro ao comer uma folha de couve do vigário, encontramos aqui uma crítica a todas as instâncias que exercem o poder sobre os mais fracos e desprotegidos.

Por meio de *As fábulas*, as crianças também aprendem que a esperteza é a única arma dos fracos. Em “As Aves de Rapina e os Pombos”, quando as águias, abutres e gaviões estão brigando entre si, não atacam as aves pacíficas da terra, mas, quando elas enviam uma pomba para fazer as pazes entre todos, cometem uma chacina contra as pombas. Pedrinho, então, percebe a falha: “Dividir é enfraquecer”<sup>169</sup>.

Em “Pau de Dois Bicos”, o morcego entra no ninho da coruja e consegue se salvar alegando ser também uma ave e, no casebre do gato-do-mato, salva-se alegando ser também um animal de pelo. O segredo, então, é concordar com quem tem o poder. Neste caso, a moral é: “É vermelho? Tome vermelho. É branco? Tome branco.”<sup>170</sup> – inclusive nas histórias populares contadas em *Histórias de Tia Nastácia*, que comentaremos a seguir, a esperteza é apresentada como essencial à sobrevivência, de acordo com Dona Benta: “a maioria das histórias revela sempre uma coisa: o valor da esperteza. Seja o pequeno Polegar, seja a raposa, seja um macaco como este do aluá, o esperto sempre sai vencedor. A força bruta acaba perdendo – e isto é uma das lições da vida.”<sup>171</sup>.

*As fábulas* também reforçam a situação do Sítio do Picapau Amarelo enquanto ilha de liberdade, democracia e felicidade dentro de um mundo hostil, conforme se nota em “O Cão e o Lobo”, fábula em

---

<sup>168</sup> Lobato, 1962, p. 92.

<sup>169</sup> Lobato, 1962, p. 67.

<sup>170</sup> Lobato, 1962, p. 165.

<sup>171</sup> Lobato, 1974c, p. 85.

que o lobo prefere a liberdade, embora por vezes passe fome, a viver acorrentado, como vive o cão. Os “picapauzinhos”, porém, são apresentados como seres que não passam fome e têm toda a liberdade possível:

“Vocês sabem tão bem o que é a liberdade que nunca me lembro de falar disso”.

“Nada mais certo, vovó” gritou Pedrinho. “Este seu sítio é o suco da liberdade: e se eu fosse refazer a natureza, igualava o mundo a isto aqui. Vida boa, vida certa, só no Picapau Amarelo”.

“Pois o segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é as coleiras. E como há coleiras espalhadas pelo mundo.”<sup>172</sup>

A última fábula do livro foi renomeada por Lobato como “Liga das Nações”, mas, tal como a própria Liga das Nações fracassara, fracassa quando a onça se apodera dos quatro pedaços do veado, não os dividindo com o gato-do-mato, a jaguatirica e a irara, demonstrando, assim, como as nações mais fortes podem facilmente dominar as mais fracas. Isso leva o Visconde a tecer a conclusão que encerra o livro:

Na minha opinião, as fábulas mostram só duas coisas: 1<sup>ª</sup>.) que o mundo é dos fortes; e 2<sup>ª</sup>.) que o único meio de derrotar a força é a astúcia. Essa da Liga das Nações, por exemplo. Os animais formaram uma liga, mas que adiantou? Nada. Por quê? Porque lá dentro estava a onça, representando a força, e contra a força de nada valeram os direitos dos animais menores. Bem que a irara fez ver o direito dos animais menores. Mas nada conseguiu. A onça respondeu com a razão da força. A irara errou. Em vez de alegar direito, devia ter recorrido a uma esperteza qualquer. Só a astúcia vence a força. Emília disse uma coisa muito sábia em suas Memórias...<sup>173</sup>

Como se pode perceber, além de apresentar uma moral para cada história, *As fábulas* também trazem informações sobre

---

<sup>172</sup> Lobato, 1962, p. 87.

<sup>173</sup> Lobato, 1962, p. 194-195.

vocabulário e História. Como em todas as suas recontagens, Lobato aproveita Dona Benta para estender o vocabulário e conhecimento geral dos “picapauzinhos”. Em “A Coruja e a Águia”<sup>174</sup>, por exemplo, ao responder uma pergunta a Pedrinho, Dona Benta explica a diferença entre o que a gramática e o povo dizem sobre “mostrengo”. Em “Burrice”<sup>175</sup>, ela emprega a expressão “passar a vau”, para a qual Pedrinho pede explicação. Esta expressão significa “vadear um rio”, explica Dona Benta. Só para termos mais um exemplo, em “Tolice de Asno”<sup>176</sup>, ela fornece explicações sobre o poeta Bocage e o conceito de “agudeza”.

Ainda na área linguística, Lobato fez várias mudanças no texto entre uma edição e outra, tentando chegar a uma linguagem mais agradável e menos “literária”. Também lança mão de uma linguagem afetiva, usando diminutivos e onomatopeias como “mulinha”, “pastorzinho”, “Laurinha”, “vaquinha”, “fabulazinha”, “tique, tique, tique” “pum” e “plat” e usa gírias como “Justiça é pau” e “Deixa estar, seu malandro, que eu já te curo”. Por vezes, porém, Dona Benta usa uma linguagem mais formal, como em “Os Dois Burrinhos”, quando emprega dois vocábulos mais rebuscados e, à pergunta de Narizinho – “Então por que a senhora não diz logo ‘qualidade’ em vez de ‘naipe’ e ‘igualha?’” –, responde: “Para variar, minha filha. Estou contando estas fábulas em estilo literário, e uma das qualidades do estilo literário é a variedade.”<sup>177</sup>.

Em “O Galo que Logrou a Raposa”, Narizinho pensa que pillhou Dona Benta em um erro de caráter gramatical quando esta inicia uma fala com “você” e termina com “tu”. Ao responder á crítica, Dona Benta se refere à função da gramática, que deveria ser ferramenta para as pessoas, ao invés de dominá-las: “A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo – e a gramática o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática.

---

<sup>174</sup> Lobato, 1962, p. 16.

<sup>175</sup> Lobato, 1962, p. 35.

<sup>176</sup> Lobato 1962, p. 188.

<sup>177</sup> Lobato, 1962, p. 104.

Se todos nós começarmos a usar tu e você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer...”<sup>178</sup>.

Com relação ao conteúdo, conforme os exemplos acima demonstram, em *As fábulas* vemos claramente o apoio de Lobato ao mais fraco em um mundo pleno de parasitas e aproveitadores – membros da “nobreza”, em muitos casos –, assegurando que a verdadeira nobreza é a da superioridade intelectual e que, frequentemente, a única maneira de sobreviver é por meio da astúcia e da esperteza. Seus comentários e a moral apresentada ao fim de várias das *Fábulas* o posicionam claramente contra o opressor e a favor de uma sociedade igualitária, o que poderia lhe conferir certo caráter socialista. Neste ponto, cabe então a perguntar: Afinal, era Lobato comunista ou não? Stalinista? Talvez trotskista?

Sobre a ideologia de Lobato e sobre como esta era percebida por outras pessoas, recorremos ao interessante relato de Ênio Silveira descrevendo o enterro do escritor, ocorrido em 5 de julho de 1948, um dia após sua morte. Ao narrar como já aguardava no cemitério a multidão subir a Avenida da Consolação, Silveira diz que Lobato tinha bastante amigos entre os comunistas, mas também era espírita e comparecia às Sociedades Espíritas para fazer contato com seus dois filhos mortos. Além disto, também era barão rural e membro da aristocracia rural, e acrescenta:

Também [era] membro de uma Sociedade Agrícola de São Paulo, do Clube Piratininga e outras coisas que reuniam a aristocracia rural paulista. Era também bom escritor, portanto tinha a sua grei de escritor-jornalista. Ali, “namorava” também alguns trotskistas, que por isso o julgavam trotskista. Bom, então, esta fauna diversa, multifacetada, se reuniu ali, à beira do túmulo. Quando iam descer o corpo, um pouco antes, pediu a palavra arrebatadamente o Rossini Camargo, poeta, membro do partido:

– Camarada Lobato – era ditadura, o partido era ilegal –, estamos aqui, teus irmãos, não apenas para chorar por ti, mas para dizer que jamais morrerás, que estarás vivo na

---

<sup>178</sup> Lobato, 1962, p. 48.

consciência do povo, no coração do povo como batalhador, como um companheiro...

– Perdão, companheiro não! Lobato era trotskista – era o professor Phebus Gikovate. – Canalha, filho da puta...

Principiaram as cenas de pugilato, socos, caíram os dois, e rolaram no chão. O Gikovate e o Camargo Guarnieri caíram na cova aberta. Uma cena de filme de Fellini. Quando tiraram os dois, um sujeito do Clube Piratininga disse assim:

– Não, o senhor era da fina aristocracia, se tivéssemos ainda o Império, ele seria um nobre, nobre por dentro e por fora, Lobato...<sup>179</sup>

Ou seja, ao que parece, Lobato despertava a admiração de membros das mais diferentes facções.

Voltando aos textos, percebemos que, enquanto *As fábulas* são muito bem aceitas pelos “picapauzinhos”, especialmente a Emília rejeita muitas das *Histórias de Tia Nastácia*, demonstrando preferência pela literatura canônica. Assim, embora Lobato enfatize o valor da opinião da criança frente à do adulto, sua posição com relação aos negros, às classes baixa e rural e aos contos orais parece condescendente, com Dona Benta, representante da classe branca letrada mantendo a autoridade. Porém, vejamos.

O livro *Histórias de Tia Nastácia* foi publicado pela primeira vez em 22 de novembro de 1937 pela Companhia Editora Nacional, pronto para o mercado de presentes de Natal. Somando-se esta à segunda edição, a tiragem foi de 10.009 exemplares. Em 1941, foi publicada a terceira edição, com tiragem de 5.040. A quinta edição, publicada em 1945, teve uma tiragem de 10.010. A partir da sexta edição, de 1947, o livro passou a ser publicado pela Editora Brasiliense, tendo uma sétima edição em 1949 e uma oitava em 1953<sup>180</sup>. Todas as suas histórias – exceto as últimas, contadas por Dona Benta –, vêm do livro de Sílvio Romero (1851-1914) *Contos populares do Brasil*, uma coleção de contos de Sergipe, Pernambuco e Rio de Janeiro publicada

---

<sup>179</sup> Ferreira, 1992, p. 45.

<sup>180</sup> Cf. Silva, 2008, p. 384-385.

em 1885<sup>181</sup>. Seguindo a tradição do conto oral, Lobato reconta as histórias com suas próprias palavras, mudando os nomes das personagens e lugares (cf. Silva, 2008:382). Elas podem ser divididas em três grupos: histórias sobre reis e princesas, de origem europeia, com a maior parte vinda de Portugal; histórias sobre animais que têm algum traço psicológico marcante, de origem africana e indígena, e histórias diversas, narradas por Dona Benta, com origem em diferentes culturas – esquimó e da região do Cáucaso, da Pérsia, do Congo, da Rússia, da Islândia e do Rio de Janeiro<sup>182</sup>.

Neste livro, Tia Nastácia toma o palco para contar as histórias a Dona Benta, Pedrinho, Narizinho e Emília, porém elas não fazem tanto sucesso entre as personagens quanto as fábulas acima apresentadas, conforme aponta Marisa Lajolo:

Nos dois casos ela [Dona Benta] conta as histórias que lê em livros estrangeiros, e enquanto adulta e reconhecidamente mais experiente, narra de um espaço hegemônico em relação aos seus ouvintes. Já quando Tia Nastácia assume a posição de contadora de histórias, a relação de forças entre ela e sua audiência (a mesma das histórias de Dona Benta) é completamente outra. Tia Nastácia transfere para o lugar de contadora de histórias a inferioridade sociocultural da posição (de doméstica) que ocupa no grupo e além disso (ou, por causa disso...), por contar histórias que vêm da tradição oral não desempenha função de mediadora da cultura escrita, ficando sua posição subalterna à de seus ouvintes, consumidores exigentes da cultura escrita, como explicitou Narizinho na citação acima.<sup>183</sup>

Conforme se pode notar no excerto acima reproduzido, Lobato se valeria dos comentários das personagens do Sítio para denunciar a disparidade entre o valor ocupado pela cultura letrada diante da – socialmente desvalorizada – cultura popular.

---

<sup>181</sup> Cf. Silva, 2008, p. 380.

<sup>182</sup> Cf. Silva, 2008, p. 379-380.

<sup>183</sup> Lajolo, 1998.

Emília, por exemplo, assume o papel de um impertinente crítico literário. De acordo com Raquel Afonso da Silva, “Em geral as críticas são negativas, criticam os pontos negativos, as partes desconexas, o *nonsense* das narrativas, julgam os enredos pobres, reclamam da recorrência de vários elementos, e criticam a pouca criatividade dos nomes”<sup>184</sup>. Assim, para Emília, as histórias são “sem pé nem cabeça”: “Sabe o que me parece? Parece uma história que era dum jeito e foi se alterando de um contador para outro, cada vez mais atrapalhada, isto é, foi perdendo pelo caminho o pé e a cabeça”<sup>185</sup>. Dona Benta concorda, explicando que foi exatamente por meio desse processo explicitado pela boneca que tais histórias foram sendo desenvolvidas. Os “picapauzinhos”, porém, não se entusiasmam: Eu (...) acho muito ingênua esta história de rei e princesa e botas encantadas, disse Narizinho. Depois que li *Peter Pan*, fiquei exigente. Estou de acordo com a Emília.”<sup>186</sup>. Ao que Dona Benta retruca: “Vê, Nastácia, como está ficando este meu povinho? Falam como se fossem gente grande, das sabidas. *Democracia* para cá, *folclórico* para lá, *mentalidade...* Neste andar meu sítio acaba virando Universidade do Picapau Amarelo.”<sup>187</sup>.

Em *Histórias de Tia Nastácia*, Dona Benta é colocada como representante da cultura letrada, enquanto Tia Nastácia é a representante da cultura popular – também em *Peter Pan* e *D. Quixote* Dona Benta é apresentada como intermediária do mundo ficcional<sup>188</sup>.

Desempenhando bem seu papel, a própria Dona Benta demonstra insatisfação em relação às histórias populares:

Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir

---

<sup>184</sup> Silva, 2008, p. 376.

<sup>185</sup> Lobato, 1968, p. 23.

<sup>186</sup> Lobato, 1968, p. 17.

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> Cf. Lajolo, 1998.

as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda.”<sup>189</sup>

Emília, a representante do crítico literário, é ainda mais direta: “O povo, coitado, não tem delicadeza, não tem finuras, não tem arte. É grosseiro, tosco em tudo que faz.”<sup>190</sup>. “Coitado”, no sentido de digno de compadecimento, aparece, pois, como o melhor adjetivo para descrever a referida mais da metade da população brasileira da época, integrada por todas as etnias. E a boneca prossegue, pensando com prazer nos contos de algum verdadeiro artista que Dona Benta lhes contará: Oscar Wilde<sup>191</sup>, *Orlando Furioso*, de Ariosto<sup>192</sup>, e o recomendado *Mowgli, o menino lobo*, de Kipling – inserido a título de propaganda para a tradução de Lobato<sup>193</sup>.

Vemos, então, um mundo cultural partido em dois: o literário e o popular, com os “picapauzinhos” pertencendo ao mundo letrado e Tio Barnabé e Tia Nastácia pertencendo ao velho mundo da oralidade. Dona Benta conhece o mundo da cultura popular, mas não tem uma ligação íntima com ele, sentindo-se parte do mundo literário. Lajolo aponta que “A diferença de recepções pode talvez ser atribuída ao fato de que as histórias que ambas contam tenham origem semelhante, [mas] a relação de cada uma destas narradoras com o material narrado, [sic] é diferente: Dona Benta não é usuária desta cultura, mas conhecedora dela: conhece-a de livro, e não de berço”<sup>194</sup>.

De fato, Dona Benta, a representante da cultura letrada, apresenta uma opinião sobre a cultura popular característica de sua classe: “Dona Benta disse que *folk* quer dizer gente, e *lore* quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe de boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as

---

<sup>189</sup> Lobato 1968, p. 30.

<sup>190</sup> Lobato, 1968, p. 61.

<sup>191</sup> Idem.

<sup>192</sup> Cf. Lobato, 1968, p. 80.

<sup>193</sup> Cf. Lobato, 1968, p. 115.

<sup>194</sup> Lajolo, 1998.

anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc, e tal.”<sup>195</sup>, conta Emília a Pedrinho.

A Liga Universitária Católica Feminina também desempenha bem seu papel ao enfatizar as impropriedades de *Histórias de Tia Nastácia*, apontando as leituras que Pedrinho, “um darwinista levado da breca”, faz do “pai” da teoria da evolução e o final da fábula da “Formiga e a Neve”, em que Deus responde à formiguinha: “Acaba com essa história e vai furtar. É por isso que vive sempre furtando, furtando.”<sup>196</sup>.

A reação de Narizinho ao conto “O Bom Diabo”<sup>197</sup> também aponta para a posição laica em que Lobato se coloca, desconfiando da religião oficial. Ela afirma gostar muito das histórias que trazem o diabo como personagem e acrescenta que “todas elas confirmavam o dito popular de que o diabo não é tão feio como o pintam”<sup>198</sup>. A reação de Tia Nastácia, que, como boa representante do povo brasileiro, crê em Deus, é se mostrar chocada: “Como é que uma menina de boa educação tem coragem de dizer isso do canhoto?”<sup>199</sup>.

---

<sup>195</sup> Lobato, 1968, p. 7.

<sup>196</sup> Cavalheiro, 1955, p. 595-596 e Silva, 2008, p. 383.

<sup>197</sup> Lobato, 1968, p. 69-73.

<sup>198</sup> Lobato, 1968, p. 73.

<sup>199</sup> Idem.

## CAPÍTULO V – Contradições em análises da obra infantil de Monteiro Lobato<sup>200</sup>

Vanete Santana-Dezmann

A origem da literatura infantil ocidental remonta à Europa do século XVII, quando os livros para crianças se destinavam não a diverti-las, mas exclusivamente a educá-las. Durante o século seguinte, elas passaram a se divertir com livros de aventura que não se destinavam a uma faixa etária específica, tais como *Robinson Crusoe* (1719, título homônimo no Brasil), de Daniel Defoe, e *Gulliver's Travels* (1726, publicado no Brasil com o título de *As viagens de Gulliver*), de Jonathan Swift. O livro de cantigas de ninar em quadrinhas *Mother Goose's Melody* (no Brasil, *Mamãe Gansa*), publicado em Londres por volta de 1760 por John Newbery – este, sim, um livro para crianças – tornou-se um dos primeiros *best-sellers* do gênero.

Dentre as mais famosas histórias conhecidas até hoje, encontram-se alguns dos contos de fadas da coletânea de contos populares para a família dos irmãos Grimm (Wilhelm e Jacob), publicada em 1812 a partir da catalogação de lendas recolhidas do folclore germânico. Foi apenas na segunda metade do século XIX, porém, que as crianças começam a receber atenção especial por parte da literatura, constituindo-se *Alice's Adventures in Wonderland* (1865, no Brasil, *Alice no País das Maravilhas*), de Lewis Carroll, um dos melhores exemplos. Tanto nos contos dos irmãos Grimm – alguns de cunho pedagógico, como a história da Chapeuzinho Vermelho – quanto na história de Alice, figuram criaturas e objetos encantados e

---

<sup>200</sup> Este capítulo trata apenas das etnias negra e branca, como se não houvesse no Brasil pessoas de outras etnias nem miscigenação porque analisa um artigo que se refere apenas a pessoas de etnia negra e branca.

animais falantes que interagem com a criança em um cenário irreal, característico do mundo do faz-de-conta.

Ainda no século XIX, o mundo do faz-de-conta é transportando para o Brasil junto com a literatura infantil de cunho declaradamente pedagógico, como as desventuras de Struwwelpeter e outras crianças igualmente mal-educadas que, a cada página, eram exemplarmente castigadas. *Der Struwwelpeter oder lustige Geschichten und drollige Bilder für Kinder von 3 bis 6 Jahren von Heirinch Hoffmann* (“Struwwelpeter ou histórias engraçadas e lindos desenhos para crianças de 3 a 6 anos do Dr. Heinrich Hoffmann”, em tradução literal) foi publicado originalmente na Alemanha em 1844 e chegou ao Brasil em 1860 por meio da adaptação empreendida pelo desembargador Henrique Velloso da Oliveira (1804-1861) como *João Felpudo – Histórias alegres para crianças travessas com vinte e quatro pinturas esquisitas*<sup>201</sup>. O livro se tornou tão famoso que mereceu várias publicações em diferentes traduções e adaptações, inclusive uma feita pelo poeta Guilherme de Almeida<sup>202</sup>. Já os contos de caráter infantil dos irmãos Grimm foram publicados ao lado de contos de Hans Christian Andersen e Charles Perrault em 1896, na seleção de Alberto Figueiredo Pimentel, como *Contos da carochinha*, reunindo 61 textos.

Também data da segunda metade do século XIX a produção de literatura infantil brasileira, embora esta seguisse o modelo europeu e competisse no mercado nacional com uma maioria de obras traduzidas e/ou livremente adaptadas do inglês, francês e alemão. *Livro das crianças* (Zalina Rolim, 1897), *Contos infantis* (Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, 1886), *Histórias da terra* (Júlia Lopes de Almeida, 1907) e *Era uma vez* (Júlia Lopes de Almeida, 1917) são exemplos da publicação nacional da época. Enquanto isso, no restante do mundo ocidental, as histórias folclóricas continuavam a ser coletadas, publicadas, traduzidas e popularizadas. O caráter fantástico

---

<sup>201</sup> O adjetivo “esquisito” à época significava “especial, lindo, maravilhoso, delicioso, acima do comum”, apresentando, portanto, conotação positiva.

<sup>202</sup> *João Felpudo ou Historias divertidas com desenhos cômicos do Dr. Heinrich Hoffmann*. Tradução de Guilherme de Almeida para a editora Melhoramentos.

destas histórias continuava sendo reproduzido por criações novas como, por exemplo, *O mágico de Oz*, de Frank Baum, publicado em 1900 nos Estados Unidos.

O marco mais importante da literatura infantil brasileira, original e adaptada, que gera a mudança nos cânones que regiam tal produção, separando da moderna literatura infantil as obras de caráter europeu, aparece em 1920: *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato. Este foi o primeiro de sua extensa lista de livros para crianças. A partir de então, Lobato continuou a se dedicar regularmente à literatura infantil, com a publicação de 23 títulos até 1947. Em 1931, ele reuniu seus primeiros títulos em *As reinações de Narizinho*. Desde então, estava completo o Sítio do Picapau Amarelo que conhecemos ainda hoje, com todas as personagens que representam para a cultura brasileira o mesmo que as princesas dos contos de fada representam para a cultura europeia e as personagens de Walt Disney para a cultura nos Estados Unidos. Lobato é nossa versão dos irmãos Grimm, de Andersen e Perrault.

Embora suas personagens não sejam mundialmente famosas, o fato inquestionável é que Lobato é um divisor de águas na história cultural brasileira<sup>203</sup> e a qualidade de sua obra infantil é atestada por sua perenidade; nenhuma personagem de toda a literatura brasileira, infantil ou adulta, experimentou nem experimenta vida tão longa quanto a de Narizinho; sua mãe de criação, Tia Nastácia; a boneca que ela lhe fez com retalhos de tecido e recheio de macela, Emília; sua avó D. Benta; seu primo Pedrinho e o visconde de sabugo de milho Sabugosa. Nem mesmo as acusações de racismo, que começaram a circular nos últimos anos do século XX, foram capazes de abalar as boas recordações que as últimas gerações de brasileiros guardam das personagens do Sítio. No entanto, longe de serem desprezadas, tais acusações merecem atenção e análise, afinal, uma obra que deprecie um ser humano apenas com base em sua aparência física e a despeito de suas qualidades de caráter não merece ocupar a posição que a obra infantil de Lobato ocupa em nossa cultura. Partindo-se dessa premissa,

---

<sup>203</sup> Cf. Lajolo & Zilberman, 1985.

faz-se necessária e premente uma análise – amparada por fatos – de tais acusações.

## 1. O racismo e a literatura infantil publicada no Brasil no início do século XX

Nas reflexões que têm sido tecidas nas últimas décadas sobre as representações do negro na literatura destinada a crianças publicada no Brasil no início do século XX, destacam-se as apontadas por um dos primeiros artigos acadêmicos publicados sobre o tema<sup>204</sup>: o papel secundário das personagens negras, que apareceriam apenas como parte da cena doméstica ou de cenas características do período escravocrata e que, quando recebem destaque, aparecem apenas “mitificadas” – na figura de “contadores de histórias” ou de “pretos velhos” e “pretas velhas”, cujo corpo, que se desejava embranquecer, seria representado de modo animalesco.

Tais caracterizações atribuídas à representação do negro na literatura infantil publicada no Brasil no início do século XX têm sido apontadas como demonstrações do racismo dos autores, sendo todas exemplificadas por excertos pinçados esparsamente da obra infantil de Lobato. A apregoada ausência do negro na literatura infantil até o início do século XX também é apontada como demonstração de racismo, juntamente com o “embranquecimento do leitor infantil” brasileiro da época.

As referidas reflexões, frisemos, baseiam-se em um *corpus* composto por 17 livros publicados entre 1900 e 1937, embora mais de uma centena de títulos, entre produção original, adaptação e tradução, circulassem no Brasil no período selecionado.<sup>205</sup>

---

<sup>204</sup> Trata-se do artigo “Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica”, publicado por Maria Cristina Soares de Gouvêa em 2005.

<sup>205</sup> Referência ao *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira* (Coelho, 1981). Este livro contém mais de 1.300 páginas que apresentam 3.580 títulos de 784 autores diferentes publicados entre 1808 e 1990.

Considerando que o objetivo inicial da pesquisa que deu origem ao referido artigo era “compreender a representação da infância nas primeiras décadas do século XX (...) de maneira a apreender os discursos sobre a infância em circulação, naquele momento histórico”<sup>206</sup> e que os critérios adotados para a seleção dos 17 livros foram terem sido postos e estarem em circulação no referido período – os livros deveriam ter tido uma primeira e, no mínimo, uma segunda edição entre 1900 e 1937 – e terem sido citados por Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1985); Nelly Novaes Coelho (1981) e Lenyra Fracarolli (1953)<sup>207</sup>, esclarecemos que os 1.843 títulos que Fracarolli cataloga foram publicados no Brasil e, alguns, em Portugal entre 1945 e 1950. Sendo assim, o catálogo não pode ter contribuído com nenhum título para a pesquisa. Além disso, se o objetivo era “apreender os discursos sobre a infância em circulação, naquele momento histórico”, não deveriam ter sido selecionados apenas livros que tiveram a primeira edição naquele período, mas também os que foram publicados anteriormente e continuaram fazendo parte do catálogo das editoras nas quatro primeiras décadas do século XX.

Aproveitamos o ensejo para destacar mais um lapso que precisa ser devidamente esclarecimento. Embora a pesquisadora afirme, ao justificar o recorte temporal de sua pesquisa, que sua definição “alicerçou-se no fato de que, nesse momento [1920], a produção literária dirigida ao leitor infantil experimentou não apenas uma expansão significativa de títulos (Lajolo; Zilberman, 1985), mas também uma mudança nos cânones que regiam tal produção. Mudança esta produzida no diálogo com as transformações experimentadas nas práticas culturais mais amplas.”<sup>208</sup>, é preciso ressaltar o já citado fato de que tal mudança foi produzida pelo sucesso

---

<sup>206</sup> Gouvêa, 2005, p. 81.

<sup>207</sup> “Foram analisados dezessete (sic) títulos, selecionados a partir de sua circulação. Ou seja, na definição do corpus da pesquisa foi usado como critério o estudo de obras que tiveram mais de uma edição ao longo do período analisado e que foram referidas em estudos sobre a história da literatura infantil brasileira (Coelho, 1981; Lajolo; Zilberman, 1985; Fraccaroli, 1953).” (Gouvêa, 2005, p. 81).

<sup>208</sup> Cf. Gouvêa, 2005, p. 81.

de *A menina do narizinho arrebitado*, de Monteiro Lobato, o primeiro autor brasileiro a notar o descompasso entre os temas e, sobretudo, a linguagem predominantes nos livros infantis publicados até então e as demandas da criança brasileira leitora e ouvinte de histórias.

De fato, como a pesquisadora afirma,

A partir da década de 1920, em consonância com as transformações experimentadas no campo cultural mais amplo, na produção cultural destinada ao público infantil busca-se falar do país remetendo-se a sua identidade cultural. Procurava-se escrever à criança brasileira na sua linguagem, sobre sua gente, suas raízes raciais e culturais. Tal temática tornou-se preocupação presente em grande parte dos autores voltados para esse público.<sup>209</sup>

O propulsor desse movimento foi Lobato e as referidas “transformações experimentadas no campo cultural mais amplo” só fazem sentido no contexto da época quando entendidas como a revolução que Lobato provocou no mercado editorial nacional e suas consequências para os rumos que a literatura – adulta e infantil – tomou a partir de então.

Não é sem razão que Lobato é reconhecido como o criador da moderna literatura infantil brasileira por toda a literatura especializada no assunto. Tentar escamotear a atuação determinante de Lobato nesse cenário é, no mínimo, sinal de absoluto desconhecimento de extensa bibliografia. Seu trabalho em torno de um projeto de nação, que deixou marcas indeléveis na formação da literatura, inclusive por facilitar sua materialização e circulação, já foi sobejamente apresentado e analisado inclusive pelas autoras citadas pela própria pesquisadora, não podendo, portanto, ter escapado a sua observação.

---

<sup>209</sup> Cf. Gouvêa, 2005, p. 83.

## 2. A estreia do negro na literatura infantil no Brasil

A partir da leitura do item intitulado “O negro na literatura infantil: da ausência à mitificação”<sup>210</sup> e do final do que o precede, depreende-se que apenas a partir de 1900 personagens negras são introduzidas na literatura infantil em circulação no Brasil, porém, no terceiro capítulo de *Der Struwwelpeter*, encontramos “Die Geschichte von den schwarzen Buben”<sup>211</sup> (“A história dos meninos negros”, em tradução literal), intitulada, na adaptação de Guilherme de Almeida, “O negrinho”.

Enganam-se os que pensam que se tratava de uma história racista contra uma criança de etnia negra; ao contrário: “O negrinho” foi escrita para ensinar as crianças brancas – o típico leitor infantil até bem recentemente, para desonra de nosso sistema educacional – a não caçoarem das crianças negras e, de modo geral, a não caçoarem de ninguém. Trata-se da história de três meninos brancos que importunavam um garotinho única e exclusivamente por ele se proteger do sol com uma sombrinha sendo ele negro. Interpelados por um escrivão, caçoam deste também: “Olhe o velhote de saia”. De fato, não tinham respeito por ninguém. Como castigo, são mergulhados em um pote de tinta e ficam mais negros do que o garotinho de quem caçoavam. Note-se que a punição não é ser transformado em negro, mas, sim, ser transformado naquilo que condenavam e julgavam ser motivo de chacota. Eis um exemplo de história que, juntamente com as demais apresentadas no livro *Der Struwwelpeter* e outros pedagógicos da época, bem como em todos os contos dos Grimm, Perrault e Andersen com fundo moralizante e, inclusive, as fábulas de Esopo, contradiz a premissa sobre a literatura infantil a partir da qual a pesquisadora tece toda a análise de seu *corpus*: “De maneira característica, a literatura infantil definiu-se historicamente pela formulação e transmissão de visões de mundo, assim como modelos de gostos, ações, comportamentos a serem reproduzidos pelo leitor”<sup>212</sup>.

<sup>210</sup> Cf. Gouvêa, 2005, p. 83-84.

<sup>211</sup> Hoffmann, 2007, p. 7-9.

<sup>212</sup> Cf. Gouvêa, 2005, p. 81.

O que essas histórias que configuram o padrão da literatura infantil ocidental desde seu berço apresentam é justamente modelos de gostos e, sobretudo, comportamentos que os leitores-mirins não deveriam reproduzir.

Conforme citado acima, a primeira publicação no Brasil de “O negrinho” de que se tem notícia data de 1860, quatro décadas antes de 1900. Ou seja, não só já existia ao menos uma história extremamente popular com personagem negra circulando no Brasil no irromper da segunda metade do século XIX como também a personagem negra era defendida e seus importunadores exemplarmente punidos, para que os leitores – potenciais chacoteadores de negros – aprendessem a lição. Sim, havia preconceito contra negros, mas, sim, havia ações, ainda que por meio de um exemplar da literatura pedagógica importada da Alemanha, no sentido de contê-lo. Então, se o objetivo da pesquisa aqui focalizada era compreender a representação da infância nas primeiras décadas do século XX de maneira a apreender os discursos sobre a infância em circulação à época, conforme fica patente acima, “O negrinho” deveria ter sido incluído no *corpus*, pois, dado o objetivo, voltamos a reforçar que não bastava se considerar os livros que tiveram sua primeira edição no período; era necessário considerar também os publicados anteriormente e que continuavam fazendo parte do catálogo das editoras, ou seja, continuavam sendo publicados, indício de que continuavam sendo lidos e, por conseguinte, faziam parte dos discursos sobre a infância naquele momento.

A despeito da circulação de “O negrinho” entre as crianças leitoras brasileiras desde 1860, o artigo aqui focalizado constrói um histórico da literatura infantil de modo tal que se conclua que personagens negras começaram a aparecer na literatura infantil apenas a partir de 1900. A crítica, então, é deslocada da ausência para a presença apenas como figurante:

Nos textos pesquisados, produzidos entre 1900 e 1920, o negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que

fosse além da referência racial. Ou então personagem presente nos contos que relatavam o período escravocrata...<sup>213</sup>

Mais uma vez, é Lobato quem rompe esta barreira com seu conto *Negrinha*, também de 1920. Embora o livro não fosse ilustrado, o que sugere se destinar ao público adulto, o fato é que, tal como *Robinson Crusóe* e *As viagens de Gulliver* continuavam a ser lidos por crianças, *Negrinha*, cuja protagonista é uma criança que se encanta por uma boneca, podia muito bem interessar ao público infantil. E quanta pedagogia o livro traz! Quanto “o que não fazer” ele ensina!

Este novo formato de livro pedagógico introduz duas novidades: não havia ao final um castigo para o mau comportamento e o malcomportado deixava de ser exclusivamente a criança e passava a ser, sobretudo, o adulto, inclusive bom católico, com lugar reservado no camarote da igreja e tudo. Seria *Negrinha* um livro pedagógico também para adultos? – poderíamos nos perguntar. Careceriam também os adultos brasileiros dos anos 20 de uma boa lição de moral, daquele tipo que nasce no restinho de humanidade que possa se encontrar escondido em algum alvéolo de seu coração e desabrocha em sua consciência? É a este restinho de humanidade que *Negrinha* apela, deixando que a própria voz da consciência aponte o erro – uma das características às quais o sucesso de Lobato entre as crianças se deve é justamente tratá-las como pessoas inteligentes, às quais meia-palavra deveria bastar. Eis, então, mais um bom exemplar de literatura pedagógica apresentando justamente o modelo de comportamento que não deveria – e não deve – ser reproduzido por leitores-mirins nem aços<sup>214</sup>.

Ao reconhecer a estreia do negro como personagem de fato na literatura infantil do Brasil, a crítica da pesquisadora recai sobre o papel que ele desempenhava nas histórias: “O negro constituía personagem quase mítico, cuja inserção ao longo da narrativa destaca-

---

<sup>213</sup> Cf. Gouvêa, 2005, p. 83-84.

<sup>214</sup> Outro exemplo é apresentado em Santana-Dezmann, 2021.

se e diferencia-se dos demais personagens.”<sup>215</sup>. Segundo o artigo, às personagens negras eram reservados exclusivamente papéis estereotipados.

### 3. A estereotipia e a literatura infantil publicada no Brasil no início do século XX

#### a) Estigmatização pelo passado

Para tratar deste tema, a já anunciada estereotipia das personagens negras é retomada: “Personagem sempre presente, mesmo que como coadjuvante, nas narrativas destinadas à criança do período, o negro surgia revestido de uma estereotipia que se repete basicamente em todos os textos analisados.”<sup>216</sup> – “todos”, lembremo-nos, restringem-se a 17 textos pinçados dentre mais de uma centena.

Afiando a descrição das personagens negras, a pesquisadora afirma que são relegadas ao passado, representando o atraso: “Enquanto a modernidade, associada à urbanidade, ao progresso, à técnica, e à ruptura, era representada pelos personagens brancos adultos, os negros era (sic) relacionados a significantes opostos, como tradição e ignorância, universo rural e passado.”<sup>217</sup>

Por uma questão de verossimilhança<sup>218</sup>, tão cara à construção do texto narrativo, era de se imaginar que as personagens negras não aparecessem em posição de comando ou que exigisse alguma formação acadêmica. No reino do faz-de-conta, porém, pode-se deixar a verossimilhança de lado, tenderiam alguns a argumentar. O fato, porém, é que a verossimilhança é fundamental mesmo na ficção científica, nos contos classificados como realismo fantástico e nos contos de fadas, nos quais o autor tem o trabalho adicional de

---

<sup>215</sup> Gouvêa, 2005, p. 82.

<sup>216</sup> Gouvêa, 2005, p. 84.

<sup>217</sup> Idem.

<sup>218</sup> Sobre a verossimilhança na Teoria Literária, conferir: Aristóteles. In: Aristóteles; Horácio; Longino (2005), p. 19-52; Auerbach, 2004; Platão, s.d. e Rosenfeld, 2006.

construir um novo universo dentro do qual o fantástico faz sentido, ou seja, apresenta verossimilhança interna. Então não seria possível ainda na primeira metade do século XX, tão pouco tempo após a abolição da subjugação das pessoas negras ao trabalho escravo no Brasil, construir-se um mundo de “faz de conta” em que uma personagem negra apresentasse a mesma relevância que uma personagem branca? Se o autor fosse destituído de uma boa dose de preconceito racial, senão completamente despido dele, e se desse ao trabalho de criar um universo dentro do qual isso fosse possível, seria sim. De fato, isso foi feito, conforme se pode constatar no exemplo que se segue:

Mas onde encontrar criaturas que representassem a humanidade e não viessem com as mesquinhas das que só representam povos, isto é, gomos da humanidade?

(...)

- Só conheço duas criaturas com condição de representar a humanidade, porque são as mais humanas do mundo e também são grandes estadistas. A pequena república que elas governam sempre nadou na maior felicidade.

Mussolini, enciumado, levantou o queixo.

- Quem são essas maravilhas?

- Dona Benta e Tia Nastácia – respondeu o rei Carol -, as duas respeitáveis matronas que governam o Sítio do Picapau Amarelo, lá na América do Sul. Propomos que a Conferência mande buscar as duas maravilhas para que nos ensinem o segredo de bem governar os povos.

- Muito bem! – aprovou o Duque de Windsor, (...) também estou convencido de que unicamente por meio da sabedoria de Dona Benta e do bom senso de Tia Nastácia o mundo poderá ser consertado.

(...)

Eis explicada a razão do convite a Dona Benta, Tia Nastácia e o Visconde de Sabugosa para irem representar a Humanidade e o Bom Senso na Conferência da Paz de 1945.<sup>219</sup>

---

<sup>219</sup> Lobato, 2019, p. 10-II.

E, sim, mais uma vez foi Lobato quem quebrou o paradigma, deixando isso patente em *A reforma da natureza*, publicado em 1941, e em *A chave do tamanho*, publicado no ano seguinte. O universo fantástico, em que não há distinção entre negros e brancos; homens e mulheres; crianças, adultos e idosos; mitologia clássica e brasileira; gente e bonecos; fadas, duendes, sacis e mulas-sem-cabeça é justamente o Sítio do Picapau Amarelo.

Voltando ao artigo, encontramos a afirmação de que, a partir da década de 1930, as personagens negras se tornam mais frequentes nas histórias infantis, mas continuam estereotipadas:

É principalmente a partir da década de 1930 que torna-se (sic) maciça a presença, na produção literária destinada à criança, de personagens negros, sobretudo como contadores de histórias, demonstrando a forte presença de traços associados à cultura negra, como a oralidade, a transmissão de histórias de origem africana. Tais histórias eram representadas como carregadas de valor afetivo, contadas por pretas velhas, associadas à ingenuidade, ao primitivismo, apresentando uma estereotipia e simplificação características. É na perspectiva de resgate folclorizado das raízes nacionais que os contadores de história negros eram recuperados nas narrativas, como depositários de uma tradição situada no passado, a ser registrada e resgatada através da literatura infantil.<sup>220</sup>

O exemplo extraído da obra de Lobato pela pesquisadora para ilustrar essa estereotipia traz os comentários de Pedrinho, Emília e D. Benta sobre as histórias contadas por Tia Nastácia em um livro publicado em 1937 que não poderia receber outro título senão *Histórias de Tia Nastácia*:

— Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para o outro ela deve saber. Estou com idéia de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela, afirma Pedrinho.

---

<sup>220</sup> Gouvêa, 2005, p. 84.

Ao ouvir essas histórias, as crianças reagiram, apontando as incoerências das narrativas orais. Na fala de Emília, esta explicitava:

— Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto. (Lobato, 1937, p. 31.)

Ante a reação das crianças diante de suas histórias, Tia Nastácia perdeu o posto de contadora, reassumindo seu lugar de cozinheira, sendo substituída por Dona Benta, que com auxílio dos livros, “sabe contar histórias de verdade”.

Na visão de Dona Benta:

Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda. (Lobato, 1937, p. 30)<sup>221</sup>

Tais comentários são considerados pela pesquisadora como irônicos, característicos do desprezo dispensado aos contos de Tia Nastácia, aqui exemplificando as histórias populares contadas pelas personagens negras em outras histórias infantis. Lobato desprezava tanto essas histórias que chega ao ponto de lhes dedicar dois volumes inteiros de sua obra: o já referido *Histórias de Tia Nastácia*, que traz nada menos do que 44 contos, e *O Saci*, publicado em 1921, em que Tio Barnabé assume o papel de contador de história e resgata ao longo dos 28 capítulos grande parte do folclore brasileiro, levando a todo o território nacional a comovente história do negrinho do pastoreio, mais um bom espécime da literatura pedagógica que ensina justamente o que não fazer ao mostrar que o injustiçado acaba por receber uma recompensa que seu detrator almejaria para si próprio.

Se Lobato critica as histórias populares contadas por Tia Nastácia, ele o faz por contrapor a cultura letrada, representada em

---

<sup>221</sup> Gouvêa, 2005, p. 85. Os excertos de Lobato são aqui reproduzidos do modo como foram citados pela pesquisadora.

*Histórias de Tia Nastácia* por Dona Benta, à cultura popular, representada por Tia Nastácia – e o faz justamente para denunciar o analfabetismo, que, embora atingisse grande parte da população branca, fazia seu maior número de vítimas entre a população negra. Então, a atribuição a D. Benta do papel de representante da cultura letrada e a Tia Nastácia do papel de representante da cultura popular se deve não a um suposto caráter racista do autor, mas a uma questão de verossimilhança dentro do denunciado contexto social e cultural da época, conforme se pode perceber a partir da leitura do excerto abaixo.

As histórias que correm entre nosso povo são reflexos da era mais barbaresca da Europa. Os colonizadores portugueses trouxeram estas histórias e soltaram-nas por aqui – e o povo as vai repetindo, sobretudo na roça. A mentalidade de nossa gente roceira está ainda muito próxima da dos primeiros colonizadores.

– Por que, vovó?

– Por causa do analfabetismo. Como não sabem ler, só entra na cabeça dos homens do povo o que os outros contam – e os outros só contam o que ouviram. A coisa vem assim num rosário de pais a filhos. Só quem sabe ler e lê os bons livros, é que se põe de acordo com os progressos que as ciências trouxeram ao mundo.<sup>222</sup>

O objetivo de Lobato em *Histórias de Tia Nastácia*, portanto, não é apenas trazer a cultura popular para o alcance do leitor infantil do início do século; menos ainda menosprezar Tia Nastácia e a cultura popular, mas, sim, também criticar a situação vigente e destacar a importância da alfabetização para o progresso de uma nação. Não é sem razão que sua frase mais famosa é “Um país se faz com homens e livros”.

Com relação às falas pinçadas pela pesquisadora e acima reproduzidas, é preciso ficar claro que as concepções que elas expressam não necessariamente correspondem às concepções do autor, no caso, Lobato. Por vezes, uma ou outra fala pode até representar a voz do autor. Existem casos na literatura em que uma personagem

---

<sup>222</sup> Lobato 1968, p. 80-81.

pode ser considerada alter ego do autor, como parece ocorrer com Sérgio em *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia. De modo geral, porém, as personagens, principalmente quando contraditórias entre si, representam vozes de integrantes do universo retratado no interior do livro. Não é porque um determinado autor escreveu as falas de uma determinada personagem que estas necessariamente representam as concepções do autor. Prova disso é que o mesmo autor, no mesmo livro, pode criar outras personagens que falam o oposto. Voltaremos a esse tema posteriormente. Por ora, para tirar a dúvida no caso aqui exposto, basta se confrontar o teor das falas das personagens de Lobato com as atitudes de Lobato: teria ele se dedicado a recolher, registrar, mandar ilustrar, imprimir e distribuir em todo o país por meio de dois livros completos um conteúdo que ele desprezasse tanto?

## b) “Pretos velhos” e “pretas velhas”

Com relação à presença dos “pretos velhos” e “pretas velhas” nas histórias que circulavam no início do século XX entre crianças e adultos, a crítica da pesquisadora recai sobre o fato de tais personagens serem “idosas”, permanecendo os jovens de etnia negra ausentes:

De todas as narrativas investigadas, o negro ou negra jovem eram absolutamente ausentes, revelando uma exclusão social característica do período. O negro jovem era percebido como potencialmente perigoso, fonte de agitação, insubordinação ou vagabundagem. O resgate que se pretendia nas narrativas, tanto endereçadas ao público infantil quanto ao adulto, não era o do negro concreto, marginalizado do processo de modernização. Situado no passado, o negro era representante de uma relação marcada por subserviência e docilidade.<sup>223</sup>

Já que a pesquisadora faz referência a narrativas “endereçadas ao público adulto”, poderia ter citado Manoel João de Freitas,

---

<sup>223</sup> Gouvêa, 2005, p. 86. Os excertos de Lobato são aqui reproduzidos do modo como foram citados pela pesquisadora.

personagem real que aparece no conto “O 22 da Marajó”<sup>22.4</sup>, que integra o livro *A onda verde*, publicado por Lobato há exatos 100 anos. Juntamente com o Estrepolia, o Zé da Gamboa e o Dente de Ouro – estes talvez apenas personagens fictícias –, Trinca-Espinhas, como era chamado, fazia parte do grupo de capoeiras “safos” que marcavam presença, por volta de 1880, no Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, então capital do Império. Dentre todos os adjetivos do *Aurélio*, “subserviência” e “docilidade” são os que menos os descreveriam.

O exemplo citado pela pesquisadora, porém, foi pinçado de *Memórias da Emília*, publicado em 1936, e deve seu destaque ao que classifica como “requisite de crueldade de Lobato”.

[Emília], ao relatar ao Anjinho caído do céu que a vaca era um animal precioso para o homem e que, no entanto, o termo “vaca” era usado de forma depreciativa, na linguagem cotidiana, comentava:

Pois muito bem. A vaca é tudo isso que acabo de dizer e muito mais. No entanto, se você comparar a mais suja negra de rua com uma vaca dizendo: “Você é uma vaca”, a negra rompe num escândalo medonho e se estiver armada de revólver, dá tiro. (1936, p. 14)

Nos textos analisados, esta constituiu a única referência ao negro da cidade, situado no presente – a negra suja de rua, armada de revólver, pronta a fazer um escândalo. Revela-se aí a descontinuidade entre a representação da negra velha, afetiva e subserviente, e a negra de rua, escandalosa e insolente. Estabelece-se uma oposição semanticamente expressa entre a negra de rua versus a negra velha da roça. O resgate mitificado do passado aliava-se à negação e exclusão no presente, no retrato do negro na literatura infantil.

O negro e a negra velha da roça eram remetidos na literatura infantil a um espaço geograficamente situado à margem, não inseridos nas relações urbanas, mas habitantes de um *locus simbólico* distante, remanescente de um Brasil agrário que se queria ora resgatar, ora sepultar. Os negros habitavam as tocas nos confins do mato onde persistiam com suas crenças, enquanto viviam e faziam sobreviver suas

---

<sup>22.4</sup> Lobato, 1921.

tradições, como as práticas religiosas, vistas como feitiçaria pelos personagens brancos.<sup>225</sup>

Não consta, porém, em nenhuma das histórias envolvendo as personagens do “Sítio” que Tia Nastácia tenha habitado em algum momento uma toca nos confins do mato. Ao contrário, ela tinha um quarto na sede do Sítio do Picapau Amarelo<sup>226</sup> e se hospedara no mesmo hotel em que D. Benta em sua sua viagem à Europa<sup>227</sup> – que não se localiza em nenhuma “margem” do ambiente urbano –, onde contracenava com os mais importantes estadistas da história do mundo real. Tio Barnabé também vivia em uma casa localizada no “Sítio”. Embora ambos habitassem o *locus simbólico* em que o Sítio do Picapau Amarelo se constitui, enquanto universo do faz-de-conta, inseriam-se – sobretudo Tia Nastácia, uma vez que Lobato eleva as mulheres a um patamar superior ao que de fato ocupavam na sociedade da época – nas relações urbanas tanto quanto as demais personagens do Sítio. Além disso, Lobato não atribui a nenhuma das duas práticas religiosas consideradas feitiçaria. Tais descrições podem até se comprovarem na obra de outros autores, mas não na de Lobato. Por que, então, não se lança mão da obra de Lobato neste momento como exemplo da exceção que ela de fato constitui? O próprio exemplo pinçado pela pesquisadora apresenta Tio Barnabé como exceção:

— Pois seu Pedrinho é uma coisa que branco da cidade nega, diz que não há, mas há. Não existe negro velho por aí, desses que nascem e morrem no meio do mato, que não jure ter visto Saci. Nunca vi, mas sei de quem viu... o Tio Barnabé, fale com ele. Negro sabido tá aí! Entende de todas as feitiçarias – disse Tia Nastácia.<sup>228</sup>

Conforme se constata, Tia Nastácia emprega o verbo “entender” ao estabelecer relação entre Tio Barnabé e as feitiçarias. “Entender” é diferente de praticar. Uma pessoa pode entender

<sup>225</sup> Gouvêa, 2005, p. 86.

<sup>226</sup> Cf. Lobato, 1920.

<sup>227</sup> Cf. Lobato, 2019.

<sup>228</sup> Lobato, 1921, p. 23, citado por Gouvêa, 2005, p. 87.

profundamente de religião, por exemplo, sem necessariamente ser religiosa. Além disso, ela destaca sua sabedoria, que posteriormente é confirmada por Pedrinho: “Bem Tia Nastácia me disse que o senhor sabia – que o senhor sabe tudo...”<sup>229</sup>. Conforme destacado antes, Tio Barnabé não vive no mato. Ou seja, ele não tem nenhuma das características que constituem o preto velho – ao contrário, ele é apresentado na obra de Lobato como a antítese da representação estereotipada do negro, comum à literatura da época, segundo a descrição da pesquisadora. Por fim, é preciso esclarecer que a pesquisadora faz referência à edição de 1947, que tem sido a base para as novas publicações provavelmente por ser a última versão do texto feita por Lobato. Porém, o texto da versão de 1921 contém menos detalhes e, portanto, menos páginas – o excerto considerado pela pesquisadora, por exemplo, não faz parte da primeira edição, datada de 1921, e, portanto, não se encaixa no período focalizado por ela.

Voltando-nos para o excerto extraído pela pesquisadora de *No país da formiga*, de Menotti del Picchia, publicado em 1932, temos um exemplo concreto do tipo de conteúdo presente nos livros que eram lidos pelo público para o qual Lobato passa a escrever nos anos 1920:

Havia uma cabana escondida numa porção de árvores. Todos os que passavam por lá se benziam. É que corria a fama por toda a redondeza que ali morava um feiticeiro. De fato, o dono daquela cabana era um preto velho, muito feio, muito misterioso.<sup>230</sup>

A representação do negro como “preto velho” era comum à época, como afirma a pesquisadora, e, embora não fosse exclusiva, conforme contestamos, certamente havia outras obras que disseminavam este estereótipo. Lobato, porém, autor de um dos textos mais sensíveis e irônicos em defesa da igualdade entre pessoas negras e brancas – o conto *Negrinha* – trazia para o interior de suas histórias exatamente a antítese dos paradigmas por meio de uma frutífera

<sup>229</sup> Lobato, 2019, p. 24, reproduzindo versão de 1947.

<sup>230</sup> Del Picchia, 1932, p. 7, citado por Gouvêa, 2005, p. 87.

intertextualidade que se tornou invisível na mídia em que os textos dos outros autores foram caindo no esquecimento<sup>231</sup>. Assim é que o jargão da época, utilizado por Lobato para estabelecer a intertextualidade com os demais textos publicados no início do século XX nos chega hoje como se fosse exclusivo de Lobato e característico de um suposto racismo atribuído ao autor.

### c) **Corpos animalizados**

Com relação à descrição das personagens presentes nas histórias destinadas a crianças do período selecionado, a pesquisadora nos leva à conclusão de que, contrariamente ao que acontecia com relação às personagens brancas, eram utilizados adjetivos depreciativos quando se referiam a personagens negras, sendo estas sempre animalizadas. Para exemplificar, mais uma vez ela lança mão de um excerto escrito por Lobato:

É interessante observar que Lobato fazia referência, em diversos textos, ao beijo de Tia Nastácia, animalizando-a. Assim, por exemplo, dizia Emília, em *Reinações de Narizinho*:

(...) eu cortava um pedaço desse beijo. (1931, p. 36)

Na mesma obra, num diálogo entre as crianças, Emília retruca Pedrinho:

(...) melado com rapadura é uma coisa de lamber os beijos, disse Pedrinho – Beijo é de boi, protestou Emília. Gente tem lábios. (1931, p. 36)<sup>232</sup>

Conforme se percebe no próprio exemplo pinçado, Pedrinho faz referência à expressão popular “de lamber os beijos”, uma locução adjetiva que caracteriza algo “delicioso” ou “extremamente saboroso” e que é usada até os dias atuais. O termo “beijo”, portanto, mesmo fora do âmbito fictício não se aplica exclusivamente a pessoas de etnia negra.

---

<sup>231</sup> Cf. Bignotto, 2020.

<sup>232</sup> Gouvêa, 2005, p. 88. Os excertos de Lobato são aqui reproduzidos do modo como foram citados pela pesquisadora.

Com relação aos termos hoje considerados depreciativos presentes na literatura infantil da época arrolada pela pesquisada, dos quais “beijo” e “negra” seriam exemplos presentes nos livros de Lobato, tais termos compunham o jargão típico dos livros com os quais os livros de Lobato estabeleciam intertextualidade na medida em que Lobato usava o jargão com o qual o público para o qual ele escrevia já estava acostumado. Neste ponto, faz-se oportuno perguntar se Lobato teria utilizado esta estratégia – a repetição da caracterização presente nos textos com os quais os seus dialogavam – se estivesse escrevendo histórias que seriam lidas por crianças negras e por seus pais. Teria ele se referido daquele modo ao público que, ao escolher como alvo, é de se supor, pretenderia agradar?

Mesmo que Lobato não militasse contra o racismo, seu tino comercial o impediria de cometer tal “suicídio literário”. Lobato tinha, porém, plena consciência de que não escrevia para um público negro e por isso se permitia usar como estratégia – por vezes acrescida de alta dose de ironia – de aproximação de seu público-alvo os mesmos termos e caracterizações a que esse estava acostumado. Lobato se aproximava de seu público por meio do mesmo jargão que esse utilizava, estabelecendo, assim, similitude no nível da linguagem, e defendia, por meio do conteúdo – ações e reações das personagens – a igualdade entre as diferentes etnias, classes sociais, faixas etárias e culturas. Se Lobato escrevesse para um público composto também por negros, teria o cuidado de não usar expressões que poderiam magoá-lo, senão por uma questão de sensibilidade, de respeito e de luta contra o racismo, ao menos por uma questão de tino comercial, que nunca lhe faltou.

Além disso, se Lobato não tivesse descrito Tia Nastácia como representante da etnia negra, como saberíamos que ela é negra? Ela era cozinheira, mas poderia ser uma cozinheira branca – alguma imigrante italiana ou polonesa, por exemplo. Ela era praticamente mãe de criação de Narizinho – mesmo isso não a obrigaria a ser necessariamente negra, pois havia no Brasil babás e preceptoras brancas. Ela viaja com D. Benta para a Europa e para Nova Iorque; ela é chamada a ensinar os grandes estadistas a construir a paz... A qual personagem negra caberia

tal papel na sociedade brasileira do início do século XX? Ou seja, se Lobato não explicitasse que Tia Nastácia é negra, nós nunca saberíamos disso. Seu comportamento é sempre o de uma pessoa que se encontra no mesmo patamar que D. Benta e, portanto, subentenderíamos que ela é branca – exatamente como subentendemos que D. Benta é branca, embora – como bem nota a pesquisadora – sua etnia não seja em momento algum explicitada. O modo como Tia Nastácia se comporta e as características psicológicas a ela atribuídas – sabedoria, inclusive – não costumavam ser creditadas a personagens negras na literatura da época, conforme a própria pesquisadora ressalta.

Sem a descrição física – guiando-se o leitor apenas pelas ações, atitudes e características psicológicas de Tia Nastácia –, realmente não haveria como saber que ela é negra. Mas por que, então, colocar uma personagem negra na história se comportando como branca, de acordo com os padrões sociais característicos da época em que a história se passa, também é uma pergunta adequada neste momento. Pois bem: era importante colocar uma personagem negra em cena se comportando como as personagens brancas e recebendo o papel e caracterização psicológica normalmente atribuídos a personagens brancas justamente para alçar o negro ao mesmo patamar ocupado pelo branco, ainda que apenas no plano fictício, como uma forma de propor mudança de hábitos em relação ao negro no plano concreto.

#### **d) Contador de histórias**

Com relação ao referido “estereótipo do contador de história”, repositório da cultura popular que a pesquisadora apresenta como “desvalorizada”, ao reproduzi-lo, Lobato recupera a figura do contador de história típico do Romantismo, que é por excelência o movimento literário que se dedicou a construir identidade para as nações ao apelar para os elementos culturais comuns a um conjunto de indivíduos que passavam, a partir de então, a constituir um povo, uma nação. Como leitor ávido que era e conhecedor de Literatura, Lobato tinha perfeita noção da função social da literatura e do papel histórico

que as obras do Romantismo, com o típico contador de histórias, desempenharam. Portanto, o que Lobato faz ao resgatar uma estratégia típica do Romantismo é resgatar uma tradição literária que legitima a elevação dos negros à categoria de membros integrantes da sociedade porquanto partícipes e guardiões da cultura popular brasileira.

Quando se analisa uma obra literária, é preciso ter conhecimento – e trazê-lo para a análise – de Teoria e História Literária. Análises de textos literários amparadas apenas por teorias sociológicas, antropológicas e áreas afins acabam desprezando, por ignorância, a tradição literária e o sentido que determinadas personagens e determinados *locus* assumem dentro da tradição literária e recuperam ao serem invocados. Entenda-se tradição literária como contexto encaixado no interior de uma corrente, precedido por outros contextos e práticas que lhe dão sentido e sucedido por outros contextos e práticas que ajudam a criar e aos quais dão sentido. Análises que desconsideram a tradição literária costumam ser, portanto, incompletas e, não raro, caem em todas as falácias a que a ignorância de elementos básicos de teoria e historiografia literária pode conduzir.

É importante, ainda, notar que a obra de Lobato rompe com a tradição literária com a qual dialoga. Quando Lobato insiste várias vezes em *A menina do narizinho arrebitado*, seu primeiro livro para crianças, e algumas vezes em outros livros que vão compor *Reinações de Narizinho* e a série *O Sítio do Picapau Amarelo*, que Tia Nastácia é negra ou preta, ele está justamente dialogando com uma tradição literária cujos principais exemplos – no que se refere ao lugar-comum ao negro na literatura e sua caracterização como personagem literária – encontram-se em alguns dos excertos reproduzidos no próprio artigo aqui analisado. Tais excertos apresentam o negro recluso aos ambientes não frequentados pelos brancos, intrinsecamente mau e marcado pelo tom escuro de sua pele, que, para ser aceito, deveria ser embranquecido a todo custo, como bem destaca a pesquisadora.

Especificamente sobre a caracterização de Tia Nastácia como negra, cumpre notar que, ao reproduzir os termos empregados para se

referir a pessoas da etnia negra correntemente utilizados à época e empregados, inclusive, nos demais livros publicados no período – conforme a própria pesquisadora exemplifica –, as falas cabiam sempre a Emília. A única personagem que ofende Tia Nastácia é Emília, e ela é sempre repreendida por isso – no interior dos livros e fora deles, como bem exemplifica a carta de Maria Luiza<sup>233</sup>, uma das leitoras mirins de Lobato que se correspondia com ele.

Ilma. Sra.

D. Benta Encerrabodes de Oliveira e família. Como vão todos aí?

Como vai a Emília balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim, o inteligente paquiderme africano; Rabicó, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça?

Diga a esses amiguinhos meus (menos a Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”. (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer – fazer aventuras)

Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.

Maria Luiza

3 palavras dedicadas a Emília em deutsch.

- du - bist - dumm -<sup>234</sup>

von

Maria Luiza

---

<sup>233</sup> Esta carta se encontra no Arquivo IEB-USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, Dossiê Monteiro Lobato, CrP2C9. Foi aqui reproduzida conforme se encontra em: Silva, 2020, p. 51-60.

<sup>234</sup> Em alemão, “du - bist - dumm” significa “você é idiota”. O hífen separando uma palavra da outra indica que o recado deveria ser lido pausadamente, a fim de ser bem compreendido.

Como se pode notar, a Tia Nastácia cabem apenas elogios, enquanto Emília é censurada. Ao menos Maria Luiza aprendera a quem elogiar e a quem censurar – talvez em casa, com pais esclarecidos, talvez também em alguns livros que lia, os de Lobato, que tão bem demonstravam – por meio, sobretudo, das ações das personagens – o que é certo e o que é errado.

Convencionou-se tomar Emília como *alter ego* de Lobato, uma personagem por meio da qual Lobato exporia com liberdade suas ideias inconfessáveis. Se assim o fosse, Emília não seria repreendida continuamente pelas demais personagens, sobretudo por D. Benta, Narizinho e o Visconde de Sabugosa e, em algumas ocasiões, pela própria Tia Nastácia, que costuma ser a vítima preferida, mas não exclusiva, de seus comentários impertinentes. Se os comentários impertinentes de Emília fossem a expressão das ideias de Lobato, por que ele se daria ao trabalho de, por meio das demais personagens, repreendê-la? Uma pessoa em seu juízo perfeito professa determinadas concepções por entendê-las como corretas e coerentes, ou seja, imbuídas de bom-senso. Se a voz de Emília fosse, de fato, a voz de Lobato, como ele teria condições de criticá-las por meio das vozes das demais personagens? Tais críticas demonstram o erro ou falta de lógica das falas de Emília. Se Lobato professasse as mesmas ideias de Emília, mesmo sendo capaz de tecer as críticas que coloca nas falas das demais personagens, ou Lobato teria sido diagnosticado como esquizofrênico ou como portador de transtorno dissociativo de identidade. Não há, porém, nenhuma referência a problema psiquiátrico relacionado a Lobato. Logo, Emília se encaixa mais como o *alter ego* de Ludwig, Kaspar e Wilhelm, os meninos da história de Hoffmann que, com seu caráter *naïf* – não no sentido de inocente, mas no sentido de destituído de educação, bons princípios e boas maneiras – caçoavam do menino negro que – este, sim – educado e guardador das boas maneiras, saía ao sol sob a proteção de uma sombrinha.

Emília simboliza a criança impetuosa, como o são todas as crianças que ainda não passaram pelo “processo civilizatório”. Impetuosa no sentido de mal-educada – que vai recebendo a educação de que precisa a cada demonstração de grosseria – e, ao mesmo tempo,

no sentido de destituída de senso de padrão moral de comportamento. A licenciosidade de seu comportamento é autorizada por sua liberdade de criança em estado natural – ela já foi criada “grande”, lembremos; ela não passou pelo processo de nascer bebê e ir crescendo e recebendo a educação que as experiências cotidianas e o convívio com os adultos e crianças já adiantadas no “processo civilizatório” proporcionam. Ou há no Sítio do Picapau Amarelo alguma outra personagem que despreze Tia Nastácia, desobedeça D. Benta, conteste o sábio Visconde de Sabugosa, desafie Narizinho, despreze as ideias de Pedrinho e arranje intriga com quase todas as demais personagens?

Quanto à frequente ausência de nome para as personagens de etnia negra a que a pesquisadora se refere – “invariavelmente, o nome dos personagens negros era substituído por vocábulos como: o negro, o negrinho, o preto, o pretinho, a negra, a negrinha, o preto velho, a negra velha”<sup>235</sup> –, não há como saber de que textos e autores ela trata, pois não apresentou nenhum exemplo. Sabemos, porém, que não pode estar se referindo à obra infantil de Lobato, em que até os animais recebiam nome e, por vezes, título de nobreza, como o Marquês de Rabicó – um porco – e o Príncipe Escamado – um peixe. O fato de a personagem do já referido conto *Negrinha* não ter recebido nome faz parte da estratégia de sensibilização adotada pelo autor para chamar a atenção do leitor para a denúncia ali apresentada: à desumanização a que as pessoas de etnia negra eram submetidas fora do universo fantástico – fictício, portanto – do Sítio do Picapau Amarelo.

O que detectamos atualmente como linguagem racista nos textos de Lobato são as marcas de certa intertextualidade que já não mais pode ser reconhecida porque, de todos aqueles livros destinados a crianças que circulavam no início do século XX, os únicos que continuam vivos são os de Lobato. Se os recolocarmos no contexto do qual foram retirados – ou seja, se lermos os livros infantis que estavam em circulação no início do século XX –, a linguagem empregada por

---

<sup>235</sup> Gouvêa, 2005, p. 88.

Lobato se tornará lugar-comum. E se a linguagem empregada por Lobato para caracterizar as personagens negras é a mesma que os demais autores do período empregavam, voltamos a destacar, o mesmo não se pode afirmar sobre a posição em que as personagens negras são colocadas por Lobato, determinadas por suas ações e atitudes, que configuram também sua caracterização psicológica – ou seja, o conteúdo da obra infantil de Lobato destoa do conteúdo comum à época e, justamente por isso, sobreviveu até os dias atuais.

Não poderíamos encerrar este capítulo da história de acusações infundadas de que Lobato vem sendo vítima sem lembrar que a comparação com macaco, no texto de Lobato, serve para ressaltar as habilidades físicas das personagens; quem sobe em árvore com destreza – como Tia Nastácia no momento de desespero, no livro *Caçadas de Pedrinho*<sup>236</sup> – ou quem salta de uma pedra recoberta de limo para outra sem escorregar e cair no riacho – como Narizinho – são dignas de serem comparadas a macaco. Sim, o recurso estilístico utilizado por Lobato foi a comparação; em momento algum ele chamou Narizinho ou Tia Nastácia de “macaco”.

#### 4. Branqueamento forçado das personagens negras

No item em que a pesquisadora tece suas críticas à presença de personagens negras na literatura infantil apenas com o “irrelevante papel” de contadoras de histórias, pressupondo se tratar de mais um caso de estereotipia das personagens negras com o exclusivo objetivo de depreciá-las, ela reproduz a fala de Pérola da Manhã, a menina negra que queria atravessar um rio cujas águas a tornariam branca, protagonista do conto homônimo.

Tamil disse-nos que os primeiros homens que foram criados viviam à margem de um grande rio, que fica para lá!, disse Pérola da Manhã, apontando para o norte. Eram todos pretos. Mas, alguns deles que sabiam nadar, atravessaram o rio para o outro lado. A água lavou-os e eles ficaram

---

<sup>236</sup> Lobato, 1962.

brancos. Desde então, os homens brancos estão sempre a estender os braços, convidando os homens pretos a também atravessarem o rio (...) eu também desejava atravessá-lo [a] nado, a fim de tornar-me branca.<sup>237</sup>

Publicado por Tales de Andrade em 1919 no volume dedicado ao folclore africano na coleção Biblioteca Infantil, esse conto precede *A menina do narizinho arrebitado* em poucos meses e, portanto, foi objeto de leitura do público com o qual Lobato começa a dialogar quando passa a escrever para crianças.

A despeito dos esforços de Tales de Andrade para registrar e disseminar parte dos elementos que constituem nossa cultura – como estrangeiros já haviam começado a fazer, a exemplo de Theodor Koch-Grünberg, que publicou em Berlim em 1916 *Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Arekuná*, dentre os quais se destaca “Macunaíma”, apresentado mais tarde ao Brasil por Mário de Andrade –, a pesquisadora afirma que “O projeto de resgate da cultura africana foi construído a partir do olhar do narrador branco, cujos valores estavam impressos na narrativa.”<sup>238</sup> A conclusão a que sua análise nos conduz é que aos negros teria sido imposto o desejo de se tornarem brancos e, por conseguinte, que todas as crianças negras desejavam se tornar brancas, pois, caso contrário, não seriam aceitas pelas crianças brancas:

Os negros eram destituídos de sua identidade étnico-cultural, reduzida a diferenciações físico-raciais. A possibilidade de tal convivência [entre crianças negras e brancas] dava-se por meio do embranquecimento dos personagens negros, do despojamento de sua identidade racial.<sup>239</sup>

Partindo dessa análise aparentemente equivocada – há que se analisar mais profundamente o tema, que não pode receber um veredito como esse proferido pela pesquisadora em um único parágrafo de considerações, sem referência a sequer uma única

---

<sup>237</sup> Andrade, 1919, p. 32, citado por Gouvêa, 2005, p. 85.

<sup>238</sup> Gouvêa, 2005, p. 86.

<sup>239</sup> Gouvêa, 2005, p. 89.

pesquisa –, mais adiante, no item “Tornar-se branco”, a pesquisadora cita um excerto de *As reinações de Narizinho*, publicado em 1931 para demonstrar como Lobato teria imposto a seus leitores negros, embora praticamente inexistentes à época, a necessidade de se embranquecerem, renegando sua etnia e raízes:

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. — Que não seja boba e venha — disse Narizinho — eu dou uma explicação ao respeitável público... — Respeitável público, tenho a honra de apresentar (...) a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura.<sup>240</sup>

Os três autores que acabamos de citar mereceram as seguintes considerações da pesquisadora:

Lobato aproxima sua narrativa da história de Pérola da Manhã, reproduzindo mitos presentes na cultura oral, também presentes em Macunaíma de Mário de Andrade, do mesmo período. Porém, se o autor modernista buscava retratar os mitos fundadores da brasilidade, numa perspectiva crítica, Tales de Andrade e Lobato apresentavam a herança racial africana como um fardo, a desqualificar os personagens. A literatura infantil espelhava a representação social das relações inter-raciais no Brasil, representação em que uma visão racista e etnocêntrica fazia-se presente, escapando à idealização pretendida pelos autores das obras infantis.<sup>241</sup>

O que a pesquisadora deixa de levar em conta é que a idealização que ela credita aos autores de obra infantil<sup>242</sup> não deixava espaço para personagens esféricas. Na literatura infantil tradicional – anterior à transformação provocada por Lobato –, a bruxa (fada má) é

---

<sup>240</sup> Lobato, 1931, p. 206, citado por Gouvêa, 2005, p. 89.

<sup>241</sup> Gouvêa, 2005, p. 89.

<sup>242</sup> Cf. Gouvêa, 2005, p. 89.

totalmente má e, a princesa, totalmente boa. Os contos de fadas tradicionais, ambientados na parte ocidental da Europa medieval, vestiam de negro as fadas más e os cavaleiros que lutavam ao lado do mal ou cuja identidade se encontrava ocultada. Isso não se deve, como certamente se imaginará, a um preconceito racial com raízes medievais. Deve-se, antes, ao valor simbólico atribuído pela psique humana às cores. A noite – escura, de cor negra e, quando há lua cheia, sombria – é o momento do medo perante o desconhecido, bem como de se praticar o que se quer manter oculto. Tais noções se desenvolveram em tempos ancestrais, antes do uso de meios “artificiais” para iluminá-la. Seu oposto, o dia, com a chegada da luz, que a tudo ilumina e revela, causa sensações e correlações opostas, sendo, portanto, identificado com a cor branca. A construção destes dois campos semânticos e sua oposição são tão universais que se encontram também na cultura ioruba:

As teorias da cor, tal como as teorias da música, são construções culturais. No pensamento ocidental, a cor é geralmente discutida como pigmento ou como luz que consiste em três propriedades variáveis: tonalidade, valor e intensidade. Tais construções moldam as formas como percebemos e compreendemos a cor. A cultura ioruba define e compreende a cor de uma forma diferente (...) Os iorubas distinguem três agrupamentos cromáticos: *funfun*, *pupa* e *dundun/dudu*. (...) cada grupo inclui uma gama de cores e matizes, bem como várias tonalidades e intensidades de cada cor. As associações evocativas com a temperatura e, por extensão, o temperamento, são os fatores primários que distinguem um grupo cromático de outro. O *funfun*, que inclui branco, prata, cinza pálido e cromo, evoca frio. O *funfun* também está associado à idade e à sabedoria. *Pupa*, evocando calor, inclui uma vasta gama do que os ocidentais podem rotular de vermelho, rosa, laranja e amarelo profundo. Fazendo a ponte e mediando os extremos de pupa (quente) e *funfun* (frio), *dundun/dudu* inclui cores escuras e geralmente frias: preto, azul, índigo, roxo e verde, bem como castanhos escuros, castanhos-avermelhados e cinzentos escuros.<sup>243</sup>

---

<sup>243</sup> Drewal, 1998, p. 18-27.

Dessas noções, vêm a tradução de *funfun* como branco, claro e limpo e de *dundun/dudu* como preto, sujo e escuro, conforme se encontram no dicionário ioruba-português<sup>244</sup>. As possibilidades de tradução para o inglês de *funfun*<sup>245</sup> são *white* (branco, adjetivo), *forfeitures* (confisco), *whit* (?), *whiten* (branquear), *whitener* (branqueador), *whiteness* (brancura), *whitening* (branqueamento), *whiter* (mais branco), *whitish* (enbranquiçado), *blanc* (branco), *holier* (mais santo), *pure* (puro, adjetivo) e *perfunctory* (superficial) e, de *dundun/dudu*<sup>246</sup>, *black* (preto, adjetivo), *dark* (esuro, adjetivo), *darken* (escurecer), *blacken* (enegrecer), *blackier* (mais preto), *blackie* (?), *blackish* (enegrecido), *blackly* (negramente) e *blackness* (escuridão). Em resumo, em ioruba, *funfun*, frio e claridade pertencem a um mesmo campo semântico, enquanto *dundun/dudu*, calor e escuridão pertencem ao campo semântico oposto.

Por partilharem os ocidentais das mesmas noções de cor que os iorubas é que a fada má dos contos de fada é circunscrita ao campo semântico da cor negra. Por isso, a presença de Tia Nastácia, negra, no baile das princesas dos contos de fadas certamente despertaria atenção e causaria medo. Ela se tornaria o alvo de todos os olhares e motivo de pavor entre as princesas. Tia Nastácia, detentora do conhecimento tradicional popular – mesmo que desconhecesse a origem de seu saber – sabia disso e se encabulava diante da possibilidade, à qual não queria se expor, de ser tomada por uma fada má (bruxa).

Talvez Lobato soubesse a origem das vestes pretas das fadas más dos contos de fada que aterrorizavam as princesas com seus encantamentos, porém, mesmo que não soubesse, o fato é que ele estava escrevendo para crianças acostumadas a ler histórias em que frequentemente – ou sempre, segundo a pesquisadora responsável pelo artigo aqui abordado – as personagens negras eram relacionadas a bruxarias e maldades. Por isso era preciso avisar aquelas crianças, as leitoras para as quais ele estava escrevendo, que elas tinham em mãos outro tipo de contos de fada, um tipo em que as personagens negras

---

<sup>244</sup> *Dicionário Online Ioruba-Português.*

<sup>245</sup> *Dicionário Online Ioruba-Ingês.*

<sup>246</sup> *Dicionário Online Ioruba-Português.*

são boas. Daí o emprego de expressões como “é negra, mas é boa”; a “boa negra”, “preta de alma branca” e “preta só por fora”. Tais expressões faziam parte do discurso conciliador à época, provavelmente para, como a pesquisadora mesma aponta<sup>247</sup>, dissimular o racismo de quem as proferia. Lobato, porém, ressignificava no interior de seus contos de fadas, que acabam por constituir uma versão moderna da literatura infantil ao mesmo tempo em que abrem a possibilidade de se dialogar com os leitores acostumados a essas expressões nos textos que circulavam à época.

Que Tia Nastácia é uma personagem negra diferente daquelas personagens negras a que estavam acostumadas, as crianças leitoras eram capazes de entender por meio de explicações que empregavam expressões como “preta só por fora”. Com as princesas dos contos de fadas, porém – personagens planas, para as quais os príncipes e as fadas boas eram totalmente bons e as madrastas e fadas más eram totalmente más, conforme acima explicado –, era preciso ser mais convincente. Como tolas que eram, uma vez que acreditavam na bondade absoluta e na maldade absoluta, bastava contar uma história fantasiosa daquelas às quais estavam acostumadas e até protagonizavam, afirmando que Tia Nastácia era uma princesa – por conseguinte, boa – e elas acreditariam. Tia Nastácia já tinha nome de princesa – a filha do czar da Rússia, procurada à época por detetives por todo o mundo. Podia muito bem ser uma princesa branca, como todas as demais que estariam presentes no baile, transformada por um encantamento. Não haveria, então, nenhum motivo para pânico e Tia Nastácia poderia comparecer ao baile sem temer provocar espanto e pavor. Assim, “a idealização pretendida pelos autores das histórias infantis”<sup>248</sup> – que a

---

<sup>247</sup> “A fala da personagem é inequívoca. Apesar de preto, Alcaçuz tinha alma branca, o que lhe permitia ser aceito como companheiro pela criança branca. Fica clara a desqualificação das raízes raciais do personagem, sendo que a referência racial aparecia como um fardo compensado por seu caráter, que o ‘igualaria’ às demais crianças brancas. É interessante observar que a pretensão do autor parecia ser transmitir a idéia de convivência, integração interracial. Mas, ao fazê-lo, despojava o personagem de sua identidade étnica, marca vexatória compensada pelo caráter moral branco.” (Gouvêa, 2005, p. 89).

<sup>248</sup> Gouvêa, 2005, p. 89.

pesquisadora cobra de Lobato – é usada por ele para desconstruir perante as crianças leitoras o imaginário ao qual elas tinham sido familiarizadas – como a própria pesquisadora aponta – de que as personagens negras são sempre más. Para desconstruir perante as princesas dos contos de fadas a relação direta entre o mal e a cor negra – nas vestes ou na pele –, o autor lhes propõe imaginar que no interior daquela personagem negra havia uma princesa igualzinha a elas, ensinando que o real caráter de uma pessoa se encontra não se associa à cor de sua pele. Não se constituiria tal lição em um bom combate ao preconceito étnico?

### 5. Branqueamento forçado de... “crianças brancas”

Uma vez assentada e comprovada a presença do negro na literatura infantil publicada no Brasil desde seus primórdios e analisado o papel do negro na obra infantil de Lobato, passemos à etnia dos brasileirinhos e brasileirinhas que tinham livros à mão – tematizada pela pesquisadora no artigo aqui abordado no item “O embranquecimento do leitor infantil”<sup>249</sup>. Especificamente sobre este tópico, tudo que o artigo traz nos dois parágrafos que compõem este item é o que aparece nas duas últimas frases que encerram o artigo e uma frase citada em item anterior:

O leitor que os textos produziam era marcado pela identificação com a cultura e estética brancas, ao mesmo tempo que desqualificador da cultura e estética negra. Negro ou branco, os textos acabavam por embranquecer o leitor, ao reiteradamente representar a raça branca como superior.<sup>250</sup>

(...)

Na verdade, mais que embranquecer os personagens, a literatura infantil do período dirige-se e produz um leitor modelo identificado com os personagens e as referências

---

<sup>249</sup> Idem.

<sup>250</sup> Gouvêa, 2005, p. 90.

culturais brancas, marcando, portanto, um embranquecimento do leitor.<sup>251</sup>

“Negro ou branco”, aqui, indica-nos que a pesquisadora parte do princípio de que o conjunto de crianças que sabiam ler e consumiam livros no Brasil entre 1900 e 1937 era composto por crianças brancas e negras – pressuposto a partir do qual todas as considerações apresentadas ao longo do artigo são tecidas e que já negamos em dois momentos anteriores. Diferentemente do que a pesquisadora afirma, os livros destinados ao público infantil do início do século XX não “acabavam por embranquecer o leitor negro” pelo simples fato de que praticamente não havia público leitor infantil negro no Brasil no início do século XX.

Inicialmente é preciso esclarecer que um livro até pode construir um público leitor para si, mas nenhum livro – sobretudo do início do século XX, quando o índice de analfabetismo era tão mais alto do que o atual e o acesso ao livro tão mais difícil – “produz leitores” no sentido de determinar quem terá acesso a livros, de modo geral. O acesso ao livro é determinado basicamente pela habilidade de leitura do indivíduo e seu poder aquisitivo ou acesso a bibliotecas públicas, caso elas existam – e só em segundo plano por outros fatores.

Dentre as diversas razões que conduzem à conclusão de que não havia público leitor infantil negro no Brasil entre 1900 e 1937, período focalizado pela pesquisadora, destacam-se o fator econômico e os índices de analfabetismo.

O preço dos livros lhes franqueava acesso apenas às famílias mais abastadas – às quais os indivíduos que haviam estado até poucos anos antes sob o regime de exploração de sua força de trabalho não tinham acesso. Embora pudesse haver algumas exceções, exceção não constitui regra.

Além disso, por uma série de fatores que não nos cabe dissecar aqui, mesmo crianças brancas integrantes de famílias abastadas da área urbana, em sua maioria, não frequentavam escola. Dentre esses fatores, inclui-se o fato de que a Constituição de 1891 desobrigava a

---

<sup>251</sup> Gouvêa, 2005, p. 79.

frequência à escola A maioria das crianças que aprendiam a ler no fim do século XIX e início do XX recebia educação informal em casa, aprendendo a ler, escrever e fazer contas com a própria mãe, algum outro parente ou preceptoras, dos quais acabavam recebendo também algumas noções básicas de conhecimentos gerais e artes. Por esse motivo, inclusive, os censos da época só recolhiam informação sobre alfabetização de indivíduos a partir de 15 anos – o índice de analfabetismo entre crianças nem aparecia nas estatísticas. Dentre os indivíduos a partir de 15 anos, o índice de analfabetismo era de 63,3% em 1900; 65,0% em 1920 e 56,1% em 1940<sup>252</sup>. Quanto mais novo o indivíduo, maior a probabilidade de que fosse analfabeto. Mesmo para as crianças brancas da classe baixa, o acesso à leitura, própria ou praticada por um adulto, constituía exceção.

Quanto aos pais das crianças negras no referido período, pode-se afirmar que dificilmente tiveram acesso à educação, pois cresceram durante o período que antecede a abolição do sistema escravagista ou nos primeiros anos posteriores a sua abolição.

Acrescente-se a tudo isso o fato de que a proporção de crianças negras era bem menor do que a de crianças brancas, conforme os índices dos censos de 1872, 1890 e 1940 nos levam a inferir – os censos de 1900 e 1920 não colheram informações sobre etnia. Enquanto a população branca era composta por 3.787.289 indivíduos em 1872; 6.302.198 em 1890 e 26.171.778, a população negra era composta, respectivamente, por 1.954.452; 2.097.426 e 6.035.869<sup>253</sup>.

Tendo isso em vista, o conteúdo dos livros infantis da época se baseava nos interesses da criança alfabetizada ou pertencente a um meio em que havia um adulto disposto a ler para ela. A maioria das crianças que preenchiam estes requisitos pertencia à classe alta, fato que exclui quase a totalidade das crianças negras – senão todas. Portanto, a escolha do tema a ser apresentado pelo livro infantil publicado no Brasil na época se dava como consequência das características do público leitor e não o contrário: o leitor não era levado a pensar como branco – tornar-se branco, mesmo que fosse

---

<sup>252</sup> Brasil, 2003.

<sup>253</sup> Senkevics, s.d.

negro – devido ao conteúdo dos livros. Tal afirmação só seria possível à base da completa escamoteação de qualquer noção de formação social e econômica da população brasileira da época, bem como qualquer noção de estética da recepção.

Não apenas a criança leitora brasileira do início do século XX, mas também o adulto brasileiro leitor do início do século XX tinha quase necessariamente que ser branco e, mais que isso, pertencer à classe média ou alta urbana. Se formos considerar as exceções, então encontraremos o negro presente não apenas entre os leitores, mas também entre os escritores, fato que a pesquisadora descarta por completo.

## **6. Para refletir**

Conforme os fatos acima analisados atestam, entre o retrato falado do “criminoso” e sua real face vai uma longa distância. Tal afirmação não nega o componente racista de parte da literatura infantil – e adulta – em circulação no Brasil no passado e presente; o racismo estava e está presente na literatura tal como estava e está presente em elementos da sociedade. Trata-se, sim, de demonstrar que Lobato foi justamente quem elevou as personagens negras ao mesmo patamar das brancas na literatura infantil brasileira, assim como elevou a mulher ao mesmo patamar ocupado pelos homens.

Além disso, trata-se de chamar a atenção para a necessidade de se considerar a análise feita por especialistas em linguagem e devidamente contextualizadas. Não se podem tomar por completas, definitivas, únicas aceitáveis, enfim, demonstrações cabais da verdade final e absoluta, análises da obra de Lobato tecidas a partir de perspectivas que desconsideram por completo conceitos básicos de teoria e historiografia literária, feitas por leigos nas ciências literárias e linguísticas. Análises parciais podem resultar no que têm resultado algumas análises contemporâneas da obra de Lobato: tentativas incapazes de enxergar as verdadeiras demonstrações de preconceito, por um lado e, por outro, panfletos vazios, quando não plenos de ódio, que, para aderir a uma causa justa – a defesa da igualdade de

direitos e deveres entre os indivíduos de todas as etnias –, detratam cegamente quem tanto fez por essa mesma causa.

## CAPÍTULO VI – O problema vital de Monteiro Lobato

*José Wellington de Souza*

**A**o longo dos últimos cem anos, Monteiro Lobato foi motivo de discussão e muitos aspectos de sua obra foram objeto de celeuma, especialmente entre a grande mídia. Recentemente, o tema que despertou o interesse midiático foi a possibilidade da existência de conteúdo racista na obra do autor, e mesmo a especulação de que o autor tivesse sido racistas, especialmente depois de 2010, quando se problematizaram certas passagens, consideradas racialmente ofensivas, na obra *Caçadas de Pedrinho*. O interesse por tais discussões, no entanto, não se restringiu ao meio de comunicação de massa, tendo alcançado o campo acadêmico, de maneira que, em pouco tempo, diversos trabalhos acadêmicos tentaram oferecer à questão um veredito final. Entretanto, o problema apresentado pelos jornais e acalentado por braços universitários foi mal formulado e, questões apresentadas pelo senso comum, repetidas à exaustão: Monteiro Lobato foi racista? Ou, dito de outra forma, existe racismo na obra de Lobato?

Tal fenômeno se deu especialmente pelo fato de a discussão ter logo saltado das páginas de jornal e dos debates televisivos para as páginas de artigos acadêmicos e discussões acadêmicas sem ter sido devidamente conceituada de acordo como os preceitos científicos para a constituição de um tema legítimo de pesquisa. A questão tinha obviamente seu valor social, mas não foi constituída enquanto problema de relevância sociológica. O que houve foi o usual contrabando de temas do senso comum para o senso comum douto – o que ocorre quando temas políticos ou de interesse social e político

são sacralizados pelos detentores autorizados a legitimar, de maneira arbitrária, termos que são transformados em conceitos<sup>254</sup>.

O efeito mais notório de tal processo, no caso que observamos, aparece no artigo escrito por Feres Junior, João Nascimento e Zena Winona Eisenberg<sup>255</sup> em que os autores são categóricos ao afirmar a existência não apenas de elementos de cunho racista na obra de Monteiro Lobato, como chegam a declarar que o autor era essencialmente racista. Para justificar tal acusação, os autores se pautam na relação de Lobato com o Movimento Eugênista de São Paulo, assim como com o movimento sanitarista, afirmando que:

Monteiro Lobato era de fato racista. De passagem, não podemos deixar de mencionar que Lobato foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de expoentes da eugenia no Brasil, como os médicos Renato Kehl (1889-1974) e Arthur Neiva (1880-1943), dados que apenas ilustram sua imagem de adepto fervoroso dos ideais eugênicos de melhoramento da raça, refletidos plenamente em seus textos, privados e públicos.<sup>256</sup>

Ao tentar comprovar que “Lobato era de fato racista”, os autores do artigo acabam por desprezar a complexidade histórica dos sentidos atribuídos ao termo eugenia, significante do qual transbordam múltiplos significados, especialmente no caso brasileiro, conforme afirma Nancy Stepan, citada pelos autores, mas desprezada na complexidade de seus argumentos. Assim, reduzem o pensamento eugenista a sua vertente Darwiniana-mendeliana, que relacionam ao nazismo, conforme expõem na décima nota de seu artigo:

Eugenia, palavra que em grego significa “bem nascer”, é uma ideologia que tem como base o projeto do melhoramento racial da espécie ou de grupos humanos por meio de seu controle reprodutivo, manipulando características fenotípicas, genéticas e psicológicas para

---

<sup>254</sup> Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2007.

<sup>255</sup> Eisenberg; Feres Junior; Nascimento, 2013, p. 69-108.

<sup>256</sup> Eisenberg; Feres Junior; Nascimento, 2013, p. 82-83.

tal fim. Historicamente influenciada pelo evolucionismo surgido na segunda metade do século XIX, particularmente o darwinismo social, tal ideologia atingiu grande popularidade na Europa e nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX, e foi também recebida no Brasil. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, e a derrota do projeto eugenista nazista, perdeu grande parte de seu apelo. Para a história geral dessa doutrina ver Carlson (2001). Para sua recepção no Brasil, ver Stepan (1991).<sup>257</sup>

Em nossa percepção, no entanto, parece notório que afirmações tais como a de que Monteiro Lobato “era de fato racista”, em seus escritos ou em seu “ser” não são cientificamente plausíveis, não apenas pela falta de uma definição reflexiva, capaz de ultrapassar os termos tomados do senso comum – no presente caso, os termos eugenia e racismo –, mas também por transformá-los em conceitos realmente científicos<sup>258</sup>, o que denota a incapacidade das ciências humanas em analisar afirmações de tamanha subjetividade e imprecisão. Assim sendo, nos restringiremos aqui a uma análise objetivamente fundamentada a respeito de Monteiro Lobato e sua ligação com o pensamento racialista e eugenista do início do século passado, tomando o devido cuidado de definir o sentido relacional de tais termos quando utilizados por Monteiro Lobato.

Para tanto, observamos de maneira cuidadosa o trabalho de Nancy Stepan sobre raça e eugenia no Brasil das primeiras décadas do século XX antes de tratarmos diretamente de Monteiro Lobato.

## 1. A construção do pensamento eugenista no Brasil

Usualmente, confere-se a Francis Galton (1822-1911) a paternidade da teoria eugenista, elaborada após sua leitura de *A origem das espécies* (1859), de Charles Darwin, o que o levou a escrever, em 1869, o seu *O gênio hereditário*, no qual pretendia provar que o que chamava de aptidão humana seria produto da hereditariedade

---

<sup>257</sup> Eisenberg; Feres Junior; Nascimento 2013, p. 101.

<sup>258</sup> Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 2007.

garantida pela seleção natural. Segundo Galton, o fato de serem as aptidões humanas genéticas e, portanto, hereditariamente transmissíveis tornava possível melhorar a raça humana – tanto do ponto de vista moral quanto físico – por meio de cruzamentos consecutivos entre os melhores indivíduos da espécie, da mesma maneira que a humanidade fez, e faz, com os animais domesticados, a fim de aprimorar determinadas características<sup>259</sup>.

Tais considerações – que, para muitos leitores contemporâneos, podem parecer absurdas – pareciam conclusões óbvias para os autores que viveram entre o final do século XIX e o começo do século XX, quando muito pouco se sabia sobre as bases reais que determinavam as diferenças entre os seres humanos, só descobertas após a conclusão das pesquisas de mapeamento do DNA. Por tais razões, precisamos ter em mente que as teorias racialistas produzidas antes do pleno desenvolvimento dos estudos genéticos, por mais exóticas que possam parecer às gerações procedentes, estão fundadas nas relações não apenas sociais, mas também científicas, do tempo em que foram produzidas. Assim como as teorias de Darwin surgiram e ressoaram em uma sociedade recém-tomada pela competição desenfreada entre indivíduos no nascente capitalismo industrial, conforme descrito por Leon Poliakov<sup>260</sup>, as teorias de Galton se fundaram em uma sociedade de grande competição econômica entre as nações, que internamente enfrentava a existência de grandes grupos de operários famigerados e grupos feministas que, segundo Stepan, desafiavam o *status quo*, o que levou os reformadores sociais contemporâneos a Galton à conclusão de que tudo o que não se adaptava ao sonho do desenvolvimento pleno dos estados nacionais modernos era produto da “degeneração” racial, termo da teoria galtoniana que logo entrou em voga, junto com a certeza de serem “hereditárias muitas das doenças comuns entre os pobres – tuberculose, sífilis, alcoolismo, doenças mentais – [o que] insuflava o medo da decadência social”, e com a crença, por parte de diversos

---

<sup>259</sup> Stepan, 2005.

<sup>260</sup> Poliakov, 1974.

pesquisadores, de “que a ‘rápida multiplicação dos inadequados’ era uma ameaça adicional”<sup>261</sup>.

As ideias de Galton logo ganharam reforços quando o biólogo alemão August Weismann defendeu a tese do “plasma germinativo”, segundo a qual uma parte imutável de cada célula transportava material hereditário independente do “somaplasma” que constituía o restante da célula, de forma que as alterações sofridas por elas se davam na parte não germinativa, sendo, portanto, não transmissíveis às novas gerações. Esta teoria se contrapunha à teoria da transmutação, de Jean-Baptiste Lamarck, segundo a qual caracteres adquiridos por indivíduos de uma geração poderiam ser transmitidos a indivíduos da geração seguinte. As afirmações de Weismann, por sua vez, foram amparadas pelas teorias de Gregor Mendel a respeito da estabilidade dos arranjos genéticos, o que parecia corroborar a tese sobre a “inviolabilidade do plasma germinativo”, porção celular portadora do material genético a ser transmitido à prole de cada indivíduo. Em pouco tempo, essa se tornou a tese que ganhou o monopólio no campo científico dos territórios que Nancy Stepan chamou de “saxões” e “germânicos”. A técnica eugênica foi afiliada, na Inglaterra, à legislação de bem-estar social, como forma complementar de conter epidemias e males sociais tidos como problemas de saúde.

De acordo com Stepan, foram motivações sociais, especialmente a miséria e a propagação de doenças, que fizeram com que os intelectuais brasileiros se interessassem pela teoria eugênica como forma de danar as mazelas do Brasil:

(...) em um país de extrema pobreza, social e racialmente estratificado, primordialmente rural, analfabeto e doente, sem qualquer legislação de bem-estar social – como turnos de oito horas diárias, proibição do trabalho infantil, proteção contra o desemprego – que no início do século XX se tornara mais ou menos padrão em muitas partes da Europa.<sup>262</sup>

---

<sup>261</sup> Stepan, 2005, p. 32.

<sup>262</sup> Stepan, 2005, p. 48.

As teorias eugenistas no Brasil foram então compostas de um misto de práticas estratégicas de medicina coletiva e política de bem-estar social, inicialmente contendo germes de um ideário do darwinismo social. De acordo com Stepan:

O darwinismo – que chegou à América Latina nas décadas de 1870 e 1880, proveniente de uma variedade de fontes inglesas, francesas e alemãs, e de forma que frequentemente se diferenciava consideravelmente dos ideais do próprio Darwin – teve bastante ressonância. Os darwinismos sociais assumidos pelos intelectuais e cientistas serviram como “metalinguagens”, fornecendo ricas estruturas polivalentes para a análise da história dos povos latino-americanos e seus destinos. As novas ciências eram particularmente atraentes para a *intelligentsia* liberal, secular e moderna porque representavam abordagens racionais ao mundo social e natural, sem os inconvenientes das considerações religiosas tradicionais. Em consequência, a evolução ficou inicialmente associada com os círculos liberais e radicais, em vez de vincular-se à direita. Mas o evolucionismo, como mais tarde a eugenia, também tinha seu lado obscuro: Prestava-se a formulações racistas, as quais também se incorporaram à bagagem intelectual dos novos círculos científicos.<sup>263</sup>

Mas, no caso brasileiro, o darwinismo social ficou restrito ao plano das ideias, tendo o Movimento tomado forma mais tarde, especialmente a partir da ação de Oswaldo Cruz. Oswaldo Cruz foi o responsável por conter uma epidemia de peste bubônica na cidade do Rio de Janeiro em 1899. O sucesso de seu trabalho deu vazão para uma campanha mais ampla, entre 1903 e 1904, direcionada à contenção não apenas da peste bubônica, mas de outras doenças epidêmicas, como varíola e febre amarela. Desse movimento, surgiu um instituto de pesquisa com o nome do médico, o qual mais tarde se tornaria uma “escola de medicina tropical”. Em torno de Oswaldo Cruz, emergiram outros médicos que se dedicavam à causa eugenista, como Carlos Chagas e Artur Neiva. As questões que se apresentavam para os

---

<sup>263</sup> Stepan, 2005, p. 50.

pesquisadores eram a de como (re)formar a nação de forma a torná-la competitiva frente à divisão internacional do trabalho, o que era um grande desafio, visto que o Brasil, naquele período, era um país pouco desenvolvido, estando ainda em uma condição quase colonial, cuja economia se baseava na produção e exportação de bens agrícolas, com índices de mortalidade infantil que ultrapassavam a porcentagem assustadora de 70% (Idem, p. 52). Além do mais, pesava sobre o Brasil a suspeita da possibilidade de se constituir uma nação nos trópicos e o estigma de uma “bastardia racial”.

Os intelectuais tinham de confrontar o fato de que, texto após texto europeu, o Brasil era considerado exemplo privilegiado da “degeneração” que ocorria em uma nação tropical, racialmente mista. Henry Thomas Burckle, Benjamim Kidd, Georg Vacher de Lapouge, Gustave Le Bon, o conde de Gobineau e vários outros darwinistas sociais citavam suas teorias de inferioridade dos negros, de degeneração dos mulatos e de decadência tropical. Dos Estados Unidos vinha a mesma mensagem.<sup>264</sup>

Mas, apesar das primeiras ações sanitaristas, o programa eugenista no Brasil ganhou seus traços mais sólidos ao final de 1917, quando Renato Kehl, jovem graduado em medicina e farmácia, mobilizou diversos profissionais da área médica para formar, na cidade de São Paulo, uma sociedade científica que discutisse as novas teorias eugênicas. Assim, em 25 de janeiro de 1918, é fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo, que, conforme vimos acima, foi a responsável pelo lançamento de *Problema vital*, de Lobato. As reuniões e discussões do grupo giravam em torno das maneiras de combater problemas como doenças sexualmente transmissíveis, alcoolismo, degeneração, fertilidade, tuberculose, entre outros. No entanto, é preciso destacar que, ao contrário das primeiras gerações de intelectuais brasileiros que tiveram contato com teorias sociais darwinistas e mendelianas, a teoria genética dominante no campo médico eugenista, que se iniciava entre 1917 e 1918, não comungava de

---

<sup>264</sup> Stepan, 2005, p. 53.

nenhuma das vertentes anteriores. Ao contrário, era dominada pela teoria neolamarckiana, baseada nos estudos de Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet, o Chevalier de Lamarck. Lamarck elaborou a teoria do “transformismo”, segundo a qual características adquiridas por um indivíduo ao longo de sua vida poderiam ser herdadas por seus descendentes. Inicialmente, as teorias lamarckianas não chamaram grande atenção, até que se contrapuseram à teoria de Darwin sobre a luta pela sobrevivência e a seleção natural. Lamarck apresentava uma explicação sobre a evolução por meio de processos de lenta adaptação ao meio ambiente. Como contraposição às teorias Darwinistas, Lamarck se apoiou em autores como Herbert Spencer e Samuel Butlere Bernard Shaw. Mais tarde, as teorias de Lamarck foram retomadas, ainda para combater o darwinismo-mendeliano, não apenas no Brasil, mas também na França. De acordo com Stepan:

Ao longo das primeiras décadas do século passado o lamarckismo e o neolamarckismo continuaram a servir como alternativa teórica à teoria da evolução.

Na França, particularmente, o lamarckismo continuou tendo grande autoridade, não apenas no início do século XX, quando muitos biólogos manifestavam dúvidas sobre o mendelismo e quando a teoria da seleção natural estava em seu ponto mais baixo, mas também ao longo das décadas de 1920 e 1930, e avançando bem na de 1940.<sup>265</sup>

A influência do pensamento neolamarckiano no Brasil é compreensível uma vez que em toda a América Latina havia uma espécie de monopólio das ciências produzidas pela França, assim como dos costumes e da língua daquele país:

O francês era a segunda língua da elite educada, e muitos trabalhos científicos estrangeiros chegavam à região em tradução francesa. Assim, a biologia francesa era a fonte cultural natural das novas ideias biológico-sociais, fonte esta que se refletia no fato de que os nomes invariavelmente citados pelos latino-americanos eram de autoridades

---

<sup>265</sup> Stepan, 2005, p. 81.

francesas – Adolphe Pinard, Frédéric Houssay, Louis Landouzy, Edmond Perrier, Emile Guyenot, Charles Richet e Eugène Apert. Até a década de 1920, era para a França, se pudessem, que se dirigiam os estudantes latino-americanos de ciências e medicina para sua formação médica e biológica, e era lá que aspiravam ser publicados e reconhecidos.<sup>266</sup>

Assim, a dominação simbólica do campo cultural francês sobre a literatura e as demais ciências foi uma das grandes responsáveis pela difusão dos argumentos neolamarckianos no Brasil. Outra causa, porém, pode também ter contribuído: o fato de que a teoria neolamarckiana possibilitava o aval político a uma civilização nos trópicos, independente da mestiçagem. Stepan afirma que:

Politicamente, o neolamarckismo também aparecia, com frequência, matizado de expectativas otimistas de que reformas do ambiente social resultassem em melhoramentos permanentes, idéia afinada com a tradição ambientalista-sanitarista que se tornara moda na região.<sup>267</sup>

De tal forma, a disputa em torno da capacidade do “plasma germinativo” ser ou não alterado por variações ambientais e adaptações dos indivíduos a um determinado ambiente, acabava por definir o caráter eugênico de uma determinada raça, e às condições ambientais, também poderia ser usada como forma de sustentar que a condição de disgenia. Tais condições, tanto de eugenia, quanto de disgênica, adquiridos ao longo da vida do indivíduo e transmitido hereditariamente poderia ser reversível, desde que tomadas as devidas medidas médico-sanitárias.

Dentro dessa perspectiva médica-biológica, na segunda década do século XX na América Latina, doenças sexualmente transmissíveis – como tuberculose – e algumas toxinas – como chumbo e nicotina –, assim como o uso imoderado do álcool eram considerados elementos responsáveis pela deterioração do plasma germinativo e pela

---

<sup>266</sup> Idem.

<sup>267</sup> Stepan, 2005, 82.

degeneração das gerações vindouras – as quais poderiam adquirir essas deteriorações em seu plasma germinativo e transmiti-las a seus filhos. O mais importante de se notar, entretanto, é que Nancy Stepan considera patente a distinção entre a concepção de eugenia dos médicos latino-americanos, a qual se aproximava da perspectiva francesa e, portanto, neolamarckiana, e a concepção de eugenia corrente entre profissionais americanos e alemães.

Para muitos médicos latino-americanos, a eugenia que propugnavam era distinta daquela praticada nos Estados Unidos e na Alemanha. Vários nomes para esta eugenia apresentam-se ao historiador: “eugenia preventiva”, “eugenia social”, “eugenia e medicina social”, “higiene eugênica”. Qualquer que seja o nome tratava-se de uma eugenia que ligava um ambiente sanitário à saúde racial.<sup>268</sup>

De fato, de acordo com Stepan, a eugenia neolamarckiana, dita “latina” pela autora, diferenciava-se da eugenia weismann-mendeliana, promovida entre o que ela chama de eugenia “germânica” e eugenia “anglo-saxã”. Enquanto a eugenia neolamarckiana “latina” se fundou sobre uma proposta preventiva, que livraria a raça dos chamados venenos raciais, responsáveis por sua deterioração, a eugenia “germânica” e a “anglo-saxã” estavam fundadas em uma perspectiva negativa, predisposta a segregações e esterilizações de raças mestiças e consideradas inferiores. Sobre os “venenos raciais” apontados pelos adeptos da eugenia preventiva, Stepan explica:

(...) “venenos raciais”, um termo que os eugenistas usavam para referir-se a coisas como álcool, nicotina, morfina, doenças venéreas e outras drogas e infecções. Esses venenos eram chamados “raciais” porque, embora os hábitos e doenças fossem geralmente adquiridos pela primeira vez durante a vida de um indivíduo, acreditava-se que levassem a degenerações permanentes, hereditárias que, no longo prazo, poderiam afetar populações ou nações inteiras. Os eugenistas tinham em mente modificações produzidas funcionalmente provocadas, nas palavras de Saleeby, por

---

<sup>268</sup> Stepan, 2005, p. 92.

exemplo, “pela saturação de todo o organismo durante anos com o veneno da sífilis”. A prevenção da “contaminação” sexual era, por conseguinte, uma recomendação social lógica derivada da ciência eugênica.<sup>269</sup>

A vertente neolamarckiana via nas políticas de eugenia preventiva, como nas de saneamento e higienização, formas legítimas de promover uma política higienista.

Daí, por exemplo, a insistência de Olegário de Moura, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, em dizer que “*sanear é eugenzar*”. Ele afirmava que saneamento era a mesma coisa do que algumas pessoas chamavam “eugenia”, acrescentando que, apesar de a palavra “eugenia” ser “cientificamente” melhor. Ele próprio fazia a correspondência entre as duas da seguinte maneira: “Saneamento-eugenia é ordem e progresso”.<sup>270</sup>

Dessa forma, a exemplo do que aconteceu na França, houve no Brasil atuações de organizações em prol do saneamento e da constituição de uma nação “civilizada”. Nesse sentido, Stepan argumenta que:

(...) a eugenia lamarckiana conquistou aliados no movimento em prol do saneamento rural, como Belisário Penna, cuja longa viagem a cavalo, em 1912, entre as populações doentes dos estados do Nordeste brasileiro fez com que encetasse uma cruzada em prol da saúde rural. Como sogro de Kehl, que veio a ser, a adesão de Penna foi extremamente útil e estratégica para a eugenia, permitindo-lhe conquistar o apoio dos higienistas que pensavam como ele. Outros aliados foram recrutados entre as ligas nacionalistas e pró-saneamento que brotaram no Brasil antes e depois da Primeira Guerra Mundial. As relações de seus respectivos membros e os estilos e discursos da Liga Nacionalista de São Paulo e da Sociedade Eugênica de São Paulo tinham consideráveis superposições.<sup>271</sup>

---

<sup>269</sup> Idem.

<sup>270</sup> Stepan, 2005, p. 93, destaques nossos.

<sup>271</sup> Stepan, 2005, p. 98.

Por fim, é preciso salientar que as relações entre a *Liga Nacionalista de São Paulo* e a *Sociedade Eugênica de São Paulo* tinham como pilar, entre outros fatores, a similaridade entre o processo de reforma nacional e a concepção de raça para os neolamarckianos, já que “até a promoção de esportes e boa condição física podia ser considerada eugênica porque ‘aprimorava a raça’”<sup>272</sup>. Definitivamente, nesse caso, aprimorar a raça não significava “branqueá-la”, como supuseram autores como Thomas E. Skidmore. E se houve tal intenção entre um ou outro eugenista, a chamada “tese do branqueamento” não monopolizou o pensamento social no Brasil, no que se refere à “questão racial”, ao contrário do que normalmente se supõe<sup>273</sup>.

## 2. Monteiro Lobato e os sanitaristas.

A aproximação com os movimentos Eugênica e Sanitarista, levou Monteiro Lobato a publicar diversos artigos em defesa da campanha sanitarista, resultando na edição desses artigos sob a forma do livro *Problema vital*, de 1918, custeada pela Sociedade Eugênica de São Paulo. Em *Problema vital*, também estava incluso o artigo “Jeca Tatu: a ressurreição”, que mais tarde, a partir de 1924, passou a ser distribuído gratuitamente sob a forma do folheto “Jeca Tatuzinho” pelo laboratório Fontoura. Em “Jeca Tatu: a ressurreição”, o caipira aparece como vítima de infindáveis doenças tropicais passíveis de serem remediadas pelas práticas de higiene. É nessa fase que Lobato se aproxima dos sanitaristas Renato Kehl (1889- 1974) e Belisário Penna (1868-1939), que lhe apresentaram o cientificismo sanitarista, do qual o autor se tornou uma espécie de “porta-voz”.

Nesse período da vida literária de Lobato, houve um deslocamento do polo da literatura como arte pura para uma arte de cunho político e apoloético. *Problema vital*, em sua edição de *Obras Completas de Monteiro Lobato*, apresenta uma nota de esclarecimento

---

<sup>272</sup> Stepan, p. 99.

<sup>273</sup> Skidmore, 1976, p. 81-94.

que nos ajuda a pensar sobre a profundidade das relações de interação entre o campo literário e o campo médico-científico. A nota diz:

A 1ª edição deste livro é de 1918 e trazia o seguinte esclarecimento: Artigos publicados n<sup>o</sup> “O Estado de São Paulo”, e enfaixados em volume por decisão da “Sociedade de Eugenia de S. Paulo” e da “Liga Pró-Saneamento do Brasil”<sup>274</sup>

A adesão de Monteiro Lobato à causa Eugenista, termo que no contexto funcionava como sinônimo de higienismo ou sanitarismo, e a produção dos textos que compuseram *Problema vital* coincidem com a época em que Lobato havia se tornado editor em São Paulo, o que talvez possa explicar, ao menos em parte, a mudança ocorrida na definição que Lobato passa a fazer do Jeca Tatu, que passa a ser percebido como resultado de uma nação abandonada por seus governantes e entregue às doenças e verminoses. Isso se deu graças às transformações na vida de Lobato, que havia deixado de ser fazendeiro de uma propriedade decadente, espécie de profeta que sozinho denunciava pelos desertos da Serra da Mantiqueira as mazelas do caboclo pobre, e tinha se tornado editor de uma grande revista, o que lhe possibilitava agir de forma ativa nas questões que lhe eram caras e dignas de consideração e que lhe pareciam essenciais para o desenvolvimento do Brasil.

Dessa maneira, ao filiar-se ao movimento eugenista-sanitarista, Lobato se filia a um movimento médico-político que também tinha no homem pobre do campo seu objeto de interesse máximo. Levado a cabo por médicos empenhados em uma campanha que visava o controle de doenças que, segundo acreditavam, incapacitava o homem brasileiro de fazer do Brasil uma grande nação, o movimento Sanitarista era o grande projeto de reforma política na Primeira República.

Entre os dois movimentos, o Sanitarista e o Literário, houve no Brasil uma espécie de congruência, uma vez que as condições

---

<sup>274</sup> Lobato, 1968, vol. I, p. 221.

precárias dos homens do sertão eram antes objeto da literatura, especialmente em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, até se tornarem preocupação dos médicos sanitaristas, principalmente após a expedição exploratória de Miguel Pereira e Belisário Pena. Os médicos buscavam dados sobre as condições sanitárias no país, tendo os resultados publicados em jornais e, mais tarde, encadernados no livro *Saneamento do Brasil* (1918), sob forma literária, onde apontava para o que se podia considerar como sendo o “problema do Brasil”. Tal diagnóstico ressoava pelas vozes de Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Álvaro Osório de Almeida, Belisário Penna e Arthur Neiva, alguns dos homens mais relevantes para a República<sup>275</sup>.

O contato entre Lobato e os sanitaristas era tal que foi Arthur Neiva (1880-1943) quem sugeriu o título do primeiro livro de Lobato, *Urupês*<sup>276</sup>. Neiva era médico e sanitarista, discípulo de Oswaldo Cruz e Adolpho Lutz. Chefiou, em 1912, uma expedição ao interior da região Nordeste e Centro-oeste do Brasil. Arthur Neiva também foi inspetor da campanha de saneamento do estado de São Paulo, tendo sido, por algumas vezes, acompanhado por Lobato<sup>277</sup>. Anos depois, foi diretor do Instituto Biológico de São Paulo, de 1927 a 1931, e interventor do governo de Getúlio Vargas na Bahia em 1931. Um pouco mais tarde, foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte da Bahia, cargo que ocupou até a dissolução do Congresso por Getúlio Vargas, em 1937<sup>278</sup>.

Lobato também travou contato com Belisário Penna (1890-1939), médico que trabalhou na Inspetoria de Profilaxia Rural da Febre Amarela, sob o comando de Oswaldo Cruz, com a missão de erradicar a doença no Rio de Janeiro. Posteriormente, trabalhou no combate a endemias rurais, como as apresentadas em *Problema vital*. No ano de 1914, foi inspetor sanitário no Rio de Janeiro, responsável pela instalação do primeiro Posto de Profilaxia Rural do país, no subúrbio carioca. Por meio do jornal *Correio da Manhã*, iniciou uma campanha

---

<sup>275</sup> Stepan, 2005.

<sup>276</sup> Passiani, 2003, p. 130.

<sup>277</sup> Cavalheiro, 1962, vol. 2, p. 188-189.

<sup>278</sup> Museu Nacional, 2008, p. 23-24.

pelo saneamento físico e moral do país. Em 1918, após a publicação de *Saneamento do Brasil*, tornou-se diretor do Serviço de Profilaxia Rural e presidiu a Liga Pró-Saneamento do Brasil. De 1920 a 1922, dirigiu o setor de Saneamento e Profilaxia Rural do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). No ano de 1928, Belisário Penna chefiou o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária e, em 1930, voltou a dirigir o DNSP. Entre setembro de 1931 e dezembro de 1932, ocupou interinamente o Ministério de Educação e Saúde.

Mas Lobato parece ter tido maiores contatos e “afinidades” com o médico sanitariano Renato Kehl, que, após clinicar em São Paulo por alguns anos, aproximou-se do Movimento Sanitarista e da eugenia. Fundou, em 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo. Foi inspetor sanitário rural do DNSP e organizou o Serviço de Educação Sanitária ligado à Inspetoria da Leprosia e das Doenças Venéreas. Kehl também trabalhou como inspetor sanitário rural no Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural do DNSP, entre os anos de 1919 e 1922, assumindo depois o cargo no Serviço de Educação e Propaganda Sanitária, de 1923 a 1924. Mais tarde, trabalhou como diretor da empresa Bayer. Paralelamente a essas atividades, escreveu diversos boletins, livros e panfletos, nos quais divulgava e discutia os princípios da eugenia.

Em termos literário, as categorias de percepção apontam para a concepção de uma posição de homologia temática entre a personagem Jeca Tatu e os doentes de Belisário Penna. Tomemos um trecho crucial de *Problema vital*, no qual Lobato apresenta o ponto alto de sua questão ao tratar da infestação de barbeiros (*triatoma megista*) no sertão, citando a experiência de campo de Belisário Penna:

Vivendo às centenas em cada casebre, ninguém lhes escapa à sanha. Belisário Penna conta que certa vez apanhou em fragrante delito de sucção, no corpo de uma pobre criança de quatro anos, dezesseis ninfas, taludas como baratas descascadas, e oito barbeiros adultos, além de mais de cinco que, fartos, já se aprestavam pesadamente para voltar ao esconderijo (...)

Ora acontece que nos intestinos deste asqueroso bicho o *Tripanosoma cruzi*, parasito da moléstia de Chagas, vive, evolue e prolifera; e dali, através da tropa sugadora, passa-se ao corpo humano no momento da picada.<sup>279</sup>

Lobato assumiu a perspectiva racialista em termos neolamarckianos<sup>280</sup>, uma vez que considerava ser o dano causado pela doença de Chagas e outras moléstias que corroíam o indivíduo o que tornava disgênica a população rural do Brasil, e explicava “porque e como dos Fernões Dias Pais Leme de outrora, terríveis varões enfibrados de aço, ressurgiu uma geração aventada, anemiada, feia e incapaz. Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesmas de Jeca Tatu”<sup>281</sup>. Daí a epígrafe onde Lobato escreve a já famosa citação: “O Jeca não é assim: *está* assim”. Essas duas informações – a de que o livro foi lançado sob os auspícios da *Sociedade de Eugenia de São Paulo* e da *Liga Pró-Saneamento do Brasil* e a de que Lobato considerava pertinente abrir o livro afirmando que a condição do “Jeca” era transitória e não definitiva – podem ser a chave para entendermos a chamada “conversão” de Lobato ao Movimento Sanitarista. O uso dos verbos “ser” e “estar”, em itálico na própria edição de Lobato, parece demonstrar a ideia de transformação da condição do Jeca para um processo de descontinuidade. O ser do Jeca, descrito tanto em *Urupês* quanto em *Velha Praga* como indolente e avesso ao trabalho (condição que em *Urupês* era descrita por Lobato como social e econômica), perde sua condição estática para ganhar uma condição móvel definida por uma determinação racial neolamarckiana.

---

<sup>279</sup> Lobato, 1968, p. 239-240.

<sup>280</sup> Teoria biológica derivada da teoria lamarkiana, o neolamarckianismo considera a possibilidade de que caracteres adquiridos ao longo da vida pelos progenitores possam ser transmitidos para os herdeiros. Nessa perspectiva, nutrir e curar uma raça adoentada pode favorecer o fortalecimento de seus descendentes, melhorando assim a raça. Diferente do darwinismo social, o neolamarckismo defende a possibilidade de aprimoramento de uma raça humana via métodos sanitários.

<sup>281</sup> Lobato, 1968, p. 305-306.

### 3. Jeca Tatu e o “problema vital”

Após afirmar o estado transitório do Jeca, o primeiro artigo do livro é *A ação de Osvaldo Cruz*, que na primeira edição foi apresentado como *Saneamento no Brasil: A ação de Osvaldo Cruz*. Lobato critica o ufanismo ingênuo da elite brasileira pautado na “tríplice miragem”, que teria como alicerces as seguintes afirmações: a de que “somos um dos povos mais inteligentes e sensatos do Mundo”, de autoria de Alberto Torres, e as repetidas pelo senso comum, tais como “Somos o país mais rico do mundo” e “O Brasil é o único país que, além do Japão, jamais foi vencido em uma guerra...”<sup>282</sup>. Após essas pontuações, Lobato restringe o alvo ao campo literário e aos poetas responsáveis por apregoar as maravilhas da terra materna, fazendo críticas muito parecidas às feitas contra o escritor romântico que descrevia o Brasil de forma idílica e desprovida de realismo, conforme o fizeram, segundo a crítica Lobatiana:

Cardumes de poetas menores – desses para quem em sua republica Platão Legislava: *Coroai-os de rosas e expulsai-os* – por sua vez puseram em verso a grande ilusão, de modo a perpetua-la pela mnemônica da rima e do metrona cabeça fraca do povo.<sup>283</sup>

Os comentários de Lobato sobre a literatura ufanista não se restringem a essa passagem. Adiante, o autor comenta as supostas maravilhas de nossa pátria sob os prismas literários ufanistas:

Riqueza. Te-la no seio da terra, no azoto do ar, nas essencias florestais, na literatura côr de rosa e não te-la sonante no bolso, é ser nabado á moda do chinês em transe megalomaniaco de sonho d’opio. A noção economica de riqueza, desde Adam Smith, é um pouquinho diversa – a mesma diversidade que vai da *palavra* libra-esterlina á *rodelinha* amarela chamada libra-esterlina.<sup>284</sup>

<sup>282</sup> Lobato, 1968 [1918], p. 223.

<sup>283</sup> Lobato, 1968, p. 224.

<sup>284</sup> Lobato, 1968, p. 225.

Depois disso, Lobato aponta, no mesmo artigo, a nomeação de Osvaldo Cruz para chefe da higiene no Rio de Janeiro como marco para a reconstrução do Brasil. Com ele, teria vindo para o país a ciência moderna de Pasteur e da microbiologia. Com ela, a higiene. Sem pudores, Lobato elogia a ação dos cientistas sediados em Manguinhos (Belisário Pena, Carlos Chagas e Arthur Neiva) e a revolução do microscópio, o qual poderia livrar o Brasil de suas mazelas. Por fim, apresenta o livro de Belisário Pena, *O Saneamento do Brasil*, como marco denunciador de um Brasil esquecido:

(...) voz de sábio que escarna ao vivo as mazelas do país idiotizado, exangue, leishmanioso, papudo, faminto na proporção de 80 por cento, e grito de indignação dum homem de bem contra a fúria organizada em sistema político que roi com fúria acarina o pobre organismo inânime.<sup>285</sup>

O artigo seguinte é intitulado *Dezessete milhões de opilados*. Segundo os dados apresentados no texto, de uma população de 25 milhões de habitantes no Brasil, 17 milhões sofriam de ancilostomose. Lobato explica superficialmente (em um texto claramente direcionado para leigos) as características fisiológicas e reprodutivas dos vermes causadores do popularmente chamado “mal da terra” ou amarelão. Depois de descrever o verme e sua ação, compara-o (em um breve adendo) a um parasita que se acosta em ócio ao Estado, para sorver o *sangue-dinheiro elaborado pelas classes produtoras*<sup>286</sup>. Descreve os efeitos maléficos do verme no organismo, da anemia, do prejuízo sobre o “tonus vital”, a inclinação “ao vício da cachaça, lenitivo a que recorre para combater a permanente sensação de frio que o desequilíbrio sanguíneo acarreta”<sup>287</sup>, e continua seu texto apresentando a gravidade do problema:

---

<sup>285</sup> Lobato, 1968, p. 229.

<sup>286</sup> Lobato, 1968 [1918], p. 232.

<sup>287</sup> Lobato, 1968, p. 223.

Mas se ficasse nisso...

A inteligência do amarelado atrofia-se, e a triste criatura vira um soturno urupê humano, incapaz de ação, incapaz de vontade, incapaz de progresso.

Retrato de nosso caboclo quem o dá perfeito, com fidelidade fotografica, é o medico ao desenhar o quadro clinico do ascilostomado. Tudo mais é mentira, retórica, verso. Esses heróicos sertanejos, fortes e generosos, evolução literária dos índios plutarquicos de Alencar; essa caipirinha arisca, faces cor de jambo, pés lepidos de veada, carne dura de pêssego: licenças bucólicas de poetas jamais saídos das cidades grandes.<sup>288</sup>

Nesse ponto, Lobato faz um curioso jogo duplo. Insiste em criticar os quadros dominantes do campo literário brasileiro, com seus heroicos sertanejos, ao mesmo tempo em que priva seu Jeca, custosamente elaborado em *Urupês*, de sua condição criatural, de toda a profundidade, reduzindo o drama do caboclo ao drama do doente, reestruturando-o sob o signo do sertanejo opilado. Todo o universo que Monteiro Lobato tentara antes demonstrar e sistematizar acaba por ser contraído na condição orgânica, visível apenas por microscópios. A partir daí, o médico é quem dá a melhor descrição do quadro do Jeca. Lobato questiona: para que serviria a revisão constitucional, o voto feminino, o serviço militar obrigatório ou as reformas parlamentaristas, soluções tão apregoadas para o Brasil, se a solução definitiva era travada em fantásticos combates micro-orgânicos?

A argumentação segue no artigo *Tres Milhões de Idiotas*, que trata do “barbeiro” ou *triatoma megistas*, transmissor do *Tripanossomo cruzi*, responsável pela moléstia de Chagas, devastadora de vidas. Nas palavras de Lobato, “Crianças desanimadas em massa – e felizes das que morrem; se vingam as crianças doentes crescem e dão de si um rastolho de humano de sórdido aspecto, ‘que atenta, diz Chagas, contra a beleza da vida e a harmonia das coisas’”<sup>289</sup>. Lobato aponta a situação, esnobada pelo arremedo de *Belle Époque* no qual vivia a elite

---

<sup>288</sup> Lobato, 1968, p. 234.

<sup>289</sup> Lobato, 1968, p. 241.

litorânea, denunciando a situação “real” dos sertões. E mais, denuncia as autoridades e a literatura:

No entanto, as autoridades não movem passo; os literatos das capitais bizantinizam sobre a colocação dos pronomes e outras maravilhas; poetas a granel gastam todas as reservas fosfóricas na metrificacão de umas maguas de mentira e de uns amorezinhos de esquina; estetas de olhos ferrados na França auscultam o pulsar do coração latino para pra fisgar de primeira mão a “nova corrente em via de substituir o parnasianismo”, políticos armam e desarmam casos, requerem hábeas-corpus, eructando com grande riqueza de RR roçante a avariada palavra Republica.<sup>290</sup>

Em seguida, trata da questão da imigração, considerada por Skidmore<sup>291</sup> como ponto de concórdia entre os intelectuais brasileiros. Lobato, entretanto, apresenta a imigração, na melhor das hipóteses, como solução provisória a ser superada pela higiene, já que a falta de trabalhadores aptos é tida por ele como produto de infecções parasitárias, que desconhecem fronteiras raciais. O problema não está na falta de pessoas para o trabalho, mas na pouca saúde dessas pessoas:

É que os braços estão aleijados.  
Há-os de sobra, mas ineficientes, de músculos roídos pela infecção parasitaria. O que obriga a lavoura ao ônus indireto de importar músculos europeus, ou chineses, ou japoneses - o que haja, contanto que seja carne sadia e não fibras em decomposição.  
Entretanto, a solução definitiva do problema eterno da lavoura quem a dará é a higiene.<sup>292</sup>

Por fim, Lobato conclui que, mais do que qualquer outra coisa, é preciso sanear o Brasil. No artigo subsequente, é apresentada a última doença a devastar o país: *Dez milhões de impaludados*.

---

<sup>290</sup> Lobato, 1968, p. 242.

<sup>291</sup> Skidmore, 1976, p. 154-162.

<sup>292</sup> Lobato, 1968, p. 242-243.

O Brasil é o país mais rico do mundo, diz com entono o Pangloss indígena. Em parasitos hematófagos transmissores de molestias letais – conclui Manquinhos.  
E é. Não bastasse o anciolostomo. Não bastava o barbeiro. Vem completar a trindade infernal a anafelina, mosquito que veicula o hematozoário de Laveran, pai da Malária.<sup>293</sup>

Como nos outros artigos, o autor apresenta de forma simplificada os modos de transmissão da doença transmitida pelo mosquito anafelina e suas consequências ao atingir o fígado e o baço da vítima, tornando-a anêmica e levando-a, por fim, à morte. Lobato apresenta a quinina como tratamento possível para impaludismo. Mas, diante das possibilidades de insucesso do tratamento, sugere a necessidade de se manter um certo descampado entre a morada do sertanejo e a mata. Nas cidades, o recomendado seria o isolamento dos doentes, de forma que o mosquito não se tornasse maleitoso ao picar um indivíduo contaminado, espalhando a doença. Lobato pretende, na mais fiel herança da geração de 1870, enxergar um país que se recusa a “enxergar-se”:

As sociedades recreativas discutem qual foi o maior – César, Alexandre ou Foch.  
A leishmaniose ulcera horripilantemente a cara de milheiros de irmãos miseráveis?  
Nós debatemos a colocação de pronomes.  
A lepra campeia avassaladora, encarçando as carnes e putrefazendo em vida centenas de indivíduos?  
Nós cantamos rag-times patrióticos.  
Legiões de criancinhas morrem como bichos, de fome e de verminose?  
Nós abrimos subscrições para restaurar bibliotecas belgas.  
A mulher do campo mumifica-se de miséria aos vinte anos?  
As damas da cidade five-ó-clocktizam em francês nos trianons e nas Caves, mostrando umas às outras fotografias dos poilus de que são madrinhas.<sup>294</sup>

---

<sup>293</sup> Lobato, 1968, p. 247.

<sup>294</sup> Lobato, 1968, p. 252.

E continua a apontar as mazelas do país:

A sífilis é combatida nas cidades pela medicação específica que lhe atalha o passo ou minora os efeitos; mas no sertão, nesse maravilhoso sertão preluzido na mioleira dos poetas com um eden embalsamado de manacás, quem lida com ela é o negro velho ignorantíssimo, e o pica-fumo “curador”. O treponema pálido, afeito a lutar contra o mercurio e os arsenicais terríveis, ri-se das micagens e rezas, burundangas e picumãs e jasmims-de-cachorro dos ingênuos Eusebios Macarios de barba rala. Ri-se, e em vez de paradeiro encontra fomento na absoluta inocuidade da terapeutica pé-no-chão. A sífilis, difunde-se, portanto, assustadoramente, sem peias, sem cura, sem prevenção possível, arrazando o presente e sacrificando o porvir.<sup>295</sup>

Repetidamente, Lobato critica a posição da elite brasileira, especialmente por parte dos literatos ufanistas que retratam o Brasil como um paraíso nos trópicos. Assim, parte para um argumento que será central para o nosso entendimento de sua concepção de raça, a qual se dá a partir de seu contato com os sanitaristas. Diz o autor:

Em todos os países do mundo as populações rurais constituem o cerne das nacionalidades. Taurinos, torrados de sol, enrijados pela vida sadia ao ar livre, os camponeses, pela sua rubustez e saúde, constituem a melhor riqueza das nações. São a força, são o futuro, são a garantia biológica dos grupos étnicos. Pela capacidade de trabalho mantêm eles sempre elevado o nível da produção econômica; pela saúde física, matem em alta o índice biológico da raça, pois é com o sangue e o músculo forte do camponês que os centros urbanos retemperam sua vitalidade. O urbanismo é um mal nocivo á espécie humana (...). A infiltração permanente de sangue e carne de boa tempera, vinda dos campos, contrabalança o desmembramento das cidades. É possível entre nós pedir á roça o sangue revitalizador? Não.

---

<sup>295</sup> Lobato, 1968, p. 253.

O elemento rural é pior do que o urbano. As nossas cidades se vêem forçadas a importar sangue de fora, se querem escapar ao marasmo duma senectude extemporânea.<sup>296</sup>

Não se pode pedir da roça sangue revitalizador, e isso não se deve a questões raciais no sentido mendeliano do termo. Nas zonas rurais, “os homens minguem de corpos, as mulheres são um rastolho raquítico incapaz de bem desempenhar sua missão reprodutora”<sup>297</sup>. Mas Lobato não aponta a multiplicidade racial como a responsável pela condição deplorável do povo brasileiro. Os trechos que seguem ao apresentado acima nos indicam outros caminhos:

O quinto país do mundo em tamanho a cair aos pedaços, de verminosa lazeira, vendo, ao norte, o maravilhoso surto americano, e ao sul, a pujante floração argentina. E para suprema vergonha e desdouro eterno do nome brasílico, com a consciência de que desmedrou arrastado por males evitáveis e de fácil cura. Males de que todos os países de mesologia semelhante se libertaram pela profilática inteligência, com lentidão uns, com rapidez fulgurante outros.

Aí está Cuba, a pobre ilha degradada em rápida consumpção por molestias irmãs as nossas e que em poucos anos, ao influxo da higiene norte-americana, virou a maravilha que todos sabemos.<sup>298</sup>

Higiene e sanitarismo são, portanto, o eixo que coordena os textos escritos por Lobato nesse período, assim como são a solução para uma raça (no singular) corroída pela fome e pelos vermes. Mas, o que o autor quis dizer com “índice biológico da raça”<sup>299</sup>, citado páginas acima? O uso do termo seria pura impropriedade, já que não se trata aqui (e todos os pesquisadores do assunto hão de convir) de discutir mestiçagens, mas sim doenças tropicais e uso de técnicas de higiene para impedi-las. A discussão prossegue em *Reflexos morais*, iniciado

---

<sup>296</sup> Lobato, 1968 [1918], p. 255.

<sup>297</sup> Lobato, 1968, p. 256.

<sup>298</sup> Lobato, 1968, p. 257.

<sup>299</sup> Lobato, 1968, p. 255.

com a seguinte afirmação: “No corpo são a mente é sã. Este conceito acarreta recíproca verdadeira: em corpo doente, impossível um espírito são”<sup>300</sup>. Depois, conclui: “A sùmula desses conceitos converge nesta idéia sintética: Falimos como povo, como raça – e falimos moral, intelectual e fisicamente”<sup>301</sup>. Como organizar essas ideias? Como relacioná-las? Lobato começa a tratar da saúde do corpo e das implicações negativas da falta de saúde física, abordando também a saúde do “espírito”, que só seria saudável em corpo saudável. Como pode, sem se contradizer, acabar falando em nossa “raça”? Como pode atribuir a questões fisiológicas questões que seriam claramente de cunho moral ou cultural? Lobato esclarece:

Este doloroso estado de alma que é senão o reflexo depressivo das mazelas fisiológicas em roaz evolução no organismo de nossa gente?

Otimismo, fé, crença, confiança em si e dignidade, amor, firmeza de animo, vontade enérgica: outras tantas resultantes lógicas da boa circulação do sangue, das glandulas em normalidade de funcionamento, dos pulmões sadios bem oxigenizados de ar puro.

Pessimismo, desanimo, descrença, desamor: sintomas de que o animal está com o ritmo da vida rompido por graves lesões orgânicas.

Assim todos os males, morais, econômicos e políticos, vão enclavinar raízes na desmedrança fisiológica da população empolgada pelas endemias avassaladoras.

Nota-se nas consciências puras uma revolta geral contra a degradação política do regime republicano – mas cifra-se a revolta num murmúrio medroso e encapotado.<sup>302</sup>

Dessa forma, podemos considerar que “o índice biológico da raça” está ligado à saúde física, livre de parasitas, da raça ou do povo, já que a raça acaba por ser determinada pelos limites do Estado Nacional. Lobato compara um país a um organismo vivo – analogia não muito inédita, é verdade –, a um animal de roça tomado por parasitas, sem

---

<sup>300</sup> Lobato, 1968, p. 259.

<sup>301</sup> Idem.

<sup>302</sup> Lobato, 1968, p. 260.

forças para reagir, que depois da intervenção do veterinário tem recompostas as forças e se reestabelece. Ao mesmo tempo, compara os parasitas orgânicos aos parasitas políticos:

Com os países acontece o mesmo. Se caem marasmados pela doença e não podem reagir contra a fauna de ácaros sociais que os parasitam, se não tem forças para o espojar-se das revoluções, acabarão ás moscas, devorados como o cavalo de Tolentino.

Quereis remendar um país assim? restaurar-lhe as finanças, dar-lhe independencia econômica? implantar a justiça? intensificar a produção? criar o civismo? Restabelecer a vida mora?

Restaurai a saúde do povo.

Curai-o, e todos os bens virão ao seu tempo pela natural reação do organismo vitalizado.<sup>303</sup>

Entretanto, Lobato sugere que a cura deva ser feita à força. Novos elementos surgem dessa leitura sobre a constituição dos homens e das nações, o que distancia o autor dos contos que compõem *Urupês*. Inegavelmente, a condição humana passa a ser reduzida à problemática da existência orgânica, fisiológica. Perdeu-se, assim, o drama do homem arruinado pelo destino ou pelas conjunturas sociais. O drama dos Nunes (*A vingança da peroba*), por só terem “filhas mulheres” e, assim, não poderem competir com seus vizinhos na produção de alimentos e nas condições de produção e reprodução da vida, não é mais tomado como relevante nessa nova fase literária de Lobato. O mesmo acontece em relação às descrições sobre as impossibilidades de produção dos Alvoradas (*A Colcha de Retalhos*), nas quais um homem só vê a família desestruturar-se frente à impossibilidade de trabalhar a roça, sendo todos tomados pela *tapera* econômica e moral. Ambos os casos apresentados nos contos perdem seu valor e lugar no novo universo lobatiano. A partir desse momento, o indivíduo se funde à nação e a nação se confunde com a raça, definida como a saúde fisiológica da média dos indivíduos. O próprio Lobato faz uso do “mata-pau” em seu conto *O Mata-pau* para

---

<sup>303</sup> Lobato, 1968, p. 264.

exemplificar as capacidades constritoras dos parasitas microscópicos sobre os “organismos” nacionais:

– “Mata-pau, não me mates”, dizia a peroba ao gameleiro constritor.

– “E por que, perobinha amiga, te não hei de matar?” respondeu o fascinora vegetal.

– “Porque também tenho direito á vida”, gemeu a suplicante.

O mata-pau, sujeito lido em Darwin, retrucou sentenciosamente:

– “ Só tem direito á vida quem não mente ás leis naturais, quem se defende, quem luta. Se és inerte e não esboças gesto de defesa contra mim, por que hei de privar-me de crescer e prosperar á tua custa? Impede-me de estrangularte, se podes; do contrario, resignate.”

Nesta replica esta a norma de reação do país contra o ancilostomo, contra o tripanosoma, contra o protozoário de Laveran, contra o treponema palido, contra o bacilo de Hansen, contra a leishmania tropical e, sobretudo, contra o acaro politico.<sup>304</sup>

Dessa forma, o autor abandonou o realismo moderno<sup>305</sup> por um tipo de escrita que, embora pautado em estilo literário, tinha por propósito divulgar e promover soluções científicas para problemas políticos. Mas a introdução no texto de um mata-pau, “sujeito lido em Darwin”, significa que os discursos de cunho biologicista ou cientificista, que passaram a dar o tom aos escritos lobatianos a partir de 1918, estavam fundados sobre as bases do pensamento racialista, com “ilações óbvias sobre o caráter inato do caboclo”<sup>306</sup>, conforme já foi considerado? Em artigos apresentados no livro *Problema vital*, algumas pistas sobre o conteúdo biologicista presentes na argumentação de Lobato aparecem de forma mais evidente. No texto intitulado “Início de Ação”, Lobato cita *Le Bon* como “a voz mais alta de biologia”<sup>307</sup>. Nesse artigo, o autor defende ardorosamente o

<sup>304</sup> Lobato, 1968, p. 265.

<sup>305</sup> Auerbach, 2009.

<sup>306</sup> Skidmore, 1976, p. 200.

<sup>307</sup> Lobato, 1968, p. 298.

movimento dos sanitaristas e a necessidade do saneamento que já havia, inclusive, comovido “o coração duro de Rockefeller!”<sup>308</sup>, devido aos flagelos e ao grande número de doentes. Lobato esclarece o problema sanitário-racial por meio de uma perspectiva biológico-racial inegavelmente neolamarckiana ao tratar dos efeitos da degenerescência causada pelos vermes ao longo da vida dos indivíduos e a transmissão hereditária de tal degenerescência às gerações subsequentes:

Imagine-se agora que a ação desses parasitas é ininterrupta, começa na infância e prolonga-se até a morte.

As lesões que eles praticam nas paredes intestinais, ulcerando-as, funcionam como outras tantas portas abertas ao livre trânsito das toxinas.

O pai dessa pobre criatura já foi um bichado, como o foi o avô e o bisavô. Deles recebeu ela uma vitalidade menor, uma tonicidade orgânica decaída, um índice de defesa natural. E por sua vez transmitirá ao filho a má herança acrescida funestamente da sua contribuição pessoal de degenerescência, consecutiva à continuação do trabalho do verme em seu organismo.

Isto explica porque e como dos Fernões Dias Pais Leme de outrora, terríveis varões enfiados de aço, ressurgiu uma geração aventada, anemiada, feia e incapaz.

Não é a raça – a raça dos bandeirantes é a mesma de Jeca Tatu. É um longo e ininterrupto estado de doença transmitida de pais a filhos e agravado dia a dia.

Examinando-lhe o sangue, assombra a pobreza em hemoglobinas: não é mais sangue o que lhes corre nas veias, senão um aguado soro. E nessa suja, para remate dos males, ainda vem aboletar-se o protozoário da malária...<sup>309</sup>

Ao que tudo indica, desde sua carta a Tito Lívio Brasil, datada de 1905, em que afirma que nossa raça (regida por leis da natureza que a fazem transmitir caracteres morais aos seus descendentes) só será salva pela introdução do sangue italiano ou alemão, esse é o momento em que Lobato trata do tema raça de forma clara e lúcida. Nos textos que constituem *Urupês*, há a monopolização da problematização

---

<sup>308</sup> Lobato, 1968, p. 305.

<sup>309</sup> Lobato, 1968, p. 305-306, destaques nossos.

sociológica, e a menção ao termo “sub-raça” não aparece nos contos, com exceção do artigo *Urupês*. A referência à raça que aparece neste artigo é obscura e parece ser oriunda das concepções de Euclides da Cunha e suas discussões sobre as raças e sub-raças formadoras do homem brasileiro. Relembrando a passagem presente no artigo *Urupês*:

Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras de nossa nacionalidade e metida entre o estrangeiro recente e o aborígene de tabuinha no beíço, uma existe a vegetar de cocoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.<sup>310</sup>

Nos textos de *Problema vital*, entretanto, a definição de raça é explícita, e o argumento é totalmente outro. A degenerescência em questão se trata da degeneração da raça em sua totalidade, e não das sub-raças substancialmente deterioradas pela mestiçagem. A raça dos grandes desbravadores bandeirantes é, segundo Lobato, a mesma do Jeca Tatu, apenas deteriorada pela doença e pelas verminoses. Concepção bem diferente dessa nova definição de raça, na qual a degenerescência racial se dá a partir da transmissão hereditária de tonicidade e vitalidade insuficientes – de um “bisavô bichado” para um “avô bichado” e assim sucessivamente –, devido às infecções parasitárias, somada à própria degenerescência do indivíduo. Essa era a nova forma de se entender raça, incorporada a (ou corporificada em) Lobato pelo Movimento Sanitarista-eugenista. “Não é a raça”, no sentido darwinista ou mendeliano, a responsável pela decadente condição física e mental do indivíduo; mas é a raça no sentido de características assimiladas e legadas aos descendentes, ou seja, a raça no sentido neolamarckiano do termo. Essa constatação não é inédita. Já em 1991, em seu *The hour of Eugenics: race, gender and nation in Latin America*, Stepan escrevia sobre o pensamento racial nas nações latinas, especialmente no Brasil. Ela é clara quanto à vertente teórica que inspirava os sanitaristas:

---

<sup>310</sup> Lobato, 1951, p. 243.

Iniciei minhas pesquisas pela eugenia no Brasil. Descobri ali muito da eugenia, em suas ciências e em seu estilo social, que parecia incomum. Primeiro os eugenistas brasileiros baseavam sua eugenia não na concepção mendeliana da genética, a estrutura dominante na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na Alemanha, mas em uma corrente alternativa de noções neolamarckianas de hereditariedade. Esse estilo de eugenia refletia conexões científicas de longa data com a França, bem como fatores mais locais de cultura política; ajudava também a estruturar os debates sobre degeneração e determinava como a nova genética e as ciências do saneamento interagiam de forma inovadora na “eugenia”.<sup>311</sup>

Decerto, a concepção neolamarckiana difundida no Brasil por meio da ascendência francesa (que se deu tanto no campo científico biologicista quanto nas letras e na sociologia) possibilitou o surgimento de um Movimento Sanitarista que proporcionasse redimir as raças esquecidas no sertão. Segundo as teorias biológicas francesas, não estava o Brasil fadado à extinção enquanto povo e nação pela maldição da miscigenação entre os povos. O que corroía a capacidade criadora do brasileiro não era o sangue misturado, mas o sangue contaminado pelas verminoses e parasitoses, cujas marcas no corpo humano se tornavam definitivas, e, mais do que isso, passíveis de serem deixadas como herança nefasta às novas gerações. Esse mal se combatia com a higiene. A genética neolamarckiana tornava viável a defesa de uma civilização nos trópicos e abria caminho para o elogio à adaptação racial dos homens ao ambiente, como mais tarde fez Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala* (1933) e *Sobrados & Mucambos* (1936).

O último texto que compõe *Problema vital* é “Jeca Tatu: a ressurreição”, o qual, como o título sugere, demonstra a possibilidade de “ressurreição” do Jeca (e, assim, de ressurreição potencial da raça), devastado pelas doenças que há gerações o consumiam. “A Ressurreição” começa por descrever o Jeca e as condições de vida que o cercam:

---

<sup>311</sup> Stepan, 2005, p. 14.

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé (...) passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejáuva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. (...)

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só (...).<sup>312</sup>  
(...)

Tudo para ele não pagava a pena. Não pagava a pena consertar a casa, nem fazer uma horta, nem plantar árvores de fruta, nem remendar a roupa.

Só pagava a pena beber pinga.<sup>313</sup>

(...)

Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cansassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas punham poucos ovos.<sup>314</sup>

(...)

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?<sup>315</sup>

A conclusão que se tinha sobre o Jeca é então apresentada pelo eu poético do narrador, como opinião de terceiros: “Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam”.

---

<sup>312</sup> Lobato, 1968, p. 329.

<sup>313</sup> Lobato, 1968, p. 330.

<sup>314</sup> Idem.

<sup>315</sup> Idem.

Notadamente, esse Jeca, bricolagem das personagens apresentadas em *Urupês*, é apresentado de forma pretensamente objetiva por Lobato em uma narrativa em terceira pessoa, na qual aparecem elementos dos contos nos quais o autor havia forjado sua figura de homem do campo. A economia extrativista, o banquinho de três pernas, a espingardinha de carregar pela boca e o cachorrinho magro e cheio de bernes a acompanhar o dono bêbado reaparecem aqui para definir o Jeca e seu modo de vida. Apesar disso, não é o *meio* descrito que é simultaneamente causa e consequência da desgraça do caboclo, como acontece nos contos de *Urupês*. Em vez disso, o “problema vital” que determina a condição do Jeca é causado pelas infecções e impaludismos.

Seguindo esse raciocínio, a guinada na saúde e na produtividade do caboclo se dá por meio da interferência médica e da descoberta (que para Monteiro Lobato deveria ser a descoberta nacional, o despertar dos homens letrados para o problema do Brasil) de que o Jeca é, antes de tudo, um doente. Até que:

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examiná-lo.

\_ Amigo Jeca, o que você tem é doença.

\_ Pode ser. Sinto uma canseira sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.

\_ Isso mesmo. Você sofre de anquilostomiase (...).<sup>316</sup>

Uma vez diagnosticado o mal que afligia o Jeca, o doutor, membro individual do corpo coletivo dos sanitaristas, receita o remédio e a técnica que livraram o pobre homem da miséria.

O doutor receitou-se o remédio adequado; depois disse: “E trate de comprar um par de botinas e nunca mais me ande descalço nem beba pinga, ouviu?”.

(...)

---

<sup>316</sup> Lobato, 1968, p. 331-332.

Faça o que mandei, que ficará forte, rijo e rico como o italiano.<sup>317</sup>

E, então, o Jeca curado faz uso das técnicas da “Nhá Ciência” para se manter saudável, produtivo e empreendedor.

Quando o doutor reapareceu, Jeca estava bem melhor, graças ao remédio tomado. O doutor mostrou-lhe com uma lente o que tinha saído das suas tripas.

\_ Veja, sêo Jeca, que bicharia tremenda estava se criando na sua barriga! São os tais anquilostomos, uns bichinhos dos lugares úmidos, que entram pelos pés, vão varando pela carne adentro até alcançarem os intestinos.<sup>318</sup>

(...)

Mas Jeca não podia acreditar numa coisa: que os bichinhos entrassem pelo pé. Ele era “positivo” e dos tais que “só vendo”. O doutor resolveu abrir-lhe os olhos. Levou-o a um lugar úmido, atrás da casa, e disse:

\_ Tire a botina e ande um pouco por aí.

Jeca obedeceu.

\_ Agora venha cá. Sente-se. Bote o pé em cima do joelho. Assim. Agora examine a pele com esta lente.

Jeca tomou a lente, olhou e percebeu vários vermes pequeninos que já estavam penetrando na sua pele, através dos poros. O pobre homem arregalou os olhos assombrado.

\_ E não é que é mesmo? Quem “haverá” de dizer!...

\_ Pois é isso, sêo Jeca, e daqui por diante não duvide mais do que a ciência disser.

\_ Nunca mais! Daqui por diante Nhá Ciência está dizendo e Jeca está jurando em cima! T’esconjuro! E pinga, então, nem p’ra remédio...<sup>319</sup>

Salvo de todos os males, mas destituído da complexidade das condições socioeconômicas que o constituem, o caipira é reduzido à situação de doente, definitivamente salvo pela técnica médica e higienista. Ao deixar de duvidar da ciência, e começar a se medicar e tomar medidas profiláticas, tal como o uso de botinas, o Jeca ressurgiu,

---

<sup>317</sup> Lobato, 1968, p. 332.

<sup>318</sup> Lobato, 1968, p. 333.

<sup>319</sup> Lobato, 1968, p. 333-334.

como que renascendo de suas próprias cinzas, na forma de um novo ser social capaz de proezas até então inimagináveis.

Tudo o que o doutor disse aconteceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca. A preguiça desapareceu. Quando ele agarra no machado, as árvores tremiam de pavor. (...) Jeca, cheio de coragem, botou abaixo um capoeirão para fazer uma roça de três alqueires (...) consertou todos os buracos da casa. E fez um chiqueiro para os porcos. E um galinheiro para as aves.<sup>320</sup>

Ironicamente reabilitado pela ação sanitarista, o Jeca tem agora as virtudes físicas e morais que Lobato acusara possuir o caboclo descrito pelos escritores românticos. Em uma prova de força, como que por um capricho do destino, à maneira de Peri, de José de Alencar, Jeca acabou por matar uma onça com suas mãos desnudas:

Jeca, que era um medroso, virou valente. Não tinha mais medo de nada, nem de onça! Uma vez, ao entrar no mato, ouviu um miado estranho.

\_ Onça! Exclamou ele. É onça e eu aqui sem nem uma faca!

...

Mas não perdeu a coragem. Esperou a onça, de pé firme. Quando a fera o atacou, ele ferrou-se tamanho murro na cara, que a bicha rolou no chão, tonta. Jeca avançou de novo, agarrou-a pelo pescoço e estrangulou-a.

\_ Conheceu, papuda? Você pensa então que está lidando com algum pinguço opilado? Fique sabendo que tomei remédio do bom e uso botina ringideira...<sup>321</sup>

Uma vez livre das doenças que o consumiam pelos medicamentos e pelas técnicas de higiene, o Jeca acaba por fazer mais do que matar uma onça à unha: transmuta-se em dedicado trabalhador e, por fim, em empreendedor e empresário capitalista.

Comprou arados e bois, e não plantava nada sem primeiro afofar a terra (...).

---

<sup>320</sup> Lobato, 1968, p. 334.

<sup>321</sup> Lobato, 1968, p. 333.

E Jeca já não plantava rocinhas como antigamente. Só queria saber de roças grandes, cada vez maiores, que fizessem inveja no bairro.

E se alguém lhe perguntava:

– Mas para que tanta roça, homem? Ele respondia:

– É que agora quero ficar rico. Não me contento com trabalhar para viver. Quero cultivar todas as minhas terras, e depois formar aqui uma enorme fazenda. E hei de ser até coronel.<sup>322</sup>

(...)

Por esse tempo o doutor passou por lá e ficou admiradíssimo da transformação do seu doente.

Esperara que ele sarasse, mas não contara com tal mudança.

Jeca o recebeu de braços abertos e apresentou-o à mulher e aos filhos.

Os meninos cresciam viçosos, e viviam brincando contentes como passarinhos.

E toda gente ali andava calçada. O caboclo ficara com tanta fé no calçado, que metera botinas até nos pés dos animais caseiros!

Galinhas, patos, porcos, tudo de sapatinho nos pés! O galo, esse andava de bota e espora!

– Isso também é demais, sêo Jeca, disse o doutor. Isso é contra a natureza!

– Bem sei. Mas quero dar um exemplo a esta caipirada bronca. Eles aparecem por aqui, vêem isso e não se esquecem mais da história.<sup>323</sup>

O Jeca se norte-americaniza em um processo pelo qual as complexidades culturais, históricas e econômicas das civilizações norte-americana e brasileira são reduzidas a estereótipos, que, em última instância, são determinados por causas biológicas, de forma que o homem biologicamente saudável, livre dos elementos patógenos, transforma-se, naturalmente, no homem economicamente “fordista”:

Em pouco tempo os resultados foram maravilhosos (...). Jeca adquiriu um caminhão Ford, e em vez de conduzir os porcos ao mercado pelo sistema antigo, levava-os de auto,

---

<sup>322</sup> Lobato, 1968, p. 336.

<sup>323</sup> Lobato, 1968, p. 336-337.

num instantinho, buzinando pela estrada afora, fon-fon! fon-fon!

As estradas eram péssimas; mas ele consertou-as à sua custa. Jeca parecia um doido. Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler, encheu a casa de livros e por fim tomou um professor de inglês.<sup>324</sup>

(...)

A fazenda do Jeca tornou-se famosa no país inteiro. Tudo ali era por meio do rádio e da eletricidade. Jeca, de dentro do seu escritório, tocava num botão e o cocho do chiqueiro se enchia automaticamente de rações muito bem dosadas. Tocava outro botão, e um repuxo de milho atraia todo o galinhamê...

Suas roças eram ligadas por telefones. Da cadeira de balanço, na varanda, ele dava ordens aos feitores lá longe.

Chegou a mandar buscar nos Estados Unidos um telescópio.

— Quero aqui desta varanda ver tudo que se passa em minha fazenda.

E tanto fez, que viu. Jeca instalou os aparelhos e assim pode, da sua varanda, com o charutão na boca, não só falar por meio do rádio para qualquer ponto da fazenda, como ainda ver, por meio do telescópio, o que os camaradas estavam fazendo.<sup>325</sup>

O ápice dessa peça de propaganda se dá quando, no parágrafo XVII, já rico e estabelecido, o Jeca retribui o bem que lhe foi feito pela “Nhá Medicina”, montando “Postos de Maleita” e “Postos de Anquilostomose” na fazenda e nas vilas. Dessa forma, enfatiza claramente que a campanha sanitária é a maneira verdadeiramente patriótica de se salvar o Brasil, assim como destaca o dever do cidadão de contribuir para essa campanha. Fica clara, nesse ponto, a submissão do campo literário e do autor ao polo dominante das políticas públicas sanitárias, das quais era quase um porta-voz, conforme anteriormente afirmado<sup>326</sup>.

---

<sup>324</sup> Lobato, 1968, p. 337.

<sup>325</sup> Lobato, 1968, p. 338-339.

<sup>326</sup> Lobato, 1968, p. 339-340.

#### 4. Para reflexão

É importante ressaltar que a afinidade existente entre Lobato e os sanitaristas parece originada na mesma visão que esses tinham da condição do homem do campo e do Sertão: a imagem do caipira abandonado pelo Estado e incapaz de produzir. É o que afirmam autores que estudam diretamente a história do sanitarismo no Brasil, como Hochman & Lima (2012):

Os médicos Belisário Penna e Arthur Neiva ressaltam o contraste entre a retórica romântica sobre o caboclo e o sertanejo e o que observam e relatam. A descrição real era de um povo ignorante, abandonado, isolado, com instrumentos primitivos de trabalho, desconhecendo o uso da moeda, tradicionalista e refratário ao progresso. Esse quadro de isolamento era responsável pela ausência de qualquer sentimento de identidade nacional. Um povo que desconhecia qualquer símbolo ou referência nacional, ou melhor, “a única bandeira que conhecem é a do divino”.<sup>327</sup>

Monteiro Lobato considera como causa da degenerescência do caboclo a falta de saúde do caboclo, não a raça ou a mestiçagem. Além disso, as propostas oferecidas pelo autor para o problema vital do Brasil estão sempre ligadas a práticas médicas preventivas, nunca a práticas de eugenia negativa, como esterilização ou proibição de casamentos. Sendo assim, o que marca definitivamente os escritos que compõem *Problema vital* é a monotemática, quase mecanicista, da questão higienista.

---

<sup>327</sup> Hochman & Lima (Hochman & Armus, 2012, p. 500).

## CAPÍTULO VII – Mister Slang no Brasil e fora dele

*Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira*

# 1. Um país a ser mudado de dentro para fora: Mister Slang e o Brasil

### a) Surge Mister Slang

Em 1926, o recém-empossado presidente Washington Luís, acreditando que Monteiro Lobato seria um interessante agente em prol dos interesses da indústria nacional e da cultura do Brasil, convida-o para ser adido comercial em Nova Iorque. Edgar Cavalheiro anota que o próprio Lobato afirma que “Washington Luís propôs mandá-lo para algum posto fora do País, não só para evitar qualquer incidente, mas também para que, lá fora, se convencesse de que o Brasil não era tão ruim como ele dizia”<sup>328</sup>. O escritor aceita sem mais hesitar e embarca com sua família, chegando a Nova Iorque em princípios de junho de 1927.

Nos meses antecedentes de sua viagem, fascinado com a organização americana, Lobato escreve, para o periódico ‘O Jornal’, de Assis Chateaubriand<sup>329</sup>, uma série de colóquios entre duas personagens fictícias: um certo Mister Slang, britânico, e um brasileiro, jamais identificado propriamente, que narra e transcreve os diálogos. Tratam-se de curtas e mordazes reprimendas ao que no Brasil se faz de errado e

---

<sup>328</sup> Cavalheiro, 1955. p. 356.

<sup>329</sup> Chateaubriand assume a chefia de *O Jornal*, fundado cinco anos antes, em 1924. O periódico sobreviveu à sua morte, em 1968, sendo encerrada a publicação seis anos depois. *O Jornal* foi bastante relevante no contexto da renovação editorial jornalística empreendida por “Chatô”, sendo um dos embriões dos poderosos *Diários Associados*.

ineficiente, em termos de sociedade, política e economia, em contraposição principalmente ao modelo americano, descrito entusiasticamente como mais evoluído e proveitoso.

Curioso notar que as críticas aos procederes brasileiros se dão, nesses tempos americanos de Lobato, não por um americano, e muito menos por um brasileiro, mas sim por um inglês. Um “inglês da Tijuca”, afastado de Lobato em língua, nacionalidade e localização mesmo no Brasil. A preocupação de distanciação com esse *alter ego* é tanta que na obra que compila suas primeiras “aventuras”, *Mister Slang e o Brasil*, Lobato escreve uma breve e irreverente biografia apresentando ao leitor a intrigante personagem:

Quem é este Mister Slang?

John Irving Slang nasceu na cidade de Hull, em 1872, e fez estudos em Cambridge. Muito jovem ainda deixou a ilha e partiu a correr o mundo, ganho de uma insaciável fome de pitoresco. Esteve na Índia, na Nova Zelândia, nas Ilhas Salomão, no Havaí, em Sarawak e outras inconcebíveis terras de gente cor de pinhão. Por fim veio ao Brasil, onde encalhou por quarenta anos no mais lindo bangalô do Alto da Boa Vista.

Absorveu-se em estudos das nossas coisas, depois que se retirou dos negócios, cheio de libras e notas da extinta Caixa da Conversão – a qual o bigodeou indecorosamente, seja dito de passagem.<sup>330</sup>

*Mister Slang e o Brasil* tem uma estrutura consideravelmente simples e bastante nítida. Composto por capítulos curtos representando, cada um, um comentário sobre um ponto específico da deficitária realidade brasileira (como câmbio, imigração, taxaço), são essencialmente historietas desenvolvidas por diálogos entre dois interlocutores, como previamente referido: Mister Slang e um seu amigo brasileiro, que discutem e fazem comentários ligados ao “senso comum” (dos leitores e dos brasileiros), enquanto jogam xadrez, passeiam e se ocupam dos afazeres cotidianos.

---

<sup>330</sup> Lobato, 2008, p. 21.

O brasileiro é desinformado, de pensamento simplório e bastante reticente frente à retórica e ideias do britânico. De iniciativa tímida, muitas vezes receia se expressar, demonstra apaixonado fascínio pelas teorias do amigo e age evidentemente de contraponto para a personagem-título apresentar seus raciocínios. Suas participações são bem marcadas: servem para avançar as teorias do comparsa inglês, para pontuar alguma ideia que deve ser negada e até como alívio cômico, por sua caricata desinformação, volubilidade opinativa e reações emocionais aos problemas que lhe são fria e calculadamente apresentados.

Mister Slang é construído por Lobato como um observador “idôneo”. Está no Brasil há quatro décadas, pouco menos que a idade de Lobato – pode-se inferir que Lobato o retrata quase como alguém com experiência em coisas do Brasil superior à sua (ou quase tão abalizada e digna de confiança). É, portanto, um avatar de respeito, sem satirismo, feito de modo a nem sequer apresentar uma “reverência” demasiada: Mister Slang não é humoristicamente a apologia de um “mundo ianque”, mas um sensato inglês que aponta nossas imperfeições brasileiras.

## **b) Exemplos de quem “deu certo”**

O remédio para os males do país, o que nos diz o discurso, deve ser mudar o rumo das coisas. O narrador brasileiro – como de resto todo o Brasil, parece dizer Lobato – é incapaz de entender a dinâmica das coisas que atrasam seu país. Mister Slang, então, por meio de curtas e engenhosas explicações, e farto apoio de parábolas e metáforas, convida a uma mudança de pensamento.

O livro entra em uma chave que talvez seja sua razão maior de existência: a definição teórica de um “outro Brasil”, nos moldes do que Mister Slang considera justo e acertado para o progresso do país em que está. Esse novo Brasil se assemelha em muito aos Estados Unidos que empolgavam Monteiro Lobato no período, e Mister Slang não se recusará a apontar os caminhos que considera oportunos:

Mister Slang tomou fôlego. Depois disse:

— Há de haver uma causa para que o Brasil, com o seu imenso território e os seus trinta milhões de habitantes, seja um dos países mais pobres do mundo.

— Talvez que a gente não preste... — ia aventurando eu. Mas Mister Slang tapou-me a boca:

— Depois que Henry Ford demonstrou como se aproveitam até cegos e aleijados, ninguém tem o direito de alegar o que não presta. Tudo presta. Até um cego, um estropiado presta. A questão toda está em *proporcionar-lhe condições para prestar*. O mesmo cego que aqui não presta para coisa nenhuma em Detroit produz igual a um homem perfeito e ganha 6 dólares diários. O brasileiro precisa de condições para prestar – e a condição número um é a fixidez da medida do valor, a moeda.<sup>331</sup>

Mister Slang não inventa seu otimismo, pois não é otimista: é pragmático. O exemplo foi dado por outro país, um país que funcionou, que tem um homem de visão (Henry Ford) a aproveitar a eficiência dos trabalhadores em máxima escala. Trata-se de se aproveitar o que se tem, para os fins possíveis.

Interessante observar que o brasileiro, amigo e discípulo do inglês da Tijuca, faz as vezes do “desistente”, desertor do que se pode fazer para seu próprio país melhorar. Acredita em teorias científicas ultrapassadas, presumivelmente: a de que gente dos trópicos não presta, não sabe trabalhar e não alcança grandes resultados, pois nasceu fadada a pequenas realizações, por conta do clima e de sua constituição física e cultura.

Os valores de Mister Slang, por outro lado, são despersonalizados. As trinta milhões de pessoas que habitam o Brasil de então “prestam”, mas não são individualizadas, talvez nem individualizáveis. São trabalhadores, peças que podem ser usadas para o progresso do país, nos moldes da linha de produção fordista. Dadas as “condições para prestar”, todas as trinta milhões de pessoas, espalhadas no gigantesco território brasileiro, podem servir ao conserto do que ora está desarrumado.

---

<sup>331</sup> Lobato, 2008, p. 42.

No entanto, há um entrave para isso, o que Mister Slang mais criticará ao longo dos colóquios: a ação dos políticos, ou melhor, a inércia dos homens públicos, a ignorância dos poderosos, os arranjos dos burocratas. A moeda, por exemplo, não se fixa por problemas que podem ser contornados e compreendidos por todos, como o inglês da Tijuca passará a demonstrar a seguir:

— Estou compreendendo, Mister Slang. O câmbio, o cambista, o homem que desconta os vales do governo impontual, só aparece quando o emissor do vale foge ao seu pagamento...

— Isso mesmo. Mas esse particular que desconta os vales do governo está claro que o faz para ganhar dinheiro, e nunca paga o vale pelo valor nominal. Paga o que no momento lhe convém pagar, 10%, 30%, 50% ou 60% do valor nominal, conforme a taxa de câmbio, isto é, conforme todos quantos fazem esse negócio de desconto acham que nesse momento devem pagar.

— Quer dizer que câmbio, isto é, desconto de vales do governo por particulares, só existe quando o governo não paga fielmente os vales que emite?

— Claríssimo! Desde que o emissor dos vales cumpra o seu dever, a sua palavra, a sua promessa, extingue-se a classe dos descontadores de vales, dos cambistas, dos que vivem à sombra e como produtos lógicos da desonestidade dos governos.

— Estou entendendo. E também compreendendo as razões do clamor contra a estabilidade...<sup>332</sup>.

O narrador brasileiro desconhecia os meandros dos fatos expostos por Mister Slang (“quer dizer que...”), que explica a situação com eficácia e torna o motivo “claríssimo” ao amigo, que, finalmente, passa a “entender” a questão. E não só entende por que a moeda não se fixa (não fica estável), como entende por que a não querem fixar (“o clamor contra a estabilidade”): má utilização dos fundos públicos, ineficiência administrativa, gestão deficitária.

---

<sup>332</sup> Lobato, 2008, p. 37.

Mister Slang fala por Lobato quando louva Henry Ford, “esse genial reformador da indústria”<sup>333</sup>. Sem muito disfarce na defesa dos ideais fordistas, Slang-Lobato elogia a organização das empresas de Ford, considerada exemplar sua visão de trabalho e eficiência, o esquema distributivo de funções. Para Ford, Mister Slang e Lobato, “não há trabalho mais nobre ou menos nobre. Há trabalho, apenas. Varrer ou desenhar plantas: tudo é trabalho”<sup>334</sup>.

Um ponto importante de *Mister Slang e o Brasil* é que não sendo “explícita” a apologia de Lobato aos Estados Unidos, o escritor tenta dar exemplos universalizantes ou que abrangem outras perspectivas. Para comentar a situação das indústrias brasileiras, o exemplo é dado com um país fronteiro ao nosso:

— De modo que para Mister Slang as nossas indústrias protegidas constituem um mal... Mas não negará que muito nos serviram durante a conflagração européia.

— Ponto a discutir. Mas dou de barato que assim tenha sido e pergunto se é argumento sério. Conservar no organismo uma ordem de coisa viciosa, que o debilita, que o mata, só porque num eventual caso de guerra possa tornar-se um momentâneo bem, será fórmula defensável? Faz-me lembrar um homem que andasse léguas e léguas descalço, a ferir as solas nas pedras do caminho, só para beneficiar-se com a frescura da água de um riacho eventual que tenha de passar a vau. A Argentina, que não tem indústrias falsas, não se arrumou perfeitamente durante a conflagração? Não saiu ganhando, não está mais próspera do que nunca, ao passo que o Brasil geme no atoleiro, enterrado até ao nariz?<sup>335</sup>

Ainda que não faça parte de nosso escopo tratar da admiração de Lobato pela terra argentina, cabe, para complementação das ideias aqui desenvolvidas, determo-nos um pouco no fenômeno<sup>336</sup>.

<sup>333</sup> Lobato, 2008, p. 87.

<sup>334</sup> Idem.

<sup>335</sup> Lobato, 2008, p. 70.

<sup>336</sup> Na biografia lobatiana, a Argentina tem um papel proeminente sobretudo no fim de sua vida: exilado, por conta própria, do país após a vitória de Eurico Gaspar Dutra, candidato “avalizado” por Getúlio Vargas, desafeto do

A Argentina, sob certo prisma, era o exemplo mais próximo do que Lobato idealizava, guardadas as proporções com o caso americano. O país vizinho ao Brasil se configurava assim como um “Estados Unidos da América do Sul”. Ele também usa o exemplo argentino para falar do voto livre, das eleições democráticas, um exemplo de país que “deu certo” porque usou adequadamente o processo tido por correto.

Assim, que não se estranhe Lobato voltar à carga – nem Mister Slang, que não se considera um defensor ou apologista dos Estados Unidos, mas um homem que tem lucidez para entender os eventos que levam a desmazelos e que pode criticá-los com embasamento e aproveitamento. Isto é, tanto faz se o exemplo funcionou nos Estados Unidos ou na Argentina: o Brasil aqui é o errado, defasado, incorreto; siga-se o modelo adotado por quem acertou e acertar-se-á também.

Repare-se também como o discurso de Mister Slang, e o de Lobato, visam ao convencimento por meio da utilização de imagens simples, compreensíveis a todos, do interlocutor brasileiro do inglês aos leitores de *Mister Slang e o Brasil*. As indústrias deficitárias brasileiras são tratadas como uma doença que não sai do organismo vivo do país, uma ideia forte e inteligível a todos, irmanada ao quadro que tornou Lobato célebre com a descrição do Jeca Tatu em *Urupês*. Uma espécie de “doença de estimação”, que a falta de comprometimento com os bons valores (sanitários, no caso do Jeca, político-sociais, no caso das indústrias) vai perpetuando, terminando por deixar a cena quase natural àquele ente – “Conservar no organismo uma coisa de ordem viciosa”.

Também o inglês faz parábolas e metáforas com frequência, ilustrando o que disse com comparações simples. No excerto transposto, refere-se a um viajante que machuca os pés sem qualquer promessa de que seu desejo terá satisfação. Mister Slang diz que o viajante é o Brasil, e o desejo sem expectativa é o do funcionamento de

---

escritor, Lobato decide passar uma temporada com a família na Argentina. Lá se envolve em atividades editoriais e lança com noticiado sucesso vários de seus livros, sobretudo os infantis. Além dos Estados Unidos, a Argentina é a única outra terra estrangeira por onde Lobato passou e residiu.

suas indústrias. Para ele, confiar nas problemáticas indústrias brasileiras equivale à eventualidade de se deparar com um arroio, andando a esmo numa jornada sem planejamento (o viajante está descalço e sedento).

Deveras surpreendentemente, será Mister Slang quem injetará no desanimado amigo brasileiro a crença de que, para consertar o Brasil e equipará-lo às nações que “deram certo”, precisa-se antes deixar de descrever no país:

— Já vimos o que isso vale e não consigo admitir que certas medidas de simples honestidade só possam ser aplicadas na América do Norte. Apesar de britânico, vejo o Brasil com melhores olhos do que a maioria dos brasileiros. Noto entre vocês uma descrença excessivamente generalizada.

— E temos razão para isso — gemi (...).

— Terão razões, mas não terão o direito de descrever do país. A boa vontade e o amor ao bem público operam prodígios.

— Sei disso. Mas a nossa mentalidade política se divorciou demais do bem público. Perdeu-o de vista. Só enxerga o bem pessoal.

— Não compartilho dessa descrença, meu amigo. Basta que um homem no alto creia no bem público para que os maiores milagres se operem. E isso é mais fácil no Brasil do que em qualquer outra parte, uma vez que a forma real de governo aqui é a de uma perfeita ditadura sob aparências constitucionais.

— Fácil dizer, Mister Slang. Os óbices são tremendos...

— Mas não insuperáveis. Não há óbices insuperáveis para a boa vontade. E eu já noto por cá um começo de reviravolta na mentalidade.<sup>337</sup>

As razões para o desânimo são profundas, e Mister Slang deter-se-á em várias delas. No entanto, lastimar-se não significa nem agrega coisa alguma ao problema, antes o torna estático. Daí os apelos aos ideais sentidos pelo inglês e por Lobato: a boa vontade, um homem justo e de visão, o valor do trabalho e do empenho pessoal.

O Brasil, graças aos brasileiros, pode subir. A honestidade não existe apenas na América do Norte, vide o caso argentino. A

---

<sup>337</sup> Lobato, 2008, p. 116.

desconfiança excessiva, no entanto, emperra os desejos de mudança, como se não “valesse a pena” considerar os problemas e tentar solucioná-los. Contra isso, Mister Slang se coloca.

### c) Brasil, um país errado

O Brasil que Lobato apresenta e Mister Slang comenta em *Mister Slang e o Brasil* é um país *raté*, que “deu errado”, fracassou; que pode ter esperanças e saídas para suas mazelas, mas não as vê nem aproveita as oportunidades. É um cenário de crise, portanto – crise sobretudo econômica. O inglês coloca as coisas em perspectiva deste modo:

— Esquecem-se de que, avariado e a fazer água como está o navio, torna-se duvidoso que alcance tais latitudes...

— É concertá-lo, tapar a água até que o navio lá chegue.

— Mas se justamente o balouço excessivo da nau é o que impede os reparos, homem! Dizem uns: primeiro equilibrar os orçamentos, primeiro fazer a paz. Mas o desequilíbrio financeiro é em grande parte efeito da instabilidade.

— Mister Slang não irá dizer que a revolução também procede da instabilidade.

— Não vou dizer? Digo já, pois toda revolução tem como causa última o mal-estar econômico. País que prospera não faz revoluções. Equilíbrio de orçamento! Como, se a moeda é móvel? Como organizar um orçamento de despesas, se parte delas é em ouro e no fim do ano o ouro pode estar valendo o dobro ou a metade? Tolices, meu caro. Chicanas. A base de tudo é a fixidez. Primeiro, estabilize; depois faça o que quiser. Estabilize, e o problema financeiro se resolverá por si mesmo. Estabilize, e a revolução perderá a sua razão de ser.<sup>338</sup>

A instabilidade política – as revoluções, como as do tenentismo, as revoltas populares e todo o caldeirão de causas do fim do que hoje chamamos República Velha, que tiraria Washington Luís da presidência em poucos anos e instauraria a Era Vargas – e as mazelas

---

<sup>338</sup> Lobato, 2008, p. 41.

sociais são, diz Mister Slang, frutos de uma única ou maior causa: o desarranjo econômico – “País que prospera não faz revoluções”. Orçamento equilibrado, moeda forte e fixa, sem câmbios móveis como o ouro, acabam, nessa ótica, com as razões mais fortes de crise.

O brasileiro, exercendo seu papel de ingênuo questionador, aceita as metáforas de Mister Slang (que compara a economia a um navio, ou à condução desse navio). porém não as entende em profundidade. Daí seu parceiro a recriminá-lo: “justamente o balouço excessivo [a instabilidade econômica] é o que impede os reparos, homem!”. O inglês se choca com a ignorância do amigo, que não vê as evidências que se lhe estão diante dos olhos.

A dinâmica continua: prosseguindo a conversa, o brasileiro, incrédulo, não acredita que Mister Slang relaciona ao saneamento das finanças do país sua estabilidade sociopolítica. Ao que o inglês responde com conforto: “Não vou dizer? Digo já, pois toda revolução tem como causa última o mal-estar econômico”. As causas podem ser muitas, mas a causa última, a definitiva, é a econômica. Lobato acena com clareza, como Mister Slang: o Brasil está instabilizado por sua economia deficiente, advinda de uma política defasada, atrasada.

Pouco adiante, a conversa é retomada mais explicitamente ainda:

— O pobre Brasil tem sido vítima do corre-corre da adaptação a que a instabilidade da moeda o força. Suponha um negociante que fosse obrigado a mudar de casa todos os meses. Que sucederia?

— Todo o seu lucro ir-se-ia nas despesas de mudança e prejuízos conseqüentes. Diz o povo que três mudanças equivalem a um incêndio.

— Pois o pobre Brasil é um negociante que tem de localizar a sua quitando em 27 casas diferentes, conforme as intimações de Mister Câmbio. Como há de o coitado prosperar?

— Realmente. A vida do Brasil tem sido um sair de uma crise para entrar noutra.

— Justo. Chamam vocês crise às mudanças de casa cambial. Crise quer dizer desequilíbrio. Para a volta a um equilíbrio

novo há destruição de energias e bens. Como pode enriquecer um coitado destes?<sup>339</sup>

O Brasil é tratado de forma personificada por Mister Slang, que cria uma narrativa em que o país é um negociante a sofrer com as intimações de um estrangeiro (feito ele, ironicamente), Mister Câmbio, que altera o valor da moeda, por assim dizer, e prejudica o trabalho do Brasil, impossibilitando a estabilização de sua vida e finanças.

O narrador brasileiro, que só faz concordar, pontua uma conclusão e outra do inglês e viabiliza a conclusão do inglês da Tijuca: não dá para enriquecer com tanta mudança de condição. É o que Mister Slang, precisamente, define como “crise”: o desequilíbrio. E não se pode progredir com essa mudança perpétua e sem critério. Daí as crises se sucederem.

Os problemas apontados, contudo, são encarados pelas personagens como chagas a serem curadas, atrasos que precisam ser corrigidos. Não apenas um dedo apontado, conjunto de críticas vãs. O intuito do autor de *Mister Slang e o Brasil* se estipula com segurança: demonstrar que os rumos brasileiros, que julga deficientes e atrasados, podem ser ajustados. Como reconsiderou o Jeca Tatu em *Problema vital*, Lobato parece dizer: “o Brasil não é assim; está assim”...

Em um dos colóquios temos importante e reveladora exposição de princípios e motivos, quando Mister Slang conversa a respeito da burocracia que verifica em território brasileiro:

— E que acha deva o governo fazer, Mister Slang? Qual o meio de corrigir-se isso?

Mister Slang estava nesse dia de muito bom humor. Assim foi que me respondeu de um modo desnordeante:

— Corrigir para quê? — disse ele. — Se é um elemento do pitoresco local, por que destruí-lo? Todos os povos possuem os seus característicos. Na Alemanha podemos observar a organização levada a extremos inconcebíveis. Nos Estados Unidos vemos a eficiência como a mira de tudo.

---

<sup>339</sup> Lobato, 2008, p. 42.

Modos de ser de cada povo. Se o Brasil prefere o pitoresco, respeitemos-lhe a preferência...

— Esse ponto de vista — exclamei abespinhado — será o de um estrangeiro que não se liga de amor a este país. Um nacional nunca poderá encampá-lo.

— Tem razão o meu caro amigo. Confesso que moro no Brasil apenas levado pelo meu amor ao pitoresco. As coisas brasileiras divertem-me tanto... Não as quereria na Inglaterra, está claro. Mas aqui, onde funciono de espectador apenas, confesso não desejar mudanças. Gosto muito de Mark Twain e possuo toda a sua obra. Pois creia que a *Central*, por exemplo, me diverte mais que *The stolen white elephant*, a obra-prima, para mim, do terrível humorista americano. Ora, o Brasil não é tão rico em coisas originais para que se dê ao luxo de destruir, reorganizando-a em moldes civilizados, a sua ultrapitoresca estrada de ferro...<sup>340</sup>

Destacamos o que dissemos sobre a Argentina, agora voltado à Alemanha: todo exemplo é válido para aludir a quem procedeu do modo correto.

No entanto, logo após o exemplo “universal”, vem o “ideológico”, isto é, os Estados Unidos. Fala-se de sua eficiência, um dos fatores sempre lembrados e referenciados por Lobato para alicerçar seu apreço pelo país americano. Para Mister Slang, a eficiência é uma marca inata do povo americano, uma de suas características constituintes. A do Brasil, em contraposição, é o pitoresco, uma espécie de “folclorização” deliberada, que serve ao anedotário, que tem graça e colorido, que é do espírito do país, mas não se trata de fator positivo. Mister Slang está sendo irônico e pouco deferente para com as instituições brasileiras, que julga ineptas; e seu amigo brasileiro, percebendo a mudança de chave, ressentido e reclama. É o ponto de vista de um estrangeiro...

Mister Slang leva o sarcasmo a outro patamar e aponta o Brasil como uma sátira (real) mais absurda que os textos humorísticos de Mark Twain (1835-1910), escritor que, assim como Mister Slang, Lobato apreciava sobremaneira, chegando a traduzir posteriormente

---

<sup>340</sup> Lobato, 2008, p. 81-82.

obras suas<sup>341</sup>. Na segunda metade do livro, a chave para a leitura dessa observação do inglês parece ser a de que há no Brasil certas coisas tão estapafúrdias que a única saída contra o desespero é enxergá-las pelo abundante viés cômico.

Ainda assim, a “amargueza” de Mister Slang não encontra paliativos quando o assunto é a torpeza e a inabilidade dos governos que vêm e vão no Brasil e não resolvem nada, sequer semeiam a possibilidade de que um dia as coisas sejam diferentes. É com desiludido cansaço que o inglês da Tijuca comentará mais adiante:

— Do que Mister Slang acaba de dizer concluo que com um pouco de boa vontade podemos endireitar a Central.

Mister Slang meneou a cabeça.

— Absurdo. Nunca o Brasil endireitará essa estrada. Não existe essa intenção em ninguém. Os políticos se beneficiam com esse mau estado. Milhares de parasitas perderiam as tetas se ela entrasse nos gonzos. A regeneração da Central só aproveitaria ao público – única entidade sem a menor voz ativa em coisa nenhuma neste país.

— Mas o fato de a política e os parasitas se beneficiarem com o dismantelo da Central não provará que até no dismantelo há um lado benéfico?

— Para os bacilos que roem os pulmões de um doente, nada mais benéfico que a debilidade geral do organismo desse doente. Sem ela não viveriam eles. Mas que acha o meu amigo de um médico que à cabeceira de um doente vacilasse na cura, em atenção aos bacilos que lhe devoram os pulmões?

— Um absurdo. Médico nenhum vacilaria entre a cura do doente, benéfica a este a toda a comunidade, e a manutenção do estado de doença, só benéfica aos bacilos.

— Pois todos os nossos governos vacilam. Nenhum deles se anima a sanear a Central, em atenção aos bacilos que a vêm entisicando. Os parasitas gozam de “direitos adquiridos”.

---

<sup>341</sup> Constam pelo menos as traduções de *As aventuras de Tom Sawyer* e *As aventuras de Huck Finn*, sua continuação. A primeira foi realizada em 1934, como informa Fernanda Bondam Soppelsa (2015); a segunda, em 1936, segundo Denise Bottmann (2011). Ambas, portanto, poucos anos após a volta de Lobato dos Estados Unidos.

— Não pode haver aquisição de direitos imorais, nocivos à sociedade humana — adverti.

— No Brasil há. Boa parte do que aqui recebe o nome de direito adquirido é sinônimo de abuso, de lesão do direito natural que tem uma comunidade de se defender contra os parasitas sociais. Eis por que não creio no vosso país. É um país errado. Tem de desaparecer...<sup>342</sup>

Nesse duro diálogo, Mister Slang mantém a coerência: faz a mesma comparação com um corpo doente que apontamos páginas atrás. Porém, desta feita, o humor cede ao desencantamento. O Brasil não funcionará, só as parasitas prosperam e firmam seus direitos, sugando as parcas energias do corpo já debilitado do país.

Os “governos vacilam”, o povo é a “única entidade sem voz ativa” para mudar os rumos do país. Mister Slang está cansado. O brasileiro, em vez de disputar com ele e se ofender, também se indigna, usa o mesmo vocábulo para exprimir o que nota errado e o amigo inglês reforça: absurdo.

Agora o que temos não são sugestões para a melhoria do país, nem exemplos de fora. Os (contra-)exemplos são daqui, e não se relacionam a qualquer utopia de aperfeiçoamento. Os governos daqui, os problemas estruturais daqui, os direitos das sanguessugas daqui. Não é de hoje, nem de agora. O corpo doente não resiste a tanta intrusão maléfica. Todos os governos são culpados, nenhuma voz ativa se faz ouvir pelas pessoas; não há ressalvas, completo cenário de desalinho, sem exceções avistáveis ou consideráveis.

O único modo de ver o aspecto positivo da situação é pelo aspecto absurdo, tantas vezes referenciado. O desleixo favorece os parasitas... Todavia, é evidente que esse ponto de vista não pode ser endossado, e tanto Mister Slang quanto seu amigo brasileiro percebem essa contradição que pulsa no corpo doente do Brasil.

Mister Slang, em revelador desânimo, deixa patente que não acredita nas chances de recuperação do país em que está. “É um país errado... Tem de desaparecer...”.

---

<sup>342</sup> Lobato, 2008, p. 88-89.

Presumivelmente para se proteger de um paradoxo estrutural em Mister Slang – se ele despreza tanto o país, que faz aqui? –, Lobato justifica assim sua permanência em território brasileiro:

Mais tarde vim a saber que Mister Slang se dedicava ao estudo do parasitismo humano e tinha planos de publicar na Inglaterra um tratado a respeito. A razão da sua residência no Brasil prendia-se a tais estudos.

— O campo cá é maravilhoso — disse-me certa vez. — Em parte nenhuma do planeta o parasitismo se aperfeiçoou tanto, nem assumiu tão engenhosas formas. O Brasil pode gabar-se de um recorde...

Entristeci-me (...). Por mais que procure desinteressar-me das nossas coisas, não o consigo, e isso me faz infeliz.<sup>343</sup>

Para o estudo do parasitismo, Mister Slang elegeu o Brasil como o palco ideal de fenômenos do tipo. Observa-o com lentes empíricas embebidas no humor de observação, visando a publicar na pátria um texto sobre o desmazelo verificado no país latino. Ao brasileiro, resta se entristecer por não estar suficientemente distanciado do objeto em questão.

O inglês, ao se despedir no final dos colóquios, pontua:

— É que parto amanhã para Hong Kong e vim despedir-me da cidade — foi sua resposta.

Assombrei-me. Aquele homem partia para a China como nós partíamos ali para a Vista Chinesa, sem aviso prévio, sem atroar os ouvidos do mundo com o brasileiríssimo grito de guerra: ‘Vou para a Europa, sabe?’. Viajar para Mister Slang era coisa tão comezinha como tomar um café expresso...

— E qual o motivo, Mister Slang, da sua fuga, se não é indiscrição?

— Cansaço do Brasil.

— Detesta assim o nosso país?

— Ao contrário, adoro-o, e para meu estudo sobre o parasitismo não creio que haja no mundo campo melhor...

— Sempre a cobaia...

---

<sup>343</sup> Lobato, 2008, p. 92-93.

— Mas como tudo cansa, costume periodicamente descansar do Brasil. O ano passado descansei do Brasil na Suécia e cansei-me logo da Suécia. A ordem que lá reina é excessiva, meu caro. Mata o pitoresco. Ao cabo de três semanas voltei, saudoso deste maravilhoso Éden dos imprevistos.<sup>344</sup>

Pêndulo entre o anseio pela correção e o gosto pelo absurdo, Mister Slang faz de suas viagens uma inconstante busca de extremos – da ordem à desordem e vice-versa. Chama o Brasil de “Éden dos imprevistos”, onde não há a ordem “excessiva” que verificou na Suécia. Cansa-lhe o perfeito funcionamento das coisas e a total bagunça instituída.

O próprio Lobato fez as vezes de Mister Slang em muitos momentos posteriores, inflamado em suas críticas contra as estruturas políticas e econômicas do país. O escritor disse em 1941 que “*o governo no Brasil não passa de pura emanção da burocracia*. Os homens do governo, presidentes, ministros, legisladores, têm e dão ao povo a impressão de governar, mas quem na realidade governa é a burocracia”<sup>345</sup>.

Resta difícil separar as conclusões de Mister Slang das de Monteiro Lobato. Para Edgard Cavalheiro, Lobato “se divertia impingindo como alheias as observações do inglês”<sup>346</sup>. Ambos pregam a refundação do país que “deu errado” e estrebucha, comido pelos vermes da ineficiência e da burocracia paralisante.

## 2. Lobato turista americano ou Mister Slang *abroad*: *América*

### a) Mister Slang para o resgate

O outro livro em que Mister Slang aparece, *América*, é publicado em 1932, um ano após a volta de Lobato para São Paulo, e consta nos planos de suas obras completas como “impressões de

---

<sup>344</sup> Lobato, 2008, p. 125.

<sup>345</sup> Lobato, 2009, p. 81.

<sup>346</sup> Cavalheiro, 1955, p. 342.

viagem”. *América* é de algum modo um apanhado de novos colóquios entre Mister Slang e o brasileiro, novamente narrador, que se reencontram anos depois das conversas descritas em *Mister Slang e o Brasil*.

Se *Mister Slang e o Brasil* era um “ideal americano” de Lobato, *América* é o Lobato que já viajou aos Estados Unidos, conheceu algumas de suas instituições e organizações, provou das glórias e fracassos do *American establishment* – perdendo dinheiro no famoso *crack* da Bolsa de Nova Iorque, por exemplo; Cavalheiro indica que, “sempre superlativo nos entusiasmos, a corrida à riqueza rápida o atrai como poderoso ímã. Também especula na Bôlsa com os poucos recursos de que dispõe. Quando em outubro de 1929 sobrevém a crise fatal, tudo quanto possui rola nas águas do craque”<sup>347</sup> – e continua fascinado por seus mitos fundacionais e o mítico espírito empreendedor estadunidense. Com uma diferença capital: agora já pode se portar de modo mais crítico e ponderar algumas questões: o coloquialismo vocabular, a confusão ideológica em tempos pré-Guerra Fria, a censura na arte (mais especificamente no cinema), entre outros tópicos.

Observemos como a experimentação pessoal muda ou adensa o discurso do autor. É o narrador quem diz:

“Washington é um símbolo de pedra. A historia americana está toda ali. Basta uma visita á cidade para que os fatos capitais da formação politica da America se desenhem para sempre em nosso espírito. Daí a forte reamericanização que sofrem os americanos de visita á capital. Saem de Washington mais americanos, mais exaltados na tremenda fé em si propios que acima de tudo os caracteriza. Povo eleito para os mais altos destinos, Washington é o crisol místico onde se sublima essa fé cega. *From Washington we go home better americans*”.<sup>348</sup>

*América* se mostra, portanto, um livro menos “direto ao ponto” que o anterior. No sentido de que busca não só criticar nossos

<sup>347</sup> Cavalheiro, 1955, p. 368.

<sup>348</sup> Lobato, 1951a, p. 32.

costumes, mas comentar visões, projetos, idiossincrasias permeadas por um saber vivenciado pelo escritor. Há mais capítulos, a obra é mais encorpada, Lobato se detém descrevendo em minúcias ambientes, fatos e anedotas americanas.

Cumprir observar que o discurso de uma obra que nasce pronta como livro também tem efeitos diferentes do que se verifica num jornal, com todas as questões logísticas, de abordagem e editoriais concernentes. A liberdade formal se manifesta em certas decisões: há capítulos sem colóquios, uma mudança radical comparada à forma rígida do livro anterior<sup>349</sup>. Nesses capítulos a dinâmica se faz diferente, com extensa descrição de ambientes e fatos, como o verdadeiro diário de um turista, e também comportam elucubrações “a sós” do brasileiro, que reflete sobre o que vê e sente.

No prefácio da obra, o narrador conta, à guisa de mal disfarçado “gancho” com o livro anterior, as impressões que Mister Slang lhe deixou e o que disso adveio:

As ideias de Mr. Slang sabiam á minha simplicidade d'alma como a propria quintessencia dos fatos destilada em alambique de alta precisão. Durante o periodo em que com ele convivi gosei de intensa euforia, a ponto de julgar-me genio em trabalhos de desabrochamento. Tinha o inglês da Tijuca o poder de fecundar em mim germens de ideias, ou transmitir-mas em jacásinhos, já de raiz – e assim me transformou por uns tempos num lindo jardim de coisas raras, senão novas.

(...)

Impingi aos amigos as ideias de Mr. Slang como se minhas fossem, muito me regalando com o espanto deles.

Com o seu afastamento sofri enorme decepção. (...) Compreendi, então, que na minha simbiose mental com o inglês meu papel fôra apenas de parasita – que tudo tira e nada dá em troca.

Nunca mais vi, nem tive noticias de Mr. Slang, isso durante anos. Um belo dia, porém, em Washington...<sup>350</sup>

---

<sup>349</sup> Para precisar, registramos que se trata dos capítulos XV, XXI e XXIII, além do prefácio.

<sup>350</sup> Lobato, 1951a, p. 8-9.

Mister Slang funcionou no livro anterior, agora o narrador o confessa (como se não fosse evidente), como um mentor para o brasileiro, a pessoa que lhe abriu os olhos e expandiu os conceitos – que, numa chave reveladora, adota para si. Essa confusão entre o narrador e Mister Slang, e de certo modo entre eles e Lobato, é uma das técnicas do escritor para fazer valer suas ideias.

Em relação às semelhanças com *Mister Slang e o Brasil* (o que pode ter levado Lobato a querer continuar a “saga” das duas personagens), o britânico Mister Slang continua um discreto apologista dos avanços ianques, e o narrador brasileiro continua envergonhadíssimo das deficiências brasileiras para com os Estados Unidos. É como se os anos que passaram separados não fizessem sentido: Mister Slang existe para explicar o atraso do Brasil, o brasileiro existe para reconhecer o avanço do resto do mundo. Por isso o prefácio, no qual o narrador declara tacitamente sua necessidade de tutoria intelectual por parte do inglês, reconhecendo-se deficitário espiritualmente desde que se perderam de vista. As razões são de feições diversas. O narrador chega a apontar que sua vida pessoal se ressentia da ausência de Mister Slang; sem o colorido de suas opiniões, o brasileiro, despido da verve comunicativa e a fineza de investigação de seu colega, não consegue manter por muito tempo como suas as opiniões alheias, e tristemente afirma que “os amigos desertaram-me. Com grande desapontamento, passei a simples pedaço do bicho Toda-Gente – peludo, sorno, sovado, carne-de-vaca”<sup>351</sup>. O prefácio grita a urgência do retorno de Mister Slang, em benefício do desacorçoado rapaz.

A estrutura de *América*, no entanto, em certo sentido se revela antitética à de *Mister Slang e o Brasil*: se nos primeiros colóquios a questão se resolvia sobretudo verbalmente, em *América*, os passeios pelas localidades dos Estados Unidos trazem novas dimensões, perspectivas e facetas às discussões sobre as especificidades americanas e o respectivo contraponto à realidade brasileira, como se agora confirmassem “na prática”, vendo para crer.

---

<sup>351</sup> Lobato, 1951a, p. 9.

A pesquisadora Vanessa de Paula Hey aponta que, “em *América*, esses passeios instrutivos são uma das formas pelas quais o narrador entra em contato com esse novo mundo, onde descobre lugares diferentes dos já visitados por ele antes e também vivencia todo o progresso dessa grande nação”<sup>352</sup>, um desdobramento prático de uma dimensionalidade antes descrita teoricamente.

Não se pode chamar de exígua a contribuição do novo foco ótico, por assim dizer; com exemplos concretos, toda a argumentação parece se fortalecer, bem como pode interessar e atrair pelo pitoresco a descrição dos prédios e situações cotidianas, os casos muito comentados – como o julgamento do comediante cinematográfico Roscoe “Fatty” Arbuckle<sup>353</sup>.

Sob esse ângulo, *América* se diferencia de *Mister Slang e o Brasil* por ser bastante mais documentado, com números, estatísticas e notícias recentes, usados pelo inglês da Tijuca em suas argumentações como fator relevante para provar suas alegações. Milena Ribeiro Martins conclui que

Mais do que um passeio pelos Estados Unidos, *América* funciona como um convite à leitura daquele país, por meio do contato com textos e ideias que lá circulavam. Não por acaso, seu autor era um editor e um tradutor: ele selecionou, traduziu e pôs em circulação, no seu país, textos e ideias do país visitado.<sup>354</sup>

## b) O Brasil nos Estados Unidos

Lobato não perde o Brasil de vista, mesmo num livro que é, desde o título, sobre os Estados Unidos. Seja porque uma de suas intenções é “abrir os olhos” dos brasileiros, que consumiriam seu *América*, seja porque, afinal, o Brasil é, aos olhos do escritor, um

---

<sup>352</sup> Hey, 2018.

<sup>353</sup> Referenciado por Lobato pelo nome com que ficou conhecido no Brasil, Chico Boia.

<sup>354</sup> Martins, M., 2017, p. 27.

contraponto perfeito em algumas situações – quando denuncia a ineficiência de nossas instituições e governados.

Ao comentar a marcha inexorável do progresso, Mister Slang afirma que “a America impõe rapidez de julgamento e trote largo. Quem fôr lerdo de cabeça ou de movimentos, que emigre, para não ser esmagado. Países onde ninguém corre não faltam”<sup>355</sup>; logo depois, no capítulo seguinte, traz o Brasil como contraexemplo:

Veja no seu país [falando ao amigo brasileiro] que desastre está sendo a interferencia oficial no negocio do café. Houve um desequilibrio entre a produção e o consumo. Em vez de deixarem que o natural reajuste se fizesse, surgiu a intervenção do Convenio de Taubaté – semente da maior calamidade que vai desabar sobre o Brasil.<sup>356</sup>

O narrador brasileiro questiona essa visão e, apresentando imediatamente seu ceticismo, força o parceiro inglês a entrar em detalhes: então Mister Slang usará números, dados e até informações de que dispõe tirando “da valise um livro de estatísticas comerciais onde se via um grafico das exportações do Brasil”<sup>357</sup>. A solução é eminentemente artificial, mas crível no espírito da obra: Mister Slang não fica sem argumentos, e não está errado virtualmente nunca. Para tanto, tem-se bem informado, com material de documentação confiável, sempre renovado e atualizado – outra marca de ironia ao contrapô-lo com o amigo brasileiro, que em nada se informa acerca de seu país. É como se fosse dito: Mister Slang não dá palpites, apresenta fatos.

A artificialidade de uma construção como a referida contribui para o caráter “programático” das opiniões de Mister Slang. Não são apenas intromissões ou mexericos, mas legítimos postulados; o inglês sabe o que é melhor para o nosso país e, estando nos Estados Unidos, mostra *in loco* como se comporta uma nação que fez corretamente tudo que fazíamos errado. Não há espaço para dúvidas, havendo: a)

---

<sup>355</sup> Lobato, 1951a, p. 72.

<sup>356</sup> Lobato, 1951a, p. 73-74.

<sup>357</sup> Cavalheiro, 1955, p. 74.

provas das mazelas brasileiras; b) fatos documentados; c) exemplos vindos de uma nação que corrigiu o que no Brasil não se corrige (por ineficiência, falta de visão, condescendência criminosa etc.).

Tal artificialidade, contudo, pode resvalar para o que hoje, com nosso moderno corpo de informações e nosso espírito crítico aguçado pela profusão de fontes de checagem, teríamos por ingenuidade. Temos correntemente a fundamentada desconfiança, aparentemente inexistente em Lobato, que não é necessariamente importando técnicas e exemplos de outros países que o progresso chegará do mesmo modo em nossas terras. Caio Prado Junior, em seu prefácio para *O escândalo do petróleo*, avalia “a situação de países como o Brasil, que em vez de elaborarem uma cultura própria na base de suas condições, experiência e necessidades particulares, contentam-se em aceitar passivamente modelos criados em circunstâncias estranhas e diferentes das suas”<sup>358 359</sup>.

O escritor explica em diversas ocasiões, não obstante, por que acredita que os métodos empregados nos Estados Unidos, o exemplo maior e mais crucial para nossos propósitos, seriam adequados para o Brasil:

Sempre nos impressionou fundamente o fato de dois países de igual território, Estados Unidos e Brasil, situados no mesmo continente, descobertos ao mesmo tempo, colonizados com os mesmos elementos humanos, libertados

---

<sup>358</sup> Prado Junior, 1951b, p. XV.

<sup>359</sup> Talvez o exemplo mais patente de como nossas diferenças estruturais não são tão facilmente contornáveis pela adoção de medidas “estrangeiras” esteja em *Raízes do Brasil*, o livro mais conhecido do fundador do Instituto de Estudos Brasileiros, Sergio Buarque de Holanda (2015). O autor analisa em muitos capítulos a formação de nossas culturas advindas dos diferentes modelos de colonização europeia em terras americanas diversas, tais como os casos de Portugal e Brasil, Espanha e América Latina, Inglaterra e Estados Unidos etc. Em linhas gerais, podemos apontar que fatores outrora insuspeitos, como configuração climática, topologia e tradição cultural, podem estabelecer diferentes quadros de trabalho e desenvolvimento social. Como se simplesmente alguns procedimentos “amoldassem-se” a alguns territórios, por essas e outras razões contextuais, e outros simplesmente não o fizessem.

do jugo da metropole com pequena diferença de anos, alcançarem, um, o fastígio da grandeza e a situação de primeiro entre todos os povos da terra, e o outro, nós, a triste posição de beco sem saída em materia de enclacramento.

Instituições políticas? São as mesmas. Raças? São as mesmas – branca e negra. Clima? Temos metade do país, pelo menos, maravilhosamente adequado á prosperidade do homem. Por que, então, tão disparidade do destino?<sup>360</sup>

Lobato perscruta entre as linhas gerais das organizações civis e sociais das comunidades americana e brasileira – como a hierarquia política via representação de eleitos e os grupos étnicos a seu ver parecidos –, argumentando que temos todas as condições que os americanos tiveram para prosperar, só não soubemos (ou sabemos) aproveitá-las.

A crença em valores absolutos ou no simples transporte de ideias de um país a outro redunda por vezes, contudo, em um fascínio pueril por figuras simbólicas, hiperbolizadas ou superlativas. Sobretudo entes políticos ou empresários como Henry Ford e William H. Smith, o desenvolvedor de um método para produção de ferro que o escritor paulista aclamaria e tentaria patrocinar no Brasil.

Algumas figuras (como a do presidente americano Abraham Lincoln [1809-65]) são usadas por Lobato num registro quase mitológico, inumano, para reforçar valores caros ao escritor. No entanto, o adensamento da complexidade desses homens públicos se perde, ao menos em parte, no processo de sua transformação em ícones de moralidade. Podemos vislumbrar, nas palavras do narrador de *América*, uma amostra dessa prática:

Paramos na grande cidade para ver o que havia ali de Brasil. Artes de D. Pedro II. Tinha o grande monarca a mania de interessar-se pela sua terra – daí o banirem-no, como castigo.  
(...)

---

<sup>360</sup> Lobato, 1951c, p. 258-259.

Pedro II lá esteve e até hoje os americanos guardam lembrança dessa sensacional visita – o primeiro e unico imperador que ainda pisou as plagas de Lincoln. Descobriu ele por essa ocasião o criador do telefone, Graham Bell – e o lançou... A America jamais se esqueceu disso.<sup>361</sup>

Ao fazer o panegírico do segundo monarca do império brasileiro (1825-91), Lobato confirma, paradoxalmente, sua independência de pensamento: não havendo registro específico e seguro de uma sua admiração por monarquias, ressalta em Pedro II a honestidade de caráter, a disposição intelectual e outros valores morais que entendia serem interessantes em um governante – e absente na maioria deles. Para deixar clara sua admiração pela figura de Pedro II, Lobato o aproxima de algum modo a Lincoln, vulto histórico citado em muitos de seus livros e sempre de modo paradigmático.

Interessa aqui observar como se dá o discurso do narrador. Descortinando ao leitor certos sítios turísticos, o brasileiro trata os passos biográficos de Pedro II como apriorísticos, dando como “favas contadas” os deveras discutíveis elementos que escolhe para definir, em poucas linhas, a trajetória do imperador em seu relacionamento com a América. “Tinha o grande monarca a mania de interessar-se pela sua terra” é aqui um pressuposto do que causou a deposição e o conseqüente banimento do imperador.

Logo de princípio, todavia, poder-se-ia argumentar que a correlação família imperial-Brasil é problemática, uma vez que se trata de uma estirpe europeia no poder, ainda que independente politicamente da ex-metrópole, à qual permanecia ligada por laços de sangue.

Os registros apontam que Pedro II era realmente querido por suas qualidades humanas, ou sua alegada disposição virtuosa. Luís Martins afirma no ensaio *O patriarca e o bacharel* que “todas as pessoas que deixaram depoimentos pessoais sobre o imperador estão acordes na referência à sua bonomia meio sabichona, à vigilância um

---

<sup>361</sup> Lobato, 1951a, p. 75-76.

tanto estreita que ele próprio exercia pessoalmente (...) sobre a moral de seu povo”<sup>362</sup>.

Esse verdadeiro culto à personalidade teve reflexos na conturbada proclamação da República em 1889<sup>363</sup>. Apesar de a forma de governo ter sido alterada, os valores humanos do monarca deposto encontravam apoiadores até entre os novos republicanos, que, por impropriedade da nova conformação política, viam-se agora sem um modelo humanístico como o era considerado Pedro II. Luís Martins assevera que “uma vez alcançados seus fins, a rebeldia liberal começou a se amortecer sentimentalmente num verdadeiro complexo de remorso”<sup>364</sup>.

Lobato, que passou a infância tanto sob a monarquia quanto sob os primeiros anos da hoje chamada República Velha, tinha em seu cerne essa contradição: admirava a figura do imperador, mas não compactuava com o sistema monarquista. Ainda assim, lamenta a saída “intempestiva” de Pedro II, considerando-o digno até o fim – muito diferentemente de um Graciliano Ramos, que descreveria em tintas acres o exílio forçado do monarca, em sua *Pequena História da República*: “Na noite de 17 desceu as escadas do palácio bastante contrariado, resmungando para o tenente-coronel Mallet, que o ia buscar. / — Estão todos malucos. Não embarco, não embarco a esta hora, como negro fugido”<sup>365</sup>.

Associado o monarca à quintessência do progresso, numa terra onde o progresso se faz dificultoso e truculento (quando não inexistente), o narrador de *América* relembra o encontro entre Pedro II e Alexander Graham Bell (1847-922), o inventor do telefone. Ficaria do monarca deposto seu exemplo de dignidade humana, sua decência moral e intelectual, seu gosto por novidades que o torna afim dos

---

<sup>362</sup> Martins, L. 2008, p. 109.

<sup>363</sup> Conturbada pelas condições de todos sabida: proclamada por um militar monarquista amigo pessoal de D. Pedro II e que logo tentaria dar um golpe no Congresso, falhando e renunciando ao governo.

<sup>364</sup> Martins, L., 2008, p. 110.

<sup>365</sup> Ramos, 2000, p. 146.

americanos, povo tido como inclinado ao aperfeiçoamento material da sociedade e invenções e utilidades em geral.

### 3. A América criticada ou uma checagem empírica dos Estados Unidos

Como referido, o narrador demonstra em *América* alguma desilusão com os Estados Unidos, uma nota ácida possível a Lobato apenas neste momento de sua trajetória humano-literária, quando ele efetivamente foi ao país ianque e deparou com suas glórias e suas contradições. Lobato, apologista dos métodos americanos, não deixa de ser um brasileiro e, como o brasileiro a quem dá voz como narrador, é cheio de dúvidas sobre os caminhos que os americanos trilharam para chegar onde estão.

*América* representa nesse sentido uma “checagem” dos Estados Unidos, uma tentativa de o escritor comprovar (e descrever) o que tanto lhe entusiasmava na nação americana. Continua animado com os processos e resultados encontrados, majoritariamente, porém critica ou ironiza aquilo de que se distancia, não concorda ou não entende. Logo no segundo capítulo do livro, ao ouvir de Mister Slang feitos heroicos de cachorros e as recompensas (heranças, prêmios em dinheiro, artigos elogiosos em jornais e afins) que os animais recebiam por suas condutas elogiosas, o brasileiro externa sua perplexidade:

— Isso me parece maluquice, Mr. Slang, comentei eu, sorrindo, com a superioridade de quem já havia dado muito pontapé em cachorro.

(...)

Dei uma gargalhada, isto é, comecei a dar uma gargalhada á moda indígena. Vi, porém, que estava numa terra onde receber um fato desses com uma gargalhada podia até ser caso de deportação por “atividades comunistas”, e recolhi-a a tempo. Mr. Slang compreendeu a minha manobra.

— Sim, meu amigo. Se quiser viver feliz na America, não se mostre duro com os cães – nem desrespeitoso para com a americana. São dois dogmas muito sérios.<sup>366</sup>

---

<sup>366</sup> Lobato, 1951a, p. 22-23.

Mister Slang mostra ao brasileiro recortes extraídos de periódicos, o que de algum modo atesta a veracidade das histórias. Milena Ribeiro Martins compilou as notícias que Lobato consultara em sua estada em terras americanas e cotejou-a com o texto publicado<sup>367</sup>. O resultado foi que Lobato praticamente parafraseou notícias inteiras, o que apresenta conotações interessantes para análise.

Entendemos que, munido de tal documentação, o escritor em certa medida se protege de críticas que poderiam ser feitas a seus “livros americanos” anteriores (*Mister Slang e o Brasil* e o romance *O choque das raças ou o presidente negro*): pressuposições questionáveis, conclusões precipitadas, empolgações desmesuradas. Aqui, são os americanos falando de si, não um brasileiro louvando ou criticando de acordo com seus códigos pessoais.

Não obstante, é um procedimento complexo, pois carrega em si o germe do próprio paradoxo textual: utilizando diretamente as notícias dos americanos, o narrador assume para si o encargo de fazer o contraponto, que necessariamente adotará, ainda que moderadamente, um tom crítico. Assim, no excerto transcrito, o narrador brasileiro considera risível a “adoração” que os americanos nutrem por animais prosaicos como cachorros. Sente-se acima dos outros, gargalha. Para ele, é absurda a “louvação canina” verificada em terras americanas. Notemos que, nesse ponto, ele não procura se adequar aos costumes de fora, mantendo-se convicto de sua superioridade.

O narrador justifica a contenção de sua risada afirmando, num registro irônico, que “estava numa terra onde receber um fato desses com uma gargalhada podia até ser caso de deportação por ‘atividades comunistas’”. Lobato registra aqui que já nos anos 1930 o sentimento anticomunista era intenso nos Estados Unidos, uma visão que hoje temos assaz diferente por causa da força que o conceito de macarthismo adquiriria no inconsciente coletivo mundial – vale lembrar que esse período associado à “caça às bruxas”, em que havia uma quase paranoia na polarização política representada pelos valores

---

<sup>367</sup> Os resultados se encontram no capítulo que Milena Ribeiro Martins publicou em *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (2014).

contrapostos de “americanismo” e “comunismo”, verificou-se décadas depois, entre 1947 e 1956.

Lobato seria acusado em alguns momentos de sua vida de ser comunista, conforme verificado em nossas pesquisas<sup>368</sup>. Indagado sobre se seria socialista, o próprio escritor declarou em entrevista a Tulman Neto, do Diário de S. Paulo, em 1945: “Não sou coisa nenhuma além dum observador da história. Olho, vejo e digo o que vejo – só, mais nada. Para que ser alguma coisa?”<sup>369</sup>.

Sem embargo, consideramos que o comentário do narrador brasileiro aqui possui outra chave de leitura, algo assemelhada à do elogio feito a Pedro II: não se trata de uma carta de declaração de princípios ou filiação partidária, mas uma defesa de algo maior; no caso de Pedro II, das virtudes morais e intelectuais de um bom governante e, aqui, da liberdade de pensamento e da possibilidade de expressar, sem censura, opiniões e comentários.

Notemos ainda que é o próprio Mister Slang quem diz ao brasileiro que há na América certos “dogmas”. A palavra é dura, e pode-se dizer que tem um sentido próprio na bibliografia lobatiana, ao menos se pensarmos que o escritor praticamente sempre se manteve afastado da Igreja e das religiões, sendo constantemente “acusado” de ateu ou crítico imoderado das instituições religiosas – em algumas cidades (inclusive a terra natal do autor, Taubaté, ou a então capital federal, Rio de Janeiro), há recordação de autos de fé com a queima de seus livros promovidos por entidades religiosas<sup>370</sup>. Cavalheiro reporta um deles: “No externato do Sacré Coeur de Jesus (...), piedosa Freira solicita de todas as alunas que possuam livros do criador de Narizinho, que os levassem ao Colégio (...). Reunidos os volumes, depõe Raul de

---

<sup>368</sup> Identificamos sinais do tema, por exemplo, em uma comunicação de Lobato ao *Diário de S. Paulo* em 6 de fevereiro de 1948 – menos de um semestre antes de sua morte – e em uma carta recebida por Lobato do correspondente Rinaldo de Biasi, escrita em 26 de agosto de 1945.

<sup>369</sup> Lobato, 2009, p. 138.

<sup>370</sup> Vindo ao encontro dessa visão que une dogmas religiosos a uma proclamada ojeriza pelo comunismo, o padre Sales Brasil publica em 1957 a obra *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou o comunismo para crianças*, pelas Edições Paulinas (Lobato, 2009).

Lima, a Revma. Irmã e educadora fêz uma fogueira (...) e queimou-os todos”<sup>371</sup>. É um ponto curioso da recepção da obra de Lobato, mas que não é escopo deste artigo examinar. Importa, contudo, relacionar a defesa das liberdades com os “dogmas” que Lobato encontrou em sua viagem aos Estados Unidos. O país cujo lema ou epíteto (‘a terra da liberdade’) mais parece um *slogan* – demonstrando a força da publicidade na terra americana – tinha naqueles anos preocupações de política externa de tal monta que a um estrangeiro como Lobato pareciam exageradas, problemáticas ou simplesmente dogmáticas.

Queremos dizer que assim como Lobato não defendia necessariamente a monarquia ao fazer o panegírico de Pedro II, igualmente não está aqui defendendo o comunismo ou qualquer outro sistema, exceto as liberdades humanas de expressão e opinião, que lhe eram tão caras<sup>372</sup>.

Outra crítica que Lobato faz via suas personagens passeando nos Estados Unidos se refere a questões linguísticas. Mister Slang, inglês, ressentido das modificações que encontra no inglês americano:

— Ainda não pude suportar esta liberdade dos americanos para com a língua inglesa, disse-me ele de caminho. Corrompem-na barbaramente.

— Corromper, Mr. Slang, não será um sinónimo colérico de evoluir?

— Talvez, mas não é coisa que meus nervos suportem. Já cacei tigres na Índia e leões no Uganda. Não mexem com os meus nervos. O *Ain't* mexe.

— Mas é esse o meio dum língua desenvolver-se! Não fosse a audácia inconsciente dos ignorantes, e estaríamos ainda hoje, aqui no Novo Mundo, a falar o inglês cicerónico do Dr. Johnson.

— E que lindo seria!...<sup>373</sup>

---

<sup>371</sup> Cavalheiro, 1955, p. 594.

<sup>372</sup> Lobato condenará em *América* a censura moral perpetrada nas obras cinematográficas, lamentando, ao comentar as mudanças sofridas pela adaptação da peça teatral *Coquette*, que “tais alterações destruíam toda a força, unidade e originalidade do tema” (1951a, p. 131).

<sup>373</sup> Lobato, 1951a, p. 58.

Consideramos que aqui o eco das aventuras pessoais de Monteiro Lobato se faz evidente. Mesmo conhecendo inglês a ponto de ser destacado tradutor do idioma, como já o referenciamos, Lobato, em viagem aos Estados Unidos, complicou-se com as exigências fonéticas do falar americano. Relata em carta a Godofredo Rangel datada de 5 de setembro de 1927:

O americano troca o ‘t’ por ‘r’, de modo que até um inglês de Londres se atrapalha em Nova York. Há dias pedi *water* num restaurante. O “waiter” – isso aí que vocês chamam garçom – olhou-me com cara d’asno. Repeti. *A glass of water, please!* Ele ainda ficou no ar uns instantes. Depois seu rosto iluminou-se (era um garçom inteligentíssimo) e disse: “Warer?” e trouxe a água pedida. *Tomato* é “tomeiro” – e eu sou “Mister Lobeiro”. Filha é “dórar” e *What of it?* é “Oróvet”. Fui comprar uma fita de máquina. “Standard ou Pôrabal?”, perguntou o homem. Espertissimamente adivinhei que “pôrabal” queria dizer *portable* – máquina portátil.<sup>374</sup>

A transposição de um tal episódio não poderia ser mais clara, inclusive com uma menção à atrapalhação de “um inglês de Londres”! Em *América*, sob a roupagem ficcional dos colóquios americanos entre o inglês e o brasileiro, o sentido da crítica linguística se faz pelo comentário, no mais laudatório, referente à velocidade das coisas nos Estados Unidos. Tudo muda muito rapidamente, os americanos fazem seu progresso avançar a olhos vistos, não há tempo para a inércia (gramatical, inclusive) que se verifica no Brasil e em tantas outras terras:

— Culpa têm os ingleses que fizeram da sua lingua uma lingua livre cambista. A entrada de palavras na lingua inglesa é franca. As palavras chegam de toda parte e estabelecem domicilio no inglês sem que a policia glótica as marque com qualquer sinal indicativo de que são de fóra. Gosto disso, porque sou duma terra terrivelmente protecionista em materia de lingua. Palavra exótica que

---

<sup>374</sup> Lobato, 2010a, p. 524.

entra no Brasil tem de ficar anos e anos marcada com grifo, ou entalada entre aspas, antes que seja naturalizada.

(...)

Talvez o mal de que nós ingleses nos ressentimos venha da rapidez com que a evolução da língua se opera aqui. Inda não nos podemos conformar com a mania da America de fazer num ano o que sempre pediu vinte. Isso não dá tempo ás células cerebrais de se adaptarem – e esquecerem.<sup>375</sup>

Ainda assim, Mister Slang se vale dos “seculos de filosofia anglo-saxônica”<sup>376</sup> acumulados em si para, insuspeitadamente, comparar Brasil e Estados Unidos no que vê e observa. Age como uma terceira parte, ontologicamente neutra, que nada ganha elogiando ou favorecendo esta parte ou aquela.

O interesse de Mister Slang, como dissemos, é apresentar fatos: aos ouvintes, o narrador brasileiro ou seus desconhecidos leitores, cabem as conclusões – dificilmente diversas do que Mister Slang conclui, pela força de seus argumentos e a expressividade de sua retórica.

Esse procedimento cria um ponto de sagacidade na obra e decifra parte do pensamento lobatiano, pois, quando Mister Slang afirma categoricamente um fato, prova-o e convence o narrador brasileiro, que não mais apresenta dúvidas ou questionamentos. Fica então um ponto que Monteiro Lobato fixa e determina, podemos assim dizer, como indubitável. Como disse Emília no começo de suas *Memórias*, “verdade pura, da dura”<sup>377</sup>. Quem duvidar de Mister Slang nessas assertivas está desde já derrotado: o inglês, sem interesse pessoal na questão, apresenta os fatos, “inquestionabilizados” pela retórica tripla da personagem (Mister Slang), seu narrador (o brasileiro anônimo) e seu autor (Lobato).

Por vezes, a comparação é tão intensa que o inquieto narrador brasileiro, fonte inesgotável de contrapontos, sequer apresenta

---

<sup>375</sup> Lobato, 1951a, p. 59.

<sup>376</sup> Lobato, 1951a, p. 13.

<sup>377</sup> Lobato, 2017b, p. 11.

objeção. É o que acontece quando Mister Slang se detém em capital problema para Lobato: a questão da mecanização.

Assunto controverso na literatura sócio-política – Eric Hobsbawm, a respeito das novas condições advindas na sociedade inglesa com a revolução industrial, aponta que, no meio do século XIX, muitos tecelões manuais “tornavam-se cada vez mais famintos e, numa tentativa vã de competir com as novas máquinas, trabalhavam cada vez mais barato”<sup>378</sup> –, a relação do homem com a máquina era tema de apaixonadas reflexões do escritor. Lobato se posicionava inequivocamente a favor da gradual mecanização das forças brutas de trabalho, defendendo o aproveitamento humano em outras atividades e consagrando o grosso do trabalho braçal a máquinas. Vejamos essa defesa advogada por Mister Slang:

— Muitas vezes no Brasil ouvi da boca de seus patricios que Deus é brasileiro, disse Mr. Slang, como se estivesse adivinhando meus pensamentos. Ao americano jamais ocorreu inventar coisa parecida; no entanto, a verdade me parece ser Deus escandalosamente americano – se não de nascimento, pelo menos naturalizado. Não existe território no mundo mais rico que este – e esta é a razão do surto prodigioso da America. As mais extensas e férteis planícies de cultura, tão bem ajeitadas para o trabalho mecânico que o serviço não mais necessita ser feito a unha humana ou casco de boi, como é clássico em matéria de agricultura. Tudo a máquina. Daí uma agricultura sempre em crise por excesso de produção. Trigo demais, algodão demais, batatas demais, frutas demais. A eterna crise agrícola, entretanto, não evita que os lavradores mantenham o padrão de vida que você está vendo. Lá vai aquele freguês de charuto na boca, conduzindo o seu trator. Ganhara quanto? Cinco, seis dólares por dia. Não está contente, é claro. Como não o estará quando seu salário subir a dez ou vinte. É da natureza humana, e condição do progresso, a dissatisfação do presente, com ansia de mais para o futuro. Compare, porém, a vida desse homem com as dos seus irmãos nos outros países...  
(...)

---

<sup>378</sup> Hobsbawm, 2011, p. 84.

— Onde o classico ilota agricola, continuou Mr. Slang depois de breve pausa, o homem dobrado nos cabos do arado, em tudo acorde á famosa pintura de La Bruyère? O trabalho bruto foi transferido para a maquina. Ao homem ficou dirigir a maquina. (...)

— Não é preciso ir tão longe como essa França de La Bruyère, acrescentei suspirando com alma. Em todo o mundo, em todo o resto da America, no Brasil – que é o homem do campo? Já fui fazendeiro, sei. O ‘camarada’ ocupa o ultimo degrau da escala social. (...)

Aquele patife lá, de charuto na boca e perneiras, com radio em casa e certamente um Ford no fundo do quintal, ganhará quanto? No minimo cinco dolares por oito horas de trabalho. O nosso Jéca, por um trabalho muito mais penoso e de sol a sol, apanha, em media, 2.000 réis, que ao cambio de 10\$000 por dolar correspondem a 20 centavos – a vigesima quinta parte do jéca americano!<sup>379</sup>

Essa longa conversa entre Mister Slang e seu interlocutor brasileiro, em que não faltam detalhes controversos, ácidos e incisivos sobre os hábitos do homem do campo brasileiro, seu vestuário, suas condições higiênicas e que também versa sobre o estado de aproveitamento virtualmente integral dos campos agrícolas americanos, é reveladora em uma profusão de sentidos.

A influência francesa se faz presente pela referência a Jean de la Bruyère, moralista francês do século XVII (1645-96). Lobato como que se esconde na referência, demonstrando que o que ele vê e critica não é novidade, “não é de hoje”. As coisas não mudam ou mudam muito lentamente sem ação de algum fator externo ou catalisador. No caso, a máquina, que vem a mudar o que é um atraso, ou seja, a agricultura ser feita “a unha humana ou casco de boi”. Mister Slang, mais uma vez, fala por seu autor.

Lobato resolve deixar o jogo de avatares ainda mais explícito. O narrador brasileiro fala, de supetão: “já fui fazendeiro, sei”. Essa informação, não dada em outro momento, tem uma importância que se relaciona com a própria diegese da obra: afinal, qual dos brasileiros fala, o narrador anônimo ou o autor (Lobato)? Parecem se confundir

---

<sup>379</sup> Lobato, 1951a, p. 64-67.

na inesperada e passageira informação. O empirismo, um dos pilares de *América*, desvela-se em outra chave, também ligada à biografia do escritor: Lobato, que já foi fazendeiro, sabe.

Esse elemento empírico é sobremaneira relevante, com uma estrutura verdadeiramente multifacetada. Monteiro Lobato ou suas ideias podem ser encontrados em qualquer uma das duas personagens recorrentes no livro, e dá suas credenciais de autoridade: Mister Slang, informado e erudito, fala a América; o brasileiro, que “já foi fazendeiro e sabe”, fala o Brasil. Ainda assim, pela própria construção textual algo atabalhoada, os *backgrounds* das personagens se misturam de maneira pouco clara, como se ambos pudessem falar as mesmas coisas, pelo menos nas ocasiões quando estão de acordo.

Uma ilustração dessa condição se dá no último parágrafo do excerto, quando o narrador brasileiro faz as contas dos ganhos dos “jecas” dos Estados Unidos e do Brasil. Ora, esses cálculos de improviso, com fins de elucidação matemática imediata, à prova de refutação, eram o cerne das argumentações do britânico em *Mister Slang e o Brasil*. É inútil teorizar as intenções de Lobato ao confundir suas duas personagens, mas cremos que o que se prioriza aqui é a informação, o argumento que o autor não perde de vista e tenta provar de todos os jeitos: com citações, com comparações, com especulações, com fatos e, como dissemos, com a autoridade que a experiência pessoal parece conferir.

A notar também a citação ao Ford, o bem de consumo mais icônico e definitivo para Lobato. Possuir um carro pode ser um símbolo de ascensão social, que demarca quem “deu certo na vida”. Não obstante, aqui a imagem é de alguém de uma classe baixa econômica e que, ainda assim, ganhando decente e suficientemente, pode bancar rádio, algum luxo pessoal (charutos) e até um carro, não por acaso um Ford. O próprio Lobato é um dos exemplos, segundo Cavalheiro: “Quinze dias depois [de chegar aos Estados Unidos] escreve estar americanizado, possuindo automóvel, rádio, e um belo apartamento.”<sup>38o</sup>.

---

<sup>38o</sup> Lobato, 1955, p. 362.

O discurso parece claro: a produção em massa das indústrias Ford, de quem já sabemos Lobato grande admirador, significa para o escritor considerável democratização dos bens de consumo a adquirir: trabalhando o seu quinhão de oito horas diárias, o americano médio acredita que conseguirá comprar um automóvel Ford, diz o narrador lobatiano – a linha de produção das indústrias fordianas barateia o custo para fazer e comercializar o carro, tornando-o acessível a todos. É esse o discurso implícito de Lobato, viabilizado por um punhado de observações *en passant* de sua personagem anônima.

Acrescentemos uma citação de Ford coletada pelo biógrafo Richard Snow:

Há milhares de homens lá na oficina que não estão vivendo como deveriam. Suas casas estão lotadas e o ambiente é insalubre... Eles alugam cômodos de suas casas para hóspedes na tentativa de ajudar a aumentar a renda familiar. Está tudo errado, tudo errado. Isso é especialmente prejudicial para as crianças... Agora, essas pessoas não estão vivendo dessa maneira por opção. É só lhes oferecer uma renda decente que elas viverão decentemente, com todo o prazer. Elas só precisam de uma oportunidade para melhorar, e que alguém que (sic) se interesse pessoalmente por elas, alguém que lhes mostre que acredita nelas.<sup>381</sup>

O discurso parece retirado de um colóquio com Mister Slang. Estão aí os temas caros à personagem e a seu criador, as “condições para prestar” que darão ao trabalhador decência, dignidade e, obviamente, poder aquisitivo.

A complexidade da questão envolvendo simultaneamente as justificativas e procedimentos do método fordista não se esgota se adotando um ponto de vista superficial e inflexível. O dirigente Charles E. Sorensen, da Ford Motor Company, resumiu um dos mecanismos para decifrar as intenções e ações em disputa: “O sr. Ford estava dizendo que cada um deve ser o seu melhor cliente; que a menos

---

<sup>381</sup> Snow, p. 2014, 257-258.

que mantenha os salários altos e os preços baixos, o setor limita o seu número de clientes e se destrói.<sup>382</sup>

Melhorar a vida do trabalhador tem um caráter duplo, conseqüentemente: aumentando sua renda, o empregado pode consumir mais. Tanto para Ford como para Lobato, justifica-se uma espécie de “especulação consciente” do consumo (que garantiria clientes satisfeitos e circulação ininterrupta de produtos) pelas benesses econômicas, sanitárias e, em certo ponto, morais que o trabalho trará aos cidadãos e ao país – que só com moeda estabilizada e aquisição contínua de bens pode fazer a economia fluir e fortificar a nação.

Por fim, o ponto mais importante do excerto lobatiano, a questão da mecanização e da substituição da força humana bruta pelo maquinário industrial, não comporta nas letras do autor os efeitos críticos que os detratores da máquina imputam ou imputavam à sua utilização: para Lobato, a máquina não é causadora de desemprego que descambe em desajuste social: as funções “apossadas” pelas máquinas são toscas e merecem outrossim serem retiradas da esfera da ação humana; o desemprego é temporário e logo os trabalhadores dispensados devem ser alojados em outra colocação, mais digna do empenho humano<sup>383</sup>.

O procedimento empírico desenvolve uma dupla vertente em *América*: não apenas a crítica de quem “sabe”, pois vivenciou uma condição, mas uma argumentação aprofundada na experiência de quem passou por aquilo que ora descreve. Possivelmente o maior exemplo disso na obra é seu deslocamento temporal: publicada em 1932, *América* se passa quase que inteira antes da crise de 1929, que Lobato apanha *in loco* e por causa da qual sofre duros revezes econômicos. Segundo Cavalheiro:

---

<sup>382</sup> Snow, 2014, p. 258.

<sup>383</sup> Este ponto é incontroverso na bibliografia de Monteiro Lobato – assim como para Mister Slang, é-lhe um fato evidente, gritante. Em sua literatura infantil, em um momento revelador de *História das invenções* (1935), Dona Benta quase parafraseia o inglês (Snow, 2014).

Hás de crer, escreve [Lobato] à irmã, que acabo de cometer um dos maiores erros da minha vida? Entrei no Stock Exchange com todos os recursos que pude reunir, certo de fazer fortuna. Errei o bote. Em vez de ganhar já perdi metade do meu capital e estou ameaçado de perder o resto e ainda ficar devendo alguma coisa. Estou resistindo, sempre com esperanças de que uma alta nos títulos ainda me permitam (sic) ao menos diminuir os prejuízos, mas não sei se poderei resistir muito tempo. O mais certo é perder tudo e ficar reduzido ao ordenado [de adido comercial].<sup>384</sup>

Cavalheiro considera que “Pensado em 1929, escrito em 1930 e publicado em 1932, ‘América’ é um fiel retrato do entusiasmo de Monteiro Lobato pelo progresso americano. São raros os momentos de crítica ou censura”<sup>385</sup>. Não coadunamos inteiramente com o reparo, ainda que se deva reconhecer que mesmo a experiência traumática com a Bolsa de Nova Iorque sofre modificações para dar a entender que qualquer um como Lobato (ou Mister Slang) poderia antever o cataclismo financeiro antes de sua efetiva ocorrência, bastando para isso lucidez e a observação criteriosa do que ora se passava. Porém esses alertas foram produzidos em 1930, após a advinda do *crack*.

Deslocando a ação para antes da quebra da bolsa, as personagens vivenciam um mundo do qual já se sabe o resultado (catastrófico), porém antes que seus efeitos tenham ocorrido. Lobato usa suas experiências pessoais, nesse curioso relato de viagem, para fazer uma “previsão do passado”, estudar suas causas e entender os motivos da crise. A menção aparece rapidamente, de modo incidental, no capítulo XII, quando Mister Slang alude: “[Eróstrato] Está sendo citado neste ano de 1929, nesta America nem por sombras sonhada naquele tempo [a Antiguidade]”<sup>386</sup>.

O deslocamento causa certas incoerências internas na obra, como se referir “anteriormente” a eventos que ocorreram depois da quebra da bolsa (24 de outubro de 1929, ou 23, segundo Lobato<sup>387</sup>)

---

<sup>384</sup> Cavalheiro, 1955, p. 368.

<sup>385</sup> Cavalheiro, 1955, p. 370.

<sup>386</sup> Lobato, 1951a, p. 98.

<sup>387</sup> Lobato, 1951a, p. 265.

– a exemplo de *The trespasser*, que estreou em 11 de novembro de 1929: aludida sua *première* no primeiro parágrafo do capítulo XV – e explicitamente estabelecer a ação do livro (as viagens de Mister Slang e o brasileiro em terras americanas) em 1932 – no capítulo XXII, falando da proclamação da república em 15 de novembro de 1889, o narrador alude ao fato de que “estamos com quarenta e tres anos de perturbações revolucionárias”<sup>388</sup>. Entendemos que a ideia lobatiana é reforçar a retórica de seus argumentos e não puramente descrever o que viu nos Estados Unidos em uma cronologia acurada.

Observemos, pois, esse método em ação. No capítulo XXX, em que novamente torna a constar 1929 como o ano de ação (—Em 1909 [a renda do povo americano] era de 35 bilhões de dolares. Está hoje, vinte anos depois, em 95 bilhões”<sup>389</sup>), Mister Slang volta sua argumentação para a explanação das crises:

— As crises são periodicas e não passam de estações de repouso e reajustamento. Já li a historia das crises americanas e até ando a deduzir a lei que as rege.

— A que as atribue?

— Inflação por abuso de credito. Especulação excessiva por excesso de credito. O excessivo abuso do credito dá origem a inumeros negocios de base aleatoria: a hipotese de que a progressão continuará na mesma marcha em que está vindo. Um abalo nesse alicerce (e eles abalam-se ciclicamente, em periodos de 8-10 anos) determina o fenomeno crise. Cáí, e é varrido para o lixo como um castelo de cartas tudo quanto se ergueu sobre o alicerce precario. Saneamento. Poda de arvore. Limpeza dos galhos ‘falsos’. Mas, passada a crise, a arvore mundificada continua a crescer com impeto maior do que antes.

E como falamos em crise, a conversa recaiu sobre a de 1922, uma das mais fortes que abalou o país. Mr. Slang havia acompanhado o seu desenvolvimento e até certo ponto a previra. O mesmo ia dar-se com a proxima. O meu arguto inglês via de todos os lados os sintomas da crise de 1929.

---

<sup>388</sup> Lobato, 1951a, p. 173.

<sup>389</sup> Lobato, 1951a, p. 246.

— A inflação está no apogeu, e inflação em escala nunca observada até aqui. A tempestade decenal aproxima-se, profetizou ele.<sup>390</sup>

A crise de 1929 se localiza no passado para o Lobato escritor, e suas personagens, vivendo num momento anterior da história, podem prever o que só seria realizado posteriormente. Como na máxima cunhada por Sherlock Holmes (em adaptação nossa), “todo problema se torna infantil uma vez que é explicado”<sup>391</sup>. Lobato teve condições de se inteirar das razões da crise, observar seus efeitos, verificar seus resultados.

De posse dessas informações, recua no tempo para demonstrar a previsibilidade da crise num momento anterior. Para isso, vale-se de recursos que explora textual e retoricamente. Seu maior trunfo é Mister Slang, ser de tanta ponderação que “via de todos os lados os sintomas da [imminente] crise de 1929”. Mister Slang prevê a crise porque conclui que as crises são periódicas, que em todo decênio ocorre uma, que as situações se repetem e que todos os condicionantes se apresentam para em 1929 descambar em crise, a pior desde a que ele próprio (um empirismo “de personagem”) observou em 1922.

Essa conformação é (apenas) possível em um dado momento da produção lobatiana. O escritor justifica a sabedoria quase onisciente de sua personagem, como vimos, em sua ponderação, raciocínio frio e pesquisa informativo-bibliográfica (“Já li a história das crises americanas”) – todavia acreditamos ser ela viável, nesse aspecto, em face do que discorremos: a experiência empírica de Monteiro Lobato nos Estados Unidos.

Tanto não era algo tão evidente e cristalino, como Mister Slang dá a entender, que a crise sem precedentes não encontrou precaução ou defesa imediatas, como uma onda que cobriu inopinadamente a nação americana e, por via reflexa, o resto do mundo. Lobato, aqui representado talvez pelo brasileiro, foi outro

---

<sup>390</sup> Lobato, 1951a, p. 246-247.

<sup>391</sup> Doyle, 2008, p. 886.

que não teve a argúcia de Mister Slang e perdeu dinheiro na quebra da bolsa em 1929.

No capítulo XXXIII de *América*, finalmente eclode a crise. O narrador suspira: “Tivera razão Mr. Slang em ver maus sintomas na ansia com que os capitães da industria insistiam na nota de ‘prosperity’ permanente e na extinção das crises cíclicas”<sup>392</sup>.

Nesse capítulo, repleto de cifras e números, fica clara a pesquisa do escritor em documentar bem os fatos, no melhor estilo Mister Slang, servindo-se de dados específicos para embasar seus comentários, tornar mais forte a argumentação e o expressivo das ideias veiculadas:

Que é o Stock Exchange de New York? Difícil dar ideia... Um Monte Carlo onde o mundo inteiro especula em proporções absurdas.

Em 1929 as ações ali negociadas subiram á vertigem de 1.124.990.980, o que representa *alguma coisa*, sabendo-se que a 1.º de outubro o valor medio de cada ação era de 83 dolares. Além desse movimento de titulos houve ainda o movimento de “bonds”, cujo total montou, para o mesmo periodo, em 3.200.316.700 dolares. Dia houve em que 16 milhões de ações foram negociadas, das onze horas ás tres...<sup>393</sup>

Ainda assim, essa checagem empírica encontra enfim seus limites. O objeto manejado demonstra impropriedades. Por mais que se apresentem fatos, números, cifras e dados, algo parece particularizado, fora da sensibilidade de um estrangeiro, distante da perfeita adequação a todas as realidades, pois exclusivamente próprio dos americanos. É o narrador brasileiro quem reconhece, no fim do mesmo capítulo:

Mas, repito, é impossivel dar uma ideia do que é a especulação de titulos na America. Nisso, como em quase tudo mais, esta nação se mostra sui generis, unica,

---

<sup>392</sup> Lobato, 1951a, p. 265; Doyle, 2008.

<sup>393</sup> Lobato, 1951a, p. 266.

impossível de medir-se por meio dos velhos estalões comuns á velha humanidade. Quem, por exemplo, pode medir o que representa uma redução de valores como a observada nos 18 dias de panico? Esse monstruoso sorvete que se derreteu – um sorvete de 50 bilhões, ou sejam 500 milhões de contos ao cambio de 10\$000 o dolar?

Tal soma representa 15 vezes a riqueza nacional do Brasil...<sup>394</sup>

---

<sup>394</sup> Lobato, 1951a, p. 270-271.



## CAPÍTULO VIII – Historiografia da tradução de *For whom the bell tolls*, de Ernest Hemingway, no Brasil

Tais Diniz Martins

As décadas de 1930 e 1940 são consideradas especialmente frutíferas no que diz respeito à proliferação de obras traduzidas para a língua portuguesa, tendo parte desse período sido apontado como a “Idade do Ouro da tradução”<sup>395</sup>. Uma das figuras de vital importância no fazer tradutório e na historiografia da tradução no Brasil é Monteiro Lobato, que atuou de diversas formas, tendo estado praticamente durante toda sua vida profissional envolvido nessas atividades.

Lobato parece ser um dos poucos, senão o único, protagonista da literatura brasileira que atuou efetivamente em todos os campos literários. Desempenhou os papéis de autor de vasta obra ficcional; editor pioneiro que modernizou a forma de fazer, distribuir e vender livros, e do tradutor que disponibilizou acesso ao público brasileiro a obras consideradas, à época, as mais importantes da literatura mundial.

Sua atividade intelectual pode ser considerada precursora e controversa, conforme sugere John Milton<sup>396</sup> quando afirma que Lobato parece não seguir as convenções do *habitus bourdieusiano* dos intelectuais brasileiros. Essa visão de Lobato, como sendo um autor que se afastou dos padrões da época, também aparece na *Introdução* do ensaio *Traduções*<sup>397</sup>, texto que afirma que foi Monteiro Lobato quem rompeu com o preconceito de que “não ficava bem” a um escritor traduzir, e que uma vez tendo ele dado o exemplo, outros escritores também abraçaram esse ramo de atividade.

---

<sup>395</sup> Wyler *apud* Milton & Martins, 2010.

<sup>396</sup> Milton, 2019, p. 28.

<sup>397</sup> Lobato, 1955, p. 125-130.

Enquanto tradutor, sua prática percorreu vários caminhos possíveis e passíveis de análise. À medida que criava um estilo próprio e peculiar em sua prática<sup>398</sup>, Lobato traduziu, adaptou, revisou e retraduziu, dilatando e amalgamando os conceitos que conhecemos acerca dos processos tradutórios, cujas fronteiras são difusas, conforme afirma Martinez<sup>399</sup>. Segundo Milton<sup>400</sup>, Lobato traduziu muito e se orgulhava da sua produção. Fato esse que suscitou dúvidas sobre seus métodos tradutórios e até mesmo em relação à autoria, sendo difícil avaliar e categorizar qual papel assumiu em cada obra que leva sua assinatura. A rapidez com que concluía suas traduções também foi motivo de dúvidas sobre a possibilidade de alguém traduzir tanto e em tão pouco tempo.

Na coluna “Ceg’a Reg’a”, de *A Cigarra*, em resposta a uma carta enviada à redação questionando os valores recebidos pelos escritores e tradutores, o colunista afirma que Monteiro Lobato, além de ser um autor fértil, traduziria uma média de três livros por mês. Nelson Palma Travassos<sup>401</sup> relata em seu livro *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos* ser constantemente questionado acerca da veracidade das informações sobre as traduções em geral, e especialmente sobre as de Lobato. Como resposta, Travassos pondera que, se Lobato escreveu pouco para os adultos e muito para as crianças, traduziu colossalmente, além de destacar o fato de que seu nome valorizava muito as traduções. Em contrapartida, também é possível encontrarmos registros que depõem contra as atividades tradutórias de Lobato. Silveira Bueno<sup>402</sup> foi um notório desafeto do escritor taubateano, publicando uma série de artigos na *Folha da Manhã*, proferindo ofensas e acusações sobre sua conduta profissional

---

<sup>398</sup> Para mais detalhes sobre o estilo de Monteiro Lobato enquanto tradutor e adaptador, ver Milton, 2019.

<sup>399</sup> Martinez, 2003, p. 01.

<sup>400</sup> Milton, 2019, p. 28.

<sup>401</sup> Travassos, 1974, p. 229.

<sup>402</sup> Silveira Bueno foi o autor da primeira tradução de *My life and work*, a biografia de Henry Ford, em 1925. Lobato traduziria, posteriormente, a mesma obra, sendo esse o motivo da desavença.

e moral. Em seu livro de memórias<sup>403</sup>, dedica um capítulo inteiro, expondo sua experiência pessoal com o então dono da Editora Monteiro Lobato. Bueno afirma que Lobato, além de não saber sequer uma palavra em inglês, também assinava os trabalhos feitos por outros tradutores sem ao menos lê-los, motivo pelo qual estariam repletos de erros crassos. Encontramos também depoimentos de cronistas da época que relatam um episódio pitoresco ocorrido entre Lobato e Agrippino Grieco. Fernando Jorge cita na biografia de Paulo Setúbal que:

Certa vez, segundo nos informou Bruno Di Tolla, chefe das oficinas da “Revista dos Tribunais”, o escritor Monteiro Lobato encontrou-se com o crítico Agrippino Grieco e perguntou a este: — Você, porventura, já leu a minha última tradução? Resposta do Agrippino: — Eu não. E você, já a leu? Bruno Di Tolla contou ao Paulo Setúbal este episódio e o romancista deu grandes gargalhadas.<sup>404</sup>

Ainda referente a Lobato, Grieco registra no artigo “Um prefácio e um romance”, publicado em *O Jornal* em 1943, sua opinião sobre as atividades do autor e tradutor taubateano:

Monteiro Lobato, prefaciando o romance “Éramos Seis”, da sra. Leandro Dupré, elogia a simplicidade. Muito bem! Nada, com efeito, que a rara, a raríssima simplicidade. Lobato sabe o quanto o admiro. Não tanto como tradutor. Ele traduz demais para quem possa traduzir sempre bem. Mas em função de autor original, muitas vezes originalíssimo. Mortos Graça Aranha e Humberto de Campos, deve ser ele o maior dos nossos prosadores.<sup>405</sup>

Esses exemplos demonstram a divergência de opiniões em relação às atividades de Lobato, e as polêmicas em que esteve envolvido. Porém, os depoimentos, os textos registrados pelos jornais e periódicos e a opinião dos cronistas e críticos literários da época não

---

<sup>403</sup> Bueno, 1996, p. 133.

<sup>404</sup> Jorge, 2008, p. 302-303.

<sup>405</sup> Grieco, 1943, p. 4.

tornam menos difíceis os desafios da investigação acerca da obra tradutória lobatiana. Um dos pontos mais sensíveis é encontrarmos como principais fontes de referências, informações registradas pelo próprio Lobato sobre si mesmo, através da correspondência compilada nos livros *A barca de Gleyre* e *Cartas escolhidas*, entre outros volumes de sua obra epistolográfica.

*A barca de Gleyre* é um volume especialmente delicado, pois se trata de uma obra onde o autor reconhece que editou o conteúdo das cartas originais. Isso dá margem a questionar o que foi cortado, o que foi acrescentado e os porquês. Além disso, as cartas precisam ser interpretadas dentro do contexto em que foram escritas, buscando todos os recursos possíveis, a fim de conseguirmos abstrair delas as informações mais verossímeis.

## 1. Lobato tradutor de Hemingway

O período aqui analisado está compreendido, mais especificamente, entre 1939 e 1942. Segundo pesquisa disponível no *blog* de Denise Bottmann, podemos contar o total de 21 obras traduzidas por Monteiro Lobato nesse decurso, excluindo-se as obras sem data de publicação indicada.

Entre as obras traduzidas, em 1941, encontram-se *For whom the bell tolls*, de Ernest Hemingway (1940) e *Kim*, de Rudyard Kipling (1901). Nesse período, Lobato esteve encarcerado na Casa de Detenção de São Paulo – a partir do dia 20 de março de 1941, cumpriria três meses do total de seis meses aos quais foi sentenciado por delito contra a segurança nacional.

Em carta, datada de 17 de setembro de 1941, inserida em *A barca de Gleyre*, Lobato relata a Godofredo Rangel, que estava trabalhando nas duas obras mencionadas, sob encomenda da Companhia Editora Nacional. A carta cita particularidades dos textos, incluindo comentários sobre os erros nas traduções, fato que a torna um documento com informações específicas sobre o conteúdo dos textos que Lobato tinha em mãos. Analisando a carta de Lobato é possível inferir que, em *Kim*, ele retraduzia uma primeira versão

publicada no Brasil pela mesma editora, conforme podemos observar abaixo:

Tenho agora diante de mim uma obra sobre Lincoln e ontem acabei a revisão do **meu Kim**. Leia-o Rangel. Depois do *Livro da Jangal*, é a melhor coisa de Kipling. A **primeira tradução do Kim, lançada pela Editora era uma neblina**. A gente lia e entendia vagamente. Otales encomendou-me **outra**.<sup>406</sup>

Em outro trecho, Lobato aprofunda os comentários acerca do texto, apontando os erros que encontrou:

Na primeira tradução do Kim, também encontrei uma boa **perola agripinesca**. No original está: “**We who go down to the burning-gaths clutch at the hands of those coming up from the River of Life**, etc”. E na tradução vem: “Nós que vamos descendo para o **campo do carnicheiro**, etc”. Essa tradução de *burning-gaths*, ou fogueiras onde na Índia queimam os mortos, por “campo do carnicheiro”, deixou-me profundamente intrigado. Eu estava na prisão, cumprindo sentença, e matava o tempo com a nova tradução do *Kim*. Pus os olhos nas grades e fiquei a matutar naquele quebracabeças. De que modo **fogueira de cremar defunto** pôde virar “campo do carnicheiro”? Por fim descobri. Na tradução francesa do *Kim* **deve estar bucher**, fogueira, palavra que muito se aproxima de *boucher*, carneiro. **O tradutor, que evidentemente traduzia do francês e não do inglês**, confundiu as duas palavras e pôs “carniceiro” em vez de “fogueira”. Mas achando exquisito aquela “procissão rumo ao carnicheiro”, inventou o “campo” e botou “campo do carnicheiro...”<sup>407</sup>

Já em *For whom the bell tolls*, Lobato não revela maiores informações a respeito da origem do texto que tem em mãos, porém também deixa suas observações acerca dos erros encontrados:

---

<sup>406</sup> Lobato, 1950, t. II, p. 334, destaques nossos.

<sup>407</sup> Lobato, 1950, t. II, p. 334-335 destaques nossos.

E meu último trabalho – ou “trabalheira” – foi **retraduzir uma tradução** do tremendo *For Whom the Bell Tolls*, do Hemingway. Encontrei “**perolas**” do Agripino nessa tradução, e das mais preciosas. Esta, por exemplo: — “*What’s this?*” pergunta lá um cabra quando Jordan tira do bolso a frasqueira de absinto. E Jordan responde: “*That is the real absinthe. That is wormwood*”. *Wormwood* é o nome inglês da nossa velha losna, o ingrediente do absinto; mas como se trata de uma palavra composta — *worm*, verme; e *wood*, pau, madeira — lá o tradutor tomou a pobre losna como “bicho de pau podre” e verteu assim: “Isto é o absinto, uma bebida feita de bicho de pau podre”. E acrescentou: “No verdadeiro absinto ha verme de pau, cupim...”<sup>408</sup>

Ainda no mesmo documento, podemos encontrar referências de Lobato a erros que ele mesmo cometera no processo de tradução de outra obra:

O Agripino coleciona destas “**perolas**”, e se recorresse a mim eu lhe forneceria colares maravilhosos. Tenho uma coleção que vale ouro. Eu também solto de vez em quando a minha perolazinha. Na *Historia da Literatura* traduzi *The Village Blacksmith*, O Ferreiro da Aldeia, por Aldeia de *Blacksmith* — e mais que depressa o Agripino com aquele seu bico de ave, nhoc! Físgou-me a perola e lá a pôs na sua coleção.

O conteúdo dessa carta é uma das principais fontes utilizadas para obtermos informações referentes ao percurso editorial das traduções de *Kim* e de *For whom the bell tolls*. Em *Kim*, o motivo apontado para justificar a retradução do texto foi a readequação da linguagem, que na opinião de Lobato parecia pouco inteligível. Ao apontar o possível motivo do erro cometido pelo primeiro tradutor, Lobato aventa a possibilidade de a obra ter sido traduzida diretamente do francês. Já em *For whom the bell tolls*, Lobato aparentemente não trabalhou com um texto anteriormente publicado, apenas relata se tratar de uma retradução de uma tradução concluída.

---

<sup>408</sup> Lobato, 1950, t. II, p. 334, destaques nossos.

Em posse da informação fornecida por Lobato, de que já havia uma tradução publicada de *Kim*, pareceu-nos pertinente realizar uma investigação mais aprofundada sobre o percurso dessa obra. Durante o processo de pesquisa foi possível constatar fontes divergentes de informações sobre a gênese da tradução de *Kim*. Lia Wyler, em seu artigo “Um modo de traduzir brasileiro?” afirma:

Monteiro Lobato, por exemplo, confessa a Godofredo Rangel em *A Barca de Gleyre*, que passou meia hora contemplando as barras da cela em que estava preso, tentando descobrir como Agripino Grieco podia ter confundido “pira funerária” com “carneiro” em sua tradução de um livro de Rudyard Kipling. Gastou esse tempo para se vingar da mania que tinha Grieco de pinçar erros nas traduções dos outros.<sup>409</sup>

Posteriormente, Célia Luiza Andrade Prado, em sua tese *A tradução na Era Vargas de 1930 a 1940: O Tarzan brasileiro de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*, registra:

Pela sua diligência, Lobato é incumbido, principalmente por Octalles Marcondes Ferreira, também de revisões e de retraduições de várias obras, como *Kim*, de Kipling e *For whom the bell tolls*, de Hemingway, ambos com uma tradução anterior realizada por Agrippino Grieco. Lobato depreciou o trabalho de Grieco apontando em carta a Rangel o que ele chama ironicamente de “pérolas do Agripino”. Parecia que Lobato queria dar o troco ao crítico literário.<sup>410</sup>

Pedro Albeirice da Rocha, por sua vez, em seu artigo *Mowgli, Kim e outros: as traduções kiplingianas de Lobato*, aponta outros indícios a respeito da autoria da primeira tradução da obra de Kipling no Brasil:

---

<sup>409</sup> Wyler, 1999, p. 272.

<sup>410</sup> Prado, 2015, p. 123.

A primeira edição da obra pela Companhia Editora Nacional, a despeito da paixão de Monteiro Lobato pelo original, não fora, como se viu, por ele traduzida. Essa tradução, realizada através do francês, não agradava a Lobato, mas ele evitou por sete anos revisá-la. Dentre os motivos para tal, é possível colocar como possibilidade o fato de Batista Pereira ter sido, além de membro da Academia Brasileira de Letras, anfitrião e cicerone de Kipling no Brasil. Além disso, Pereira privava da amizade do escritor inglês. Entretanto, uma vez na prisão, em 1941, Lobato julgou que era hora de tentar a revisão do original, optando, em seguida, por retraduzi-lo.<sup>411</sup>

Lauro Maia Amorim, em seu artigo *Os lugares discursivos do tradutor e do adaptador e os meandros da visibilidade*, também registra Antônio Baptista Pereira como o tradutor da primeira versão brasileira:

Kim foi originalmente publicado em 1901. A primeira tradução da obra no Brasil é de 1934, realizada por Antonio Batista Pereira e editada pela Editora Companhia Nacional. Lobato realizou a segunda tradução da obra, publicada em 1945 e apresentada como 3ª. edição pela mesma editora, não utilizada nas análises deste trabalho.<sup>412</sup>

Diante de versões tão distintas para a historiografia da tradução dessa obra, percebemos a necessidade de averiguar as informações referenciadas por Lobato em sua carta, e pelos estudos apresentados acima.

As pesquisas de Rocha e Amorim, ainda que não tenham sido baseadas no acesso direto à edição de 1934, forneceram elementos para iniciar a busca do referido exemplar. A edição de *Kim* que tem como tradutor Baptista Pereira, pela Companhia Editora Nacional constitui exemplar raro. A tradução de Baptista Pereira não fora objeto de estudo até o presente momento. A descoberta deste exemplar dá concretude às afirmações de Rocha e Amorim e viabiliza novos

---

<sup>411</sup> Rocha, 2017, s.p.

<sup>412</sup> Amorim, 2015, p. 23.

estudos, já em andamento. Abaixo, observamos os excertos do trecho da tradução de Baptista Pereira, que contém o erro mencionado por Lobato, e o trecho correspondente do texto em francês traduzido por Louis Fabulet e Fountaine Walker:

— Eu é que sou a mulher de máo olhado, choramingou a velha, arrependida. Nós outras que descemos aos *chattris* (os grandes parasóes que se elevam acima dos **campos dos carnicheiros** onde os padres cobram os seus últimos direitos), nós que grudamos aos portadores de *chattis* (jarras dagua — ella queria referir-se aos moços cheios de orgulho da vida; mas o trocadilho era mal feito). Quando a gente não pode dançar na festa, contenta-se em olhar. O papel da avó absorve todo o tempo de uma mulher.<sup>413</sup>

— Je sais — je sais. Qui le sait mieux que moi? Caquetait la vieille. Nous autres qui descendons **champ des bûchers**, nous nous agrippons aux mains de ceux qui remontent de la Rivière de Vie avec de pleines jarres d'eau — oui, des jarres d'eau débordantes. Je me suis montrée injuste envers cet enfant. Il t'a prêté sa force. C'est vrai que les vieux se font des jeunes leur nourriture quotidienne. Il ne nous reste maintenant qu'à le rétablir.<sup>414</sup>

A aproximação da tradução de Baptista Pereira com o texto em francês nos permite encontrar plausibilidade quanto as suposições de Lobato, sobre a origem do termo traduzido equivocadamente. Tais comparações, acerca das imprecisões apontadas por Lobato na tradução de *For whom the bell tolls*, não são possíveis, já que até o presente momento não temos acesso ao texto da tradução que Lobato teria retraduzido.

Uma vez constatada a procedência da tradução de Kipling a qual Lobato se referia, e descartado Agrippino Grieco como tradutor, passamos à investigação da tradução da obra de Hemingway.

---

<sup>413</sup> Excerto de *Kim* na tradução de Baptista Pereira (1934, p. 374).

<sup>414</sup> Excerto de *Kim* da publicação francesa editada pela *Mercurie de France* (1913, p. 367-368).

Até o presente momento, não foi encontrado nenhum registro bibliográfico ou historiográfico que associe Agrippino Grieco à tradução de *For whom the bell tolls*, porém encontramos registros atribuindo-a à figura de outro tradutor. Todavia se faz necessário elucidar o possível argumento para que a hipótese de Grieco como tradutor tenha sido considerada.

Agrippino Grieco foi um escritor, editor, tradutor e crítico literário muito ativo. Irreverente e controverso, despertou os mais diversos tipos de reações no público, que acompanhava seus artigos nos jornais, e nos escritores, alvos constantes de sua ácida crítica. Tristão de Athayde, cronista da coluna “Vida Literária”, em 1922, descreveu o temperamento de Grieco:

O senhor Agrippino Grieco não é um simples demolidor. Livre, sarcástico ferino, não lhe attrae a simples tarefa de derrubar ídolos. É natural que muita paixão e muita injustiça se insinue por estas páginas vibrantes e cheias de cor. Mas é um satírico, e portanto, um moralista para quem o problema do bem e do mal é o problema por excellência. Não vê os homens com piedade mas com indignação. Dotado de bastante leitura talvez um pouco atropelada, revelando uma intelligencia viva e trepidante, é um temperamento em arestas vivas, não procura atenuar as flechas que lança. Extremado, arrebatado, sem reticencias, vae ferindo a torto e a direito não cegamente, mas sem comiseração.<sup>415</sup>

A relação de Lobato com Grieco era tão amistosa quanto permite ser a relação entre dois homens com traços de personalidade e temperamento fortes. O diálogo entre os dois, citado anteriormente, demonstra o limite sutil entre o respeito e a sarcástica cordialidade, que era mútua. Em sua obra crítica, Grieco várias vezes faz menção a Lobato de forma respeitosa, assim como Lobato frequentemente externava sua admiração pelo escritor<sup>416</sup>.

<sup>415</sup> *O Jornal*, 17 set. 1922, capa.

<sup>416</sup> Na orelha do livro *Gralbas & Pavões*, encontramos: “Ser legível — ser transitável, que maravilha! E quem nessa nossa terra, cada vez mais chata com a vitória ininterrupta do Conselheiro Legião, se mantém mais alto, mais

A ambiguidade das informações que atribuem a Grieco a tradução do texto de Hemingway parece ter origem na forma como Lobato o cita na carta de *A barca de Gleyre*. Lobato diz que encontrou várias “perolas” de Agrippino, motivo pelo qual é possível a interpretação de que tivesse sido ele mesmo quem tivesse cunhado tais pérolas. Este era um hábito pelo qual o cronista era conhecido: compilar gafes e erros dos escritores da época, e apontá-los nos volumes de sua obra literária e jornalística.

Levantamos a possibilidade de que o termo “perolas” tenha sido citado em alusão a um livro que Agrippino Grieco publicara em 1937. A obra sob o título *Perolas...* é composta por vários comentários de Grieco a respeito dos mais diversos assuntos, inclusive erros nas traduções. Há dois artigos sobre Lobato nesse livro. No primeiro, inicia a crítica que discorre acerca da tradução de *Historia da Literatura Mundial*, de John Macy, onde o cronista analisa as escolhas do tradutor e, a apesar de Grieco não poupar seus objetos de crítica da sua acidez habitual, mantém um tom respeitoso e ameno em relação a Lobato:

Pesa-me enormemente ter de escrever um artigo desfavoravel a uma tradução do sr. Monteiro Lobato. Preciso fazer um grande esforço para trabalhar contra elle. O autor dos “Urupês” é uma das predilecções do meu espírito. Não me sacio nunca de reler-lhe os contos, esses bellos contos só comparáveis, na actual literatura sul-americana, às admiráveis narrações regionaes do argentino Benito Lynch.<sup>417</sup>

Ainda no mesmo texto, encontramos o excerto em que Grieco menciona o comentário que Lobato fez em sua carta a Rangel sobre a “pérola que soltou” e Agrippino “agarrou com o bico”:

---

esfrangalhador de burrices, senão você, meu maravilhoso e sempre gozosamente lido Agrippino? Bendito seja o Grande Vingador... MONTEIRO LOBATO” (Grieco, 1988).

<sup>417</sup> Grieco, 1937, p. 183.

“The village Blacksmith”, de Longfellow encontra exacta correspondência portuguesa em “O ferreiro da aldeia”. Pois o interprete do sr. Macy preferiu: “Aldeia de Blacksmith”. O macaco da fábula convertia o porto Pireu num homem. Aqui o nosso polyglotta, honrando demais o operario que manobra no folle e malha no ferro enquanto quente, transforma-o logo em aldeia.<sup>418</sup>

O segundo artigo trata ainda da referida tradução, mas assume um tom sarcástico, e aqui talvez tenhamos a mais clara referência à intertextualidade que permeia os dois textos: a carta de Lobato (1941) e o artigo de Grieco (1937):

Ah! perolas, perolas! Encontro-as às mãos cheias nesta tradução da “Historia da Literatura Mundial”, de John Macy, e uma dellas exactamente é quando, no portuguez do sr. Monteiro Lobato, se comparam os ensaios de Emerson às “gemmas” de um collar de perolas. Mas já foi evidenciado que a concreção calcarea de ostra não pode ser chamada de “gemma”. E este último vocabulo só se applica às pedras preciosas e o producto daquelle mollusco nada tem a ver com os brilhantes, os rubis, as esmeraldas...<sup>419</sup>

O Monteiro Lobato de 1941 parece dialogar com o Agrippino Grieco de 1937, em cujo texto ironizava o termo “perolas”, dando sentido pleno ao que Lobato entoa em seu comentário na carta.

Outra observação pertinente é o fato de não encontrarmos registros de comentários de Grieco em suas crônicas sobre esta carta e especialmente em relação à citação de seu nome de forma “depreciativa” por Lobato, apontando seus presumidos erros. O silêncio eloquente de Grieco não condiz com a postura do crítico mordaz que não poupava palavras para se expressar, fato que também corrobora a hipótese de que Lobato, ao se referir a Agrippino, fazia uma referência ao teor das suas críticas em geral.

Tais fatos tornam possível inferirmos que os comentários de Lobato apenas mencionam o hábito do autor de colecionar e tornar

---

<sup>418</sup> Grieco, 1937, p. 187.

<sup>419</sup> Grieco, 1937, p. 190.

público os erros nas traduções, sendo os textos que ele tinha em mãos campo fértil para a crítica do ferino cronista. A atribuição da autoria a Grieco a partir das colocações de Lobato em sua carta não é plausível, se considerarmos o contexto envolvido.

Retomando a análise do conteúdo da correspondência, não encontramos nenhuma afirmação ou indicação contundente de Lobato quanto a Agrippino Grieco ser o autor das traduções em questão e, uma vez excluída tal possibilidade, partimos em busca de outros indícios, deparando-nos com a figura de Francisca Cordeiro como a possível tradutora do texto que Lobato revisou em 1941. A cronologia dos acontecimentos parece corroborar essa hipótese, bem como os registros encontrados relativos ao seu envolvimento na tradução de Hemingway.

## 2. Francisca Cordeiro, Margaret Mitchell e Ernest Hemingway

No livro *Ensaístas Brasileiras*, de Heloísa Buarque de Hollanda e Lucia Nascimento Araújo, encontramos o seguinte verbete:

FRANCISCA (CAROLINA SMITH DE VASCONCELOS) DE BASTO CORDEIRO. Rio de Janeiro, RJ, 1875-1969. Escritora e organizadora de saraus lítero-musicais, foi figura importante das letras, principalmente nas décadas de 20 e 30 (...) Em 1925, lançou a revista *A Única*, totalmente editada, escrita e impressa por mulheres, que durou dezesseis números. Seu primeiro livro, *Jardim Secreto*, recebeu menção honrosa da ABL em 1926.<sup>420</sup>

O verbete ainda enumera as obras autorais de Francisca Cordeiro, mas não menciona suas atividades como tradutora, o que é no mínimo curioso, uma vez que ela foi a autora de uma das traduções de maior sucesso editorial em 1939. Esse fato pode representar o pouco

---

<sup>420</sup> Hollanda & Araújo, 1993, p. 114.

prestígio que as atividades tradutórias tinham à época, ainda mais na figura de uma mulher tradutora.

Filha do Barão Rodolfo Smith de Vasconcelos e casada com o procurador do Conde d'Eu, Francisca Cordeiro possuía uma posição social privilegiada. Seu círculo de amizades abrangia intelectuais e artistas de todas as nacionalidades e, certamente, os mais importantes de sua época. A aristocrata sempre esteve envolvida em atividades literárias, tendo sido uma das protagonistas no que diz respeito às intervenções culturais no período mencionado. De acordo com reportagem da revista *Veja*, Francisca Cordeiro era uma sufragista convicta que, ainda na década de 1920, tentou criar o Clube das Mulheres de Letras do Brasil, tentativa que não obteve sucesso.

Sua atividade como editora-proprietária da revista *A Única*, totalmente editada, escrita e impressa por mulheres, conforme vimos, e participação em outros periódicos voltados exclusivamente ao público feminino, como a revista *Walkyrias*, demonstram seu pioneirismo e comportamento de vanguarda. Sua trajetória na literatura brasileira e nos estudos da tradução merece um registro que faça jus a sua importância. Como tradutora, em 1939 ela foi responsável pela tradução de *Gone with the wind...*, publicada pela Editora Irmãos Pongetti, no Rio de Janeiro. Francisca Cordeiro relata sua experiência em traduzir a obra de Margaret Mitchell no artigo que publicou no *Anuario Brasileiro de Literatura* do ano de 1939. Neste, além dos comentários da tradutora sobre a trama do livro, podemos observar que o famoso romance da escritora norte-americana teve o título de *Foi-se com o vento...* antes de se tornar definitivamente *E o vento levou...*<sup>421</sup>

A associação de seu nome à obra de Hemingway surgiu ao encontrarmos uma notícia publicada no “Suplemento” do jornal *O Imparcial*. Atentando à cronologia, observamos que a breve nota circulou em maio de 1941, poucos meses antes de Lobato comentar que estava revisando uma tradução finalizada:

---

<sup>421</sup> Cordeiro, 1939, p. 385-386.

Ernest Hemingway que o público brasileiro já conhece de “Adeus às armas”, está colocando com sua novela “For whom the bell Tolls” na lista dos best-sellers recém-aparecidos nos Estados Unidos. A sra. Francisca de Basto Cordeiro, a tradutora de “... E o vento levou” já tem quase concluída a tradução desse volume cujo título em português será “Por quem os sinos estão batendo”(sic).<sup>422</sup>

Em decorrência dessa evidência, outras começaram a surgir. Laurence Hallewell cita que, em meio ao sucesso literário que *E o vento levou...* alcançou, Francisca Cordeiro foi incumbida pela Editora Irmãos Pongetti da tradução de *For whom the bell tolls*:

Apesar de um catálogo, sem dúvida de bom nível – que incluía Maurois e Dostoiévski – dizia-se que a empresa estava sofrendo pesados prejuízos em seu novo empreendimento. *E o Vento Levou...* acabou sendo sua salvação.(...) O resultado foi que a Pongetti se tornou uma das maiores editoras do país, mesmo que seu nome continuasse a abrigar inúmeras obras sem valor algum, encomendadas a seu departamento gráfico por conta dos autores. Francisca de Basto Cordeiro também traduziu *Por Quem os Sinos Dobram*, obra de Hemingway, que trata da Guerra Civil Espanhola, de 1936-1939 e que também virou filme em Hollywood.<sup>423</sup>

Na imagem a seguir, reprodução da quarta capa da segunda edição de *Brasilidades* (1943), de autoria de Francisca Cordeiro, em meio a suas referências bibliográficas como tradutora, também encontramos o registro da obra *Por quem os sinos dobram*, já com o título definitivo. No entanto, apesar da autoria da tradução ser a ela creditada, a data da publicação é omitida.<sup>424</sup>

---

<sup>422</sup> Cf. Suplemento de *O Imparcial*, 1941, p. 5.

<sup>423</sup> Hallewell, 2012, p. 492.

<sup>424</sup> A imagem elenca a relação das obras publicadas pela autora até aquela data. Em destaque, sua tradução premiada *Jardim secreto* (1925) e as traduções de *E o vento levou...* (1939) e de *Por quem os sinos dobram*, sem a indicação da data.

## ORAS DE

### FRANCISCA DE BASTO CORDEIRO

 Jardim Secreto (Menção Honrosa da Academia Brasileira) — esgotado .....	1925
Alma do meu caminho — contos — esg. ....	1926
O meu unico amor — romance (cpl. com Gastão Penalva) — esg. ....	1927
Brasilidades — (estudos sobre os Indios) — esg. ....	1929
Canções a esmo — poesias — esg. (1.º) 1930, (2.º) ....	1931
Antologia Infantil — para uso primário .....	1934
Poetas e Prosadores — antologia escolar — 1934 .....	1936
China e Índia (1.º fascículo da série “O Despertar da Inteligência”). .....	1943

#### NO PRÉLO :

Palestina e Syria (2.º fascículo de O Despertar da Inteligencia).  
Egypto (3.º fascículo de O Despertar da Inteligencia).

#### A PUBLICAR :

Maldito seja o amor ! — romance.  
The dawn of Humanity — (enciclopedia primitiva).  
Brazilian mysteries: Green Hell & Paradise.  
Vultos que passaram.  
Canções a esmo (3.ª edição).

#### TRADUÇÕES PUBLICADAS :

 Atemo Poderoso, de Marie Corelli .....	1923
O Jardineiro, de Rabindranath Tagore .....	1928
...E O VENTO LEVOU, de Margaret Mitchell .....	1939
Ritmos Imortais — poesia arcaica .....	1938
ANTONIO ADVERSE, de Hervey Allen .....	1940
A lei da divina harmonia, de Chase Osborn .....	1940
 Por quem os sinos dobram, de Ern. Hemingway .....	

#### EM PREPARO :

Elas — perfis femininos.  
Moinhos de vento — crônicas.

Emerson Tin, em seu artigo *Monteiro Lobato editor: Jardim secreto de Francisca de Basto Cordeiro (1875-1969)*, menciona uma reportagem de 1993 da revista *Veja* sobre a descoberta de dois álbuns de autógrafos de Francisca Cordeiro e seu conteúdo. A reportagem também credita a ela a tradução:

Francisca Carolina Smith de Vasconcelos de Basto Cordeiro nasceu no Rio de Janeiro em 1875, escreveu 12 livros e traduziu o calhamaço *E o Vento Levou...*, de Margaret Mitchell e *Por Quem os Sinos Dobram*, de Ernest Hemingway. Morreu velhinha, aos 94 anos, em 1969 – pouco depois de lançar seu último livro *Machado de Assis na Intimidade (...)*<sup>425</sup>

Estas são as evidências que possibilitam atribuir a Francisca Cordeiro a provável autoria da tradução que Lobato revisou/retraduziu. Há também evidências sobre os laços profissionais que mantiveram ao longo de suas carreiras.

### 3. Francisca de Basto Cordeiro e Monteiro Lobato

Em 1941, Monteiro Lobato já havia percorrido a maior parte da sua trajetória de vida, acumulando muita experiência nos ramos editorial e literário, além de outras áreas de atuação profissional. Era um intelectual respeitado e, apesar de sofrer tantos revezes na sua vida pessoal e profissional, ainda detinha grande capital cultural. Seu nome em uma capa de livro agregava valor e endossava a qualidade do conteúdo dos livros. Por sua vez, Francisca Cordeiro, apesar de ter sido uma mulher de vanguarda, autora de vários livros, cronista, poeta, tradutora, ativista das causas feministas e precursora de atividades culturais, não possuía o mesmo capital cultural de Lobato, ocupando, assim, um lugar mais periférico do polissistema literário brasileiro. *Jardim secreto* (1925), o primeiro livro publicado por Francisca de Basto Cordeiro, foi editado pela Editora Monteiro Lobato, fato que demonstra a importância de Lobato em sua vida literária.

---

<sup>425</sup> Oliveira & Azevedo, 1993, p. 66-67.

No artigo referenciado anteriormente, Tin revela a trajetória da publicação de *Jardim secreto*, adicionando elementos que reforçam a ligação entre Lobato e Francisca. As descobertas de Tin incluem uma carta de Lobato para Francisca durante a produção do livro. Conforme observa, nessa carta, o Lobato editor direciona o trabalho de Francisca:

[papel timbrado: MONTEIRO LOBATO / RUA GUSMÕES, 70/ /caixa 2-B S. PAULO] S. Paulo 31.5.923. Sra. Francisca/ Em mãos sua carta ultima. Acho/ que seu livro está com um bom guia,/ que tal é o Oiticica. A Carta de Tolstoi deve sair/ na revista de Junho, e o resto/ que ficou aqui vae. Eu continuo firme na minha/ ideia primitiva: fazer o livro com/ unidade – só de pensamentos. O/ resto ficava para outros livros, mais tarde. Não acha que deve ser assim? Em Junho devo aparecer por / ahi e então conversaremos melhor./ De seu a.<sup>or</sup> e c.<sup>a</sup>. Lobato<sup>426</sup>

Ainda em *Brasilidades*, Lobato deixa seu depoimento sobre a autora:

Lí Brasilidades, e com raro deleite, sempre admirado da soma de erudição que o estudo representa e do apuro do estilo, tão sóbrio, tão discreto e singelo, tão longe da maluquice estilística da moda. Meus parabéns. (...) Não admiraria, portanto, um livro como o seu aqui. Mas entre nós assombra. É livro numero um e imagino a cara dos nossos eruditos ao verem que o monopólio até aqui está quebrado — e da mais galharda maneira. Eu de mim me espanto, tive a honra de conhecê-la pessoalmente, e sempre esperei muito de seu privilegiado espírito — um dos mais elegantes e sutis que encontrei em meu caminho. Monteiro Lobato, 18 de dezembro de 1929.<sup>427</sup>

Em entrevista concedida a Silvio Tamasso D’Onofrio em 2010, Lygia Fagundes Telles relata um encontro que teve com Lobato em que este tece comentários sobre a obra *E o vento levou...* Na transcrição

---

<sup>426</sup> Tin (Salles & Anastácio, 2018, p. 105-112).

<sup>427</sup> Cordeiro, 1943, p. 11.

de trechos da entrevista, podemos observar seu interesse pela obra e o reconhecimento ao trabalho do tradutor, demonstrando saber de quem era a autoria da tradução:

(...) encontrei com o Lobato. Ele ficava muito na vitrine (...) ali na livraria justamente da editora, ficava ali fazendo hora. (...) Entrei, tava lá o Lobato e ele disse: “Ô Lígia, e tal, você mudou o penteado? (...) O que você tem feito?” - e conversou um pouco comigo. (...) Eu agora acabei de assistir pela segunda vez... E o Vento Levou. Aí ele disse: “Você também quer ser Scarlet O’Hara?” Eu disse: Também! (...) Uma observação do Monteiro Lobato, ele disse (...) ele era um grande tradutor, morou muitos anos nos Estados Unidos: “Olha, em inglês esse livro chama-se *Go With the Wind* (sic), seria a tradução exata Indo com o Vento. E ele disse que não conhecia coisa mais maravilhosa que essa tradução *Go with the Wind* (sic). E eu disse, e qual é? — ...E o Vento Levou. Preste atenção, menina — ele sempre dava lições. (...) E o Vento Levou... E o Vento Levou! Maravilha! Quem traduziu isso? Eu disse, não sei... aí ele disse o nome do tradutor e me despedi dele (...)”<sup>428</sup>

Esses elementos constataam a ligação cordial entre os dois. Francisca não era uma estranha, e sim uma conhecida de longa data com quem já havia trabalhado anteriormente e por quem Lobato demonstrava ter bastante admiração.

#### 4. Questões editoriais

Não foi possível encontrar nenhum registro em relação ao que possivelmente tenha acontecido para que a obra de Hemingway aparentemente tenha sido alvo de uma reviravolta editorial “no apagar das luzes”. Entretanto, podemos elaborar algumas hipóteses para que tal fato tenha ocorrido.

Conforme mencionado anteriormente, sabemos que a Editora Irmãos Pongetti atravessava um período conturbado, sempre tentando equilibrar as finanças, e não possuía o mesmo *status* e

---

<sup>428</sup> Telles, 2010. Transcrição nossa.

estabilidade que a Companhia Editora Nacional. Além disso, o nome de Lobato tinha maior representação no polissistema literário brasileiro do que o nome de Francisca Cordeiro. A instabilidade do mercado editorial e a escolha das obras a serem publicadas prevendo um possível retorno financeiro, entre outros elementos, fazem parte de uma equação difícil de resolver, especialmente quando o futuro de uma empresa possa estar em jogo. A historiografia da tradução de *E o vento levou...* é um exemplo claro da instabilidade e imprevisibilidade das atividades editoriais. A obra foi analisada e rejeitada pelas editoras José Olympio, Civilização Brasileira e pela Livraria do Globo. No que se refere a esta recusa, narra Érico Veríssimo:

Quero confessar um de meus maiores erros como orientador literário da Globo. (...) Um dia nosso agente literário americano nos mandou um volume gordíssimo para que o examinássemos com vistas a uma tradução brasileira. (...) No dia seguinte escrevi meu parecer a Henrique Bertaso mais ou menos nesses termos: – O romance gira em torno da Guerra de Secessão dos Estados Unidos. É demasiado volumoso e vai custar-nos muito caro traduzi-lo e publicá-lo. Duvido que nosso público possa interessar-se pelo assunto. (...) Um editor carioca comprou os direitos do romance de Margaret Mitchell e publicou-o no Brasil com o mais retumbante dos sucessos de livraria.<sup>429</sup>

No mesmo capítulo, Veríssimo narra uma conversa que teve com Henrique Bertaso, diretor proprietário da Livraria do Globo, comentando sobre os títulos em que apostaram e foram fracassos comerciais e outros de que pouco esperavam e tiveram um excelente resultado.

Até o momento, não foi encontrado nenhum registro de que essa obra tenha sido efetivamente publicada pela editora Irmãos Pongetti; não há nenhum exemplar e nenhum registro comercial ou editorial concreto. A obra apareceria no mercado brasileiro através da Companhia Editora Nacional em 1941, tendo Monteiro Lobato como tradutor. Esta edição teve vários anúncios circulando por toda

---

<sup>429</sup> Veríssimo, 1973, p. 73-74.

imprensa, inclusive nas publicações em que Francisca era colaboradora.

A editora Irmãos Pongetti, aparentemente, cedeu ou vendeu os direitos de publicação de *Por quem os sinos dobram* para a Companhia Editora Nacional de forma inesperada. O fato de ter anunciado o lançamento da tradução leva a crer que a Pongetti detinha os direitos de publicação, embora não seja possível fazer tal afirmação.

Talvez, em relação à tradução da obra de Hemingway, a Pongetti não pudesse correr tal risco; talvez a oferta da Companhia Editora Nacional tenha suprido alguma necessidade financeira mais imediata. Porém tratamos aqui de hipóteses, não havendo até o presente momento concretude de informações para corroborá-las categoricamente. Contudo, esse episódio tem características atípicas, uma vez que, ao contrário de *E o vento levou...*, a obra de Hemingway parece não ter circulado por várias editoras e obtido recusas. Ao contrário disso, percebemos o empenho e os esforços despendidos pela editora Pongetti para lançamento da obra e o posterior recuo por motivos que desconhecemos.

## 5. Algumas considerações

Percebe-se que a fecundidade editorial do período estudado e a profusão de títulos estrangeiros traduzidos foram, em boa parcela, beneficiados pela postura profissional de Monteiro Lobato, que teve papel importante ao romper os preconceitos literários quanto às atividades tradutórias. Entretanto, também percebemos que a escassez de registros da época deram margem a incertezas quanto à autoria e ao percurso de algumas traduções publicadas no país, originando interpretações que se distanciaram dos fatos. A ausência de uma sistemática em relação à preservação da cultura, como um todo, refletiu-se diretamente na historiografia da tradução brasileira.

A investigação contínua das informações existentes se apresenta como recurso para a construção de uma base mais sólida em prol da arqueologia tradutória brasileira. Neste sentido, a proposição

de Lieven D' Hulst foi especialmente importante para se obter as informações e permitir se chegar a essas conclusões. À medida que propusemos o questionamento sobre **quem, como, por que e de que maneira os processos tradutórios estudados se desenvolveram**, a investigação encontrou condução adequada, mostrando que o nome que historicamente se preservou associado à tradução das duas obras citadas foi o de Monteiro Lobato. Baptista Pereira, mesmo havendo publicado a primeira tradução brasileira de *Kim*, teve seu nome obscurecido e, apesar de encontrarmos registros atribuindo a tradução de *Por quem os sinos dobram* a Francisca Cordeiro, ao que tudo indica, a sua versão não foi publicada. Por esse motivo apresentamos a tradução de Cordeiro como sendo a provável fonte do texto que Monteiro Lobato revisou e excluímos Agrippino Grieco com base na análise dos elementos supracitados.

Os dois álbuns de recortes e autógrafos que pertenceram a Francisca Cordeiro, encontrados em meio a objetos de descarte, são um símbolo duplo: ao mesmo tempo em que sua descoberta, em meio ao lixo, denuncia o descaso com a preservação de nossa memória e cultura, representam também objetos de valor inestimável e possíveis fontes de importantes descobertas para os estudos da história literária e tradutória brasileira.

## CAPÍTULO IX – *O Poço do Visconde*: uma experiência em sala de aula de graduação

*Gildo Magalhães dos Santos Filho*

**N**a Universidade de São Paulo, a disciplina obrigatória de História da Ciência é oferecida desde 2015 pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para o Curso de Licenciatura em Geociências, Ciências e Educação Ambiental do Instituto de Geologia.

Nesta época, para uma aula da ementa intitulada “O petróleo entre velhas e novas controvérsias”, escolhi para leitura e apresentação em seminário, seguida de discussão, a obra já clássica de Gabriel Cohn, *Petróleo e Nacionalismo*, que discute os antecedentes da busca pelo petróleo até a criação da Petrobrás, mostrando os embates do grupo nacionalista contra os que defendiam a entrega indiscriminada desse produto essencial aos grupos internacionais<sup>430</sup>. A experiência mostrou que o livro em questão, embora seja ricamente documentado e bastante esclarecedor, era considerado pelos alunos difícil de ser seguido por quem não fosse de ciências humanas, como no caso em questão.

Tendo em vista essa dificuldade, foi feita uma experiência diferente e, a partir de 2018, a leitura para o seminário do mesmo tema ficou sendo *O Poço do Visconde*, de Monteiro Lobato, livro que tem como subtítulo *Geologia para as crianças*, originalmente publicado em 1937<sup>431</sup>. Nos primeiros capítulos da obra, Lobato apresenta de forma lúdica e excepcionalmente didática algumas noções fundamentais de geologia geral. A ênfase é para explicar as condições geológicas consideradas necessárias para a formação do petróleo, enfatizando a

---

<sup>430</sup> Cohn, 1968.

<sup>431</sup> Lobato, 1958. Minhas referências são retiradas de “Obras Completas”.

importância de seu aproveitamento energético, teses que são expostas num contexto cuja ideologia de base é o desejo de desenvolvimento econômico da nação brasileira para superar seu atraso, evidente perante o cotejo com as nações mais industrializadas do planeta.

A narrativa lobatiana se desenvolve em meio a um enredo que, após a sequência de informações e conceitos geológicos, torna-se ficcional, dirigida para a busca do que seria o primeiro poço petrolífero brasileiro, ao mesmo tempo em que se insere num ambiente histórico de muita verossimilhança com a realidade brasileira de então<sup>432</sup>. Apesar da descrença de muitos até as décadas de 1930-40 quanto à possibilidade de ocorrência de petróleo no subsolo brasileiro, inclusive das esferas governamentais, Lobato permaneceu um arauto teórico e prático dessa pesquisa, que começou a se concretizar com a descoberta na Bahia, em 1939, do primeiro poço a permitir o aproveitamento comercial da jazida. Deve-se ainda registrar que a criação dos primeiros cursos de geologia no Brasil foi motivada justamente pela necessidade de pesquisar a ocorrência do petróleo. A disseminação do conhecimento do subsolo brasileiro viria subsequentemente ampliar em muito a capacidade de projetar estradas e todo tipo de construções civis que permitiram o desenvolvimento da engenharia nacional<sup>433</sup>.

Ao ministrar História da Ciência em curso universitário de ciências naturais, a utilização de um livro classificado como pertencendo à literatura infantil poderia suscitar algumas dúvidas de adequação, mas, da prática dessa iniciativa, têm advindo resultados interessantes, como se apresenta a seguir.

Uma conclusão que logo se impõe é que um bom número de alunos não faz ideia do conjunto de obras literárias de Monteiro Lobato, nem de sua importância como tradutor e editor. Não há uma lembrança imediata da famosa frase sua de que “um país se faz com

---

<sup>432</sup> Chiaradia, 2009. “O poço do Visconde: o faz de conta quase de verdade” mostra como a correspondência de Lobato com um engenheiro de perfuração, seu companheiro em empresa de petróleo, é utilizada no livro infantil.

<sup>433</sup> Para uma descrição da história da criação dos cursos de Geologia, vide Peyerl, 2017.

homens e livros” e as gerações atuais, em geral, desconhecem a biografia de Monteiro Lobato ou sua literatura para adultos, bem como sua atuação como empreendedor nacionalista. A maioria foi exposta unicamente à obra infantil e mesmo isto tem se dado principalmente através das versões pasteurizadas e tantas vezes inócuas da televisão contemporânea. Conhecem de Lobato as adaptações simplistas e adulteradas do “Sítio do Pica-pau Amarelo” mais recentes da Rede Globo de Televisão. Quase ninguém teve acesso à versão original e criativa feita pelo casal Tatiana Belinky e Júlio Gouveia para a antiga TV Tupi, que foi ao ar entre 1952 e 1963.

Não deixa de ser preocupante que haja alunos da mais prestigiada universidade brasileira que tenham esperado até chegar num curso universitário para ter a oportunidade de conhecer o projeto de nação desenhado pelo escritor Monteiro Lobato. Em *O poço do Visconde*, talvez mais ainda do que dentro do mesmo tema da independência econômica tratado em seus livros antecessores para adultos, como *Ferro* (1931) e *O escândalo do petróleo* (1936), Lobato tocou fundo em questões que ainda hoje continuam sendo capitais para a economia política de um país como o nosso.

Tampouco é do conhecimento dos alunos que Monteiro Lobato se esforçou por entender as raízes do atraso econômico e cultural da nação brasileira. De acordo com uma opinião difundida principalmente nas classes dominantes desde o tempo do Império, os imigrantes europeus seriam os mais adequados para o trabalho agrícola, uma vez que sua índole seria mais favorável ao trabalho diligente do que os escravos ou, após a abolição, os ex-escravos e seus descendentes. Em meio a teorias racistas e eugenistas, além de trazerem conhecimentos mais avançados para essas tarefas, os trabalhadores vindos da Europa ajudariam a “branquear” a população<sup>434</sup>.

Lobato, no entanto, mais tarde mudou completamente de convicção, concluindo que o estado de apatia do trabalhador agrícola brasileiro era devido a uma praga endêmica: a doença do amarelo. Este é o nome popular da ancilostomose, que é uma infecção causada

---

<sup>434</sup> Domingues, 2003; Stepan, 2005.

por parasitas que aderem ao intestino e causam anemia, diarreia, mal-estar e febre, sintomas que se se traduzem num comportamento aparentemente indolente, agravado pela desnutrição e má higiene. Por isso, Lobato começou a favorecer medidas de saúde pública e endossou essa parte da eugenia difundida amplamente por médicos da época. Em seu livro *Problema vital* (1918), ele expressa alívio pelos brasileiros não serem “naturalmente” preguiçosos, o que marcou o ponto de virada em sua escrita sobre o assunto. O *Problema vital* argumentava que seus compatriotas estavam doentes e abandonados pelas elites políticas, em vez de serem improdutivo como resultado de um fatalismo biologicamente herdado<sup>435</sup>.

Não ocorreu para os que defendiam as ideias de uma inferioridade nata dos trabalhadores nascidos no Brasil que estes eram analfabetos e não tinham conhecimento das técnicas agrárias porque não havia um sistema educacional promovendo o objetivo de capacitá-los. Lobato entendeu bem essa contradição e, após também ter trilhado o caminho que se apoiava na eugenia médica, Lobato mudou ainda mais de perspectiva e passou a considerar como solução para esses problemas o desenvolvimento econômico<sup>436</sup>. Dirigiu uma campanha para diminuir o analfabetismo e dedicou seu empreendedorismo editorial para publicar livros de boa qualidade e preços acessíveis nas décadas de 1930 e 1940, conseguindo, assim aumentar a circulação de livros no país.

O outro obstáculo enfrentado para que a população como um todo experimentasse o desenvolvimento econômico era o estágio atrasado da industrialização no Brasil. De acordo com um ponto de vista defendido por muitos, e que permaneceu relativamente dominante pelo menos até a década de 1940, o país deveria concentrar esforços em sua “vocação agrária”, reforçada pela maior produtividade trazida pelos imigrantes que trabalhavam em fazendas de café, o carro-chefe da exportação brasileira.

---

<sup>435</sup> Lima, 1996.

<sup>436</sup> Lobato pode ser analisado em conjunto com Sílvio Romero e Euclides da Cunha em seus esforços para interpretar o Brasil do ponto de vista social. Cf. Magalhães, 2010.

É interessante como Lobato percebeu que as editoras eram um setor também industrial, que dependia de forte modernização do parque de máquinas para confecção de livros. Dedicou-se por mais de duas décadas e se tornou um grande empresário editorial, importando e investindo nas instalações da Companhia Editora Nacional, mas mesmo seu grande sucesso nessa área não o impediu de continuar a luta pelo petróleo nacional, o que lhe valeu ir para a prisão no primeiro período presidencial de Getúlio Vargas.

Há um espanto quando os alunos de graduação do curso já referido se deparam com esses aspectos da biografia de Lobato e quando conhecem pela leitura o conteúdo de *O poço do Visconde* original.

Do ponto de vista do subtítulo do livro, “Geologia para as crianças”, confirmei com professores do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo que o texto que trata de conhecimentos geológicos ainda permanece correto e útil, sem necessidades de maiores alterações de cunho científico. Como testemunharam os alunos, essa parte – que compreende os sete primeiros capítulos e é composta por cinco serões teóricos e duas “aulas de campo” - está escrita em linguagem simples, sendo adequada para crianças (e adultos). Há ainda ao longo do livro uma história resumida das técnicas então conhecidas para perfuração de poços de petróleo e considerações ainda muito atuais sobre a importância de um país ter uma frota de navios petroleiros, ilustrada pela comparação entre os EUA e a Grã-Bretanha, competição ganha pelos primeiros no início do século XX.

A meu ver, as principais conclusões atingidas nas discussões com alunos na USP, a partir dos seminários utilizando o livro de Lobato, foram as seguintes:

- A defesa de uma ideia de progresso e de autonomia da nação brasileira presentes no livro é plena de significado num Brasil contemporâneo tomado, a partir da década de 1990, pela onda de neoliberalismo e globalização, em que predomina a confiança cega nas leis do mercado e em que o sentimento de nacionalidade é frequente e equivocadamente associado com

uma ideologia política conservadora de direita, como a da ditadura militar de 1964-1985. A construção de uma nação assentada no conhecimento da língua (gramática) e das ciências humanas (história e geografia) e exatas (aritmética e ciências naturais) fica evidente nos demais escritos infantis de Lobato – *Emília no País da Gramática*, *Aritmética da Emília*, *História do mundo para as crianças*, *Geografia de Dona Benta*, *Serões de Dona Benta*, *História das invenções*. Sua ideologia, voltada para o progresso, pressupunha que este era algo desejável, mas que tinha de ser conquistado pela população com seu esforço para adquirir conhecimento, e que nunca deveria ser tido como dogmático. Aliás, o progresso técnico está aberto a críticas e é visto com um grão de sal por Lobato e pelas várias personagens que compõem o Sítio do Picapau Amarelo.

- Outro ponto frisado foi a astúcia das multinacionais e dos governos estrangeiros, que está bastante exposta no livro, mostrando como esses interesses são capazes de se inserirem tanto nos círculos oficiais quanto nas iniciativas individuais e de contrariarem os esforços nacionais para pesquisa de petróleo. Ressalva-se no final a *entente cordiale* adotada por Lobato, que opta pelo arrependimento, expresso pelos técnicos norte-americanos infiltrados no Sítio com o pretexto de ajuda especializada, sendo perdoadas suas tramoias e sabotagens contra os brasileiros, já que estes vencem no final, graças à sua esperteza e autoconfiança.
- A desconfiança constante de Lobato com relação ao governo e à sua burocracia, bem como sua fé no *self-made man* estão evidentes, e isto tem servido como mote para discussão em classe de qual deve ser o papel do Estado na nação. Esse ponto permite muitos debates, tendo em vista o enorme déficit social do Estado brasileiro em itens relevantes, como educação, saúde pública, transportes e outros itens de infraestrutura, principalmente após se iniciar a destruição das poucas conquistas sociais, como tem acontecido nos últimos mandatos presidenciais.

*O poço do Visconde* se insere, portanto, numa série de obras infantis em que Monteiro Lobato expressa sua confiança na ciência e sua esperança na possibilidade de progresso que ela pode

proporcionar, seja de forma bastante lúdica, como em *Viagem ao Céu* (com noções de astronomia e o desafio à ciência estabelecida), ou *A Chave do Tamanho* (uma forma interessante de abordar a ciência das proporções e da resistência dos materiais, tema particularmente desenvolvido por Galileu em sua obra *As duas novas ciências*), ou ainda de forma mais “séria” em *História das Invenções* (história do progresso das técnicas) e *Serões de Dona Benta* (lições de ciências naturais).

Esses livros não deveriam ser considerados apenas como “paradidáticos” – eles certamente o são em certa medida –, mas sim como formadores de mentalidade, profundamente ideológicos – no bom sentido da palavra (pois que há um bom sentido para “ideologia”) –, pensados com o objetivo de formar brasileiros cidadãos e com um caráter apaixonado pelo conhecimento e por seu progresso.

Um resultado desta experiência de ensino atingido até agora que me parece relevante é o fato de que vários alunos da disciplina ficaram interessados em ler a obra original (e não suas adaptações) e, ao mesmo tempo, poder refletir sobre as questões sociais e econômicas da história da técnica. É oportuno registrar, ainda, que vários desses alunos já dão ou irão dar aulas no Ensino Fundamental e Médio e que alguns estão fazendo uma segunda graduação. Desta forma, há neles um potencial de influenciar novas gerações, motivando-as para ler livros impressos, e não ficar apenas dependendo de *internet* ou televisão, enfim pensar com suas próprias cabeças.

Costumo também incentivar os alunos para que o debate sobre o progresso possa continuar ao longo de vários eixos, citando como exemplo este trecho do capítulo VII de *História das Invenções*:

O berreiro de hoje contra a máquina chega a ser grotesco: porque a máquina é a forma concreta do que chamamos progresso, e progresso quer dizer caminhar para a frente. Ora, como nada para no mundo, como tudo marcha – havemos de ter cada vez mais máquinas.

Em outro livro, *A chave do tamanho*, Lobato leva Emília a deduzir, ao final de seu experimento com a mudança de escala dos seres, que é menos importante vencer do que fazer uma tentativa – melhor cometer um erro do que não fazer nada, pois é também através de erros que a evolução avança<sup>437</sup>. Este pensamento está em consonância com conclusões da história da ciência que enfatizam a necessidade de conhecer os insucessos talvez mais do que os próprios acertos. Possivelmente, esta seria também uma autoavaliação de Lobato quanto à sua vida: o que importa é desenvolver a consciência crítica das pessoas, para que se possa encontrar uma direção e significado para a existência.

---

<sup>437</sup> Coelho, 1991. Vide também Lajolo, 2000.

## Referências

- A Cigarra*. São Paulo: [s.n.], [1914-1975]. il., col.; 27 cm. 1945. p. 156. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/003085/37089>>, acesso em 02 jul. 2021.
- AMORIM, Lauro Maia. Os lugares discursivos do tradutor e do adaptador e os meandros da visibilidade. *Tradução em revista*. Vol. especial. 2015. p. 19-35. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25339/25339.PDF>>, acesso em 22 jun. 2019.
- ANDRADE, Tales de. “Pérola da manhã”. In: *Pérola da manhã*. São Paulo: Melhoramentos, 1919.
- ANUÁRIO Brasileiro de Literatura: Letras, Artes, Ciências*. Francisca de Basto Cordeiro. Foi-se com o vento. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1939. p. 385-386. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=158550&Pesq=1937&pagfis=1087>>, acesso em 20 jul. 2021.
- ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 19-52.
- ARNHEIM, Rudolf. *Art and visual perception: A psychology of the creative eye*. Berkeley-Los Angeles-London: University of California Press, 1974.
- ATHAYDE, Tristão de. Vida Literaria. *O Jornal* [1919-1974], Rio de Janeiro, ano IV. n. 1127, 17 set. 1922, p. 1 [capa]. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_02&pesq=%20agrippino%20Grieco&pagfis=47811](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pesq=%20agrippino%20Grieco&pagfis=47811)>, acesso em 10 jun. 2021.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 2000 [1997].
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Volto lino e as raízes do Modernismo*. São Paulo: Marco Zero | Programa Nacional do Centenário da República e Bicentenário da Inconfidência Mineira | MCT-CNPQ | Secretaria de Estado da Cultura, 1992.
- BERGER, John. Why Look at Animals? In: \_\_\_\_\_. *About looking*. New York: Vintage International, 1991, p. 3-28.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. “Tios, princesas e sacis: a representação de negro s nos livros infantis de Monteiro Lobato e de outros autores da Primeira República”. Palestra realizada em 03 dez. 2020 na II Jornada Monteiro Lobato. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=PirojDpxwI8>>, acesso em 21 out. 2021.

- BOTTMANN, Denise. Traduições de Monteiro Lobato. Website *Não Gosto de Plágio*. 14 jan. 2011. Disponível em <<http://naogostodeplagio.blogspot.com.br/2011/01/traducoes-de-monteiro-lobato.html>>, acesso em 27 ago. 2021.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *O Ofício de Sociólogo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Mapa do analfabetismo no Brasil*. Secretaria Executiva. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Brasília, 2003.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Na tormenta da vida: Memórias de um batalhador*. São Paulo: LISA, 1996.
- CAMARGO, Evandro do Carmo. *Um estudo comparativo entre “O Sacy-Pererê”, resultado de um inquérito (1918) e “O Sacy” (1921) de Monteiro Lobato*. Assis-SP, 2006. 493 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista. Disponível em <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94134/camargo\\_ec\\_me\\_assis.pdf](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94134/camargo_ec_me_assis.pdf)>, acesso em 20 out. 2021.
- CAMPOS, Haroldo. Da Tradução como Criação e como Crítica. In: \_\_\_\_\_. *Metalinguagem: Ensaios de Teoria e Crítica Literária*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1970.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades | Editora 34, 2002, p. 77-92. (Coleção Espírito Crítico).
- \_\_\_\_\_. Literatura e Cultura de 1900 a 1945 (Panorama para estrangeiros). In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 5. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 109-138.
- CARROLL, Lewis. *Alice. Edição comentada e ilustrada*. Introdução e notas de Martin Gardner. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Ilustrações de John Tenniel. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Alice no País das Maravilhas*. Ilustrações de Darcy Penteado. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Tradução de Monteiro Lobato, ilustrações de A. L. Bowley. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.
- \_\_\_\_\_. *The Nursery “Alice”*. Ilustrações de John Tenniel. Londres: Mcmillan, 1890.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. 1. ed. 2 t. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955; 3. ed. 1962.
- CHIARADIA, Kátia. O poço do Visconde: o faz de conta quase de verdade. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro. Obra infantil*. São Paulo: UNESP, 2009.

- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Quiron, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Panorama histórico da literatura infantil / juvenil*. São Paulo: Ática, 1991. Vide também LAJOLO, M. *Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COHN, Gabriel. *Petróleo e nacionalismo*. São Paulo: Difel, 1968.
- CORDEIRO, Francisca de Basto. *Brasilidades*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia do Patronato, 1943. Disponível em <<https://archive.org/details/brasilidadesoocord/page/n5/mode/2up>>, acesso em 11 jul. 2021.
- D’HULST, Lieven. Why and How to Write Translation Histories. *Crop*, v. 6 [número especial: Emerging Views on Translation History in Brazil, John Milton (Org.)], p. 21-32, 2001.
- DEBUS, Eliane. *Monteiro Lobato e o Leitor, esse conhecido*. Itajaí-SC: UNIVALI / Florianópolis: UFSC, 2004.
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (Org.). *A tradição da Fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: UNESP, 2018.
- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; SILVA, Leandra Antoneli da. *Fábulas de Lobato: a Teoria e a Prática de um Gênero*. *Estudos Linguísticos XXVIII* (Anais de Seminários do GEL), São Paulo, 1999, p. 455-459.
- DOMINGUES, Heloisa Maria B.; SÁ, Magali R. Controvérsias evolucionistas no Brasil do Século XIX. In: Domingues, H., Sá, M.; Glick, T. (Orgs.). *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- DOYLE, Arthur Conan. *Sherlock Holmes: the complete stories*. London: Wordsworth Editions, 2008.
- DREWAL, Henry John. “Yorùbá Beadwork in Africa”. In: COLEMAN, James S. *African Arts*, vol. 31, n. 1, Winter, 1998, p. 18-27. Los Angeles: UCLA African Studies Center Stable. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3337620>>, acesso em 07 dez. 2020.
- EISENBERG, Zena Winona; FERES JUNIOR, João; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. Monteiro Lobato e o Politicamente Correto. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 56, n. 1, p. 69-108, 2013.
- ESOPO. *Bewick’s select Fables of Aesop and others – In three parts*. Reimpressão da edição rara *Rare Newcastle Edition*, publicada por T. Saint, em 1784; com os ensaios introdutórios “The Life of Aesop” e “An Essay upon Fable”, de Oliver Goldsmith; as gravuras originais de Thomas Bewick; e prefácio ilustrado de Edwin Pearson. Londres: Bickers & Son, [1871?].
- \_\_\_\_\_. *The Fables of Aesop and others translated into human nature by Charles H. Bennett*. Designed and Drawn on the Wood by Charles H. Bennett; Engraved by Swain. London: W. Kent & Co., 1857.

- FERREIRA, Jerusa Pires (Org.). *Ênio Silveira: Editando o editor*. São Paulo: Comarte | Edusp, 1992.
- FORGIONE, Nancy. "The Shadow Only": Shadow and silhouette in late nineteenth-century Paris. *The Art Bulletin*, vol. 81, n. 3, 1999, p. 490-512. Disponível em <<https://doi.org/10.1080/00043079.1999.10786899>>, acesso em 21 out. 2021.
- FRACCAROLI, Lenyra. *Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 1953.
- FREYRE, Gilberto de Mello. *Casa grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. São Paulo: Global, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e Mocambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005.
- GRIECO, Agrippino. *Perolas*. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora, 1937.
- \_\_\_\_\_. Um prefácio e um romance. *O Jornal*, Rio de Janeiro, [1919-1974], ano XXV, n. 7.331, 7 maio 1943, p. 4. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_04&Pesq=&pagfis=15945](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&Pesq=&pagfis=15945)>, acesso em 21 out. 2021.
- GRIECO, Donatello (Org.). *Gralhas & Pavões*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: Sua história*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.
- HEY, Vanessa de Paula. A literatura norte-americana na América de Monteiro Lobato. In: *Anais da XX Semana de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR)*, Curitiba, 2018. Disponível em <[http://www.humanas.ufpr.br/portal/eventos/semanadeletras/trabalhos/semana\\_de\\_letras.docx](http://www.humanas.ufpr.br/portal/eventos/semanadeletras/trabalhos/semana_de_letras.docx)>, acesso em 27 ago. 2021.
- HOBSBAWM, Eric J. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- HOCHMAN, G.; LIMA N.T. Pouca saúde e muita saúva: sanitarismos, interpretação do país e ciências sociais. In: Gilberto Hochman e Diego Armus (Orgs.). *Cuidar, controlar, curar. Ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012, p. 493-534. (Coleção História e Saúde).
- HODNETT, Edward. *Image & Text: Studies in the illustration of English Literature*. Aldershot: Scolar Press, 1986.

- HOFFMANN, Heinrich. Die Geschichte von den schwarzen Buben. In: *Der Struwwelpeter*. Hamburg: Nelson Verlag, 2007, p. 7-9.
- \_\_\_\_\_. *João Felpudo ou Historias divertidas com desenhos cômicos do Dr. Heinrich Hoffmann*. 5. ed. Tradução de Guilherme de Almeida. São Paulo: Melhoramentos, s/d. Disponível em <[http://lineu.icb.usp.br/~cewinter/transfer/W\\_Busch/JFelpudo325.pdf](http://lineu.icb.usp.br/~cewinter/transfer/W_Busch/JFelpudo325.pdf)>, acesso em 15 jan. 2021.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras: Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- JORGE, Fernando. *Vida, obra e época de Paulo Setúbal: um homem de alma ardente*. 2. ed. Belo Horizonte: Geração Editorial, 2008.
- KIPLING, Rudyard. *Kim. Tauschnitz Edition of Brititish and American Authors*. v. 3527. Leipzig [Alemanha]: Bernhard Tauschnitz, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Kim*. Tradução de [Antonio] Baptista Pereira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. (Obras Primas Universaes. v. II).
- \_\_\_\_\_. *Kim*. Tradução de Louis Fabulet e Fontaine Walker. 16. ed. Paris [França]: Mercure de France, 1913.
- \_\_\_\_\_. *Kim*. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Biblioteca do Espírito Moderno. Série 4ª. v. II).
- KNIPE, Penley. Paper Profiles: American Portrait Silhouettes. *Journal of the American Institute for Conservation*, vol. 41, n. 3, 2002, p. 203-223. Disponível em <<https://doi.org/10.1179/019713602806082575>>, acesso em 21 out. 2021.
- LA FONTAINE, Jean de. *The Fables of La Fontaine*, Translated into English Verse by Walter Thornbury and Illustrated by Gustave Doré. London-New York: Cassell, Petter and Galpin, 1886.
- LAJOLO, Marisa. “A figura do negro em Monteiro Lobato”, publicado como “Negros e negras em Monteiro Lobato”. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 65-82. UNICAMP/IEL 1998. Disponível em <[http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegro\\_s.pdf](http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegro_s.pdf)>, acesso em 21 out. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta*. São Paulo: UNESP, 2014.
- LAJOLO, Marisa. CECCANTINI, João Luís (Orgs.) *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP, 2008.

- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Ática, 1985.
- LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London-New York: Routledge, 1992.
- LEITE, Sebastião Uchoa. O universo visual de Lewis Carroll. In: *Crítica de ouvido*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- LIMA, Nísia; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, Marcos C.; SANTOS, Ricardo V. (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- LINDSETH, Jon A., TANNENBAUM, Alan (Eds.). *Alice in a World of Wonderlands: The Translations of Lewis Carroll's Masterpiece*. New Castle: Oak Knoll Press, 2015.
- LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre: Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Brasiliense, 1944; 3. ed., 1950 (Obras Completas de Monteiro Lobato, v. 12); 5. ed., 1951; 1959; s. n., 1964 (Obras Completas de Monteiro Lobato); II. ed., 1964a (Obras Completas de Monteiro Lobato, II e 12); s.n., 2010a, São Paulo: Globo
- \_\_\_\_\_. *A chave do tamanho*: São Paulo: Círculo do Livro, 1992e; 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A menina do narizinho arrebitado*. São Paulo: Revista do Brasil – Monteiro Lobato e Comp., 1920, p. 3. Disponível em <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasgerais/drg43265/drg43265.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg43265/drg43265.pdf)>, acesso em 10 jan. 2021; s. n., ilustrações de Voltolino, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1920.
- \_\_\_\_\_. A poesia de Ricardo Gonçalves. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano I, vol. III, set.-dez. 1916. p. 298-299.
- \_\_\_\_\_. *A reforma da natureza*. São Paulo: FTD, 2019.
- \_\_\_\_\_. *América*. I. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932; s. n. São Paulo: Brasiliense, 1951a.
- \_\_\_\_\_. *As reinações de Narizinho*. Ilustrações: Jean Villin. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.
- \_\_\_\_\_. *Caçadas de Pedrinho*. 14. ed. Ilustrações de André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- \_\_\_\_\_. Carta a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00195 cx4).
- \_\_\_\_\_. *Cartas escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b. 2v. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 16 e 17).
- \_\_\_\_\_. *Cidades Mortas*. São Paulo: Globo, 2010. [1919].
- \_\_\_\_\_. *Fabulas de Narizinho*. I. ed. [Ilustrações de Voltolino]. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1921.

- \_\_\_\_\_. *Fabulas*. Obra Aprovada pela Directoria da Instrucção Publica do Estado de S. Paulo. [Ilustrações de Voltolino]. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1922; 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1965; 27. ed., ilustrações de Manoel Victor Filho, São Paulo: Brasiliense, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1951c.
- \_\_\_\_\_. *História das invenções*. São Paulo: Globinho, 2017a.
- \_\_\_\_\_. *Histórias de Tia Nastácia*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968 [1937].
- \_\_\_\_\_. *Histórias de tia Nastácia e O picapau amarelo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992c.
- \_\_\_\_\_. *Idéas de Jéca Tatú*. 2. ed. São Paulo: Revista do Brasil, 1920.
- \_\_\_\_\_. *Memórias da Emília*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017b.
- \_\_\_\_\_. *Memórias da Emília e Peter Pan*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992b.
- \_\_\_\_\_. *Mister Slang e o Brasil e Problema vital*. São Paulo: Brasiliense, 1968; s. n., São Paulo: Globo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Mundo da lua e miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1955. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 1ª. Série, v. 10).
- \_\_\_\_\_. O 22 da Marajó. In: *A Novella Semanal*. São Paulo: Soc. Editora Olegario Ribeiro. Anno 1, n. 01, 2 maio 1921, p. 1-3. Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5795>>, acesso em 10 ago. 2020.
- \_\_\_\_\_. *O escândalo do petróleo*. São Paulo: Brasiliense, 1951b.
- \_\_\_\_\_. *O Sací*. [Baseado no texto de 1947]. São Paulo: FTD, 2019.
- \_\_\_\_\_. *O Sacy Perêrê: Resultado de um inquérito*. Edição fac-similar (1918). Rio de Janeiro: Gráfica JB S. A., 1998; s. n., São Paulo: Globo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. São Paulo: Brasiliense, 1958. (Primeira Série, Literatura Geral, 13 vol.; Segunda Série, Literatura Infantil, 17 vol.).
- \_\_\_\_\_. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Globo, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Problema vital, Jeca Tatu e outros textos*. São Paulo: Globo, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *Quando o carteiro chegou... Cartões-postais a Purezinha*. Organização e apresentação de Marisa Lajolo; transcrição e notas de Emerson Tin. São Paulo: Moderna, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. Ilustrações: Andre Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1958; s. n., São Paulo: Círculo do Livro, 1992a.
- \_\_\_\_\_. Urupês. In: *Contos completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Os doze trabalhos de Hércules e Histórias diversas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992d.
- MAGALHÃES, Gildo. Evolution in the Backlands. In: JONES, Jeannette Eileen; SHARP, Patrick (Eds.). *Darwin in Atlantic Cultures. Evolutionary visions of race, gender and sexuality*. London-New York: Routledge, 2010.

- MARTINEZ, Sabrina Lopes. Monteiro Lobato: tradutor ou adaptador? Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11090/11090.PDF>>, acesso em 11 jul. 2021.
- MARTINS, Luís. *O patriarca e o bacharel*. São Paulo: Alameda, 2008.
- MARTINS, Milena Ribeiro. Monteiro Lobato e os Estados Unidos: espectador, leitor, tradutor. *Revista USP*, São Paulo, n. 112, p. 19-28, 2017. Disponível em <[https://www.academia.edu/36338707/Monteiro\\_Lobato\\_e\\_os\\_Estados\\_Unidos\\_espectador\\_leitor\\_tradutor](https://www.academia.edu/36338707/Monteiro_Lobato_e_os_Estados_Unidos_espectador_leitor_tradutor)>, acesso em 27 ago. 2021.
- MAYOR, A. Hyatt. Silhouettes and profile portraits: The Mary Martin Collection. *The Metropolitan Museum of Art Bulletin*, vol. 35, n. 3, 1940, p. 50-54. Disponível em <<https://doi.org/10.2307/3256815>>, acesso em 21 out. 2021.
- MILLIET, Sérgio. 1981 [1946]. Jeca Tatu é uma vingança. *Ciência e Trópico*. Massangana | Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Murard L & Zylberman P, v. 9, n. 2: p. 231-238, 1985.
- MILTON, John. *Um país se faz com tradutores e traduções: a importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019. 215 p.
- MILTON, John; MARTINS, Marcia A. P. Apresentação – Contribuições para uma historiografia da tradução. In: *Tradução em Revista*, São Paulo, 2010-1. p. 1-10.
- NÓBREGA, Thelma Médici. Transcrição e hiperfidelidade. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 7, 2006, p. 249-255. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i7p249-255>>, acesso em 21 out. 21 out. 2021.
- NODELMAN, Perry. *Words About Pictures: The Narrative Art of Children's Picture Books*. Athens-London: The University of Georgia Press, 1988.
- NUNES, Cassiano (Org.). *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda | Record, 1986.
- O Imparcial*. Um livro de Hemingway [notícia]. Rio de Janeiro, ano 1941, 25 maio 1941. p. 5. *Suplemento*. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670\\_04&pesq=Hemingway&pagfis=6359](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_04&pesq=Hemingway&pagfis=6359)>, acesso em 11 jul. 2021.
- O VOTO SECRETO. Carta aberta ao Exmo. Snr. Dr. Carlos de Campos. São Paulo, 1925.
- OLIVEIRA, Eduardo de; AZEVEDO, Eliane. Do lixo para a História. *Veja*, São Paulo, n. 1282. Seção história. p. 66-67, abr. 1993.

- PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru-SP: EDUSC/ANPOCS, 2003.
- PELIANO, Adriana. As reações de Alice e as aventuras de Lúcia. Website *Alicenagens*. Disponível em <<http://alicenagens.blogspot.com/2010/09/dialogo-entre-figuras.html>>, acesso em 21 out. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Através do Surrealismo e o que Alice encontrou lá*. São Paulo, 2012. 176 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Universidade de São Paulo. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-22062012-170422/publico/MESTRADOADRIANAPELIANO.pdf>>, acesso em 20 out. 2021.
- PEYERL, Drielli. *O petróleo no Brasil: Exploração, capacitação técnica e ensino de geociências, 1864-1968*. São Bernardo do Campo: UFABC, 2017.
- PLATÃO. *Diálogos III: A república*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.
- PRADO, Celia Luiza Andrade. *A tradução na Era Vargas de 1930 a 1940. O Tarzan brasileiro de Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo, 2015. 257 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-31072015-152057/publico/2015\\_CeliaLuizaAndradePrado\\_VOrig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-31072015-152057/publico/2015_CeliaLuizaAndradePrado_VOrig.pdf)>, acesso em 01 jun. 2021.
- QUEIROZ, Renato da Silva. *Um mito bem brasileiro: Estudo antropológico sobre o Saci*. São Paulo: Polis, 1987.
- RAMOS, Graciliano. Pequena História da República. In: *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- REVISTA DO BRASIL*, São Paulo, n. 69, set. 1921. São Paulo: Monteiro Lobato & Comp., 1921.
- REVISTA DO BRASIL*, São Paulo, n. 70, out. 1921. São Paulo: Monteiro Lobato & Comp., 1921.
- ROCHA, Pedro Albeirice da. Mowgli, Kim e outros: as traduções kiplinguianas de Lobato. *Revista Querubim – Universidade Federal Fluminense*. Seção especial. Ano 13. Ago. 2017. Disponível em <[http://cepisnf.uff.br/wp-content/uploads/sites/428/2018/08/pedro\\_albeirice\\_da\\_rocha.pdf](http://cepisnf.uff.br/wp-content/uploads/sites/428/2018/08/pedro_albeirice_da_rocha.pdf)>, acesso em 18 jun. 2021.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SANTANA-DEZMANN, Vanete. Beloved, Amistad e Negrinha... libelos contra o racismo. Website *Observatório da Imprensa*. Ano 21, n. 1160, 05 jan. 2021. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-contemporaneos/beloved-amistad-e-negrinha-libelos-contra-o-racismo>>.

acesso em 15 jan. 2021.

- SCHWARCZ, Joseph H. *Ways of the Illustrator: Visual Communication in Children's Literature*. Chicago: American Library Association, 1982.
- SENKEVICS, Adriano. A cor e a raça nos censos demográficos nacionais. *Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais* – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG. 20 jan. 2015. Disponível em <<https://www.ufjf.br/ladem/2015/11/20/a-cor-e-a-raca-nos-censos-demograficos-nacionais-por-adriano-senkevics>>, acesso em 15 jan. 2021.
- SILVA, Raquel Afonso da. *Histórias de Tia Nastácia: Serões sobre o folclore brasileiro*. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato: Livro a livro*. São Paulo: UNESP | Imprensa Oficial, 2008, p. 371-388.
- \_\_\_\_\_. O diálogo epistolar entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis. In: SIEBER, Cornelia; MILTON, John e SANTANA-DEZMANN, Vanete. *Monteiro Lobato: homem e livros – I Jornada Monteiro Lobato da Universidade de São Paulo e Universidade Johannes Gutenberg*. Lünen [Alemanha]: Oxalá Editora, 2020, p. 51-60.
- SILVEIRA, Magno. *Catálogo – Exposição Ilustradores de Lobato*. São Paulo: SESC, 2015.
- SIMONS, Theodore Lynch Fitz. The Origin of Silhouettes. *Arts & Decoration (1910-1918)*, vol. 4, n. 2, 1913, p. 59-61. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/43807237?refreqid=excelsior%3Ae864ca8a7c58710c05abc3ac5374c6eb>>, acesso em 21 out. 2021.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SNOW, Richard. *Ford: o homem que transformou o consumo e inventou a era moderna*. Tradução de Luiz Euclides T. Frazão Filho. São Paulo: Saraiva, 2014.
- SOPPELSA, Fernanda Bondam. *Regionalidade e tradução em As Aventuras de Tom Sawyer, de Monteiro Lobato*. Caxias do Sul-RS, 2015. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul. Disponível em <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1075/Dissertacao%20Fernanda%20Bondam%20Soppelsa.pdf>>, acesso em 27 ago. 2021.
- SOUZA, Loide Nascimento de. Monteiro Lobato e o Processo de Reescritura das Fábulas. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro – Obra Infantil*. São Paulo: UNESP | Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 103-119.

- STEPAN, Nancy Leys. *A hora da Eugenia: Raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005 [1991].
- TELLES, Lígia Fagundes. Entrevista concedida a Sílvio C. Tamasso D'Onofrio. Inédita. Arquivo sonoro. [trecho]. São Paulo, 15 de janeiro de 2010.
- TIN, Emerson. *Em busca do "Lobato das cartas": a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Campinas-SP, 2007. 548 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Disponível em <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270302/1/Tin\\_Emerson\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270302/1/Tin_Emerson_D.pdf)>, acesso em 21 out. 2021.
- \_\_\_\_\_. Monteiro Lobato Editor: Jardim Secreto de Francisca de Basto Cordeiro (1875-1969). In: SALLES, Cecília Almeida; ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra (Orgs). *Processos de criação em debate*. Salvador: UFBA, 2018. p. 105-112. Disponível em <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27056>>, acesso em 11 jul. 2021.
- TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*. 1ª Reimpressão. São Paulo: Clube do Livro, 1974.
- VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Orgs.). *O Tico-Tico: Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil*. Vinhedo-SP: Opera Graphica, 2005.
- VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1973.
- VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (Orgs.) *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.
- WORD HIPPO. Dicionário Online (Ioruba-Inglês). Disponível em <<https://www.wordhippo.com/what-is/the-meaning-of/yorubaword-85dicb5c84a9ffda5199c2bef28e35a0c2f3e8.html>>, acesso em 21 out. 2021.
- WORD HIPPO. Dicionário Online (Ioruba-Português). Disponível em <<https://www.wordhippo.com/what-is/the-meaning-of/yorubaword-d785625bd14bdb8f808654e6c2b1654afd272c59.html>>, acesso em 21 out. 2021.
- WYLER, Lia. Um modo de traduzir brasileiro? *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 4, p. 263-275, 1999. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5535/4993>>, acesso em 14 jun. 2021.

## Ficha Técnica

Dimensões: 148 x 210 mm

Tipos utilizados: EB Garamond 12; Source Sans Pro.

Softwares: Gimp 2.8.20; LibreOffice 7.3.1.2; PDFTK Builder 3.10.0; Sumatra PDF 2.5.2.





“ Já disse (...) que o ter despertado com o meu livro sobre Monteiro Lobato, novo e mais vivo interesse pela sua obra, já seria paga mais do que suficiente para as canseiras da empresa. Um biógrafo, acentuei então, é alguém que se coloca em segundo plano, pois mais do que as suas próprias qualidades, o que importa é o retratado. Este é que deve constituir o centro absoluto de atração da obra. É, pois, com certo encabulamento que vejo cair, sobre este humilde escritor de província, tantos louros e tantos aplausos por uma obra que pertence mais ao grande morto que aqui nos reúne, do que aquele que apenas procurou compreendê-lo para melhor poder explicá-lo, ele que, afinal de contas, não foi mais do que o intérprete de todos vós.”

(Edgard Cavalheiro)

# PARA COMPREENDER MONTEIRO LOBATO

## II JORNADA MONTEIRO LOBATO

**G|LK** Oxalá Editora  
GUTENBERG LEHRKOLLEG

Vanete Santana-Dezmann  
John Milton  
Silvio Tamaso D'Onofrio  
(Orgs.)

2021

